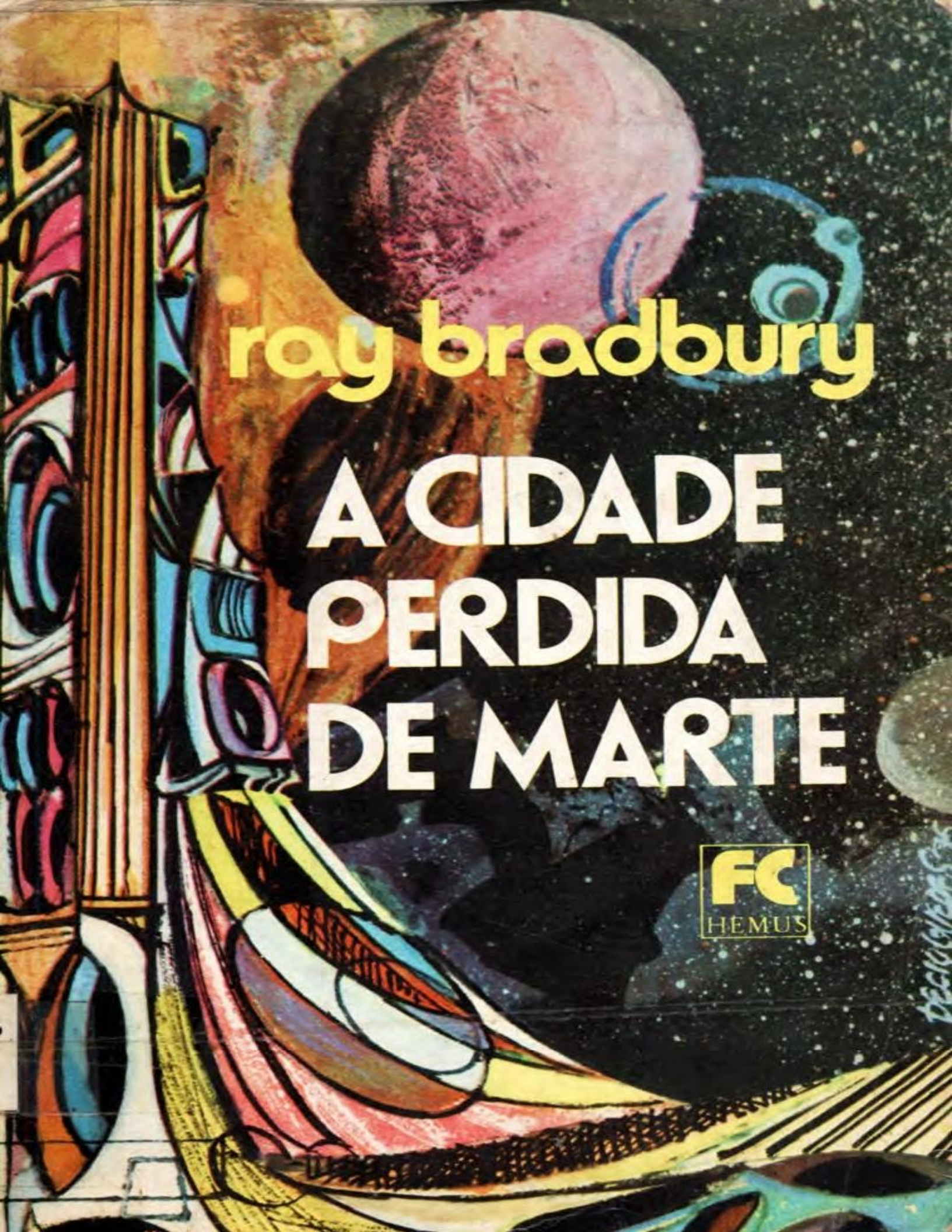
ray bradbury
A CIDADE PERDIDA DE MARTE
FC
HEMUS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

A CIDADE PERDIDA DE MARTE

RAY BRADBURY

Tradução de
AFFONSO BLACHEYRE

Depois de êxitos clamorosos como aqueles de *Fahrenheit 451, O Homem Ilustrado, As Crônicas Marcianas* e tantas outras obras primas de ficção científica, nada mais resta a dizer sobre o célebre Ray Bradbury.

Neste seu livro, lançado após cinco anos de inatividade literária, reencontramos o verdadeiro mestre admirado por: Ingmar Bergman, Graham Greene, Bertrand Russell e outros, conduzindo o leitor através do tempo e do espaço para as ilimitadas dimensões do futuro e uma visão fantástica do passado.

A Cidade Perdida de Marte fornece um vislumbre do mundo de Bradbury em que se mesclam apoteoticamente bebês quadridimensionais, ascendentes mecânicos, humanóides e "o único A-l taxidermista de primeira classe..."

Seu estilo leve e envolvente sem dúvida proporcionará ao leitor uma impressão semelhante àquela de Gilbert Highet:
"Creio que Ray Bradbury é o melhor escritor de ficção científica vivo. Tem uma inventividade aparentemente inesgotável, um fino e sensível estilo, bom gosto e uma rara combinação de ficção e fantasia".

A *FC HEMUS* orgulha-se de acrescentar o nome de Ray Bradbury à sua seleção de obras inéditas de alto nível tais como: O *Despertar dos Deuses, O Grande Sol de Mercúrio* e *Os Anéis de Saturno* de Isaac Asimov; *Boneca do Destino* de Clifford D. Simak; *O Terceiro Planeta* de Arthur C. Clarke; *Os Homens Moleculares* de Hoyle e muitos outros.

Com o mesmo critério de seleção brevemente serão lançadas obras de Curt Siodmak, James Blish... e a monumental Trilogia de Isaac Asimov: *Fundação — Fundação e Império — Segunda Fundação.*

RAY BRADBURY

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

Índice

O DISPOSITIVO DE KILIMANJARO
A CONFLAGRAÇÃO PAVOROSA LÁ NO CASARÃO
A CRIANÇA DE AMANHÃ
AS MULHERES
O MOTEL DA GALINHA INSPIRADA
COM OS VENTOS DE GETTYSBURG
SIM, A GENTE SE ENCONTRA NA BEIRA DO RIO
CHAMADA NOTURNA, A COBRAR
EU CANTO O CORPO ELÉTRICO!
O DIA DOS TÚMULOS
PESADÃO
O HOMEM DA CAMISA RORSCHACH
HENRY, O NONO
A CIDADE PERDIDA DE MARTE

Este livro, com algum atraso, mas com grande admiração, afeto e amizade, é dedicado a NORMAN CORWIN.

Eu canto o Corpo Elétrico;
As hostes dos que me circundam, e que circundo eu também;
Não me deixam, até que os acompanhe, responda-lhes, descorrompa-os,

E os preencha com a carga da Alma.
WALT WHITMAN

O DISPOSITIVO DE KILIMANJARO

Bem cedo, de manhã, cheguei no caminho. Estivera dirigindo por toda a noite, pois não conseguira dormir no motel, de modo que achei melhor dirigir, e cheguei às montanhas e morros perto de Ketchum e Vale do Sol exatamente quando o astro-rei nascia, dando motivo para ficar satisfeito, por me haver ocupado dessa maneira, dirigindo durante a noite.

Entrei na cidade sem olhar para aquele morro. Tinha medo de que, caso o fitasse, cometesse um erro. Era muitíssimo importante não olhar a sepultura e, pelo menos, era assim que me sentia. Era preciso continuar a agir de acordo com o meu palpite.

Estacionei o caminhão diante de um bar antigo e andei pela cidade, conversei com algumas pessoas, aspirei o ar, achando-o suave e limpo. Descobri um jovem caçador, mas ele estava equivocado como percebi, depois de conversarmos por alguns minutos. Encontrei também um homem muito velho, mas o resultado não foi melhor. Depois encontrei um caçador com cerca de cinqüenta anos, e era a criatura exata. Ele conhecia, e percebia tudo que eu procurava.

Paguei-lhe uma cerveja e conversamos sobre muitas coisas, paguei-lhe outra cerveja e encaminhei nossa conversa sobre o que viera fazer ali, e o motivo pelo qual queria conversar com ele. Recaímos em silêncio por algum tempo e fiquei esperando, sem demonstrar minha impaciência, a fim de que o caçador, por conta própria, recordasse o passado e falasse de outros dias, ocorridos três anos antes, s sobre seguir de carro para o Vale do Sol nesta ou naquela acasião, sobre o que ele vira, o que ficara sabendo acerca de um homem que já estivera sentado naquele bar, bebendo cerveja, e conversando sobre caça ou caçadas mais além.

E, finalmente, fitando a parede como se ali estivessem as estradas e as montanhas, o caçador fez ouvir sua voz tranqüila, estava pronto a falar.

— Aquele velho — comentou. — Oh, aquele velho na estrada. Oh, aquele pobre homem velho.

Fiquei à espera.

— Não consigo esquecer aquele velho na estrada — disse ele, fitando agora o copo de bebida.

Tomei um pouco mais da minha cerveja, sem me sentir bem, achando-me igualmente muito velho e cansado.

Quando o silêncio se prolongou, tirei do bolso um mapa da região e o estendi

sobre a mesa de madeira. O bar estava em silêncio, achávamo-nos em meio da manhã e inteiramente a sós naquele local.
— Foi aqui que você o viu com mais freqüência? — indaguei.
O caçador cutucou o mapa três vezes, com o dedo.

- Eu costumava vê-lo caminhando aqui. E por aqui. Depois ele cruzava o território por este ponto. Aquele pobre velho. Tive vontade de dizer-lhe para sair da estrada. Não queria magoá-lo ou insultá-lo. Mas não se diz a um homem assim que existem estradas, que talvez o atropelem. Se ele vai ser atropelado, de nada adianta. A gente acha que é questão que compete a ele," toca em frente. Ah„ mas ele era velho.
- Era, sim — confirmei, dobrei o mapa e o guardei de volta no bolso.
- Você é outro desses jornalistas? — perguntou o caçador.
- Não sou exatamente igual àqueles — expliquei.
- Eu não estava dizendo que fosse, não o misturei com os outros — retorquiu ele.
- Não precisa desculpar-se. Digamos que eu fui, apenas, um dos leitores dele.
- Ora, ele tem leitores, sem dúvida, todos os tipos de leitores. Até eu. Uma vez por ano, é quando ponho um livro nas mãos, mas li o que ele escreveu. Acho que gostei mais das estórias sobre o Michigan. Sobre as pescarias. Acho que as estórias de pescarias são boas. A meu ver, ninguém soube escrever tão bem acerca de pescarias, e talvez ninguém consiga igualá-lo.

Está claro que o relato sobre touradas também é bom, mas um tanto avançado para mim. Alguns dos vaqueiros gostam, mas estiveram por perto dos animais toda a vida. Um touro aqui ou ali, acho que é a mesma coisa. Sei que um vaqueiro leu só as estórias de touradas espanholas do velho, mais de quarenta vezes. E ele dizia que dava para ir lá e tourear, pode acreditar no que digo.
— Acho que todos nós, pelo menos uma vez em nossas vidas, quando éramos jovens, poderíamos ir até lá e tourear, depois de ler sobre as touradas, naquelas estórias espanholas — asseverei. — Todos achamos que poderíamos entrar na arena e tourear. Ou pelo menos, correr naquelas corridas de touros, de manhã, tendo uma boa bebida a nos esperar no final da carreira, e a companhia da namorada, para um fim de semana bem prolongado.
Calei-me, ri baixinho, pois minha voz, sem que o percebesse, entrara no ritmo pelo qual ele dizia as coisas, quer com a boca ou com as mãos. Sacudi a cabeça, silenciei.
— Você já esteve lá na sepultura? — perguntou o caçador, como se soubesse que eu ia responder "sim".

— Não — retorqui.
Isso o surpreendeu deveras, mas procurou não demonstrá-lo.

- Todos vão à sepultura — afirmou.
- Este, aqui, não vai.

Ele procurou o modo educado de perguntar.

- Quero dizer... — começou. — Por que não foi?
- Porque é o túmulo errado — respondi.
- Todos os túmulos são errados, quando se pensa bem no assunto — voltou ele.
- Não — contrapus. — Existem túmulos certos e túmulos errados, assim como existem momentos bons para morrer, e momentos ruins.

Ele assentiu, compreendendo. Eu voltara a falar de algo que ele conhecia, ou, pelo menos, dava para perceber que estava certo.
— Eu conheci homens, está claro — disse ele —, que morreram de modo perfeito. Sempre se achou que a morte deles estava certa. Um deles, sentado à mesa e esperando a ceia, com a esposa na cozinha, e quando ela voltou, com a terrina grande de sopa, lá estava ele, sentado, morto, muito bem arrumado à mesa. Ruim para ela, mas, quer dizer, não foi um jeito bom, para ele? Nada de doença. Nada de nada, só ali sentado, esperando mais uma ceia, sem saber se ela vinha ou não. Como outro amigo. Esse, tinha um cachorro velho. Com quatorze anos de idade. O cachorro estava ficando cego e cansado. Afinal, resolveu levar o cachorro ao lago e fazê-lo dormir. Carregou o cachorro velho, cego e cansado, no banco da frente do carro. O cachorro lambeu a mão dele, uma vez. O homem sentiu-se muito mal. Foi até o lago. À caminho para lá, sem fazer barulho nenhum, o cachorro morreu, morreu no banco da frente, como se soubesse o que ia acontecer e, sabendo disso, tivesse escolhido o modo melhor, simplesmente entregou a alma, e a coisa foi assim. Era disso que você estava falando, não? Assenti, em resposta.
— Você, então, acha que a sepultura lá no morro é um túmulo errado para um homem certo, não é?
— Mais ou menos — confirmei.
— Você acha que existem todos os tipos de túmulos ao lado da estrada, para nós todos?
— Pode ser.

- E se a gente pudesse ver toda a nossa vida, de um modo ou de outro,

haveríamos de escolher melhor, então? Afinal, olhando para trás — disse o caçador — nós íamos dizer, ora bolas, aquele é que era o ano e o lugar, e não o outro ano e o outro lugar, mas aquele que escolhemos, olhando o passado. Devia ser assim?
- Já que a gente tem de escolher, ou ser empurrado, afinal de contas, sim — confirmei.
- É uma bela idéia — confirmou o caçador. — Mas quantos de nós têm tanto juízo? A maioria não tem miolos o bastante para deixar a festa, quando a bebida acabou. Continuamos por ali.

— Continuamos — concordei — e é uma pena. Pedimos cerveja.
O caçador bebeu metade do copo e limpou a boca.

- E o que você pode fazer, no caso desses túmulos errados? — indagou.
- Tratá-los como se não existissem — expliquei. — E talvez eles desapareçam, como um pesadelo.

O caçador riu uma vez só, num tipo de grito de desalento. —Meu Deus, você é doido. Mas eu gosto de ouvir gente doida. Fale mais um pouco.
— É tudo — concluí.
— Você é a Ressurreição e a Vida? — perguntou o caçador.

- Não.
- Você vai ordenar que Lázaro se levante do túmulo?
- Não.
- O que vai fazer, então?
- Eu só quero, quando o dia está terminado, escolher os lugares certos, os momentos certos, os túmulos certos.
- Tome essa bebida — disse ele. — Está precisando, mesmo. Quem o mandou, com os diabos? — Eu mesmo — respondi. — Eu me mandei. E alguns amigos. Juntamos recursos e escolhemos um, em meio de dez. Compramos aquele caminhão que está lá na rua, e eu o dirigi até aqui. A caminho, cacei e pesquei bastante, para me colocar no estado de espírito certo. Estive em Cuba, o ano passado. Na Espanha, no verão de antes. Na África, no verão antes daquele. Tenho muito em que pensar. Foi esse motivo pelo qual me escolheram.
- Para fazer o que, fazer o que com os diabos? — perguntou o caçador, em assomo de pressa, um tanto tresloucado, sacudindo a cabeça. — Você não pode fazer nada. Já está tudo acabado.
- A maior parte — disse eu. — Venha.

Caminhei até a porta. O caçador permaneceu sentado. E afinal, examinamos as luzes que se acendiam em meu rosto, às minhas palavras, ele resmungou, levantou-se, caminhou e saiu comigo.
Apontei para a calçada. Fitamos, ambos, o caminhão ali estacionado.

- Já vi desses, antes — anunciou ele. — Um caminhão assim, em um filme. Eles não caçam rinocerontes em caminhão como o seu? E leões, animais desse jeito? E não viajam com eles, pela África?
- Sua recordação está certa.
- Não temos leões por aqui — informou. — Nem rinocerontes, nem búfalos, nada disso.
- Não? — perguntei.

Ele não disse coisa alguma.
Aproximei-me do veículo e toquei no mesmo.

- Você sabe o que é isto?
- A partir de agora, não sei nada — disse o caçador. — O que é, então?

Afaguei o pára-choques por momentos prolongados.
— Uma Máquina do Tempo — expliquei.
Seus olhos se arregalaram, voltaram a estreitar-se, ele bebericou a cerveja que trazia, empunhando o copo com a patorra. Fez sinal para que eu prosseguisse.

- Uma Máquina do Tempo — repeti.
- Você já disse — comentou ele.

Andou em volta do caminhão de safari, colocou-se na rua, para examiná-lo. Nem me fitava, e rodeou o caminhão por completo, manteve-se na calçada, olhou a tampa do tanque de gasolina.

- Que quilometragem você tem, nele? — indagou.
- Ainda não sei.
- Você não sabe nada — comentou.
- É a minha primeira viagem — expliquei. — Não vou saber, até que esteja terminada.
- E qual é o combustível que você põe em uma coisa dessas?

Mantive silêncio.
— Que tipo de coisa você põe aí? — voltou a perguntar.
Eu podia ter dito: leitura até horas avançadas da noite, leitura por muitas noites,

no correr dos anos, até quase o amanhecer, leitura nas montanhas, na neve, ou leitura ao meio-dia em Pamplona, ou leitura ao lado de córregos, ou em barco navegando em qualquer ponto da costa da Flórida. Eu podia ter dito: nós todos pusemos as mãos nesta Máquina, todos nós pensamos nela, compramo-la, tocamo-la e pusemos amor nela, e nossa recordação de que as palavras dele haviam feito a nós, vinte ou vinte e cinco a trinta anos antes. Há muita vida em recordação e amor, colocadas aqui, e aí temos todo o combustível ou a coisa, como você a quiser chamar; a chuva em Paris, o sol em Madri, a neve nos Alpes alcantilados, a fumaça saída das armas no Tirol, o brilho da luz refletida na Corrente do Golfo, a explosão de bombas ou explosões de peixes saltando no ar, aí está o combustível, a gasolina, a coisa, como você chama; eu devia ter dito isso, e pensei, mas me mantive em silêncio.

O caçador deve ter farejado meus pensamentos, pois seu olhar se ergueu e, telepata que era, após muitos anos passados nas florestas, remoeu meus pensamentos.

Foi quando se aproximou e fez algo inesperado: estendeu a mão e... tocou... minha Máquina.

Pôs a mão sobre ela e a deixou ali, como se tivesse sinais de vida, e aprovando o que percebeu por baixo da mão. Assim ficou, por muito tempo. Depois voltou-se sem dizer uma só palavra, sem me fitar, e regressou ao bar, sentou-se para beber sozinho, de costas voltadas para a porta.

Eu não queria romper o silêncio, pois pareceu momento bom para ir-me embora, tentar.

Embarquei no caminhão e liguei o motor.

Que espécie de quilometragem? E que tipo de combustível? pensava eu.

E me afastei.

Permaneci na estrada e não olhei à direita, esquerda, segui pelo que deve ter sido toda uma hora, de início nessa direção e depois naquela, tendo por parte do tempo os olhos fechados por segundos inteiros, arriscando-me a sair da estrada e me machucar ou matar.

E então, pouco antes do meio-dia, as nuvens encobrindo o sol, percebi de repente que estava certo.

Ergui o olhar para o morro, e quase gritei.

O túmulo desaparecera.

Segui para uma depressão logo ali, e na estrada à frente, caminhando sozinho, estava um homem velho, de suéter grosso.

Toquei o caminhão de safari até estar a seu lado, enquanto ele caminhava. Vi que usava óculos com armação de aço e, por momentos prolongados, seguimos

juntos, cada qual ignorando o outro, até que o chamei pelo nome.
Hesitou, e logo continuava a andar.
Voltei a emparelhar-me com ele no caminhão, e chamei de novo:
— Papai!
Ele parou, ficou à espera.
Freei o carro, permaneci sentado no banco dianteiro.
— Papai! — chamei.
Ele se aproximou, veio ter ao lado da porta.

- Eu o conheço?
- Não. Mas eu conheço você.

Ele me fitou nos olhos, examinou-me o rosto e a boca.

- Sim, acho que conhece.
- Eu o vi na estrada. Acho que vou para onde você vai. Quer uma carona?
- É bom andar, a esta hora do dia — disse ele. — Obrigado.
- Deixe-me dizer-lhe onde eu vou — propus.

Ele havia começado a se afastar, mas estacou e, sem me fitar, perguntou:

- Onde?
- Uma longa distância — expliquei.
- Parece longa, do modo como você diz. Não dá para torná-la mais curta?
- Não. É uma longa distância — repeti. — Cerca de dois mil e seiscentos dias, com margem de erro de alguns, e metade de uma tarde.

Ele voltou, examinou o interior do veículo.

- Você vai tão longe assim?
- Vou.
- Em que direção? Para a frente?
- Você não quer ir em frente?

Ele olhou o céu.

- Não sei. Não tenho certeza.
- Não é em frente — expliquei. — É para trás.

Seus olhos adquiriram coloração diferente. Era mudança sutil, como a ocorrida em alguém que saísse da sombra de uma árvore, vindo para a luz do sol em dia nublado.

— Para trás.
— Algum lugar entre dois mil e três mil dias, metade de um dia, toma lá dá cá uma hora, apanhando-se emprestado um minuto, barganhando por um segundo — narrei.

- Você sabe falar, mesmo — comentou.
- Coisa compulsória — expliquei.

— Seria um escritor dos piores — asseverou. — Nunca conheci um escritor que soubesse falar bem.
— É a minha cruz.
— Para trás? — e ele sopesava a palavra.
— Vou fazer a volta com o carro — declarei. — E vou voltar pela estrada.

- Não vai voltar quilômetros, porém dias?
- Não são quilômetros, porém dias.
- Esse tipo de carro é assim?
- Foi construído para tanto.
- Você é inventor, então?
- Um leitor que inventa, por casualidade.
- Se funcionar, é um carro e tanto, esse aí.
- À sua disposição — ofereci.

— E quando você chegar onde vai — disse o velho, pondo a mão na porta, inclinando-se e, então, vendo o que tinha feito, tirando a mão e empertigando-se mais, para falar comigo — onde estará?
— Em 10 de janeiro de 1954.

- Uma data e tanto.
- É, e foi. Pode ser mais do que uma data.

Sem se mexer, seus olhos deram mais um passo para a luz mais completa.

- E onde você vai estar, nesse dia?
- Na África.

Ele silenciou. A boca não se mexeu, os olhos não se moveram.

- Não será longe de Nairobi — expliquei.

Ele assentiu uma vez, devagar.

- A África, não longe de Nairobi.

Fiquei esperando.

- E quando chegarmos lá, se formos? — perguntou.
- Eu o deixarei ali.
- E depois?
- Você fica lá.
- E depois?
- É tudo.
- É tudo?
- Pará sempre — conclui.

Seu peito arfou em respiração, ele passou a mão pela beira da porta.
— Este carro — comentou. — Em algum ponto do caminho ele se transforma em aeroplano?
— Não sei — respondi.
— Em algum lugar do caminho você se transforma em meu piloto?
— Pode ser. Nunca o fiz antes.
— Mas quer tentar? Assenti.
— Por quê? — perguntou, inclinando-se e me fitou diretamente nos olhos, com intensidade terrível, calmamente selvagem. — Por quê?
Meu velho, pensava eu, não posso dizer-lhe porquê. Não me pergunte.
Ele recuou, percebendo que se adiantara em demasia.

- Eu não disse isso — propôs.
- Você não disse — concordei.
- E quando você levar o aeroplano a um pouso forçado — prosseguiu —, vai pousar de modo um pouco diferente, desta vez?
- Diferente, sim.
- Com um pouco mais de força?

— Verei o que se pode fazer.
E eu serei jogado fora, mas você estará bem?
— As probabilidades são favoráveis.
Ele fitou o morro, não havia sepultura. Olhei para lá também. E talvez ele adivinhasse a preparação do túmulo, lá em cima.
Voltou a fitar a estrada, as montanhas, o mar que não podia ser visto, além das montanhas, um continente além do mar.

- Você está falando de um bom dia.

- O melhor de todos.
- E uma boa hora, um bom segundo.
- Nada melhor, na verdade.
- Vale a pena pensar no assunto.

Sua mão permanecia na porta, sem se apoiar, mas pro-vando-a, sentindo-a, tocando-a, trêmula e indecisa. Os olhos, entretanto, surgiram plenamente à luz do meio-dia africano.

- Sim.
- Sim?
- Acho que vou pegar uma carona com você

Esperei apenas uma fração de segundo, estendi a mão e abri a porta. Em silêncio, ele tomou o banco dianteiro e ficou sentado, fechando a porta calmamente, sem bater. Ali estava, sentado, muito idoso e muito cansado. Esperei um pouco.
— Ligue o motor — disse ele.
Liguei o motor, levei-o à velocidade certa.
— Faça a volta — disse ele.
Fiz a volta com o carro, de modo que voltávamos pela estrada.

- É um carro como você disse, na verdade? — perguntou.
- Na verdade.

Ele fitou a terra, a montanha, a casa distante. Esperei um pouco, folgando o motor.
— Quando chegarmos lá — disse ele — você vai lembrar-se de um? coisa...?
— Tentarei.
— Existe uma montanha — disse ele e parou de falar, a boca silenciou, ele não prosseguiu.
Mas eu continuei por ele. E pensava que existe na África uma montanha chamada Kilimanjaro, e na encosta ocidental dessa montanha fora encontrada, certa feita, a carcaça ressecada e congelada de um leopardo. Ninguém havia conseguido explicar o motivo pelo qual o leopardo procurara tal altitude.

Nós o colocaremos nessa mesma encosta, pensei, sobre o Kilimanjaro, perto do leopardo, e escreveremos seu nome, dizendo por baixo que ninguém sabia o que ele estava fazendo ali, tão alto, mas estava. E escreveremos a data de nascimento e de falecimento, iremos embora, rumando para a grama quente do verão, deixando que guerreiros negros e caçadores brancos, bem como ocapis rápidos, tomassem conhecimento do túmulo.

O velho encobriu os olhos, fitando a estrada que serpenteava lá longe, em meio aos morros. Assentiu, então.

- Vamos — propôs.
- Sim, Papai — respondi.

E seguimos, tocados por nosso motor, eu ao volante, indo devagar e o velho ao lado, e enquanto descíamos o primeiro morro e subíamos o seguinte, o sol se apresentou por completo, o vento tinha o cheiro de fogo. Corríamos como um leão, na grama comprida. Os rios s córregos passavam em relances, pejos lados. Desejei podermos parar por uma hora, vadear os rios, pescar e deitar ao lado da água corrente, fitando os peixes e conversando, ou sem conversar. Mas, se parássemos, talvez nunca mais prosseguíssemos. Acelerei o motor, que emitiu um rugido grande e feroz de animal bravio. O velho sorriu.

- Vai ser um grande dia! — gritou, para ser ouvido.
- Um grande dia.

Lá na estrada, pensava eu, como deve estar, agora, se havíamos desaparecido? E agora, quando tínhamos sumido? E agora, a estrada vazia. O Vale do Sol tranqüilo, recebendo o sol. O que devia ser, se havíamos desaparecido?
Levei o carro a cento e trinta.
Berrávamos, os dois, como se fôssemos meninos.
Depois disso, não soube de mais nada.
— Por Deus — disse o velho, quando chegávamos ao fim. — Sabe de uma coisa? Acho que estamos ... voando.

A CONFLAGRAÇÃO PAVOROSA LÁ NO CASARÃO

Eles haviam se escondido na guarita do porteiro por meia hora, mais ou menos, passando um para o outro a garrafa de bebida das melhores e depois, tendo o porteiro ido dormir, esgueiraram-se pela trilha às seis da manhã, pondo-se a fitar o Casarão, onde luzes acolhedoras iluminavam todas as janelas.
— Aí está o Casarão — declarou Riordan.

- Diabo, o que você quer dizer com isso de "aí está o Casarão"? — gritou Casey e logo aduziu baixinho: — Nós já vimos isso aí, por todas as nossas vidas.
- É claro — concordou Kelly —, mas com os problemas em cima da gente, de repente o Casarão parece diferente. Não passa de um brinquedo, em meio da neve.

E era exatamente o que parecia a todos eles, quatorze homens, na grande casa de brinquedos estendida sobre as penas macias e que caíam devagar, em noite de primavera.

- Você trouxe os fósforos? — perguntou Kelly.
- Se eu trouxe os... o que é que você acha que eu sou?
- Bem, só perguntei se você trouxe.

Casey vasculhou os bolsos. Tendo-os revirado para fora do capotão, praguejou e declarou:
— Não trouxe.

— Ora, que diabo — interveio Nolan. — Eles vão ter fósforo lá dentro. A gente apanha alguns emprestado. Em frente.
Seguindo pelo caminho acima, Timulty tropeçou e caiu.
— Pelo amor de Deus, Timulty — pediu Nolan. — Cadê sua noção de romance e aventura? Em meio de uma grande Rebelião de Páscoa a gente quer fazer tudo direitinho. Por muitos anos a gente vai querer entrar em um bar e contar como foi a Conflagração Terrível do Casarão, não é mesmo? Se a coisa se atrapalha toda, você esparramado e caído com o rabo na neve, isso não vai servir de quadro para a Rebelião em que estamos, vai?

Timulty levantando-se, olhou bem para o cenário e anuiu.

- Vou ter bons modos.
- Caluda! Nós chegamos! — gritou Riordan.
- Meu Jesus, pare de dizer coisas como "é esse o lugar" e "nós chegamos" — ordenou Casey. — A gente está vendo essa casa dos infernos. Agora, o que se faz em seguida?
- Vamos destruir a casa? — sugeriu Murphy, sem muita certeza.
- Ora bolas. Você é tão burro que dá raiva — declarou Casey. — Está claro que a gente destrói, mas antes... esquemas e plano.
- A coisa pareceu muito simples, lá no Bar do Hickey — comentou Murphy. — Era só a gente chegar perto desse lugar infernal e acabar com ele. Pra quem tem uma mulher mais pesada que o cara, como no meu caso, é preciso destruir alguma coisa.
- A mim parece — disse Timulty, sorvendo grandes goles da garrafa — que a gente bate- na porta e pede licença.
- Licença! — exclamou Murphy. — Havia de ser muito engraçado, aquela alma perdida nunca ia torrar no fogo! Nós...

A porta da frente, todavia, abriu-se de súbito, atalhando-lhe as palavras.
Lá de dentro, um homem fitava a escuridão da noite.
— Será — propôs uma voz educada e cheia de sensatez — que poderiam falar mais baixo? A senhora da casa está dormindo, antes de seguirmos para Dublin, para passarmos a noite, e...
Os homens, postos à vista pelo brilho que emanava do interior da casa, piscaram a recuaram, erguendo os bonés.

- É vossa mercê, Lorde Kilgotten?
- Sim, sou eu — disse o homem à porta.
- Vamos falar baixo — disse Timulty, sorridente, coberto de amabilidade.

— Pedimos perdão, vossa mercê — disse Casey.
— Muita bondade — agradeceu Sua Senhoria, e a porta fechou-se, sem ruído.
Os homens arquejaram.

- "Pedimos perdão, vossa mercê", "vamos falar baixo, vossa mercê" — e Casey deu um tapa na cabeça. — O que é que a gente tava dizendo? Por que ninguém segurou a porta, enquanto ele ainda estava lá?
- A gente ficou bestificado, só isso, ele pegou a gente de surpresa, coisa própria desses grandes e poderosos. Quer dizer, a gente não estava fazendo

nada aqui, estava?
- Bem, a gente estava falando mesmo um pouco alto — reconheceu Timulty.
- Falando, o diabo! — proclamou Casey. — Esse Lorde do inferno apareceu e fugiu de nossas garra!
- Psiu, mais baixo — propôs Timulty.

Lasey baixou a voz.

- Por isso, vamos de mansinho até a porta, e...
- Isso parece desnecessário — observou Nolan. — Ele sabe que a gente está aqui, agora.
- Chega de mansinho até a porta — repetiu Casey, entre dentes. — E derruba ela...

A porta voltou a abrir-se.
O Lorde, que se parecia a uma sombra, fitou-os e depois, em voz paciente, suave e frágil, indagou:

- Pois, vejamos, o que estão fazendo aqui?
- Bem, a coisa é a seguinte, vossa mercê... — começou Casey a dizer e calou, empalidecendo.
- A gente veio — irrompeu Murphy —, a gente veio... para botar fogo no Casarão!

Sua Senhoria permaneceu por momentos sem dizer coisa alguma, olhando-os, vendo a neve, a mão na maçaneta. Fechou os olhos por instantes, pensou, dominou um tique nervoso em ambas as pálpebras após esforço silencioso, e disse:
— Muito bem, nesse caso é melhor que entrem.
Os homens disseram que estava ótimo, muito bom, ora viva, e começaram a andar, quando Casey gritou:

- Espera aí! — e depois, para o velho à porta. — A gente vai entrar quando a gente quiser.
- Muito bem — disse o velho. — Vou deixar a porta entreaberta, e quando acharem que seja o momento certo, entrem. Estarei na biblioteca.

Deixando a porta como dissera, o velho já se afastava, quando Timulty gritou:
— Quando a gente quiser? Ora, Jesus, meu Deus, quando é que a gente vai querer mais? Sai da frente, Casey!
E eles subiram, correndo, aqueles degraus.

Ouvindo-os, Sua Senhoria voltou-se para fitá-los, o semblante educado e não inamistoso, o semblante de um velho perdigueiro que já viu muitas raposas mortas e muitas raposas que haviam conseguido fugir, que correu bem, e agora, nos anos avançados de sua vida, sabia movimentar-se com passos suaves e pés arrastados.
— Limpem os pés, por favor, cavalheiros.

- Já está tudo limpo — e todos tiraram cuidadosamente a neve e lama dos calçados.
- Por aqui — disse Sua Senhoria, partindo em caminhada, os olhos claros e pálidos revelando suas rugas, causadas por número demasiado de doses de brandy sorvido ao correr dos anos, as faces vermelhas como vinho de cerejas. — Vou providenciar uma bebida para todos, e então veremos o que se pode fazer quanto a... como disseram... queimar o Casarão?
- O senhor fala com a voz da razão — reconheceu Timulty, seguindo-o enquanto Lorde Kilgotten seguia em frente para a biblioteca, onde serviu whisky a todos.
- Cavalheiros — sugeriu, deixando o esqueleto afundar-se em poltrona de luxo. — Bebam.

— Declinamos — disse Casey.

- Declinamos? — arquejaram todos, tendo as bebidas quase à mão.
- O que estamos fazendo é uma coisa séria, e a gente precisa estar muito sério para fazer — prosseguiu Casey, evitando-lhes o olhar.
- A quem vamos ouvir? — perguntou Riordan. — Sua Senhoria ou quem?

Como resposta, todos eles sorveram as doses e começaram a tossir e bufar. A coragem veio revelar-se de modo imediato, na cor vermelha dos semblantes, que estavam voltados de modo que Casey pudesse notar a diferença. Casey tratou, então, de tomar sua dose, a fim de não ficar para trás.
O velho, entrementes, bebericava seu whisky e alguma coisa em seu modo calmo e suave de sorvê-lo os lançou todos à Baía de Dublin, fazendo-os afundar nela. Até que Casey dissesse:
— Vossa Mercê ouviu falar dos Problemas? Não me refiro só à guerra do Kaiser, lá do outro lado do mar, mas os nossos próprio e grandes Problema, e a Rebelião que alcançou este lugar,
até nossa cidade, nosso lar, e agora o Casarão?

- Uma cópia alarmante de provas me convenceu de que estamos em época

infeliz — proclamou Sua Senhoria. — Suponho que o que tem de ser, tem de ser. Eu os conheço, a todos. Já trabalharam para mim. Acho que paguei-lhes bastante bem, na ocasião.

- Não resta a menor dúvida sobre isso, vossa mercê — afiançou Casey, dando um passo à frente. — É só que "muda a antiga ordem" e a gente tomou conhecimento do que aconteceu nos casarão, lá perto de Tara, nos casarão além de Killashandra, que pegou fogo, para comemorar a liberdade, e...
- Liberdade de quem? — perguntou o velho, com suavidade. — A minha? Liberdade quanto aos encargos de cuidar desta casa, na qual minha esposa e eu estralejamos, como se fôssemos dados em um copo de couro ou... bem, prossiga. Quando gostariam de incendiar o Casarão?
- Se não for muito problema, senhor — disse Timulty —, é agora.

O velho pareceu afundar-se ainda mais na poltrona.

- Oh, que coisa — asseverou.
- Naturalmente — Nolan apressou-se a dizer —, se lhe causar inconveniência a gente podia voltar outra vez...
- Outra vez! Que diabo de conversa é essa? — obtemperou Casey.
- Sinto muitíssimo — disse o velho. — Permitam-me explicar. Lady Kilgotten está dormindo agora, e temos convidados que virão levar-nos a Dublin, para a estréia de uma peça de Synge...
- Aí está um autor e tanto — proclamou Riordan.
- Vi uma das peças dele um ano atrás — disse Nolan — e...
- Para trás! — ordenou Casey.

Os homens recuaram. Sua Senhoria prosseguiu, na voz frágil de mariposa:

- Planejamos um jantar aqui, à meia-noite, para dez pessoas. Será que... vocês poderiam esperar até à noite de amanhã, então?
- Não — disse Casey.
- Calma aí — disseram todos os outros.
- Botar fogo — disse Timulty — é uma coisa, mas os bilhete é outra. Quer dizer, o teatro está lá, é um desperdício dos diabo, não ver a peça, e toda essa comida preparada, é melhor que comam. E esses hóspedes que vêm. Havia de ser difícil notificar a eles todos a tempo.
- Exatamente o que eu pensava — confirmou Sua Senhoria.
- Sim, eu sei! — berrou Casey, fechando os olhos e passando as mãos pelas faces, no queixo, na boca, cerrando os punhos e voltando-se para os outros, cheio de frustração. — Mas a gente não adia os incêndios, a gente não

programa isso de botar fogo como se fosse um chá dançante, com os diabos, a gente bota fogo!
- Bota, sim, quando a gente lembra de trazer os fósforo — observou Riordan, falando baixinho.

Casey rodopiou, parecia pronto a esmurrar Riordan, mas o impacto da verdade finalmente o atingiu.

- E por cima de tudo — observou Nolan — a Senhora lá em cima é uma bela dama, e precisa de uma última noite de divertimento e descanso.
- Muita bondade sua — declarou Sua Senhoria, e voltou a encher o copo do homem.
- Vamos fazer uma votação — propôs Nolan.
- Inferno! — e Casey fazia careta para todos. — Já sei qual vai ser a contagem. A noite de amanhã serve, com os diabo!
- Que Deus os abençoe — disse o velho Lorde Kilgotten. — Haverá frios preparados na cozinha, vocês poderiam dar uma espiada por lá, antes do incêndio, pois é provável que estejam com fome, já que se propõem a um trabalho pesado. Que tal às oito horas da noite, amanhã? A essa altura, já estarei com .Lady Kilgotten bem instalada em um hotel de Dublin. Não desejo que ela saiba, senão mais tarde, que seu lar deixou de existir.
- Meu Deus, o senhor é um bom cristão — murmurou Riordan.
- Bem, não vamos ficar pensando no assunto — propôs o velho. — Já considero a coisa ultrapassada, e nunca penso no passado. Cavalheiros.

Ergueu-se então e, como um velho e cego santo-pastor seguiu para a sala de entrada, o rebanho a acompanhá-lo ondulante, com leves esbarrões entre si.
Já na sala de entrada, quase à porta, Lorde Kilgotten viu algo com o canto dos olhos e estacou. Voltou-se e se plantou, pensativo, diante de um grande retrato de aristocrata italiano.
Quando mais olhava, mais os olhos começavam a exibir o tique nervoso, e sua boca a enunciar algo que não era ouvido.
Nolan, finalmente, indagou:

- Vossa mercê, o que se passa?
- Eu só estava pensando — disse o Lorde, afinal. — Vocês amam a Irlanda, não é mesmo?

Meu Deus, claro que sim! — disseram todos. Era preciso perguntar?
— Tanto quanto eu — disse o velho, com suavidade. — E vocês amam tudo que

existe nela, na terra, em sua herança?
Também isso, declamaram todos, não era preciso dizer!

- Preocupa-me, então — disse o Lorde — a existência de coisas como esta. O retrato foi pintado por Van Dyck. ê muito antigo, de excelente qualidade, muito importante e muito caro. Na verdade, cavalheiros, é um Tesouro de Arte Nacional.
- É isso mesmo? — perguntaram todos, ou com palavras aproximadas, e se amontoaram para ver bem.
- Ah, meu Deus, que belo trabalho — proclamou Timulty.
- Aí está o sujeito em carne e osso — disse Nolan.
- Olha só — observou Riordan — o modo como os olhinho dele parece acompanhar a gente.
- Inacreditável! proclamaram todos.

E estavam a ponto de seguir em frente, quando Sua Senhoria disse:
— Vocês compreendem que este Tesouro, que na verdade não me pertence, nem a vocês, mas a todo o povo, como herança preciosa, este quadro estará perdido para sempre, na noite de amanhã?
Todos arquejaram. Não haviam percebido.

- Que Deus nos ajude — pediu Timulty. — Não podemos deixar acontecer uma coisa dessas!
- Vamos tirar isso da casa, antes — propôs Riordan.
- Calma por aí! — berrou Casey
- Obrigado — disse Sua Senhoria —, mas onde o colocariam? Lá fora, no tempo, logo estaria estraçalhado pelo vento, molhado pela chuva, arranhado pelo granizo; não, não, talvez seja melhor que queime depressa...
- Nada disso! — gritou Timulty. — Eu levo pra minha casa.

— E quando a grande luta houver terminado — disse Sua Senhoria —, você o levará, então, para as mãos do novo governo, protegendo assim esta preciosa peça de Arte e Beleza, que veio do passado?
— Quer dizer... farei todas essas coisa — jurou Timulty. Casey, entretanto, olhava aquela tela imensa e dizia agora:

- Quanto é que pesa esse monstro?
- Calculo — disse o velho, a voz bem baixa — que esteja entre trinta e sessenta quilos, mais ou menos.
- E então, como vai ser possível meter essa coisa na casa do Timulty? —

indagou Casey.

- Eu e Brannahan carregamos esse tesouro dos inferno — proclamou Timulty — e, se for preciso, Nolan, você vem ajudar.
- A posteridade haverá de agradecer-lhes — disse Sua Senhoria.

Eles prosseguiram em sua marcha pela sala de entrada, e mais uma vez Sua Senhoria se deteve, diante de duas outras pinturas.

- Existem esses dois nus...
- E são nus, mesmo! — disseram todos.
- De Renoir — completou o velho.
- É esse o francês que pintou os nu? — perguntou Rooney. — Se me perdoa a expressão?

— Parece coisa muita francesa, mesmo — disseram todos. E um bocado de costelas receberam a cutucada de um bocado de cotovelos.

- Eles valem diversos milhares de libras — disse o ancião.
- Não duvido, de jeito nenhum — asseverou Nolan, estendendo o dedo, que foi rechaçado por violento tapa de Casey.
- Eu... — disse Blinky Watts, cujos olhos de peixe não paravam de se contorcer, marejados, atrás dos óculos grossos — gostaria de sugerir um lar para as duas damas francesas. Acho que posso enfiar esses dois Tesouro de Arte embaixo de cada braço s levar lá pra minha cabanazinha.

— Aceito — disse o Lorde, cheio de reconhecimento. Ainda na sala de entrada chegaram a uma paisagem, mais
ampla, com todos os tipos de homens-animais monstruosos fazendo piruetas, pisando em frutas e amassando mulheres que eram melões. Todos estenderam os pescoços à frente para lerem o que estava escrito na chapinha de latão por baixo: "Crepúsculo dos Deuses".

- Crepúsculo, uma ova! — proclamou Rooney. — A mim parece mais que é o começo de uma grande festa!
- Acredito — interveio o educado ancião — que se pretendesse fazer ironia, tanto no título quanto no tema. Observem o céu em chamas, as figuras monstruosas ocultas nas nuvens. Os Deuses não percebem, em meio de sua bacanal, que o Destino está a ponto de chegar.
- Eu não vejo — declarou Blinky Watts — a Igreja ou qualquer dos seus sacerdotes assanhados, lá em cima nas nuvens.
- Era um tipo diferente de Destino, naqueles dia — proclamou Nolan. —

Todo mundo sabe disso.

- Eu e Tuohy — afiançou Flannery — vamos levar os Deuses-Diabo pra minha casa. Certo, Tuohy?
- Certo!

E assim a coisa prosseguiu, ao correr da sala de entrada, O grupo parando aqui ou acolá, como se estivesse a percorrer e examinar um museu, cada qual, à seu turno, apresentando-se voluntariamente para levar à casa de carreira, em meio à neve noturna, um Degas ou Rembrandt, ou o grande quadro a óleo por um dos mestres holandeses, até que chegassem à pintura bastante tétrica, representando um homem, pendurada em alcova escura.

- É um retrato de mim mesmo — murmurou o velho —, feito por minha esposa. Deixem-no ali, por favor.
- Quer dizer — arquejou Nolan — que vossa mercê quer que ele pegue fogo na Conflagração?
- Pois é, este quadro seguinte... — disse o ancião, passando à frente.

E a pequena excursão chegava, finalmente, ao encerramento.

- Está claro — disse Sua Senhoria. — que se vocês quiserem, mesmo, salvar muitas coisas de valor, há uma dúzia de jarras Ming das mais raras nesta casa...
- Pode deixar que já está guardado — prometeu Nolan.
- Um tapete persa no patamar...
- A gente enrola e entrega no Museu De Dublin.
- E aquele candelabro dos mais refinados, na, sala de jantar principal.
- Tudo vai ficar escondido, até que os problemas acabem — murmurou Casey, já fatigado.
- Muito bem, então — disse o velho, apertando-lhes as mãos, enquanto desfilavam em retirada. — Talvez pudessem começar agora, não acham? Quer dizer, a tarefa de vocês é bastante grande, a de conservar os Tesouros Nacionais. Acho que vou dormir cinco minutos, antes de me vestir.

E o velho retirou-se, subindo as escadas. Deixara os homens aturdidos e isolados, embora formassem um grupo, naquela sala de entrada, a vê-lo enquanto se retirava.
— Casey — indagou Blinky Watts —, já passou por sua mente burra que se não esquecesse de trazer os fósforos não havia tanto trabalho pra gente esta noite?

- Meu Deus, onde está o seu bom gosto, sua cavalgadura? — gritou Riordan.

- Cale a boca! — ordenou Casey. — Okay, Flannery, você num lado do Crepúsculo dos Deuses, e você Tuohy, no outro lado, onde aquela pequena está ganhando o que foi feito pra ela. Aí! Vamos suspender!

E os Deuses, em sobrevôo aloucado, subiram ao ar.

Às sete horas a maioria das pinturas tinha sido retirada da casa e estava encostada uma à outra na neve, esperando que as levassem em diversas direções, rumo a diversas cabanas. Às sete e quinze, Lorde e Lady Kilgotten saíram da casa e se afastaram de carro, pelo que Casey formou com rapidez o grupo diante das pinturas empilhadas, de modo que a boa e velha senhora não percebesse o que pretendiam fazer. A moçada prorrompeu em aclamações, quando o carro desceu o caminho de entrada. Lady Kilgotten acenou para eles, em resposta, em gesto frágil.

Das sete e meia às dez, as demais pinturas seguiram andando, levadas por um ou dois camaradas.

Quando todas se haviam ido, menos uma, Kelly ficou na alcova poueo iluminada, preocupado com a pintura que Lady Kilgotten fizera em um domingo, representando o velho Lorde. Estremeceu, decidiu-se a ato supremo de humanitarismo, e levou o retrato para a segurança da noite lá fora. À meia-noite, Lorde e Lady Kilgotten, regressando com os convidados, encontraram apenas marcas fundas de pés arrastados na neve, onde Flannery e Tuohy haviam partido em uma direção, levando a apreciada bacanal; onde Casey, resmungando, encabeçara o desfile de Van Dycks, Rembrandts, Bouchers e Piranesis em outra; e onde, último de todos, Blinky Watts, dando patadas no chão, trotara cheio de felicidade para o bosque, levando seus nus Renoir.

O jantar terminou às duas da madrugada. Lady Kilgotten foi para o leito, satisfeita em que todas as pinturas haviam sido mandadas, em massa, para serem limpas, conforme o marido lhe informara.

Às três da madrugada, Lorde Kilgotten continuava sentado e insone na biblioteca, Sozinho em meio às paredes vazias, diante da lareira apagada, tendo em volta do pescoço fino um xale grosso, e na mão, que tremia de leve, o copo de brandy.

Por volta de três e quinze ouviu-se um ruído furtivo de tacos a serem pisados, viram-se sombras e, depois de algum tempo, de boné na mão, surgiu Casey à porta da biblioteca.

— Olá! — chamou, baixinho.

O Lorde, que dormitara um pouco, arregalou os olhos.

- Oh, Céus — disse. — É hora de irmos?
- Isso será amanhã de noite — corrigiu Casey. — De qualquer modo, não é o senhor que vai, são Eles que voltam.
- Eles? Seus amigos?
- Não, os seus — e Casey fez gesto convidativo.

O velho deixou-se levar pela sala de entrada olhando pela porta dianteira o negrume da noite.
Ali, como se fossem o exército napoleónico entorpecido, arrasado, estropiado, indeciso e desmoralizado, apresentavam-se os componentes da turma ensombrecida, porém connecida, as mãos cheias de quadros — quadros que se encostavam nas pernas deles, quadros nas costas, quadros em pé e seguros por mãos trêmulas, que o pânico embranquecera, na neve caindo. Silêncio pavoroso os encobria, reinava entre aquela gente. Pareciam perdidos, como se um inimigo houvesse partido para travar guerras muito melhores, enquanto outro inimigo, ainda sem nome, os cutucava em silêncio e sem perdão, por trás. Não paravam de olhar sobre os ombros, fitando os morros e a cidade, como se a qualquer instante o próprio Caos pudesse desencadear-lhes os cachorros em cima. Apenas eles, na noite infiltrada, ouviam os ruídos distantes, presságios e pavorosos, que criavam um sortilégio.

- É você, Riordan? — chamou Casey, tomado de nervosismo.
- Ora bolas, quem mais podia ser! — gritou voz além.
- O que é que eles desejam? — perguntou o velho.
- A coisa não é o que a gente deseja, mas o que o senhor podia querer de nós, agora — respondeu alguém.
- A questão — disse outro, avançando até que todos pudessem vê-lo, Hannahan á luz existente — é que examinando todos os aspectos, vossa mercê, resolvemos que o senhor é criatura tão boa, que a gente...
- Nós não vamos queimar sua casa! — gritou Blinky Watts.
- Cala a boca e deixa o homem falar! — intervieram diversas vozes.

Hannahan assentiu.

- Pois é. A gente não vai queimar a sua casa.
- Mas, olhem aqui — interveio o Lorde. — Estou preparado, podem crer. Tudo pode ser retirado com facilidade.
- O senhor está vendo a coisa com muita facilidade, com o seu perdão, vossa mercê — disse Keliy. — Fácil para o senhor não é fácil pra gente.
- Compreendo — disse o velho, sem perceber coisa alguma.

- Parece — disse Tuohy — que nós todos, nessas últimas horas, encontramos problema. Alguns com a casa e alguns com o transporte e carregação, se entende o que estou dizendo. Quem vai explicar o negócio? Kelly? Não? Casey? Riordan?

Ninguém se manifestou.
Com um suspiro, finalmente, Flannery adiantou-se.

- O negócio é o seguinte... — começou a dizer.
- Sim? — solicitou o ancião, com gentileza.
- Bem — prosseguiu Flannery —, eu e o Tuohy, aqui, chegamos no meio da mata, como dois idiota, e tinha atravessado quase todo o charco com aquele quadrão do Crepúsculo dos Deuses, quando a gente começou a afundar.
- A sua força faltou? — indagou o Lorde, cheio de bondade.
- Nós afundamos, vossa mercê, afundamos de verdade no chão — Tuohy explicou.
- Santo Deus — disse o Lorde.
- Isso mesmo, vossa mercê — prosseguiu Tuohy. — Ora essa, nós todos junto, eu, o Flannery, e os Deuses-diabo, a gente deve ter pesado mais de duzentos quilos, e aquele charco lá fora é fraco feito quê, e quanto mais a gente andava, mais afundava, e eu quase gritei, porque estou pensando naquelas cena na estória antiga, onde o Cão do Baskervilles, ou algum bicho pavoroso assim, persegue a heroína na charneca, e ela cai no poço de água, achando que devia ter ficado na dieta, mas é tarde demais, e as borbolhas sobe e estoura na superfície da água. Tudo isso estava sufocando em minha mente, vossa mercê.
- E então? — interveio o Lorde, percebendo que contavam com essa pergunta.
- E então — prosseguiu Flannery —, a gente deu o fora e deixou aqueles deuses do diabo por lá, no crepúsculo deles.
- No meio do charco? — perguntou o homem idoso, que se perturbara apenas um pouco.
- Ah, a gente cobriu eles, quer dizer, pusemos os xales por cima. Os deuses não vão morrer duas vezes, vossa mercê. Escuta, vocês ouviram isso, pessoal? Os deuses...
- Ora, cala essa boca! — gritou Kelly. — Seus palermas. — Por que não tiraram do charco aquele retrato dos diabos?
- Nós achamos que precisava de dois mais pra ajudar...
- Dois mais! — gritou Nolan. — Isso são quatro homens, e mais uma

montoeira de deuses, e vocês ia afundar duas vezes mais depressa, e as borbolhas ia subir, seu imbecil!
- Ah! — disse Tuohy. — Nem pensei nisso.
- Foi pensado, agora — disse o homem idoso. — E talvez alguns de você formem uma turma de salvamento.
- Já foi feito, vossa mercê — disse Casey. — Bob, você e o Tim vão correndo e salva aquelas divindades pagãs.
- Você não conta ao Padre Leary?
- Padre Leary, uma bosta. Anda! — e Tim e Bob saíram, resfolegando.

Sua Senhoria voltava-se, agora, para Nolan e Kelly.

- Vejo que vocês também trouxeram de volta o seu quadro, que é bem grande.
- A gente, pelo menos, conseguiu chegar a cinqüenta metros da porta, senhor — disse Kelly. — Por acaso vossa, mercê está querendo saber por que a gente voltou com ele, vossa mercê?

— Com o acúmulo de coincidências e mais coincidências
— disse o velho, voltando ao interior da casa, a fim de apanhar o sobretudo e pondo na cabeça o gorro enxadrezado, a fim de poder agüentar o frio e dar encerramento ao que prometia ser uma conversa longa — sim, inclinei-me a cogitar.

- Foi as minhas costas — explicou Kelly. — Elas não agüentou, depois de trezentos metro pela estrada principal. As costas me têm dado trabalho volta e meia, faz cinco anos, e eu sofro com as dores de Cristo. Eu espirro e caio de joelhos, vossa mercê.
- Eu sofri da mesma enfermidade — asseverou o velho.

— É como se alguém enfiasse um espinho nas costas.
Dito isso, tocou o dorso com cuidado, lembrando-se do que padecera, o que causou o arquejo de todos, assentindo e compreendendo.

- As dores de Cristo, como eu disse — afirmou Kelly.
- Inteiramente compreensível, portanto, que não pudessem terminar sua jornada com aquele quadro pesado — disse o velho —, e altamente louvável que conseguissem, com tanto esforço, regressar, trazendo aquele peso temível.

Kelly logo se empertigava, ao ouvir a descrição dos tormentos por que passara.

Sorria amplamente.
— Não foi nada. Eu era capaz de fazer de novo, a não ser pelos ossos acima do meu rabo. Com seu perdão, vossa mercê.
Sua Senhoria, entretanto, já voltara o olhar desfocado e bondoso, ainda que trêmulo, na direção de Blinky Watts, que tinha sob cada braço, como bailarino picaresco, as duas mulheres desnudas de Renoir.

- Ah, meu Deus, comigo não teve isso de afundar no charco ou dor na espinha — disse Watts, dando alguns passos a fim de demonstrar sua ida. — Voltei pra casa em menos de dez minutos, entrei na cabanazinha e comecei a pendurar os quadro na parede, quando minha mulher veio por trás. O senhor já passou por isso vossa mercê, e sua mulher veio por trás e ficou caladinha, sem dizer nada?
- Parece-me que lembro de circunstância parecida — disse o ancião, procurando recordar se tal ocorrera e depois assentindo, quando diversas recordações surgiram em seu espírito que voltara à segunda infância.
- Pois é, vossa mercê, não tem silêncio igual ao silêncio de uma mulher, não acha? E não tem coisa como uma mulher ficar ali, como um monumento de pedra. A temperatura caiu tanto na sala que eu sofri regelamento, como a gente diz lá em casa. Não tive coragem de voltar e ficar de frente pra Fera, ou a filha da Fera, como-eu chamo minha mulher, por causa da mãe dela que ainda está viva. Mas ouvi que ela respirava fundo e depois falava, com muita calma, como se fosse um general prussiano: "Aquela mulher está pelada como uma galinha depenada", e "Aquela outra mulher está nua como a parte de dentro de um mexilhão, quando a maré baixa".
- "Mas", em disse, "esses aí são estudo de anatomia natural, feitos por um famoso artista francês".
- "Jesus-que-me-salve-francês", ela gritou; "a-saia-subiu-até-a-cintura-francês. O-vestido-desceu-até-o-umbigo-francês. E aqueles movimento que elas estão fazendo com as boca, dizendo coisa suja de novela francesa, s agora você vem pra casa e pendura "francês" na parede, ora veja só! Por que você não aproveita, tira daí o crucifixo e pendura uma dessa mulher pelada no lugar?"
- Bem, vossa mercê, eu fechei os olhos com vontade que as orelhas caíssem. "'É isso que você quer que nossos filhos olhem, de noite, antes de ir dormir?" ela perguntou. Quando dei pela coisa, estava de volta pra cá, trazendo os nu pelado feito mexilhão, vossa mercê, e peço suas desculpa, muito obrigado, pra mim chega.
- Elas parecem realmente despidas — comentou o ancião, examinando os

dois quadros, um a cada mão, como se desejasse encontrar ali tudo quanto a esposa do outro dissera. — Eu sempre pensei no verão, quando olhava estes quadros.

- Talvez depois que vossa mercê fez setenta anos. Mas, como era, antes disso?
- Ah, sim, sim — disse o velho, e sobre um dos olhos passou leve sinal de lascívia quase inteiramente esquecida.

Quando seu olhar parou de vagar, deu com Bannock e Toolery na orla daquele rebanho inquieto de carneiros. Atrás de ambos, reduzindo-os a proporções de nanicos, estava um quadro gigantesco.

Bannock levara o quadro para casa, descobrindo lá que não conseguiria fazer o mesmo passar pela porta, ou por qualquer janela.

Toolery chegara a ponto de pôr o quadro na porta, quando a esposa dissera que iam rir deles, que passariam a ser a única família na aldeia com um Rubens valendo meio milhão dé libras, mas sem uma só vaca de leite!

Ali estava toda a essência do que ocorrera durante noite tão prolongada. Cada qual tinha relato igualmente sombrio, pavoroso e temível a fazer, e esses relatos foram feitos finalmente; quando terminaram, a neve fria começou a cair entre aqueles membros corajosos do IRA.

O velho nada declarou, pois não havia realmente o que dizer e que não fosse tão evidente quanto as respirações que se valorizavam ao vento. E então, muito devagar, o velho escancarou a porta dianteira e teve a decência de nem mesmo fazer qualquer gesto.

Devagar, e em silêncio, eles começaram a passar, como se estivessem passando por um professor conhecido, em antiga escola, e tomaram mais rapidez. Assim é que o rio voltou à nascente, a Arca esvaziou-se antes, e não depois do Dilúvio, e aquele desfile de animais e anjos, nus que ardiam e fumegavam em suas mãos, nobres deuses que faziam piruetas sobre asas e cascos, desfilou por ali, e os olhos do velho se moviam com suavidade, sua boca, em silêncio, dava o nome a cada um deles, os Renoirs, os Van Dycks, o Lautrec, e assim por diante até que Kelly, ao passar, sentiu que lhe tocavam o braço.

Surpreso, olhou para quem era.

E viu que o homem idoso fitava a pequena pintura que trazia sob o braço.

- O retrato que minha esposa pintou de mim?
- Ele mesmo — declarou Kelly.

O velho fitou Kelly, bem como a pintura sob seu braço, e depois dirigiu o olhar

para a noite em que a neve caía. Kelly sorriu baixinho.
Caminhando com passos macios, como se fosse um gatuno, desapareceu no bosque e na noite, levando o quadro. Momentos depois, dava para ouvir suas risadas, enquanto ele regressava de carreira, as mãos vazias.
O velho sacudiu a cabeça, uma vez, trêmulo, e fechou a porta.
Depois voltou-se, como se o acontecimento já estivesse esquecido em sua mente de criança em devaneios e arrastou os pés pela sala de entrada, o xale dando a impressão que o fatigava, sobre os ombros finos, e a rapaziada o acompanhou, até onde receberam copos de bebida, vendo que o Lorde Kilgotten piscava para o quadro em cima da lareira, como a tentar lembrar-se se o Saque de Roma ali estivera nos anos anteriores, ou seria a Queda de Tróia? Percebeu, depois, que eles o fitavam, e voltou-se para todo aquele exército que o circundava, dizendo:
— Muito bem, agora, a que vamos beber?
Os homens arrastaram os pés.
Foi quando Flannery gritou:
— Ora essa, vamos beber à Sua Senhoria, naturalmente!

- À Sua Senhoria! — gritaram todos, e beberam, tossiram, engasgaram e espirraram, enquanto o velho sentia um ardor singular em volta dos olhos e não bebeu, em absoluto, até que todo aquele movimento encerrasse, dizendo, então: — À Nossa Irlanda — e bebeu, e todos disseram ah, Deus, e Amém, e o velho fitou o quadro em cima da lareira e finalmente observem, com timidez: — Detesto mencioná-lo... esse quadro...
- Senhor?
- A mim parece — disse o velho, em tom escusatório — que está um pouquinho fora do centro, um pouco inclinado. Será que vocês podiam...
- Será que podemos, rapazes! — gritou Casey.

E quatorze homens acorreram a endireitar a posição do quadro.

A CRIANÇA DE AMANHÃ

Ele não queria ser o pai de uma pequena pirâmide azul. Peter Horn não planejara assim, de modo algum. Tampouco ele ou a esposa imaginavam que tal pudesse acontecer-lhes. Haviam conversado tranqüilamente por dias seguidos, falando do nascimento do filho, haviam comido alimentos normais, dormido muito, assistido a alguns espetáculos e, chegado o momento para ela voar de helicóptero até o hospital, o marido a abraçara e beijara.

— Meu bem, você estará em casa dentro de seis horas — prometeu. — Esses mecanismos novos de nascimento fazem tudo, menos servirem de pai da criança.

Ela se lembrou de uma canção antiga.

— Não, não, não podem tirar isso de mim! — e a entoou, e eles riram, enquanto o helicóptero os transportava, por cima das distâncias relvadas e verdes, do campo para a cidade.

O médico, cavalheiro sossegado e chamado Wolcott, demonstrou grande confiança. Polly Ann, a esposa, se preparava para a tarefa que tinha de enfrentar e o pai, como de costume, ficou na sala de espera, onde podia fumar cigarros e tomar bebidas, preparadas em batedor ali convenientemente instalado. Ele se sentia muito bem. Era o primeiro filho, mas nada havia com que preocupar-se. Polly Ann encontrava-se em boas mãos.

O Dr. Wolcott, uma hora depois, veio à sala de espera.

Parecia-se a alguém que houvesse defrontado a morte. Peter Horn, já no terceiro copo de bebida, não se mexeu. A mão apertou o copo e ele cochichou:

— Ela morreu.

— Não — disse Wolcott, baixinho. — Não, não, ela vai muito bem. É a criança.

— A criança morreu, então.

— A criança também está viva. mas... tome o resto dessa bebida e venha. Aconteceu alguma coisa.

Sim, na verdade algo acontecera. Esse "algo" que ocorrera trouxera todo o hospital aos corredores. As pessoas iam de um quarto a outro, sem parar. Enquanto Peter Horn era levado por um saguão onde os auxiliares em uniformes brancos permaneciam, encarando-se mutuamente e cochichando, sentiu-se malíssimo.

— Ei, olha, olha! O filho de Peter Horn! Inacreditável! Entraram num pequeno quarto limpo. Havia muita gente ali,

olhando uma mesinha baixa. Sobre esta, encontrava-se algo. Uma pequena pirâmide azul.
— Por que me trouxe aqui? — indagou Horn, voltando-se para o médico.
A pequena pirâmide azul movimentou-se, começou a chorar. Peter Horn lançou-se à frente, examinou aquilo, espantado. Estava inteiramente pálido e respirava com rapidez.
— Não quer dizer que é isso?
O médico, Wolcott, assentiu em resposta.
A pirâmide azul tinha seis apêndices azuis e parecidos a cobras, e três olhos, que piscavam nas extremidades de conformações projetadas.
Horn ficou paralisado.
— Pesa sete libras e oito onças — declarou alguém.
Horn pensava, agora: "Estão brincando comigo. Isso é alguma brincadeira. Charlie Ruscoll foi quem fez isso. A qualquer momento ele entra pela porta e grita 'Primeiro de Abril!' e todos vão começar a rir. Isto não é meu filho. Oh, que coisa horrível! Estão brincando comigo".
Ali ficou, imóvel, o suor escorrendo pelo rosto.
— Tire-me daqui — pediu Horn, voltando-se, as mãos abrindo-se e fechando-se nervosas, os olhos piscando.
Wolcott segurou-lhe o cotovelo, falava com calma:
— Este é seu filho. Compreenda isso, Sr. Horn.
— Não. Não, não é — e seu espírito nem mesmo queria tocar naquela coisa. — É um pesadelo. Destrua isso!

- Não se pode matar um ser humano.
- Humano? — e Horn piscou, os olhos marejados. — Isso não é humano! É um crime contra Deus!

O doutor prosseguiu, bem depressa:
— Examinamos esta... criança... e achamos que não é um mutante, um resultado de destruição ou re-disposição genética. Não se trata de uma aberração. Tampouco está doente. Por favor, escute tudo quanto lhe digo.
Horn fitava a parede, os olhos arregalados, enojado. Oscilou sobre os pés, enquanto o médico falava de modo distante, cheio de certeza.
— A criança, de algum modo, foi afetada pela pressão do nascimento. Houve uma distrutura dimensional causada pelos curto-circuitos e disfuncionamentos simultâneos das novas máquinas de nascimento e hipnose. Bem, de qualquer forma — e o doutor encerrava lamentosamente suas declarações — o seu bebê nasceu em... outra dimensão.

Horn nem sequer assentiu. Continuava ali, imóvel, esperando.
O Dr. Wolcott usou palavras enfáticas:
— O seu filho está vivo, passa bem e é feliz. Ali está, sobre a mesa. Mas por ter nascido em outra dimensão, apresenta forma que nos é desconhecida. Nossos olhos, ajustados a um conceito tridimensional, não podem reconhecê-lo como uma criança. Mas é isso, uma criança. Por baixo dessa camuflagem, a forma piramidal estranha e os apêndices, é o seu filho.
Horn fechou a boca, fechou os olhos.

- Posso beber alguma coisa?
- Por certo — e um copo de bebida foi-lhe enfiado nas mãos.

—- Muito bem, deixe-me sentar em algum lugar por alguns instantes — e ele se derreou em uma cadeira. A coisa se tornava clara. Tudo, vagarosamente, entrava no devido lugar. Era seu filho, não importava o que. Estremeceu. Por mais horrível que fosse o aspecto, era seu primeiro filho.
Ergueu finalmente o olhar, tentou ver o médico.

- O que vamos dizer à Polly? — indagou, a voz pouco acima de murmúrio.
- Vamos cuidar disso esta manhã, assim que o senhor estiver pronto.
- O que acontece, depois? Existe algum modo de... mudá-lo, para trazê-lo de volta?
- Vamos tentar. Isto é, se nos der permissão para tentarmos. Afinal de contas, o filho é seu. Pode fazer com ele qualquer coisa que deseje.

— Ele? — e Horn riu com ironia, fechando os olhos. — Como sabe que é ele? — e afundou na escuridão, os ouvidos trovejavam.
Wolcott se achava perturbado, dava para ver.

- Ora, nós... isto é... bem, não temos certeza. Horn sorveu outro gole da bebida.
- E se vocês não puderem mudá-lo de volta?

— Compreendo que é um choque para o senhor, Sr. Horn. Se não agüenta olhar a criança, teremos prazer em criá-la aqui, no Instituto, para vocês.
Horn examinou a proposta.

- Obrigado. Mas ele ainda me pertence e à Polly. Eu lhe darei um lar. Haverei de criá-lo, como criaria qualquer garoto. Dar-lhe uma vida doméstica normal. Tentar aprender a amá-lo. Tratá-lo direito — e o afirmava com os lábios entorpecidos, não conseguia pensar.

- Compreende que tarefa está empreendendo, Sr. Horn? Essa criança não pode ter companheiros normais para brincar; ora, eles o matariam em pouco tempo. O senhor sabe como as crianças são. Se resolver criar a criança em casa, a vida dela será rigorosamente controlada, ele nunca deverá ser visto por pessoa alguma. Compreendeu bem?
- Sim. Sim, está claro, doutor. Doutor, ele está bem, mentalmente?
- Sim. Testamos as reações. É uma criança sadia e muito boa", no que diz respeito à resposta nervosa e outras coisas.
- Eu só queria ter certeza. O problema único agora é Polly.

Wolcott fechou a cara.
— Confesso que, por esse aspecto, fiquei sem saber o que fazer. O senhor sabe que é bem duro, para uma mulher, saber que o filho nasceu morto. Mas isto, dizer a uma mulher que ela deu à luz algo que não é reconhecível como ser humano... não é coisa tão fácil quanto a morte. A possibilidade de causar choque se mostra demasiada. Mesmo assim, devo dizer a verdade a ela. Um médico não consegue coisa alguma, mentindo ao paciente.
Horn baixou o copo.
— Eu não quero perder a Polly, também. Estaria preparado, agora, se vocês quisessem destruir a criança. Mas não quero que a Polly morra, pelo choque causado.
— Acho que talvez consigamos mudar a criança, de volta. É a questão que me faz hesitar. E se achasse que o caso não tinha esperanças, emitiria imediatamente um certificado de eutanásia. Mas isso vale uma tentativa, pelo menos.
Horn sentia-se muitíssimo cansado. Tremia profundamente, em silêncio.
— Está certo, doutor. Ele precisa de alimento, leite e amor, até que vocês preparem a coisa. Até agora, a criança deu todo esse azar, não há motivo para que continue a ter azar. Quando contaremos à Polly?
— Amanhã de tarde, quando ela acordar.
Horn levantou-se e foi à mesa, que recebia o aquecimento de iluminação suave, vinda de cima. A pirâmide azul sentou-se sobre a mesa, quando Horn lhe estendeu a mão.
— Olá, Bebê — disse Horn.
A pirâmide azul fitou Horn, com três olhos azuis e brilhantes. Movimentou uma gavinha azul e minúscula, tocando os dedos de Horn com a mesma.
Horn estremeceu.
— Olá, Bebê.
O médico apresentou uma mamadeira especial.
— Isto é leite de mulher. Vamos começar.

O Bebê ergueu o olhar, em meio às nuvens que clareavam. Viu as formas movendo-se em volta, sabia que eram amigas. O Bebê era recém-nascido, mas já se mostrava alerta, estranhamente alerta. O Bebê percebia.
Havia objetos a se movimentarem acima e em volta dele. Seis cubos de cor entre cinzenta e branca, inclinando-se. Seis cubos, de apêndices hexagonais e três olhos em cada cubo. E havia também dois outros cubos que vinham de longe, sobre planalto cristalino. Um dos cubos era branco, também tinha três olhos. Nesse Cubo Branco havia algo que agradava o Bebê. Era uma atração, alguma relação. No Cubo Branco havia um odor que fazia o Bebê lembrar-se de si próprio.
Sons estridentes vieram dos seis cubos entre cinzentos e brancos, que se inclinavam. Eram sons de curiosidade e espanto, como se fosse uma espécie de música, todos tocando ao mesmo tempo.
Os dois cubos recém-chegados, o Cubo Branco e o Cubo Cinzento, estavam assobiando. Depois de algum tempo, o Cubo Branco estendeu um dos apêndices hexagonais, a fim de tocar o Bebê. O Bebê correspondeu, estendendo uma das gavinhas, saídas do corpo piramidal. O Bebê gostava do cubo Branco. O Bebê gostava. O Bebê tinha fome. O Bebê gostava. Talvez o Cubo Branco lhe desse alimento...
O Cubo Cinzento apresentou um globo róseo ao Bebê. O Bebê ia receber comida, agora. Ótimo, ótimo. O Bebê aceitou pressurosamente a comida.
A comida era boa. Todos os cubos cinzento-brancos se afastaram, deixando apenas o Cubo Branco agradável, acima do Bebê, olhando-o e assobiando sem parar. Sem parar.
No dia seguinte, contaram a Polly. Não contaram tudo, apenas o bastante. Só lhe deram uma pista. Disseram que o Bebê não estava bem, de um certo modo. Falaram devagar, e em círculos que apertavam cada vez mais, centralizando-se em Polly. Em seguida o Dr. Wolcott fez prolongada preleção sobre mecanismos de nascimento, como os mesmos ajudavam a mulher em seu trabalho de parto e como, dessa feita, haviam entrado em curto-circuito. Havia outro homem de conhecimentos científicos ali presente, fazendo-lhe pequena preleção sobre as dimensões, mostrando os dedos, dessa maneira — uma, duas, três e quatro. Um outro homem falou sobre a energia e matéria. Outro prelecionou sobre as crianças subprivilegiadas.
Polly, finalmente, sentou-se na cama e disse:
— Para que toda essa conversa? O que aconteceu com o meu bebê, para vocês estarem falando tanto tempo?
Walcott contou-lhe.

- A senhora pode esperar uma semana para vê-lo — propôs-lhe. — Ou pode entregar a custódia da criança ao Instituto.
- Existe apenas uma coisa que quero saber — declarou Poily.

O Dr. Wolcott ergueu as sobrancelhas.

- Eu fiz a criança desse modo? — Perguntou Polly.
- Não, eu lhe afirmo com a maior certeza!

— A criança não é um monstro genético? — indagou Polly. A criança foi jogada em outro continuum. Por outro lado, é inteiramente normal.
A boca retesada e enrugada de Polly afrouxou-se e ela disse, com simplicidade:
— Nesse caso, tragam meu bebê. Quero vê-lo agora. Por favor.
Eles trouxeram a "criança".
Os Horns deixaram o hospital no dia seguinte. Polly saiu andando sobre as próprias pernas, Peter Horn a acompanhá-la fitando-a, em silencioso espanto.
Não estavam com o bebê. Ele viria depois. Horn ajudou a esposa a embarcar no helicóptero e sentou-se a seu lado. Levantou vôo, eles subiram para o ar quente.

- Você é uma maravilha — comentou.
- Sou? — contrapôs ela, acendendo o cigarro.
- É sim. Não chorou, não fez coisa alguma.

— E não é tão ruim, afinal — afirmou Polly. — Depois de se passar a conhecê-lo. Eu posso até... segurá-lo nos braços. Ele é quentinho, chora e até precisa das fraldas triangulares.
Nesse ponto riu, e o marido percebeu o estremecimento nervoso na risada, mas Polly prosseguiu:

- Não, eu não chorei, Pete, porque é o meu filho. Ou será. Ele não está morto, agradeço a Deus por isso. Ele está... não sei como explicar... ainda por nascer. Agrada-me pensar que ainda não nasceu. Estamos esperando que ele apareça. Tenho confiança no Dr. Wolcott. Você não tem?
- Está certa, certíssima — afirmou o marido, estendendo a mão e segurando a sua. — Sabe? Você é uma tetéia.
- Sei me agüentar — disse ela olhando à frente, enquanto o verde dos relvados ia ficando para trás. — Enquanto souber que algo bom acontecerá, não deixarei que isso me magoe ou cause choque. Esperarei seis meses, e depois talvez me mate.

— Polly!

Ela o fitou como se o marido houvesse acabado de chegar.

- Pete, sinto muito. Mas esse tipo de coisa não acontece. Depois de estar terminado, e o bebê finalmente "nascer", vou esquecer depressa, como se nada houvesse acontecido. Mas se o médico não puder nos ajudar, nesse caso a mente não agüenta, a mente só pode ordenar ao corpo que suba ao telhado e pule de lá.
- As coisas andarão bem — disse ele, seguro ao volante. — Terão de andar.

Ela não se manifestou, mas deixou que a fumaça do cigarro saísse da boca, na concussão da hélice do ventilador.
Três semanas se passaram. Todos os dias voavam para o Instituto, a fim de visitar "Pi", pois foi o nome calmo e sossegado que Polly Horn deu à pirâmide azul sobre a mesa cálida, piscando para eles. O Dr. Wolcott teve o cuidado de fazer ver que os hábitos da "criança" eram tão normais quanto os de quaisquer outras; tantas horas dormindo, tantas horas desperta, tanta atenção, tédio, alimento ou eliminação. Polly Horn ouvia, o rosto e os olhos se aqueciam.
Ao final da terceira semana, o Dr. Wolcott disse:

- Está com vontade de levá-lo para casa? Vocês vivem no campo, não é? Muito bem, sei que têm um pátio cercado, ele pode ficar ali para tomar luz do sol, de vez em quando. E precisa do amor da mãe. Isso é coisa batida, mas verdadeira. Deverá ser alimentado com mamadeiras. Arranjamos um dispositivo com o qual ele é alimentado pelo novo mecanismo de alimentação; a voz maternal, o calor, as mãos, tudo o mais — a voz do Dr. Wolcott tornava-se seca. — Ainda assim, acho que vocês estão familiarizados com ele o bastante para saber que é criança sadia. A senhora aceita, Sra. Horn?
- Sim, aceito.
- Ótimo. Tragam-no a cada três dias, para exame. Aqui está a fórmula dele. Estamos trabalhando em diversas soluções, Sra. Horn. Devemos ter alguns resultados para vocês, ao fim do ano. Não quero dizer coisa alguma definida, mas tenho motivos para crer que tiraremos esse menino da quarta dimensão, assim como se tira um coelho da cartola.

O médico sentiu leve surpresa e satisfação quando Polly Horn o beijou ali, naquele exato instante.
Peter Horn dirigiu o helicóptero de volta para casa, passando sobre o terreno ondulado e verde de Griffith. De quando em vez, fitava a pirâmide nos braços de Polly. Ela emitia ruídos maternais para o filho, e este replicava de modo

aproximado.

- Como será? — perguntou Polly.
- Será, o quê?
- Como será que nós parecemos a ele? — indagou a esposa.
- Perguntei ao Wolcott a esse respeito. Ele disse que provavelmente também temos aspecto estranho para ele. Isso, porque estamos em dimensões diferentes.
- Quer dizer que não nos parecemos a homens e mulheres, aos olhos dele?
- Se pudéssemos ver a nós mesmos, não. Mas lembre-se de que um bebê nada sabe a respeito de homens e mulheres. Para ele, a forma em que estamos é a natural.. Acostumou-se a nos ver com a forma de cubos, ou quadrados, ou pirâmides, quando nos vê, de sua dimensão separada. O bebê não passou por outra vivência, não tem outra norma com a qual comparar o que enxerga. Nós somos a norma dele. Por outro lado, o bebê nos parece singular, porque o comparamos às nossas formas e dimensões costumeiras.
- Sim, entendo. Entendo.

O Bebê tinha ciência do movimento. Um Cubo Branco o segurava, em apêndices cálidos. Outro Cubo Branco sentava-se mais ao lado, dentro de oval purpúreo. O oval se movimentava no ar, por cima de planície ampla e clara de pirâmides, hexágonos, ovoides, pilares, bolhas e cubos multicores.
Um Cubo Branco emitia ruído de assovio. O outro Cubo Branco replicava com assovio, também. O Cubo Branco que o segurava movimentou-se. O Bebê observou os dois Cubos Brancos, e observou o mundo que passava, por 'fora da bolha em viagem.
O Bebê se sentiu sonolento. Fechou os olhos, colocou sua juventude piramidal sobre o regaço do Cubo Branco e emitiu leves ruídos fracos...
— Ele dormiu — declarou Polly Horn.

O verão chegou, o próprio Peter Horn estava ocupado, com seu negócio de importação e exportação, mas tratou de achar-se em casa todas as noites. Polly permanecia ali durante o dia, mas à noite, quando tinha de ficar a sós com a criança, passara a fumar demais, e certa noite ele a encontrara desmaiada no sofá, tendo uma garrafa vazia na mesa ao lado. A partir de então, Peter se encarregara da criança, durante as noites. Quando o bebê chorava, emitia ruído sibilante fantástico, como algum animal da selva que se perdera e se lamentava. Não era o som emitido por uma criança.
Peter Horn mandou forrar a sala-creche para que ficasse à prova de som.

— Sua esposa, então, não quer ouvir o bebê chorando? — perguntou o profissional encarregado do trabalho.
— Pois é — disse Peter Horn. — Ela não quer ouvir. Recebiam poucas visitas, pois receavam que alguém pudesse
tropeçar em Pi, naquela piramidezinha querida, o pequenino Pi.

- Que barulho é esse? — perguntou, certa noite, uma visita, enquanto tomava um coquetel. — Parece uma espécie de ave. Você não me disse que tem um aviário, Peter.
- Oh, sim — disse Horn, fechando a porta da creche. Tome outro copo. Vamos beber, todos vocês!

Era como ter um cachorro ou gato na casa. Assim, pelo menos, Polly encarava a questão. Peter Horn a vigiava, observando com exatidão como ela falava e afagava o pequenino Pi. Era Pi isto e Pi aquilo, mas com alguma reserva e, às vezes, ela olhava ao redor do aposento e tocava a si própria, e suas mãos se cerravam, ela parecia perdida e cheia de medo, como se estivesse aguardando a chegada de alguém. Em setembro, Polly informou ao marido:
— Ele sabe dizer Papai. Sim, sabe mesmo. Vamos, Pi. Diga Papai!
Ela tinha nos braços a pirâmide azul e cálida.

- Piuiii — assobiou a pequenina pirâmide azul e cálida.
- Outra vez — repetiu Polly.
- Piuiii! — assoviou a pirâmide.
- Pelo amor de Deus, pare! — disse Peter Horn e tirou-lhe a criança, colocando-a na creche onde a pirâmide assoviava sem parar aquele nome, aquele nome, aquele nome. Horn saiu de lá, serviu-se de um copo com boa dose. Polly ria baixinho.
- Não é formidável? — perguntou ela. — Até a voz dele está na quarta dimensão. Não vai ser ótimo, quando ele aprender a falar, mais tarde? Nós lhe daremos o monólogo de Hamlet para aprender de cor, e ele dirá, mas vai parecer-se a uma peça de James Joyce! Você não acha que temos muita sorte? Quero beber.
- Você já bebeu o bastante — observou ele.

— Obrigada, sirvo-me sozinha — disse ela, e o fez. Outubro, e depois novembro. Pi aprendia agora a falar.
Assoviava, guinchava e emitia som parecido a sino, quando tinha fome. O Dr. Wolcott visitou-os.

- Quando a cor dele é azul brilhante e constante — disse o médico —, isso quer dizer que está com saúde. Quando a cor desbota, perde o brilho... é que a criança está se sentindo mal. Lembre-se disso.
- Oh, sim, vou lembrar-me — garantiu Polly. — O azul celeste é saúde, o azul-cobalto é doença.
- Minha jovem senhora — disse Wolcott —, é melhor que tome duas pílulas e venha visitar-me amanhã, para um bate-papo. Não gosto do modo como está falando. Mostre sua língua. Ah... Andou bebendo? Veja as manchas nos dedos. Corte os cigarros pela metade. Quero vê-la amanhã.
- O senhor não me dá grande coisa para prosseguir — observou Polly. — Faz quase um ano, agora.
- Minha cara Sra. Horn, não quero agitá-la constantemente. Quando estivermos com os mecanismos prontos, vai saber. Trabalhamos neles todos os dias. Logo faremos uma experiência. Tome agora essas pílulas e feche essa boca linda.

Dito isso, cutucou Pi por baixo do "queixo".

— Uma criança boa e sadia, por Deus! Está com dez quilos pelo menos!

O Bebê tinha consciência das idas e vindas dos dois Cubos Brancos que estavam com ele durante todas as horas despertas. Havia outro cubo, cinzento, que visitava a certos dias. Na maior parte do tempo, entretanto, eram os dois Cubos Brancos que o cuidavam e amavam. Ergueu o olhar para o Cubo Branco cálido, mais arredondado e macio, emitiu o som baixo e chilreante de contentamento. O Cubo Branco deu-lhe de comer. Ficou contente, crescia. Tudo lhe era bom e familiar.

Chegou o Ano Novo de 1989.

Os foguetes subiam aos céus, os helicópteros atravessavam os ventos quentes da Califórnia.

Peter Horn trazia para casa pratos grandes de vidro azul e cinzento, especialmente preparados e polarizados, mas o fazia em segredo. Olhando por eles, fitava o "filho". Nada. A pirâmide continuava a ser pirâmide, ainda que a olhasse por meio de raios-X ou celofane amarela. A barreira era indestrutível. Horn voltava, silencioso, ao copo de bebida.

O grande acontecimento teve lugar no início de fevereiro. Horn, chegando de helicóptero à casa, ficou apavorado ao ver um punhado de vizinhos no gramado. Alguns estavam sentados, outros em pé, outros se afastavam, as expressões assustadas.

Polly dava um passeio com a "criança", no jardim.

Estava inteiramente embriagada. Segurava a pequena pirâmide azul pela mão,

caminhava com ela de um para outro lado. Não viu o helicóptero pousando, nem prestou grande atenção, enquanto Horn vinha em carreira.
Um dos vizinhos voltou-se.
— Oh, Sr. Horn, é a coisa mais bonita que já vi. Onde a encontrou?
Um dos outros gritou:
— Ei, você é um grande viajante, Horn! Apanhou isso na América do Sul?
Polly ergueu a pirâmide nos braços.

- Diga Papai! — gritou, tentando enfocar a visão do marido.
- Piuii! — gritou a pirâmide.
- Polly! — disse Peter Horn.
- Ele é tão amigo quanto um cachorro ou um gato — disse Polly, levantando a criança. — Oh, não, não é perigoso.

É tão amigo quanto uma criancinha. Meu marido o trouxe do Afganistão.
Os vizinhos começaram a se afastar.
— Voltem aqui! — e Polly acenava para eles. — Não querem ver o meu bebê? Não é uma beleza?
Peter a esbofeteou.
— O meu bebê — disse ela, entre soluços.
Peter voltou a esbofeteá-la, e o fez sem parar, até que ela deixasse de dizê-lo, caísse ao chão. Ele a apanhou, levou-a para casa. Depois saiu, trouxe Pi para dentro, sentou-se e telefonou para o instituto.
— Dr. Wolcott, aqui é Horn. É melhor preparar o equipamento. Será esta noite, ou nunca mais.
Houve hesitação e Wolcott, finalmente, suspirou.
— Está bem. Traga sua esposa e a criança. Vamos tentar pôr as coisas em ordem.
Eles desligaram.
Horn ali ficou, examinando a pirâmide.
— Os vizinhos acharam que era uma beleza — disse a esposa, deitada no sofá, os olhos fechados, os lábios tremendo...
O Instituto tinha cheiro de limpeza, arrumação, tudo esterilizado. O Dr. Wolcott veio pela sala de entrada, acompanhado por Peter Horn e a esposa Polly, que tinha Pi nos braços. Entraram por uma passagem e chegaram ao aposento de grandes dimensões. No centro do mesmo havia duas mesas, com dois capuzes negros e grandes, suspensos por cima.
Atrás das mesas via-se uma série de máquinas com mostradores e chave. Percebia-se o mais leve zumbido ali dentro. Peter Horn encarou Polly por momentos.

Wolcott deu, a ela, um copo cheio de líquido.

- Tome isto.

Ela atendeu.

- Agora, sente-se.

Sentaram-se os dois, o médico juntou-lhes as mãos, fitou-os por momentos.
— Quero contar o que andei fazendo nos últimos meses — principiou. — Tentei tirar o bebê da dimensão em que está, seja ela a quarta, quinta ou sexta. A cada vez que deixaram o bebê aqui para exame, trabalhamos nesse problema. Agora, chegamos a uma solução, mas ela nada tem a ver com o projeto de trazer o bebê, tirando-o da dimensão em que ele existe.
Polly derreou-se na cadeira. Horn limitou-se a fitar com cautela o médico, atento a tudo que o mesmo dissesse. Wolcott inclinou-se à frente.
— Não posso tirar o Pi de lá, mas posso levar vocês lá. A coisa é essa — completou, com gesto de desalento.
Horn fitou a máquina ao canto.

- Quer dizer que pode mandar-nos para a dimensão do Pi?
- Sim, se quiserem ir.

Polly não se manifestou, segurava Pi em silêncio, fitando-o. O Dr. Wolcott explicou:
— Nós sabemos que tipo de disfusão, mecânica e elétrica, levou Pi ao estado atual. Podemos reproduzir esses acidentes e tensões. Mas trazê-lo de volta é outra coisa. Talvez precisasse de um milhão de tentativas e fracassos, até chegarmos à combinação certa. A combinação que o enviou a outro espaço foi um acidente, mas por sorte vimos, observamos e gravamos. Não há gravações para trazer alguém de volta. Temos de trabalhar às escuras. Assim sendo, será mais fácil pôr vocês na quarta dimensão do que trazer Pi à nossa.
Polly perguntou, de modo simples e aflito:
— Eu verei o meu bebê como ele realmente é, se eu for para essa dimensão?
Walcott assentiu. Polly disse:

- Nesse caso, quero ir.
- Calma — pediu Peter Horn. — Faz apenas cinco minutos que estamos nesse consultório e você já está prometendo o resto da sua vida.
- Será com o meu bebê verdadeiro. A mim, não importa.
- Dr. Wolcott, como será, nessa dimensão do outro lado?

- Não haverá modificação que vocês possam observar. Os dois parecerão ter a mesma forma e tamanho, um aos olhos do outro. A pirâmide, entretanto, vai tornar-se um bebê. Vocês terão acrescido mais um sentido, poderão interpretar o que virem de modo diferente.
- Mas não vamos transformar-nos em ovóides ou pirâmides, nós mesmos? E o senhor, doutor, não se parecerá a alguma forma geométrica, em vez de um ser humano?
- O homem cego, que vê pela primeira vez, perde a capacidade de ouvir, ou o paladar?
- Não.
- Pois é. Pare de falar em termos de subtração. Pense em termos de adição. Vocês estão ganhando alguma coisa. Nada perdem. Sabem a que se parece um ser humano, o que é uma vantagem que o Pi não tem, olhando da dimensão dele. Quando chegarem "lá", poderão ver o Dr. Wolcott como ambas as coisas, abstração geométrica ou ser humano, como preferirem. Provavelmente vai torná-los bons filósofos. Há outra coisa, entretanto.
- E qual é?
- Para todas as outras pessoas deste mundo, você, sua esposa e o filho se parecerão a formas abstratas. O bebê, um triângulo. Sua esposa, talvez ovóide. Você mesmo, um sólido hexagonal. O mundo ficará chocado, mas não vocês.
- Seremos aberrações.
- Serão aberrações, mas não saberão disso. Terão de levar uma vida isolada.
- Até que vocês descubram um meio de trazer-nos de volta, os três.
- Isso mesmo. Pode levar dez, vinte anos. Não recomendo a vocês, talvez enlouqueçam os dois, como resultado de se sentirem isolados, diferentes. Se existir um sinal de paranóia em vocês, vai aparecer. A decisão, naturalmente, é sua.

Peter Horn fitou a esposa, ela retribuiu o olhar, a expressão séria.

- Iremos — disse Peter Horn.
- Para a dimensão de Pi? — perguntou Wolcott.

— Para a dimensão de Pi.
Eles se ergueram das cadeiras.

- Não perderemos qualquer outro sentido, tem a certeza, Doutor? O senhor poderá compreender-nos, quando lhe falarmos? A fala de Pi é incompreensível.

- O Pi fala assim porque é o que pensa que dizemos, quando nossa fala atravessa as dimensões e vai ter a ele. Ele, então, imita o som. Quando vocês estiverem lá e falarem comigo, estarão falando inglês perfeito, porque sabem como. As dimensões têm a ver com os sentidos, o tempo e o conhecimento.
- E que me diz do Pi? Quando entrarmos na camada de existência dele. Ele vai ver-nos como seres humanos, logo de imediato, e isso não será um choque? Não será perigoso?
- Ele é muito jovem. As coisas ainda não se estabeleceram bem, no seu caso. Haverá um leve choque, mas os seus cheiros serão os mesmos, as vozes terão o mesmo timbre e alcance, e vocês se mostrarão igualmente cálidos e amorosos, o que é o mais importante de tudo. Vão dar-se muito bem com ele.

Horn coçou a cabeça, devagar.

- Parece um rodeio e tanto, para chegarmos merecemos ir — e ele suspirou. — Eu bem queria que pudéssemos ter outra criança, esquecer esta.
- Esta é a que importa. Acredito que Polly não quer outra, não é mesmo, Polly?
- Este bebê, este bebê — disse Polly,

Wolcott dedicou olhar significativo a Peter Horn. Este o interpretou de modo correto. Seria aquele bebê, ou nunca mais teria Polly. Este bebê, ou Polly ficaria em um aposento silencioso, de algum lugar, fitando o espaço vazio, durante o resto da vida.
Caminharam juntos em direção à máquina.

- Acho que agüento, se ela agüentar — disse Horn, tomando-a pela mão. — Trabalhei por muitos anos, talvez seja divertido aposentar e tornar-me uma forma abstrata, para variar.
- Eu invejo a jornada que vão fazer, para dizer a verdade — disse Wolcott, ajustando ponteiros na máquina grande e escura. — É bem possível que, como resultado de estarem "por lá", possam escrever um livro de filosofia que porá Dewey, Bergson, Hegel, ou qualquer dos outros, praticamente, no chinelo. Eu poderia "aparecer" para visitá-los, algum dia.
- Será bem-vindo. De que precisamos, para a viagem?

— De nada. É só deitar nessas mesas e ficarem quietos. Um zunido encheu todo o aposento, era o som de força e energia e calor.

Eles se deitaram nas mesas, dando-se as mãos, Polly e Peter Horn. Um capuz negro e duplo desceu sobre eles. Estavam ambos na escuridão. De algum lugar distante no hospital um relógio vocal entoava seu cântico:
— Senhores e senhoras, sete horas. Senhores e Senhoras, sete horas... — e a voz esmaecia, em meio ao som suave de um gongo.
O zunido tornou-se mais alto, a máquina estremeceu com o poder oculto, em transformação, comprimido.

- Existe algum perigo? — gritou Peter Horn.
- Nenhum!

A energia beirava. Os próprios átomos do aposento dividiam-se uns contra os outros, formando-se em campos opostos e desconhecidos. Os dois lados disputavam a supremacia. Horn abriu a boca para gritar. Suas vísceras tornavam-se piramidais, ovóides com estremeções eLétricos terríveis. Sentiu que uma garra de força exigente lhe sugava e puxava o corpo. A força ansiava, focinhava, apertava o aposento. As dimensões do capuz negro sobre seu corpo estenderam-se, transformaram-se em planos selvagens de incompreensão. O suor, escorrendo-lhe pelo rosto, não era suor, mas uma essência dimensional pura! Seus membros foram atirados, agarrados, sacudidos, pegos de súbito. Ele começou a derreter-se, como cera. Um ruído de estalidos deslizantes.
Horn pensava depressa, mas com calma. Como será, no futuro, com Polly, eu e Pi em casa, as pessoas se apresentando para um coquetel? Como vai ser?
De repente soube como seria, e o pensamento veio preenchê-lo de grande espanto e um sentimento de fé crédula. Eles viveriam na mesma casa branca, no mesmo morro sossegado e verde, tendo a cerca alta em volta, para afastar os que eram levados apenas pela curiosidade. E o Dr. Wolcott apareceria para visitá-los, e estacionaria seu veículo no quintal e subiria os degraus, e à porta apresentar-se-ia um Retângulo Branco alto e esguio, que o viria receber com um martini seco, na mão parecida com uma cobra.
À cadeira preguiçosa, no outro lado do aposento, estaria sentado um Ovóide Branco Salgado, tendo aberto, diante de si, o exemplar de uma obra de Nietzsche, lendo, fumando um cachimbo. E no chão estaria Pi, correndo de um lado para outro. Haveria conversa, outros amigos surgiriam e o Ovóide Branco e o Retângulo Branco ririam, contariam piadas, ofereceriam sanduíches e mais bebidas, seria uma boa noitada de conversa e risadas.
Seria assim.
Click. O zunido cessou.
O capuz foi erguido de Horn.

Tudo terminara.
Achavam-se em outra dimensão.
Ouviu que Polly gritava. Era muita a luz. Depois ele deslizou da mesa, ficou em pé, piscando. Polly corria, abaixava-se e apanhava algo no chão.
Era o filho de Peter Horn. Um menino vivo, faces róseas, olhos azuis, nos braços dela, arquejando, piscando e chorando.
A forma piramidal desaparecera. Polly chorava de felicidade.
Peter Horn atravessou a sala, tremendo, tentando sorrir, para abraçar Polly e a criança, os dois ao mesmo tempo, chorar em companhia deles.
— Muito bem! — disse Wolcott, recuando. Por muito tempo, não se mexeu. Limitava-se a observar o Ovóide Branco e o Retângulo Branco esguio, que seguravam a Pirâmide Azul no outro lado do aposento. O assistente veio pela porta.
— Psiu — disse Wolcott, levando a mão aos lábios. — Eles querem ficar a sós por algum tempo. Venha comigo.
Tomou o ajudante pelo braço e seguiram, os dois, na ponta dos pés, saindo dali. O Retângulo Branco e o Ovóide Branco nem mesmo notaram, quando a porta se fechou.

AS MULHERES

Era como se a luz entrasse em um aposento verde. O oceano ardia, uma fosforescência branca se movimentava como hálito
de vapor em meio ao mar matutino de outono, erguendo-se. Borbolhas subiam da garganta de alguma ravina submarina oculta.
Como o relâmpago no céu verde do mar, ela percebia. Era antiga e bela. Viera das profundezas, indolentemente. Uma concha, borbolha, sargaço, um brilho, murmúrio, uma guelra. Suspensa em suas profundidades havia árvores de coral regelado, parecidas a cérebro, fragmentos amarelos e parecidos a olhos, fluidos capilares de algas. Crescendo com as marés, crescendo com as eras, colecionando e amontoando e guardando em si as identidades e poeiras antigas, a tinta dos polvos e todas as coisas triviais do mar.
Até agora apercebia-se.
Era uma inteligência verde e brilhante, respirando no mar outonal. Sem olhos, mas vendo, sem ouvidos mas ouvindo, sem corpo, mas sentindo. Era do mar. E, sendo do mar, era... feminina.
De modo algum parecia-se a homem ou mulher, mas tinha os modos de mulher, modos sedosos, astutos e ocultos. Movia-se com a graça de uma mulher. Era todas as coisas más das mulheres vaidosas e fúteis.
Águas escuras fluíam por ali, misturavam-se à recordação estranha, a caminho das correntes do golfo. Na água havia gorros de carnaval, trombetas, serpentina, confete. Passavam por essa massa florescente de cabelos verdes e compridos, como o vento por árvore antiga. Cascas de banana, guardanapos, jornais, cascas de ovos e restos queimados das fogueiras noturnas nas praias; todo o lixo flutuante das pessoas importantes, que freqüentavam as areias solitárias das ilhas continentais, gente vinda das cidades feitas de tijolos, gente que gritava estridentemente em demônios de metal, percorrendo estradas de concreto, todos idos.
Ela se ergueu devagar, estremecendo, espumante, para os ares matutinos.
O cabelo verde ergueu-se devagar, brilhante, espumante, para os ares matutinos.
Ali ficou na enchente, depois do tempo prolongado em que se formara, na escuridão.
Ela percebeu a costa.
O homem estava lá.

Era um homem escurecido pelo sol, as pernas fortes, o corpo taurino.
Todos os dias ele devia ter vindo à água para banhar-se e nadar, mas nunca se movera. Havia uma mulher na areia ao lado, mulher em roupa negra de banho, que ficava a seu lado falando baixinho e rindo. Às vezes davam-se as mãos, de outras ouviam pequenina máquina sonora que discavam e da qual saía música.
A fosforescência se manteve silenciosamente nas ondas. Era o final da estação. Setembro. As coisas se fechavam.
A qualquer dia, agora, ele talvez fosse embora e nunca mais regressasse.
Hoje, ele tinha de entrar na água.
Os dois deitaram-se na areia, cheios de calor. O rádio tocava baixinho e a mulher na roupa negra de banho se remexia caprichosamente, os olhos fechados.
O homem não ergueu a cabeça de onde a aninhara, no braço esquerdo musculoso. Absorvia o sol com o rosto, a boca aberta, as narinas.

- O que há? — perguntou.
- Pesadelo — disse a mulher de traje negro.
- Pesadelos durante o dia?
- Você nunca sonha de tarde?

— Eu nunca sonho. Nunca tive um só sonho, em toda a minha vida.
Ela permaneceu deitada, retorcendo os dedos.

- Meu Deus, tive um sonho horrível.
- De que se tratava?
- Não sei — disse ela, como se realmente não soubesse. Era tão ruim que se esquecera. Agora, de olhos abertos, procurava lembrar-se.
- Foi a meu respeito — disse ele, espreguiçando-se indolentemente.
- Não — retorquiu ela.
- Sim — insistiu ele, sorrindo para si próprio. — Eu tinha ido para outra mulher. Foi isso.
- Não.
- Insisto — disse ele. — Lá estava eu, com outra mulher, e você nos descobriu; no meio da bagunça, eu levei um tiro, ou coisa parecida.

Sem querer, ela estremeceu.

- Não fale desse modo.
- Vejamos, então — propôs ele. — Com que tipo de mulher eu estava? Os cavalheiros preferem as louras, não é mesmo?
- Por favor, não brinque — pediu ela. — Eu não me sinto bem.

Ele abriu os olhos.
— A coisa a afetou tanto assim?
Ela assentiu.
— Sempre que sonho, durante o dia, desse modo, fico terrivelmente deprimida.
— Sinto muito — e ele tomou-lhe a mão. — Quer que vá lhe buscar alguma coisa?

- Não.
- Sorvete? Uma Coca-Cola?

— Você é muito bonzinho, mas não quero. Logo passa. É, só, que os últimos quatro dias não foram certos. Não está sendo como costumava ser, no começo do verão. Aconteceu alguma coisa.
— Não foi entre nós dois — observou ele.
— Oh, não, claro que não — ela se apressou a dizer. — Mas você não acha que os lugares, às vezes, mudam? Mesmo uma coisa como um cais, muda, e os carrosséis, e tudo o mais. Até os cachorros-quentes então com sabor diferente, esta semana.
— O que quer dizer?

- Estão enjoativos. É difícil explicar, mas perdi o apetite, e bem queria que estas férias terminassem. Francamente, o que mais quero, agora, é voltar para casa.
- Amanhã é nosso último dia. Você sabe o que esta semana a mais representa para mim.
- Vou tentar — prometeu ela. — Se, ao menos, este lugar não parecesse tão engraçado e mudado... Não sei. Mas, de repente, tive uma sensação de levantar-me e sair correndo.
- Por causa do sonho? Eu e minha loura, e eu morto, de repente?
- Chega! — disse ela. — Não fale de morrer, desse modo! Aproximou-se muito dele.
- Se, ao menos, eu soubesse o que era.
- Pronto — e ele a afagou. — Eu a protegerei.

— Não sou eu, é você — afirmou ela, o murmúrio em seu ouvido. — Tive a sensação de que você estava cansado de mim, e foi embora.
— Eu não faria isso. Eu te amo.
— Bobagem minha — disse ela, obrigando-se a rir. — Meu Deus, que bobagem a minha!
Ali continuaram cansados e sossegados, o sol e o céu encobrindo-os como uma

tampa.
— Sabe de uma coisa? — perguntou ele, imerso em pensamentos. — Às vezes eu tenho um pouco dessa sensação de que você fala. Este lugar mudou. Existe algo diferente.
— Que bom, você também achar!
Ele sacudiu a cabeça, sonolento, sorrindo de leve e fechando os olhos, absorvendo o sol.
— Dois doidos. Dois doidos.
O mar aproximou-se da costa três vezes, de mansinho.
Veio a tarde. O sol desferia golpe refulgente nos céus. Os iates saltavam e rebrilhavam em sua brancura, nas ondas que chegavam ao ancoradouro. O cheiro de carne frita e cebola queimada preenchia o vento. A areia sussurrava e se removia como uma imagem em amplo espelho e se derreter.
O rádio, perto deles, murmurava discretamente. Eles continuavam deitados, como flechas escuras, sobre a areia branca. Não se mexiam. Apenas as pálpebras movimentavam-se com percepção, apenas os ouvidos estavam alertas. Volta e meia as línguas umedeciam os lábios aquecidos. Gotas de umidade surgiam nas testas, eram evaporadas pelo sol.
Ele ergueu a cabeça cegamente, sentindo o calor.
O rádio murmurava.
Por momentos, ele baixou a cabeça.
Ela sentiu que ele voltava a se erguer. Abriu um dos olhos e ele se apoiou no cotovelo, olhando em volta, vendo o cais, o céu, a água e a areia.

- O que se passa? — perguntou ela.
- Nada — disse o homem, voltando a deitar-se.
- Foi algo.
- Achei que tinha ouvido um negócio.
- O rádio.
- Não, não é o rádio. Outra coisa.
- O rádio de outra pessoa.

Ele não respondeu. Ela percebeu que o braço se retesava e afrouxava, retesava e afrouxava novamente.

- Com os diabos — disse ele. — Aí está, de novo. Puseram-se, ambos, à escuta.
- Não ouço nada...
- Psiu! — gritou ele. — Pelo amor de Deus...

As ondas quebravam na costa, espelhos silenciosos, montes de vidro mumurante e derretido.

- Alguém está cantando.
- O quê?
- Eu juro que era alguém cantando.
- Bobagens.
- Não, escute.

Escutaram, por algum tempo.

- Não ouvi nada — disse ela, tornando-se muito fria.

Ele se pusera de pé. Nada havia no céu, nada no cais, nada na areia, nada nas barraquinhas de cachorro-quente. Reinava um silêncio parado, o vento soprava-lhes nas orelhas, o vento que se enfeitava sob a luz, levantando pelos de seus braços 2 pernas.
Ele deu um passo na direção do mar.
— Não! — disse ela.
Ele a fitou de modo singular, como se a companheira ali não se achasse, estivesse ausente. Continuava ouvindo.
Ela aumentou o volume do rádio, e explodiram as palavras, o ritmo, a melodia:
— "I found a million-dollar baby..."
Ele fez careta, erguendo a mão com violência.
— Desligue isso.
— Não, eu estou gostando! — e ela aumentou o volume ainda mais, estalava os dedos, balançava com o corpo de modo vago, tentando sorrir, como que acompanhando a música.

Eram duas horas.

O sol evaporava as águas, o cais antigo expandia-se com gemido alto, sob o calor. As aves marinhas ficavam presas no céu quente, incapazes de se movimentar. O sol trespassava os licores verdes que se entornavam em volta do cais; e golpeava, pegava e brunia na brancura ociosa, que vagava nas ondulações da costa.

A espuma branca, o cérebro de coral regelado, as sementes de algas, a poeira de marés estendiam-se na água, espalhavam-se.
O homem escuro continuava deitado na areia, a mulher de roupa negra ao lado.

A música se ergueu como um nevoeiro vindo da água. Era música murmurante de marés profundas e anos passados, sal e viagem, estranhezas aceitas e conhecidas. A música tinha som que não era diferente da água batendo na costa,

chuva que caía, o revirar-se de membros macios nas profundezas. Era o canto de voz perdida no tempo, em concha marítima cavernosa. O sibilar e murmurar de marés nos porões abandonados de navios contendo tesouros. O som que o vento faz em um crânio vazio, jogado sobre a areia fervente.

Mas o rádio, sob o cobertor na praia, tocava mais alto.

A fosforescência, leve como uma mulher, afundou-se, cansada, retirou-se da vista. Apenas poucas horas mais. Eles poderiam partir a qualquer momento. Se, ao menos, ele entrasse, por um instante, apenas um instante... As neblinas se remexiam em silêncio, percebendo-lhe o rosto e o corpo na água, na profundidade. Apercebiam-se dele pego, agarrado, ao se afundarem dez braças, em um regueiro que as levava a contorcer-se e revirar-se em gesticulações frenéticas, até as profundezas de um golfo oculto no mar. O calor do corpo dele, a água que se incendiava com seu calor, e o cérebro de coral regelado, as poeiras tornadas jóias, as neblinas salgadas que se nutriam de seu alento quente, vindo de lábios abertos.

As ondas levaram os pensamentos suaves e mutáveis para os pontos rasos, que estavam tépidos, como água de banho, aquecidos pelo sol de duas horas.

Ele não deve ir embora. Se for, agora, não regressara.

Agora. O cérebro de coral frio vagou, vagou mais. Agora. Chamando através dos espaços aquecidos de ar sem vento, no começo da tarde. Venha para a água. Agora, dizia a música Agora.

A mulher na roupa negra de banho virou o botão do rádio.

- Atenção! — gritava o rádio. — Hoje, agora, vocês podem comprar um carro novo no...
- Credo! — o homem estendeu a mão, fez baixar aquele barulho. — Você precisa ouvir tão alto assim?
- Eu gosto, quando está alto — disse a mulher em roupa negra de banho, olhando sobre o ombro para o mar, lá atrás.

Eram três horas. O céu era o sol puro. Suando, ele se pôs de pé.

- Vou cair — anunciou.
- Arranja um cachorro-quente para mim, antes! — pediu ela.
- Você não pode esperar até eu sair da água?
- Por favor — e ela fazia beicinho. — Agora.
- Cachorro-quente completo?
- Sim, e traga três de uma vez.
- Três? Céus, que apetite! — e ele saiu correndo para o pequeno café à

distância.

Ela esperou, até que o companheiro se tivesse retirado. Desligou, então, o rádio. Ficou à escuta por muito tempo, não ouvia coisa alguma. Fitou a água, até que os reflexos do sol lhe espetassem os olhos como agulhas.
0 mar se acalmara. Havia apenas uma rede débil, distante e fina de ondulações que refletia a luz do sol em repetição imprimida. Ele voltou a apertar os olhos, fitando a água, o semblante carregado.
Ele voltou aos pulos.
— Com os diabos, a areia está quente! Queima a sola dos pés! — e jogou-se sobre o cobertor. — Pode comer!
Ela tomou os três cachorros-quentes e se pôs a comer um deles, descansadamente. Ao terminar, entrego os dois restantes ao companheiro.
— Tome, você, pode comer. Tenho olhos maiores do que o estômago.
Ele engoliu os cachorros-quentes, em silêncio.

- Da próxima vez — anunciou, ao terminar —, não peça mais do que pode comer. E um desperdício infernal.
- Aqui — disse ela, abrindo a garrafa térmica. — Deve estar com sede. Acabe com a limonada.
- Obrigado — e ele bebeu, depois bateu as mãos e declarou: — Bem, vou pular na água.

Olhou o mar brilhante, ansioso por se ir.
- Só mais uma coisa — disse ela, que acabava de lembrar-se. — Você me compra um vidro de óleo de bronzear? O meu acabou.

- Você não tem mais, na bolsa?
- Usei todo o que tinha.
- Devia ter-me dito antes, quando fui comprar os cachorros-quentes — disse ele. — Mas, está certo — e voltou correndo, em pernadas firmes.

Quando se tinha ido, ela tirou o frasco de óleo de bronzear da bolsa, o conteúdo pela metade, desarrolhou a tampa e derramou o líquido na areia, enterrando-o, olhando sorridente para o mar. Ergueu-se, então, e foi para a beira da água e dali olhou, procurando as inúmeras ondas pequeninas e insignificantes.
Você não vai pegá-lo, pensava. Quem quer ou que quer que seja, fique sabendo que é meu, você não vai pegá-lo. Não sei o que se passa, não sei de nada, na verdade. Tudo que sei é que vamos embarcar em um trem, às sete horas dessa noite. E não estaremos aqui amanhã. Assim sendo, você fique por aí e espere,

oceano, mar, ou o que quer que esteja errado aqui, hoje.
Faça tudo que puder, mas não pode comigo, pensava ela. Apanhou, então, uma pedra, e jogou-a ao mar.

- Pronto! — gritou. — Tome, você!

Ele já se achava ao lado.

- Ahn? — e ela deu um pulo para trás.
- Ei, o que se passa? Você, aqui em pé, murmurando?

— Estava, mesmo? — retorquiu ela, surpresa também. — Onde está o óleo de bronzear? Você passa nas minhas costas?
Ele derramou um fio amarelo de óleo e o massageou, nas costas douradas. Ela olhava para a água de vez em quando, olhos com expressão astuta, assentindo, como a dizer: "Está vendo! Percebeu? Veja só!" e ronronava como uma gatinha, cheia de satisfação.
— Pronto — disse ele, dando-lhe o frasco.
Já estava pela metade, na água, quando ela gritou:
— Aonde você vai? Venha cá!
Ele se voltou, como se ela fosse alguém inteiramente desconhecido.
— Pelo amor de Deus, o que se passa, afinal de contas?
— Ora, você acabou de comer os cachorros-quentes e tomar a limonada... não pode entrar na água agora - dá cãibra!
Ele zombou:
— Conversa mole de gente supersticiosa.

- Mesmo assim, você volta para a areia e espera uma hora, antes de entrar na água, está ouvindo? Não quero que apanhe uma cãibra e se afogue.
- Ora essa — disse ele, desgostoso.
- Venha comigo — e ela se voltou, ele a acompanhá-la, olhando ainda para o mar.

Três horas. Quatro.
A mudança aconteceu às quatro e dez. Deitada na areia, a mulher de roupa negra viu que a coisa vinha, afrouxou os músculos. As nuvens haviam-se formado desde as três horas. Agora, em avanço repentino, a neblina vinha da baía. Onde estivera quente, fazia frio. O vento começou a soprar, vindo do nada. Nuvens escuras se aproximavam.

- Vai chover — observou ela.

- Você parece muitíssimo satisfeita — observou ele, sentado e os braços cruzados. — Talvez seja nosso último dia, e você parece satisfeita, porque vai chover.
- O observatório — confidenciou ela — anunciou que haveria trovoadas e chuva por toda esta noite e amanhã. Talvez fosse bom sairmos daqui, hoje de noite.
- Vamos ficar, porque pode ser que passe. Eu quero mais um dia de natação — afirmou ele. — Ainda não estive na água hoje.
- Foi tão divertido conversar e comer, que o tempo passou.
- Pois é — disse ele, fitando as mãos.

A neblina vinha por cima da areia, em faixas macias.

- Pronto — disse ela. — Caiu uma gota de chuva no meu nariz! — e sorria, de modo ridículo, vendo aquilo. Tinha o olhar brilhante, voltara a ser jovem, estava quase triunfal. — A boa chuva.
- Por que você está tão satisfeita? Sabe que é esquisita?
- Venha, chuva! — pediu ela. — Bem, ajude-me com os cobertores. É melhor a gente sair correndo!

Ele recolheu os cobertores devagar, preocupado.

- Nem uma última nadada, com os diabos. Estou com vontade de dar um mergulho, um só — c sorriu para ela. — Só um instante!
- Não — disse ela, empalidecendo. — Você vai se resfriar e eu terei de cuidar de sua saúde!
- Está certo, está certo — resmungou ele, afastando-se do mar. Uma chuva fina começava a cair.

Seguindo à frente, ela rumava para o hotel, e cantava baixinho para si própria.
— Espere aí! — disse ele.
Ela estacou, não se voltou, limitou-se a ouvir a voz dele, já distante.
— Tem alguém lá na água! — gritava. — Afogando-se! Ela não conseguia mexer-se, ouviu o ruído dos pés dele,
correndo na areia.
— Espere aqui! — berrava ele. — Volto já! Tem alguém na água! Acho que é mulher!
— Deixe que os salva-vidas a apanhem!

- Não tem nenhum! Não estão trabalhando, é tarde! — e ele descia para a costa, o mar. as ondas.
- Volte aqui! — gritou ela. — Não há ninguém lá fora! Não vá. oh, não vá!

-7- Calma, não se preocupe, eu volto já! — gritou ele. — Ela está se afogando lá fora, você não vê?
O nevoeiro chegou, a nuvern desabou, urna luz branca e clara surgia nas ondas. Ele correu, e a mulher de roupa negra correu em seu encalço, tropeçando no lixo da praia à passagem, chorando, lágrimas escorrendo dos olhos.
— Não vá! — e estendia as mãos.
Ele saltou para uma onda escura que se lançava à praia.
A mulher na roupa negra esperou, sob a chuva.
Às seis horas o sol se pôs em algum lugar, por trás de nuvens negras. A chuva batia mansinho na água, em tamborilar distante.
Sob a superfície, um movimento de branco iluminante.
A forma macia, a espuma, os sargaços e algas, os fios longos de cabelo verde e estranho estavam na água rasa. Em meio à espuma, borbulhava e se desfazia. O cérebro dc coral bateu em uma pedrinha, cheio de pensamentos, que vinham com tanta rapidez como se iam. Homens. Frágeis. Como bonecos, quebravam-se. Nada, nada neles. Fira passar um minuto sob a água, e enjoavam, não prestavam atenção, vomitavam, esperneavam e depois, de súbito, ficavam imóveis, sem fazer coisa alguma. Sem fazer nada. em absoluto. Estranho... Desapontador, após todos os dias de espera.
O que fazer com ele, agora? A cabeça está pendida e balança, a boca se abre, nas pálpebras frouxas, os olhos fitam fixamente, a pele empalidece. Homem tolo, acorde! Acorde!
A água se movimentava em volta dele.
O homem estava mole, solto, a boca escancarada.
A fosforescência, as algas verdes de cabelo se retiraram.
Ele foi solto. Uma onda levou-o de volta à costa silenciosa. De volta à esposa, que o esperava ali, sob a chuva gelada.
A chuva caía pesadamente sobre as águas enegrecidas.
Ao longe, sob os céus plúmbeos, da costa crepuscular, uma mulher gritou, apavorada.
Ah — as poeiras antigas se movimentaram preguiçosamente na água — não é

coisa bem própria de uma mulher? Agora, ela também não o quer mais!
Às sete horas a chuva tombava em cortina espessa. Anoitecera, o frio era muito e os hotéis, ao comprido da costa marítima, haviam ligado os sistemas de aquecimento.

O MOTEL DA GALINHA INSPIRADA

Foi da Depressão Econômica, bem nas profundezas da alma vazia dessa Depressão em 1932, quando seguíamos rumo ao oeste do país no Buick 1928, que minha mãe, meu pai, meu irmão Skip e eu chegamos ao que, de ali diante, sempre chamamos de Motel da Galinha Inspirada.

Meu pai dizia que era um motel saído das Revelações Bíblicas. E a galinha estranha, naquele motel, não podia deixar de fazer as ditas Revelações, escritas nos ovos, assim como um grande fanático não consegue deixar de transtornar-se, falando de Deus, tempo e Eternidade, enquanto contorce os membros, procurando enunciar essas palavras.

Algumas criaturas são possuidoras de talentos inclinados deste modo ou daquele, mas as galinhas constituem o maior mistério animal e estúpido de todos. Principalmente as galinhas que pensam ou intuem mensagens riscadas em cálcio, com bela letra, nas cascas dos ovos dentro dos quais os pintainhos ainda estão dormindo.

Mal percebíamos, naquele prolongado outono de 1932, enquanto estourávamos pneus e arrebentávamos correias de ventilador, como se fossem ligas perdidas pelo caminho, na Estrada 66, que em algum lugar à frente, aquele motel e aquela galinha das mais singulares, estavam à nossa espera.

Enquanto seguíamos, nossa família era um ninho maravilhoso de amável desdém. Segurando os mapas, meu irmão e eu sabíamos que éramos muitíssimo mais espertos do que papai, ele sabia que era mais esperto do que mamãe; e esta sabia que podia reduzir a fanicos a cambada toda, a qualquer momento.

Isso significa a perfeição.

Quer dizer, qualquer família que alimente o devido desrespeito, um pelo outro, permanece unida. Enquanto houver algo pelo que lutar, as pessoas se apresentam às refeições. É perder isso e a família se desintegra.

ASSIM pulávamos para fora da cama, todos os dias, quase sem podermos esperar que estupidez alguém diria a respeito do bacon frito demais, e os ovos fritos de menos. A torrada estava escura ou clara demais. Havia geléia para uma pessoa, apenas. Ou era um sabor detestado por todos, em meio dos quatro. Era entregar-nos um apito de juiz, e não parávamos de apitar as infrações. Se papai afirmasse que continuava crescendo, Skip e

eu usávamos a fita métrica para provar que ele encolhera durante a noite. Isso é humanidade, natureza, família.

Como eu dizia, no entanto, estávamos vagando no Illinois, brigando por causa da mudança nas folhas, ao outono nas montanhas Ozark, onde havíamos cessado de brigar por mais de dez minutos, a fim de examinar aquelas cores maravilhosas. Depois, com patranhas e manobras, atravessamos o Kansas e o Oklahoma, chegando a uma terra muito vermelha, e saímos da estrada para um desvio, onde cada um de nos podia abençoar-se e culpar os demais pelos buracos, os letreiros mal pintados e a falta de freios em nosso velho Buick. Saindo da vala em que tínhamos caído, descarregamos os pertences e fomos para um bangalô que custava um dólar por noite, local que parecia tacaia de assassinos, atrás de um bosque e na orla de pedreira alta, onde nossos corpos poderiam ser achados anos depois, no fundo de um lago perdido, e ali passamos a noite contando a chuva que entrava pelas goteiras no telhado sem forro, e discutindo sobre quem tinha maior número de cobertores e estava surripiando os demais.

O dia seguinte foi melhor ainda. Saímos, soltando vapor, da chuva para o calor de 40 graus, que nos extraiu todo o vigor, a não ser por alguns tapas que papai deu em Skip, mas que vieram acertar em mim. Ao meio-dia havíamos suado além do ponto de desdém, e estávamo-nos ajustando a um período bastante refinado, ainda que esgotado, de insultos familiares, quando alcançamos a granja de galinhas perto de Amarillo, no Texas. Sentamo-nos, no mesmo instante. — Por quê?

Porque descobrimos que as galinhas são afastadas aos pontapés, do mesmo modo como as famílias fazem entre si, para que saiam da frente.

Vimos um velho largar o pé em um galo e sorrir, enquanto caminhava na direção do portão de carros. Todos nós sorrimos. Ele se inclinou na janela do carro para dizer que alugava quartos por cinqüenta cêntimos à noite, e o preço era baixo, porque o cheiro era alto.

Como papai se achava sem forças, e o homem imerso em uma poça de boa vontade, parecendo aquele lugar excelente para criar perdizes, circulou o boné de motorista e arrecadou cinqüenta cêntimos em moedas de valor maior e menor.

Nossas expectativas não foram desapontadas. O quarto pequeno que nos mostraram era uma beleza. Não só todas as molas do colchão vinham dar-nos injeções, onde quer que deitássemos, como todo o bangalô sofria de uma paralisia sempre manifesta. Os alicerces continuavam estremecendo, como a lembrar dos gritos de mil invasores bárbaros, que haviam gritado "madeira!"

Pelo cheiro que emanava dali, algumas criaturas notáveis deviam ter morrido no lugar. Havia o cheiro de falsa sinceridade e luxuria, aparentando serem amor. Um vento soprava entre as tábuas do chão, fedendo a galinhas por baixo do bangalô, e que passavam as noites correndo feito malucas, atacadas de diarréia causada por beberem o líquido da banheira, que vazava pelo falso linóleo oriental.
Fosse lá como fosse, depois de termos saído do sol e passado mal de boca, comendo o almoço feito de carne de porco fria e feijão com pão, preparado em margarina oleosa, meu irmão e eu descobrimos o regato próximo e deserto, e jogamos pedras um no outro, a fim de nos acalmar. Naquela noite, fomos à cidade e conseguimos uma colher engordurada, com a qual nos defendemos dos grilos que entravam no café para nadarem na sopa. Vimos um filme de gangster, de James Cagney, com. entrada barata, e saímos de volta para a granja da galinha satisfeitíssimos com toda a pancadaria e tiroteio da estória, esquecidos por completo da Grande Depressão Econômica.
Às onze horas daquela noite quente todos, no Texas, estavam sem dormir, por causa do calor. A senhoria, mulher fraquinha e cuja fotografia eu vira cm todos os jornais cinematográficos da região, reduzida a ossos, mas com uma espécie de frágil luz de velas no olhar, veio sentar-se e conversar conostu, comentando os dezoito milhões de desempregados do país e o que poderia acontecer em seguida, para onde íamos, e o que o ano seguinte nos traria.
Foi esse o primeiro descanso calmo do dia. Um vento frio veio do amanhã, tornando-nos inquietos.'Encarei meu irmão, este a mamãe, esta o papai, e éramos uma família, assim mesmo, e estávamos juntos naquela noite, indo a algum lugar.
— Bem... — começou papai, tirando o mapa rodoviário do bolso, desdobrando-o e mostrando àquela senhora onde ele fizera uma marcação em tinta vermelha, como se fosse um mapa do território de nossas quatro vidas, exatamente como íamos viver nos dias seguintes, como sobreviver, como dar um jeito, dormir tantas horas, comer tal quantidade e dormir sem qualquer espécie de garantia de que iríamos sonhar. — Amanhã — e ele tocou o mapa com o dedo manchado de nicotina — vamos estar no Tombstone. No dia seguinte, em Tucson. Vamos ficar em Tucson, procurando trabalho. Temos dinheiro bastante para duas semanas, se apertarmos o cinto. Se não houver trabalho, passamos a San Diego. Tenho um primo lá, na Inspetoria Alfandegária do cais. Calculamos uma semana em San Diego, três semanas em Los Angeles. Depois, estaremos com dinheiro apenas o bastante para irmos para casa no Illinois, onde podemos pedir pensão de desemprego ou, quem sabe, arranjar nosso emprego de volta na Companhia de Força e Luz, que me despediu faz seis meses.

— Percebo — disse a senhoria.
E percebia, mesmo, pois todos os oito milhões de desempregados haviam passado por aquela estrada, parado ali indo a algum lugar, qualquer lugar, lugar nenhum, e depois voltavam para o lugar nenhum, algum lugar, qualquer lugar no qual se haviam perdido logo de entrada e, sem serem necessários, tinham-se afastado.
— Que tipo de trabalho está procurando? — perguntou a senhoria.
E aquilo era uma piada. Ela sabia, já enquanto meu pai dizia. Ele pensou a respeito, e riu. Minha mãe riu, meu irmão e eu rimos. Rimos todos, juntos.
Era claro que ninguém perguntava que tipo de trabalho, a questão era, apenas, descobrir qualquer trabalho, trabalho sem nome, o trabalho de comprar gasolina e dar de comer às pessoas e, de vez em quando, comprar algum sorvete. Cinema era coisa para ser vista uma vez por mês, se tanto. Além disso, meu irmão e eu ficávamos por perto dos teatros, ou nas portas laterais, ou nos porões dos poços de orquestra, ou subindo escadas de incêndio, descendo aos galpões. Ninguém podia afastar-nos das sessões matutinas de sábado, com exceção de Adolph Menjou.
Paramos de rir, todos nós. Percebendo que chegara o momento adequado para determinado gesto, a senhoria pediu licença, saiu e voltou dentro de minutos. Trazia, então, duas pequenas caixas de papelão cinzento. O modo pelo qual as trouxera quase fazia parecer, de início, que trazia toda a fortuna da família, ou as cinzas de algum parente adorado. Sentou-se e colocou as duas caixinhas sobre o regaço coberto por avental por momentos prolongados, como a defendê-los. Aguardava, com o sentido inato de teatralidade que a maioria das pessoas aprende a adquirir, quando pequenos acontecimentos rápidos devem ser desacelerados, para que pareçam maiores.
E, por estranho que fosse, fomos contagiados pelo silêncio da mulher, pelo ar perdido em seu semblante. Era semblante no qual transparecia toda uma vida perdida. Era rosto no qual as crianças que não haviam nascido podiam chorar. Ou era rosto no qual as crianças, nascidas, haviam passado não para serem sepultadas na terra, mas na carne dela. Ou era rosto no qual as crianças, nascidas, crescidas, haviam partido para o mundo, sem jamais escreverem uma carta. Era rosto no qual sua vida e a vida do marido e da fazenda em que viviam esforçavam-se para sobreviver e, de alguma maneira, o conseguiam. O hálito divino ameaçava apagar-lhe o juízo, mas, de algum modo, com o espanto causado por sua própria sobrevivência, a alma dela continuava acesa.
E como um rosto assim, que registra tanta perda, ao descobrir algo a segurar e fitar, pode deixar de chamar a atenção?
A senhoria segurava, agora, as caixinhas, e abria a pequena tampa da primeira.

E dentro da primeira caixa...

- Ora — disse Skip — é só um ovo...
- Olhe melhor — pediu ela.

Todos nós olhamos mais de perto o ovo fresco e branco, colocado sobre uma pequena capa de algodão tirada do frasco de aspirina.

- Ei — disse Skip.
- Oh, pois é — murmurei. — Ei.

Isso porque, no centro do ovo, como se estivesse estalado, batido e formado pela natureza misteriosa, viam-se o crânio e os chifres de um touro de cornos compridos.
Era coisa tão bem feita e bela como se um ourives houvesse trabalhado naquele ovo, de algum modo mágico, a fim de levar o cálcio a formar as formas, obedientemente, modelando aquele crânio e chifres prodigiosos. Era, portanto, um ovo que qualquer garoto teria orgulhosamente colocado na corrente em volta do pescoço, ou levado à escola para que os amigos examinassem, boquiabertos e cheios de louvor.
— Este ovo — disse a senhoria — foi posto, com este desenho nele, faz exatamente três dias.
Nossos corações bateram uma ou duas vezes, abrimos as bocas para falar.
— Ele...
Ela fechou a caixa. E isso fechou-nos as bocas. Ela respirou fundo, entrecerrou os olhos, depois abriu a tampa da segunda caixinha.
Skip gritou:
— Aposto que sei o que... Ele teria adivinhado, mesmo.
Na segunda caixinha, à vista, estava um segundo ovo, branco e grande, sobre algodão.
— Vejam — disse a senhora, dona do motel e da granja de galinhas situada lá no meio do país, sob um céu que se estendia para o sempre e caía sobre o horizonte, indo a mais terra que prosseguia sem parar, também com o céu infinito por cima.
Todos nós nos inclinamos à frente, apertando os olhos.
Isso porque havia palavras escritas nesse ovo, em esboço de cálcio branco, como se o sistema nervoso da galinha acionado por estranhas conversas noturnas que só ela podia ouvir, houvesse escrito letras na casca, em inscrições bem nítidas.
E as palavras que vimos sobre o ovo eram as seguintes:

DESCANSEM EM PAZ.

A PROSPERIDADE ESTÁ PRÓXIMA

E, de súbito, o silêncio foi total.
Havíamos começado a fazer perguntas refentes ao primeiro ovo. Havíamos aberto as bocas para perguntar: "Como pode uma galinha, em suas entranhas pequenas, fazer marcas nas cascas de ovos?" Teria seu mecanismo interno sido manejado por influências externas? Teria Deus usado aquele animal pequenino e simples como manifestação, na qual exprimia formas, conformações, demonstrações, revelações?
Mas agora, tendo o segundo ovo diante de nós, nossas bocas permaneceram fechadas.

DESCANSEM EM PAZ.

A PROSPERIDADE ESTÁ PRÓXIMA

Papai não conseguia desviar o olhar. Tampouco qualquer um de
nós.
Nossos lábios se movimentaram, afinal, dizendo as palavras sem qualquer ruído.
Papai ergueu o olhar, fitando uma vez a senhoria. Ela retribuiu, com expressão tão calma, firme e sincera quanto as planícies eram compridas, quentes, vazias e secas. A luz de cinqüenta anos murchava e florescia ali. Ela não se queixava, nem explicava. Havia descoberto o ovo por baixo de uma galinha. Ali estava o ovo. Olhem para ele, dizia seu semblante. Leiam as palavras. E depois... por favor... leiam outra vez.
Limitávamo-nos a respirar, apenas.
Papai, afinal, voltou-se devagar e se afastou. Na porta de cortina com mosquiteiro, ele voltou-se e seus olhos piscavam com rapidez. Não levou a mão aos olhos, mas estes estavam úmidos, brilhantes e nervosos. Depois saiu pela porta e desceu os degraus, andando entre os bangalôs antigos, as mãos enfiadas nos bolsos.
Meu irmão e eu continuávamos fitando o ovo, quando a senhoria fechou a tampa, com cuidado, levantou-se e foi para a porta. Nós a acompanhamos em silêncio.
Lá fora, achamos papai em pé aos últimos raios de sol e primeiros da luz, ao lado da cerca de arame. Todos olhávamos as dez mil galinhas que seguiam de um lado para outro em marés, levadas ao pânico repentino por lufadas de vento, ou sobressaltadas por sombras das nuvens, por cachorros latindo na planície, ou um carro solitário que seguia sobre a estrada de alcatrão.
— Ali — disse a senhoria. — Lá está ela. Apontava para o mar de galináceos em

movimento.
Vimos milhares de galinhas a se movimentarem, ouvimos milhares de cacarejos que se erguiam de repente, e de repente desapareciam.
— Ali está a minha bichinha, o meu animal de estimação, estão vendo?
Mantinha a mão firme, movendo-a devagar para indicar determinada galinha em meio as dez mil. E em algum lugar, no meio de tantas aves...
— Ela não é uma beleza? — perguntou a senhoria. Olhei, coloquei-me na ponta dos pés, agucei bem a vista;
fitava aquilo transtornado.

- Lá! Acho que...! — gritou meu irmão.
- A branca — esclareceu a senhoria — com pintas amarelas.

Olhei para ela. Vi que tinha o rosto muito calmo e sereno. Ela conhecia a galinha. Sabia qual o aspecto de seu amor. Mesmo que não pudéssemos descobrir e ver, a galinha estava lá, como o mundo e o céu, um fato pequenino em muita coisa grande.
— Ali — disse meu irmão e parou, confuso. — Não, ali. Não, espere... logo ali!

- Sim — disse eu. — Estou vendo ele!
- Ela, seu burro!
- Ela! — corrigi.

E por momentos rápidos julguei ter visto uma galinha entre muitas, ave grandiosa, mais branca que as outras, mais gorda que o resto, mais feliz que as demais, mais rápida, mais animada e, de algum modo, caminhando altiva. Era como se o mar de criaturas se abrisse diante de nosso olhar bíblico para revelar-nos, sozinha em meio às sombras da lua e grama quente, uma só ave transfixada por instantes, antes que um latido final de cachorro e o disparo de um cano de escapamento, em automóvel que por ali passava, fizessem as aves entrar em pânico e se espalhassem. A galinha desaparecera.

- Vocês viram? — perguntou a senhoria, as mãos na cerca de arame, procurando seu amor perdido em meio a tantos galináceos.
- Sim — eu não pude perceber se o rosto de meu pai estava sério ou se ele ria sozinho. — Eu vi.

Ele e minha mãe voltaram para nosso bangalô.
Mas a senhoria, Skip e cu permanecemos na cerca sem dizermos coisa alguma, já sem apontar, por mais dez minutos, pelo menos.
Chegara, então, a hora de dormir.

Permaneci deitado e acordado, em companhia de Skip, pois recordava de todas as outras noites em que papai e mamãe conversavam, e gostávamos muito de ouvir a conversa deles, falando de coisas adultas e lugares adultos, a mamãe parecendo preocupada e o papai respondendo sempre, muito seguro, calmo e sossegado. Panela de Ouro, Ponta do Arco-Íris. Eu não acreditava naquilo. A Terra do Leite e do Mel. Eu não acreditava nisso. Havíamos viajado muito e visto demasiado, para que eu acreditasse... mas...

Um Dia Meu Navio Chegará...

Eu acreditava nisso.

Sempre que ouvia papai dizê-lo, as lágrimas vinham a meus olhos. Eu vira navios assim nas manhãs de verão do Lago Michigan, chegando de festivais do outro lado, cheios de gente alegre, confete ao ar, buzinas tocando, e no meu sonho pessoal, projetado na parede do dormitório inúmeras noites, ali estávamos no ancoradouro, mamãe, papai, Skip e eu! E um navio enorme, alvíssimo como a neve, chegando com milionários nos conveses de cima, jogando não confete, porém notas de dinheiro e moedas de ouro, em uma chuva estrepitosa, de modo que dançávamos para pegar aquilo, pulávamos, gritávamos, quando alguma moeda nos atingia, ou ríamos, quando passava algum maço de notas...

A mamãe perguntou, o papai respondeu. E naquela noite, Skip e eu fomos para o mesmo sonho, pondo-nos à espera na doca onde o navio ia encostar.

E naquela noite, agora, deitados na cama, depois de muito tempo, eu perguntei.

— Papai? O que quer dizer isso?

— O que quer dizer o quê — contrapôs ele, lá no escuro com mamãe.

— A mensagem no ovo. Ela fala do Navio? Ele virá logo? Seguiu-se um longo silêncio.

— Sim — disse ele. — É o que quer dizer. Vá dormir, Doug.

— Sim, senhor.

E, derramando lágrimas, voltei-me na cama.

Saímos de Amarillo às seis horas da manhã seguinte, a fim de escaparmos ao calor, e durante a primeira hora nada dissemos, porque não estávamos despertos; na segunda hora, nada dissemos, porque estávamos pensando na noite anterior. E foi quando o café que papai havia tomado finalmente começou a fazer-lhe efeito que disse:

— Dez mil.

Esperamos que prosseguisse, e foi o que fez, sacudindo a cabeça devagar.

— Dez mil galinhas burras. E uma delas, saída do nada, resolve mandar-nos uma mensagem.

— Papai — disse mamãe.

A voz dela, por sua inflexão, dizia: "Você não está acreditando, está?"

- Sim, papai — disse meu irmão, na mesma voz, com o mesmo ar leve de crítica.
- É uma coisa para pensar — disse papai, os olhos firmes na estrada, dirigindo com facilidade, as mãos no volante sem agarrarem com força, guiando nossa pequena jangada naquele deserto. Logo além do morro vinha outro morro, e depois desse outro...?

A mamãe examinou o semblante de papai, s não teve a coragem de lhe dizer o nome, como ia fazê-lo. Voltou a fitar a estrada e disse, de modo que quase não pudemos ouvir:
— Como era aquilo, mesmo?
Papai levou-nos para uma longa volta na estrada do deserto, rumo a White Sands, e depois pigarreou, viu um espaço entre as nuvens, enquanto continuava dirigindo - disse, recordando-se:
— Descansem em Paz. A Prosperidade Está Próxima. Deixei passar toda uma milha, antes de perguntar:

- Quando é que... bem... quanto vale, em dinheiro... um ovo como aquele, papai?
- Não existe preço humano em coisa assim — ele disse, sem me fitar, e continuava a dirigir rumo ao horizonte, continuava a marcha. — Rapaz, não se pode pôr preço em ovo como aquele, posto por uma galinha inspirada, no Motel da Galinha Inspirada. Vai passar muito tempo, mas assim é que vamos chamar aquele lugar. O Motel da Galinha Inspirada.

Prosseguíamos nossa marcha, a sessenta quilômetros horários, em meio ao calor e poeira do dia-depois-de-amanhã.
Meu irmão não me bateu, não bati nele, em sopapo cuidadoso e secreto, para que não nos vissem, até pouco antes do meio-dia, quando desembarcamos para molhar as flores ao lado da estrada.

COM OS VENTOS DE GETTYSBURG

Às oito e meia da noite ele ouviu o estampido forte, vindo do teatro ao lado do salão.
Descarga de motor, pensou. Uma arma.
Momentos depois, ouviu o grande tumulto de vozes que se erguiam e calavam, como oceano surpreendido por deslizamento de terra que o fez parar. Uma porta bateu com força. Som de gente correndo.
O porteiro irrompeu pela porta do gabinete, olhou com rapidez em volta, como se fosse cego, o rosto lívido, a boca buscando palavras que não vinham.

- Lincoln... Lincoln...

Bayes fitou o homem.

- O que tem Lincoln?
- Ele... ele levou um tiro.
- Boa piada. Agora...

— Tiro. Não compreendeu? Tiro. Levou, mesmo, um tiro. Pela segunda vez, um tiro!
O porteiro saiu, ainda escorando-se na parede. Bayes sentiu que algo crescia em si.
— Oh, pelo amor...
E logo estava correndo, passando pelo porteiro que, ao senti-lo passar, começou a correr também.
- Não, não — disse Bayes. — Não aconteceu. Não aconteceu, é impossível...
— Um tiro — disse o porteiro.
Quando fizeram a volta do corredor, as portas do teatro se escancaravam em explosão e uma multidão que se tornara verdadeira malta estava lá, aos gritos e berros, ou simplesmente aturdida, dizendo: "Onde está ele?” "Ali!" "É ele?" "Onde?" "Quem foi?" "Foi ele? “Ele" "Segurem o homem!" "Cuidado!" "Pare!"
Dois guardas surgiram, empurrando, puxando, abrindo caminho de qualquer maneira e, entre eles, vinha um homem que se esforçava por escapar aos corpos, as mãos que procuravam agarrá-lo, os punhos que se erguiam e procuravam atingi-lo. As pessoas puxavam, batiam, surravam, atingiam-no com embrulhos

ou frágeis sombrinhas, que se partiam como papagaios despedaçados pelo vento. As mulheres se voltavam, em círculos aturdidos, procurando os acompanhantes que se tinham perdido no tumulto, choramingando. Homens gritando, empurravam-nas para o lado, a fim de chegarem ao centro da coisa, batendo nas costas dos guardas e do homem, que agora encobria o rosto cortado, usando dedos ensangüentados.

— Oh, Deus, meu Deus! — e Bayes ali ficou estatelado, começando a acreditar. Examinou a cena, logo jogou-se à frente. — Por aqui! Lá para trás! Abram caminho! Saia daí! Por aqui!

De algum modo a multidão foi rompida, uma porta se abriu para que alguns passassem, depois fechou-se.

Lá fora, a malta esmurrava a porta, soltava ameaças e imprecações, maldições que os homens nunca tinham ouvido. Toda a estrutura do teatro estremecia com seus gritos, lamentos e proclamações de desgraça.

Bayes fitou por momentos prolongados as maçanetas sacudidas e retorcidas, a fechadura que estalejava, e depois foi ter com os guardas e o homem derreado entre eles.

Bayes, de repente, deu um pulo para trás, como se uma verdade ainda mais recente houvesse explodido ali, no corredor.

De modo vago, sentiu que o sapato esquerdo alcançava alguma coisa que girava, saltitando como um rato a perseguir sua própria cauda no atapetado por baixo dos bancos. Inclinou-se, então, para que a mão cegamente procurasse, vasculhasse e descobrisse a pistola ainda um pouco quente que, examinada, mas ainda inacreditada, enfiou no bolso do paletó, ao recuar pelo corredor. Transcorreu toda a metade de um minuto, até que se obrigasse a voltar-se e enfrentar o palco inevitável, e aquela figura no centro do mesmo.

Abraham Lincoln estava sentado na cadeira de costas altas e entalhadas, a cabeça inclinada para a frente, em posição pouco conhecida. Os olhos arregalados, fitava coisa nenhuma. As mãos grandes repousavam com suavidade nos braços da cadeira, como se pudesse a qualquer instante soerguer o peso, levantar-se e declarar que aquela triste emergência chegara ao fim.

Movendo-se como empurrado por corrente de água fria, Bayes subiu os degraus.

— Luzes, demônios! Queremos mais luz!

Em algum lugar, um técnico invisível lembrou-se da utilidade das chaves elétricas, um tipo de alvorecer cresceu naquele lugar sombrio.

Bayes, sobre a plataforma, circundou o ocupante da cadeira e estacou.

Sim. Lá estava. Um buraco de bala, na base do crânio, por trás da orelha esquerda.

— Sic semper tyrannis — murmurou uma voz, algures.
Bayes ergueu a cabeça.
O assassino, sentado agora na última fileira do teatro, de rosto para baixo, porém percebendo a preocupação de Bayes com Lincoln, falava com o chão, falava consigo mesmo:
— Sic...
Deteve-se no que dizia, pois houve um movimento de afronta acima dele. O punho cerrado de um dos guardas de segurança ergueu-se, como se o homem nada tivesse a ver com o mesmo. O punho, agindo sozinho, já descia para silenciar o assassino, quando. . .
— Pare! — exclamou Bayes.
O punho estacou no meio do ar, depois foi retirado e tratado pelo guarda, em mistura de raiva e frustração.
Nada, pensava Bayes, não acredito em nada disto. Não acredito nesse homem, nem nos guardas, nem... — e voltou-se para ver o buraco de bala no crânio do líder abatido.
No buraco, um filete lento de óleo de lubrificação começava a escorrer.
Da boca do Sr. Lincoln, uma exsudação semelhante e vagarosa de líquido descia pelo queixo e costeletas, caindo gota a gota sobre a gravata e camisa.
Bayes ajoelhou-se e auscultou o peito da figura ali sentada.
Muito leve, no interior, havia o zumbido e movimentar de engrenagens, rodas dentadas e circuitos ainda intactos, porém em mau funcionamento.
Por algum motivo, esse som o fez ficar em pé, alarmado.
— Phipps...!?
Os guardas piscaram, sem compreender. Bayes estalou os dedos.
— O Phipps vem aqui esta noite? Oh, meu Deus, ele não deve ver isto! Não o deixem chegar! Digam-lhes que ocorreu uma emergência, sim, uma emergência na fábrica de máquinas em Glendale! Andem!
Um dos guardas saiu apressadamente pela porta.
Enquanto o observava a correr, Bayes pensava: por favor, meu Deus, faça com que Phips fique em casa, não o deixe vir aqui...
Era estranho que, em momento assim, passasse diante dos olhos não a vida própria, mas as vidas alheias.
Para lembrar... aquele dia, cinco anos antes, quando Phipps pela primeira vez estendera sobre a mesa os planos, pinturas, aquarelas, e anunciara o Grande plano? E como todos haviam fitado os Planos, depois olhado para ele, perguntando em arquejo: Lincoln?
Sim! E Phipps desandara a rir, como um pai que acabara de sair da igreja, onde

uma visão alcandorada, doce e suave, em alguma Anunciação estranha, lhe prometera um filho dos mais singulares.
Lincoln. Isso mesmo. Lincoln que renascesse, era o que propunha.
E Phipps? Eles iam ao mesmo tempo engendrar e nutrir aquele filho-robô, um gigante fabuloso, sempre em funcionamento.
Não seria ótimo... se eles pudessem estar nos prados de Gettysburg, ouvindo, aprendendo, vendo, aguçando o fio de suas almas, e vivendo?
Bayes circundou a figura derreada na cadeira e, ao fazê-lo, contou os dias, lembrou-se dos anos.
Phipps, que propunha um brinde certa noite, como uma lente que simultaneamente proporciona a luz do passado e a iluminação do futuro:
— Sempre quis fazer um filme sobre Gettysburg e a grande multidão de lá, e bem longe, na orla dessa multidão numerosa, perdida, indolente e impaciente, um fazendeiro e o filho tentando muitíssimo ouvir, sem o conseguir, tentando apanhar as palavras trazidas pelo vento, vindas do orador de elevada estatura, lá no palanque distante, aquele homem magricelo, com chapéu de chaminé, eme agora o tira da cabeça, procura nele como em sua alma, tirando envelopes garatujados e começando a falar.
— E esse fazendeiro, a fim de tirar o filho do meio da multidão, ora essa, suspende o garoto e o faz sentar-se sobre seus ombros. E ali o menino, com nove anos de idade, um encargo frágil, tornar-se todo ouvidos para o homem que fala, mas esse homem realmente não pode ouvir, nem ver, mas apenas supõe que o Presidente esteja falando sobre um mar de pessoas presentes a Gettysburg, e a voz do Presidente é alta, torna-se clara agora, desaparece depois, recolhida e dispersa pela brisa e vento em disputa. Foram numerosos em demasia os oradores antes dele e a multidão, toda amarfanhada, todos desatentos, acotovela-se e o fazendeiro diz ao filho, que tem nos ombros, em um murmúrio ansioso: O quê? O que foi que ele disse? E o menino, baixando a cabeça, inclinando o ouvido para o vento, responde:

- "Oitenta e sete anos..."
- Sim?
- "... atrás, nossos pais trouxeram..."
- Sim, sim!?
- "... para este continente..."
- Hem?
- Continente! "uma nação nova, conhecida na liberdade e devotada à afirmação de que todos os homens são.
- E assim vai, o vento empurrando as palavras frágeis, o homem distante a

pronunciá-las, o fazendeiro sem se cansar do doce encargo do filho e este, obediente ouvindo, percebendo e repetindo tudo para baixo, em cochicho forte, o pai escutando os fragmentos interruptos e algumas partes faltando, outras por completo, mas tudo ótimo até o fim...

- "... do povo, pelo povo, para o povo, não desaparecerá da terra".

— O menino pára de cochichar.
— Acabou.

- E a multidão se dispersa, para todos os lados. E Gettysburg torna-se história.
- E por muito tempo o pai não consegue pôr no chão o seu tradutor do vento, mas o menino transformado, finalmente desce...

Bayes permanecia sentado, fitando Phipps. Este sorvia a bebida, repentinamente pesaroso por ter sido tão expansivo, e logo rosnava:
— Nunca farei esse filme. Mas farei isto!
E, nesse momento, ele apresentara e desdobrara os planos da Phipps Eveready Salem, Illinois, and Springfield Ghost Machine, o Lincoln mecânico, o sonho falante e de movimentos perfeitos, de borracha plástica, eletro-óleo-lubrificado.
Phipps e seu Lincoln, que renascera em pleno tamanho. Lincoln. Trazido vivo, do túmulo da tecnologia, padreado por um romântico, impelido pela necessidade, trazido à vida por pequenos relâmpagos, recebendo voz de um ator desconhecido, a ser colocado ali e viver para sempre, naquele recanto extremo do sudoeste da América antiga-nova! Phipps e Lincoln.
E houve o dia das primeiras gargalhadas incontroladas, que Phipps desprezou, dizendo com simplicidade:
— Nós precisamos, precisamos mesmo, estar presentes, receber os ventos de Gettysburg. É o único lugar onde se pode escutar.
E ele partilhara seu orgulho com os demais. A este ele dera armadura, àquele o crânio esplêndido, outro tinha de apanhar a voz do espírito e voz sonora, mas outros tinham de criar a pele preciosa, o cabelo, as impressões digitais. Sim, até o toque de Lincoln precisava ser apanhado emprestado, copiado, ser a mesma coisa!
A zombaria, então, era o modo como viviam.
Abe jamais falaria realmente, todos sabiam disso, nem se mexeria. Tudo viria a dar em uma conta de prejuízos, com seus impostos.
Mas os meses se estenderam a anos, seus gritos de hilaridade tornaram-se sorrisos de aceitação e risos espantados. Eram uma turma de meninos pertencentes a alguma sociedade mortuária furtiva, mas irritavelmente alegre,

que se reuniam à meia-noite em recantos de mármore, dispersando-se em meio aos túmulos quando chegava o amanhecer.

A Brigada de Ressurreição de Lincoln cresceu e prosperou. Em vez de um imbecil louco, uma dúzia de maníacos passou a examinar arquivos de jornais antiquíssimos e empoeirados, pedindo e depois furtando máscaras mortuárias, enterrando e depois escavando novos ossos de plástico.

Alguns percorreram os campos de batalha da Guerra Civil, na esperança de que a história, trazida por algum vento matutino, pudesse fazer drapejar os paletós, como se fossem bandeiras.

Alguns rondavam os campos de Salem, pintados de castanho pelo verão em despedida, farejando os ares, aguçando os ouvidos, alerta em busca da voz não-gravada de algum advogado magriça, aflitos por recolherem ecos, súplices em sua procura.

E ninguém se mostrara mais aflito ou orgulhosamente paternal na preocupação do que Phipps, até o mês em que o robô fora colocado sobre as mesas finais, para ser encaixado e receber os rolamentos, a caixa vocal colocada no lugar, as pálpebras de borracha abertas para ali serem colocados os olhos profundos e tristes que, espiando para fora, haviam visto demais. As orelhas generosas foram colocadas, para que ouvissem apenas o tempo perdido. As mãos, de dedos com nós grandes, foram postas, como pêndulos, a fim de calcular aquele tempo. E depois, sobre a nudez do homem alto, eles puseram trajes, abotoaram botões, endireitaram-lhe a gravata, em reunião de alfaiates, não, discípulos agora, em amanhecer resplandecente e glorioso de Páscoa, e depois nos morros de Jerusalém, prontos a rolarem a rocha para o lado e verem-no surgir, entre seus gritos.

E na última hora do último dia, Phipps os deixara fora da sala trancada, enquanto fazia os retoques finais na carne e espírito ali deitados, abrindo finalmente a porta e pedindo-lhes, não de modo literal, mas em algum sentido metafórico, para carregá-lo sobre os ombros pela última vez.

Em silêncio tinham observado enquanto Phipps conclamava, sobre o antigo campo de batalha mais além, dizendo que o túmulo não era o lugar dele; que se levantasse.

E Lincoln, das profundezas de seu túmulo fresco e marmóreo de Springfield, se virara no sono e sonhara despertar.

E se levantara.

E falara.

O telefone tocou.

Bayes teve um sobressalto.

As recordações se afastavam.
O telefone interno do teatro, na parede do palco distante, se fez ouvir.
Oh, meu Deus, pensou ele, e correu para tirá-lo do gancho.

- Bayes? Aqui é Phipps. O Buck.acabou de chamar e disse para tocar para aí! Disse alguma coisa acerca de Lincoln...
- Não — retorquiu Bayes. — Você sabe como é o Buck. Deve ter chamado do bar mais próximo. Estou aqui no teatro. Tudo corre muito bem. Um dos geradores deu trabalho. Acabamos de fazer os consertos...
- Ele está bem, então?

- Está ótimo — respondeu, e não conseguia desviar o olhar do corpo derreado. Oh, meu Deus. Oh, Deus! Absurdo.

- Eu... vou para aí.
- Não, não venha!
- Jesus, por que você está gritando?

Bayes mordeu a língua, respirou fundo, fechou os olhos para que não pudesse ver a coisa na cadeira e disse, devagar:
— Phipps, não estou gritando. Pronto. As luzes acabam de voltar. Não posso fazer o público esperar. Juro a você...

- Você está mentindo.
- Phipps!

Phipps, entretanto, tinha desligado.
Dez minutos, pensava Bayes, transtornado; oh, meu Deus, ele vai estar aqui em dez minutos. Dez minutos para que o homem que trouxe Lincoln, tirando-o do túmulo, esteja frente a frente ao homem que o mandou de volta...
Ele movimentou-se, então. Um impulso louco o levava a querer correr para o palco, verificar as fitas, ver que parte da criatura caída teria motivação, quais membros se movimentaram, quais ficariam parados — era mais loucura, ainda. Haveria tempo para isso, no dia seguinte.
Só restava tempo, agora, para o mistério.
E o mistério se achava fechado no homem sentado no terceiro banco, na última fileira do palco.
O assassino — era um assassino, não? O assassino, qual era o seu aspecto?
Ele lhe vira o rosto, alguns momentos antes, não vira? E não vira um rosto tirado de daguerreótipo antigo, desbotado e conhecido? O bigode, grande? Os olhos não eram escuros s arrogantes? Devagar, Bayes desceu do palco. Devagar,

seguiu pelo corredor e estacou, olhando aquele homem que tinha a cabeça baixa, protegida pelos dedos.
Bayes respirou e, devagar, fez a pergunta em duas palavras:
— Sr... Booth?
O homem estranho e distante enrijou o corpo, depois estremeceu e emitiu um murmúrio terrível:
— Sim...
Bayes esperou, depois teve a coragem de perguntar:
— Sr... John Wilkes Booth?
Ao ouvir isso, o assassino riu baixinho. A risada transformou-se depois em uma espécie de coaxar enrouquecido.
— Norman Llewellyn Booth. Apenas o último nome é... o mesmo.
Graças a Deus, pensou Bayes. Eu não teria agüentado, se fosse de outra maneira.
Bayes girou sobre os calcanhares e voltou pelo corredor, estacou e consultou o relógio. Não tinha tempo. Phipps já se achava na estrada. A qualquer momento estaria batendo à porta. Bayes falou com rigidez para a parede do teatro que tinha bem à frente:
— Por quê?
E foi um eco do grito apavorado de trezentas pessoas que haviam estado sentadas ali, menos de dez minutos antes, saltando de pavor ao estampido do disparo.

- Por quê!?
- Não sei! — gritou Booth.
- Mentiroso! — gritou Bayes, no mesmo alento e no mesmo instante.
- Oportunidade boa demais para deixar passar.
- O que?! — e Bayes voltava-se para olhá-lo.
- ... nada.
- Não se atreva a dizer isso de novo!
- Porque — disse Booth, a cabeça baixa, semi-oculta, ora clara, ora escura, entrando e saindo de emoções que percebia apenas à medida em que vinham, iam, subiam e esmaeciam, cm gargalhadas e depois silêncio. — Porque., é a verdade. — Espantado, ele murmurava, afagando as faces. — Fui eu.Eu fiz isso.
- Cachorro!

Bayes teve de continuar andando, dando a volta, descendo os corredores, fazendo círculos e com medo de parar, com medo de que avançasse, não parasse mais de bater naquele gênio estúpido, aquele assassino brilhante...

Booth percebeu-o e perguntou:

- O que está esperando? Acabe logo com isso.
- Eu não vou...! — e Bayes obrigou-se a não berrar, a ficar calmo e firme. — Eu não vou tornar-me assassino de um homem que matou outro, outro que não era verdadeiramente um homem, porém máquina. Já é bastante, disparar contra uma coisa que parece viva. Não vou levar algum juiz ou corpo de jurados a tentar uma lei para alguém que mata, porque um computador humanóide levou um tiro. Não vou repetir o seu ato de estupidez.
- Uma pena — declarou o homem chamado Booth e, ao dizê-lo, toda a animação desapareceu do rosto.
- Fale — ordenou Bayes, enquanto olhava a parede vazia, imaginando as estradas noturnas, Phipps de automóvel, e o tempo a se esgotar. — Você tem tinco minutos, talvez menos, talvez mais. Por que o fez, por quê? Comece em alguma parte. Comece com o fato de que você é um covarde.

Esperou, então. O guarda de segurança também aguardava, colocado atrás de Booth, inquieto e rangendo os sapatos.

- Covarde, sim — aceitou Booth. — Como sabia?
- Eu sei.
- Covarde — disse Booth. — Sou eu, mesmo. Sempre com medo. Escolha o que quiser. Coisas, gente, lugares. Com medo. Pessoas em quem queria bater, e nunca bati. Coisas que sempre desejei, nunca tive. Lugares onde queria ir, nunca fui. Sempre queria ser grande, famoso, por que não? Isso também não deu certo. Assim, pensei eu, se não pode encontrar alguma coisa com que se satisfazer, descubra algo com que se entristecer. Muitos modos existem para desfrutar a tristeza. Por quê? Quem sabe? Eu tinha que fazer alguma coisa horrível, e depois chorar pelo que havia feito. Assim, dá para sentir que realizava alguma coisa. E por isso saí para fazer uma coisa ruim.
- Conseguiu o seu intento.

Booth olhou para as mãos pendidas entre os joelhos, como se segurassem uma arma antiga, mas repentinamente lembrada e simples.

- Você já matou uma tartaruga?
- O que?
- Quando eu tinha dez anos de idade, tomei conhecimento da morte. Descobri

que a tartaruga, aquela coisa estúpida e parecida a uma pedra, ia viver muito mais do que eu. Calculei que se eu tinha de morrer, a tartaruga ia primeiro. Por isso, apanhei um tijolo e lhe bati nas costas, até quebrar-lhe a casca e ela morreu...

Bayes diminuiu os passos da caminhada incessante e disse:

- Pelo mesmo motivo, certa feita deixei que uma borboleta vivesse.
- Não — disse Booth, com rapidez, e aduziu: — Não, não foi o mesmo motivo. Uma borboleta pousou em minha mão. Ela abria e fechava as asas, descansava ali. Eu sabia que podia esmagá-la. Mas não a esmaguei porque sabia que em questão de dez minutos, ou uma hora, alguma ave a comeria. Por isso, deixei que voasse e fosse embora. Mas, as tartarugas?! Elas ficam sempre por ali, vivem para sempre. Por isso fui apanhar um tijolo e lamentei o que fiz, por meses seguidos. Talvez ainda esteja lamentando. Olhe... Suas mãos tremiam.
- E o que — perguntou Bayes — tem isso a ver com sua presença aqui, hoje?
- O que tem? O que! — gritou Booth, fitando Bayes como se este estivesse louco. — Você não escutou? Meu Deus, tenho inveja de qualquer coisa que funcione certo, qualquer coisa que seja perfeita, qualquer coisa que seja bonita, qualquer coisa que dure, seja lá o que for! Inveja!
- Você não pode ter inveja de máquinas.
- E por que não, inferno? — exclamou Booth, agarrado às costas do banco à frente e puxando-se devagar, para fitar a figura derreada, naquela cadeira de costas altas, no centro do palco. — As máquinas não são mais perfeitas, noventa e nove vezes em cem, do que a maioria das pessoas que conhecemos? Quero dizer, de verdade? Elas não fazem as coisas certas? Quantas pessoas você conhece que fazem as coisas certas, por um terço ou metade do tempo? Aquela coisa infernal lá em cima, aquela máquina, não apenas parece perfeita, mas fala e age de um modo perfeito. Além disso, é só mantê-la oleada, dar-lhe corda, e estará com aspecto, fala e movimentos certos, tudo grandioso, cem ou duzentos anos depois de eu estar morto! Inveja? Pode crer que tenho!
- Mas uma máquina não sabe o que é.
- Eu sei, eu sinto! — replicou Booth. — Estou fora dela, olhando para ela. Estou sempre fora de coisas assim. Nunca estive dentro delas. A máquina tem a coisa, eu não tenho. Ela foi feita para fazer um ou dois negócios isoladamente certos. Por mais que eu aprendesse, soubesse ou tentasse por toda a minha vida, o que quer que fizesse, jamais conseguiria ser tão

perfeito, tão bom, tão enlouquecedor, tão merecedor de destruição quanto essa coisa ali em cima, aquele homem, esse troço, essa criatura, esse presidente...

Estava agora em pé, berrando para o palco a trinta metros de distância.
Lincoln nada dizia. Óleo de máquina se juntava, brilhando, no assoalho por baixo da cadeira.
— Aquele presidente... — murmurou Booth, como se houvesse finalmente encontrado a verdade. — Aquele presidente. Sim. Lincoln. Você é presidente? Ele morreu, faz muito tempo. Não pode estar vivo. Simplesmente não pode. Não está certo. Cem anos atrás, e, no entanto, ali está ele. Levou um tiro uma vez, foi enterrado uma vez, mas ainda assim continua, sem parar. Amanhã, e depois de amanhã, e por todos os dias. Por isso, se ele se chama Lincoln e eu chamo Booth... eu tinha de vir...
Sua voz faltou, os olhos estavam vidrados.
— Sente-se — ordenou Bayes, com calma.
Booth sentou-se e Bayes fez sinal para o guarda que ali se encontrava.
— Espere lá fora, por favor.
Após a retirada do guarda, com a presença apenas de Booth, ele próprio e aquela coisa silenciosa, que esperava lá em cima, na cadeira, Bayes voltou-se devagar, afinal, e fitou o assassino. Media cuidadosamente as palavras e disse:

- Bom, mas não é o bastante. — O quê?
- Você não deu todos os motivos pelos quais veio aqui hoje.

— Dei, sim!
— Pensa que deu, apenas isso. Está querendo enganar a si próprio. Todos os românticos são assim. De um modo, ou de outro. Phipps, quando inventou essa máquina. Você, quando a destruiu. Mas tudo dá no seguinte... muito simples e muito claro, você adoraria ver o retrato nos jornais, não é mesmo?
Booth não respondeu, mas seu ombro, de modo imperceptível, alçou-se um pouco.
— Gostaria de ser visto nas capas de revistas de todo o país?
— Não.

- Ser apresentado na TV, sem gastar dinheiro?
- Não.
- Ser entrevistado no rádio?
- Não!
- Gostaria de ver julgamentos e advogados discutindo se um homem pode ser

julgado por assassinato em procuração...

- Não!
- ...isto é, atacar e disparar contra uma máquina humanóide...
- Não!

Booth arquejava depressa, os olhos dançavam, transtornados, e Bayes deu-lhe mais:
— É ótimo ter duzentos milhões de pessoas falando a seu respeito, amanhã de manhã, na semana seguinte, no mês que vem, no próximo ano!
Silêncio.
Mas surgiu um sorriso, como a mais leve gota de saliva, no canto da boca de Booth. Ele devi?, ter percebido, pois ergueu a mão para afastá-lo dali.
— Que beleza, vender sua estória verdadeira e pessoal aos editores internacionais, por uma boa bolada?
O suor escorria pelo rosto de Booth, coçava nas palmas das mãos.
— Quer que eu lhe dê resposta a todas essas perguntas que acabei de fazer? Quer? Quer mesmo? Bem — disse Bayes — a resposta é...
Alguém bateu em porta distante do teatro.
Bayes deu um salto, Booth voltou-se para olhar.
As batidas tornaram a ser ouvidas, mais altas desta vez.
— Bayes, deixe-me entrar, sou eu, o Phipps — uma voz gritava, lá fora, na escuridão da noite.
Ele esmurrou a porta, bateu com força , depois silenciou. Nesse silêncio, Booth e Bayes se entreolharam, como se fossem conspiradores.
— Deixe-me entrar, oh, meu Deus, deixe-me entrar!
Mais batidas, depois uma pausa e voltou o assalto insistente, os estrondos, novo silêncio, o homem lá fora ofegava, talvez desse a volta, procurando outra porta.
— Onde estava eu? — perguntou Bayes. — Não. Sim. A resposta a todas as perguntas que fiz? Você vai conseguir publicidade mundial na TV, rádio, cinema, revista, jornais,...?
Uma pausa.
— Não.
A boca de Booth abriu-se, mas ele permaneceu em silêncio.
— N — e Bayes soletrava — A... O.
Ele estendeu a mão, apanhou a carteira de Booth, tirou de lá todos os cartões de identidade e os embolsou, devolvendo a carteira vazia ao assassino.

- Não? — perguntou Booth, aturdido.
- Não, Sr. Booth. Nada de retratos, nada de TV em cadeia nacional. Nada de

revistas, nem comentários no jornal, nenhuma publicidade, nenhuma glória, nem fama. Sem graça, por completo. Nada de autocomiseração, nada de resignação. Nenhuma imortalidade. Nenhuma besteira sobre triunfar contra a desumanização do homem pelas máquinas. Martírio nenhum. Nenhum descanso contra sua própria mediocridade. Nenhum sofrimento esplêndido, nenhuma lágrima incontida. Nenhuma renúncia a possíveis futuros. Julgamento nenhum, nem advogados, não vai ter psicanalistas a cuidar de você este mês, este ano trinta anos, sessenta anos, noventa anos depois, nenhum relato que se espalhe, nenhum dinheiro, coisa nenhuma.

Booth se levantou como se uma corda o houvesse puxado para cima, estendendo-o em sua estatura, pálido por completo.

- Não compreendo. Eu...
- Deu-se a todo este trabalho? Sim. E eu estou arruinando o seu brinquedinho. Porque, quando tudo houver sido feito e dito, Sr. Booth, todos os motivos relacionados e todas as somas efetuadas, você será um nada, que nunca existiu. E vai ficar assim, narcisista, pequenino, mesquinho c podre. Você é um homem baixo e eu pretendo reduzir-lhe a estatura mais alguns centímetros por pancada, surra, em vez de promover seu crescimento, ajudá-lo a alcançar altura maior do que tem.
- Não pode! — gritou Booth.
- Oh, Sr. Booth — retorquiu Baycs, no mesmo instante, quase feliz —, posso, sim. Posso fazer qualquer coisa que quiser neste caso, c não desejo apresentar acusação alguma. Mais ainda, Sr. Booth, isso nunca acorreu.

As batidas voltaram, desta feita numa porta que dava para o palco.
— Bayes, pelo amor de Deus, deixe-me entrar! Sou eu, Phipps! Bayes! Bayes!
Booth fitava a porta que estremecia, estralejava, enquanto Bayes dizia com muita calma e naturalidade formidável:
— Espere um pouco.
Sabia que em questão de minutos essa calma ia acabar, algo se romperia, mas por enquanto havia aquela coisa esplendidamente serena que fazia; e devia terminá-la. A voz bem clara, dirigiu-se ao assassino e observou enquanto ele se reduzia, falou mais, notou que o homem encolhia sempre.

- Isso nunca aconteceu, Sr. Booth. Conte o que quiser, mas nós negaremos! Você nunca esteve aqui, não existiu arma, não foi disparado um tiro, não houve qualquer assassinato, nenhuma afronta, nenhum choque, pânico algum, nem qualquer multidão assistindo. Ora, sabe como está o seu rosto?

Por que vai para trás? Por que se senta? Por que treme tanto? É o desapontamento? Eu estraguei o seu brinquedinho? Ótimo! — e ele apontou para o corredor. — E agora, Sr. Booth, saia daqui.

- Você não pode...
- Sinto muito que tenha dito isso, Sr. Booth — e Bayes deu um passo macio à frente, estendeu os braços, agarrou a gravata do homem e, devagar, fê-lo ficar em pé, respirando bem em sua cara.

— Se você disser à sua mulher, qualquer amigo, empregador ou patrão, criança, homem, mulher, desconhecido, tio, tia, primo, se disser até mesmo a si próprio em voz alta, quando for dormir, alguma coisa a respeito do que fez, sabe o que vou lhe fazer, Sr. Booth? Se eu souber de um só cochicho, uma palavra, sairei à sua procura, eu o acompanharei por dez, cem ou duzentos dias, você nunca saberá em que dia, em que noite, e como e quando, mas de repente eu estarei lá, quando menos o esperar, e sabe o que vou fazer com você, Sr. Booth? Não direi agora, Sr. Booth, não posso dizer. Mas será horrível, horrível para você, e vai desejar nunca ter vindo a este mundo, de tão horrível que será.

O rosto pálido de Booth estremecia, a cabeça oscilava, os olhos se arregalavam, a boca aberta parecia a de alguém que caminha sob um aguaceiro.

- O que foi que eu disse, Sr. Booth? Repita!
- Você me mata?
- Diga de novo!

Ele sacudiu Booth, até que as palavras saíssem em meio aos dentes que batiam:

— Você me mata!

Bayes o segurava com força, sacudindo sempre o homem, com firmeza, sacudindo-o e amassando-lhe a camisa e a carne por baixo da camisa, fazendo surgir o pânico por baixo do tecido.

— Até logo, Sr. Ninguém, e nada de artigos nas revistas, nada de divertimentos e TV, nenhuma celebridade, um túmulo sem marca, e você não vai estar nos livros de história, não! Agora, dê o fora daqui, vá embora, vá correndo, antes que eu o mate.

Empurrou Booth e este correu, caiu, levantou-se e partiu em disparada rumo a uma porta do teatro que, naquele instante, estava sendo sacudida, esmurrada e batida, pelo lado de fora.

Lá se encontrava Phipps, chamando na escuridão.

— A outra porta — ordenou Bayes.

Ele apontou e Booth fez a volta, cambaleando em nova direção; em pé e

cambaleante ao lado de outra porta, estendeu a mão para fora...

— Espere — disse Bayes.

Ele atravessou o teatro e, tendo alcançado Booth, ergueu a mão aberta e atingiu Booth uma vez, com força,, uma bofetada estrondosa. O suor formou uma chuva no ar.

— Eu — disse Bayes — tinha de fazê-lo. Só uma vez. Olhou para a mão, depois se voltou e abriu a porta. Ambos
espiaram para um mundo de escuridão noturna, estrelas frias, sem multidão alguma.

Booth recuou, os olhos grandes e escuros de uma criança eternamente ferida e surpresa, com o aspecto do animal que disparara a arma em armadilha, e que continuaria sempre a se ferir, continuaria sempre disparando tiros contra si próprio.

— Vá — ordenou Bayes.

Booth partiu em carreira, a porta bateu com estrondo. Bayes encostou-se nela, respirando com força.

Na outra extremidade da arena, na outra porta trancada, as batidas, os murros, os gritos recomeçavam. Bayes fitou a porta distante, e estremecia. Era Phipps, mas Phipps teria de esperar. Agora...

O teatro era tão grande e vazio quanto Gettysburg, ao final do dia, tendo desaparecido os espectadores e após o pôr do sol. Onde estivera a multidão, e não mais estava, onde o Pai erguera o Filho sobre os ombros e onde o Filho falara e dissera as palavras também haviam desaparecido...

No palco, após momentos prolongados, ele estendeu a mão, os dedos roçaram o ombro de Lincoln.

Imbecil, pensava, em pé ali no crepúsculo. Não faça isso. Agora, não faça. Pare. Por que faz tudo isso? Seu tolo. Pare. Pare?

E descobriu, então, o que viera descobrir. Fez, naquele momento, o que devia fazer.

As lágrimas corriam pelo rosto.

Ele chorava. Os soluços avolumavam-se na garganta e boca. Não podia detê-los, não cessariam.

O Sr. Lincoln estava morto. O Sr. Lincoln estava morto! E Ele deixara o assassino escapar.

SIM, A GENTE SE ENCONTRA NA BEIRA DO RIO

Quando faltava um minuto para as nove, ele devia ter empurrado a estátua de madeira, representando um índio, colocando-a na escuridão da loja, posto a chave na fechadura. Esperou, entretanto, porque havia tantos homens perdidos, passando por ali, sem irem a qualquer lugar determinado, sem motivo para a andança. Alguns deles achegaram-se, examinando os charutos arrumados nas caixas marrons, depois erguendo o olhar, na surpresa repentina de descobrirem onde se achavam, disseram de modo evasivo:

- Boa noite, Charlie.
- Pois é — disse Charlie Moore.

Alguns dos homens partiram de mãos vazias, outros prosseguiram a marcha tendo um charuto barato e apagado na boca.
Eram, pois, nove e meia de uma noite de quarta-feira, quando Charlie Moore finalmente apanhou a estátua do índio, como se estivesse perturbando uma pessoa amiga c chateadíssimo por ter de fazê-lo. Com gentileza, levou o selvagem para onde a estátua se tornaria o vigia noturno. Nas sombras, o rosto entalhado fitava através da porta, cego e primitivo.
— Pois então, meu Chefe, o que está vendo?
Charlie olhou para onde a estátua fitava, silenciosamente, vendo a estrada que atravessava o próprio centro de suas vidas.
Em nuvens de gafanhotos, os automóveis vinham rugindo de Los Angeles. Com irritação, reduziam a velocidade a quarenta quilômetros horários, naquele ponto. Esgueiravam-se entre três dezenas de lojas, armazéns, e antigos estábulos que se haviam tornado postos de gasolina, até a extremidade setentrional da cidade. Ali os carros explodiam, voltando à velocidade acima de cem quilômetros, correndo como se fossem verdadeiras Fúrias sobre San Francisco, para ensinar-lhe um pouco de violência.
Charlie resmungou baixinho.
Passou um homem, viu-o de pé ao lado do amigo silencioso c feito de madeira, e perguntou:
— Última noite, hem? — e desapareceu.

Ultima noite.
Pronto, alguém se atrevera a dizer aquelas palavras.
Charlie girou sobre os calcanhares para apagar as luzes, fechar a porta e, na calçada, os olhos cabisbaixos,, ficou paralisado.
Como se estivesse hipnotizado, sentiu que o olhar voltava a erguer-se para a antiga estrada passando por ali, com ventos que tinham o cheiro de um bilhão de anos já idos. Grandes explosões de luz dos faróis chegavam, depois se afastavam com luzes vermelhas traseiras, como cardumes de pequenos peixes brilhantes que se adiantavam na esteira de tubarões e baleias, viajantes a esmo. As luzes se afastavam, perdendo-se nos morros escuros.
Charlie pôde desviar o olhar. Caminhou devagar por sua cidade, enquanto o relógio na loja dos Oddfellows dava o quarto de hora e marchava rumo às dez, e ele continuava andando, surpreso e depois sem surpresa, em ver como todas as lojas continuavam abertas, muito após a hora de fechamento, e em todas as portas havia um homem ou mulher, transfixiado, como ele e seu guerreiro índio haviam estado transfixiados por um futuro que era comentado e temido, chegado repentinamente Esta Noite.
Fred Ferguson, o taxidermista praticamente um parente da família de mochos e corujas, de veados assustados, que sempre estavam ali presentes em sua vitrine, parecia falar com o ar noturno, quando Charlie passou:
— Difícil acreditar, você não acha?
Não queria resposta, pois prosseguiu de imediato:
— Continuo achando... isto não pode ser. Amanhã, a estrada morta, e nós mortos, com ela.
— Ora, não vai ser tão ruim assim — disse Charlie. Ferguson dedicou-lhe um olhar cheio de espanto.
— Espere. Não foi você que berrou dois anos atrás, queria derrubar a lei com bombas, abater a tiros os empreiteiros de estrada, roubar as betoneiras e máquinas de terraplenagem, quando eles começaram a nova estrada a duzentos metros daqui? Que quer dizer agora, que não vai ser ruim? Vai ser, e você sabe muito bem!
— Eu sei — disse Charlie Moore, finalmente. Ferguson fitava a distância próxima, o ar pensativo.
— Duzentos meirinhos. Não é grande coisa, heim? Mas se a nossa cidade não tem mais de oitenta metros de largura, isso nos coloca a cento e cinqüenta metros da nova super-estrada. Cento e cinqüenta metros das pessoas que precisam de parafusos, porcas ou tinta para pintar a casa. Cento e cinqüenta metros de gaiatos que descem as montanhas com veados ou gatos bravos de todos os tipos, que

acabaram de matar, e precisam do trabalho do único empalhador desta região. Cento e cinqüenta metros das damas que precisam de aspirina... — e ele olhou para a farmácia. — Cortes de cabelo. — Olhava, agora, o poste característico, de faixa vermelha e branca, na vitrine mais abaixo. — E soda e refrigerantes. — Olhou, então, para a loja de bebidas. — Tudo, qualquer coisa.
Eles examinaram aquilo em silêncio, percorrendo as lojas, os armazéns, as portas comerciais, com o olhar.

- Talvez não seja tarde demais.
- Tarde, Charlie? Ora, bolas! O cimento já foi misturado, derramado, endureceu. Quando chegar o amanhecer, eles arrancam as barreiras nos dois lados da estrada nova. O governador talvez corte a fita, ao primeiro carro. E depois... talvez as pessoas se lembrem do Oak Lane na primeira semana. Na segunda, talvez já a terão esquecido. Lá está Oak Lane! Você se lembra? Cidade fantasma. Puxa! Desapareceu.

Charlie manteve silêncio por alguns segundos.

- Fred... o que você vai fazer?
- Vou ficar por algum tempo. Preparar algumas aves que os rapazes daqui trouxeram. Depois, toco a manícula da minha lata velha e entro também nessa nova super-estrada, sem ir para lugar nenhum, para qualquer lugar, e até logo para você, Charlie Moore.
- Boa noite, Fred. Espero que durma.
- O que? E vou perder a chegada do Ano Novo, o meio de julho...?

Charlie retomou a caminhada e a voz do outro ficou para trás; chegou à barbearia onde três homens, sentados, estavam sendo barbeados, do outro lado da vitrine. O tráfego da estrada antiga passava sobre eles, naquela superfície vítrea, em reflexos brilhantes. Pareciam afogar-se sob uma torrente de vagalumes imensos.
Charlie entrou, todos o olharam.
— Alguém tem uma idéia?

- É o progresso, Charlie — disse Frank Mariano, penteando e cortando. — O progresso é idéia que não pode ser detida com outra idéia. Vamos arrancar daqui esta cidade infernal, até a última tábua e prego, carregar até lá e pregá-la ao lado daquela estrada nova.
- No ano passado nós calculamos o custo. Quarenta e tantas lojas, na média de três mil dólares, para serem carregadas apenas duzentos metros para lá.

- E isso dá cabo do grande plano — murmurou alguém, o rosto por baixo da toalha quente, sepultado em fatos inescapáveis.

— Um bom furacão faria o trabalho, sem cobrar carreto. Todos eles riram baixinho.

- Deveríamos, todos, comemorar esta noite — disse o homem por baixo da toalha quente, sentando-se e revelando-se como Hank Summers. o merceeiro. — É tomar uns bons goles e ficar cogitando onde vamos estar nesta data, no próximo ano.
- Nós não lutamos o bastante — disse Charlie. — Quando a coisa começou, não nos juntamos.
- Ora, bolas — e Frank podou um pelo que vinha de dentro da orelha bem grande — quando o tempo marcha, não há um dia em que alguém não se machuque. Este mês, este ano, é nossa vez. Na próxima ocasião em que nós quisermos alguma coisa, outro vai ser pisado, tudo em nome desse tal negócio de Progresso e Trate-de-se-Mexer. Olhe uma coisa, Charlie, forme uma turma de vingança. Ponha minas naquela estrada nova, mas cuidado. Quando estiver atravessando a pista para colocar a bomba, com certeza vai ser atropelado por um caminhão cheio de esterco e rumando para Salinas.

Mais risadas, que logo desapareceram.

- Olhe — disse Hank Summers, e todos olharam, enquanto ele falava para sua própria imagem pontilhada de moscas, no espelho antigo, como se estivesse querendo convencer o gêmeo, ali refletido, de sua lógica. — Nós moramos aqui trinta anos, vocês, eu, nós todos. A gente não morre, em se mudar. Santo Deus, a gente se parece a uma árvore, só com raízes e um tronco enorme. Isso é diplomação. A escola das cacetadas está nos jogando para fora, sem qualquer "obrigado" ou "Deixe pra lá". Eu estou pronto. Bom, Charlic, e você?
- Eu, agora — declarou Frank Mariano. — Na manhã de segunda-feira, às seis horas, ponho minha barbearia cm um reboque e saio correndo atrás dos fregueses, a cento e trinta por hora!

Houve uma risada que parecia ser a última do dia, de modo que Charlie fez meia volta e em gesto soberbo e natural, voltou para a rua.
Ainda assim as lojas e armazéns continuavam abertos, as luzes acesas, as portas escancaradas, como se cada dono relutasse em ir para casa, enquanto aquele rio lá fora estivesse correndo e houvesse o grande

movimento, brilho, som de pessoas de metal c luz, em uma torrente à qual se tinham acostumado, a tal ponto que era difícil acreditar que o rio conhecesse uma seca.
Charlie permaneceu por ali, indo de uma loja a outra, tomando Coca-Cola no balcão de refrescos, comprando papéis de carta que não iria usar, sob o vento suave do ventilador que murmurava sozinho, no teto. Esgueirou-se como um criminoso comum, roubando visões. Parava nos becos onde, nas tardes dc sábado, os ciganos vendedores de gravatas ou os vendedores de artigos de cozinha abriam as suas malas de mercadoria, exibindo verdadeiros mundos para tapear os pedestres. E chegou finalmente à bomba de gasolina onde Pete Britz, enfiado no poço de óleo, consertava a parte inferior de um Ford 1947 inerme e silencioso.
Às dez da noite, como levadas por consentimento secreto, porém mútuo, todas as lojas apagaram as luzes, todos caminharam para casa, Charlie Moore entre eles.
Emparelhou com Hank Summers, cujo rosto continuava rosado, por causa da barba que não tinha precisado fazer. Caminharam em silêncio por algum tempo, passando por casas onde parecia que os habitantes estavam sentados na varanda, fumando ou fazendo tricô, balançando-se em cadeiras ou se abanando, como se fizesse um calorão.

Hank riu de repente, levado por algum pensamento. Alguns passos além, resolveu torná-lo conhecido:

"Sim, a gente se encontra no rio.
No rio, lá no rio.
Sim, a gente se encontra no rio.
Que passa perto do Trono de Deus".

Cantarolava aquilo e Charlie assentiu, reconhecendo.

- Primeira Igreja Batista, qiiai-.io eu tinha doze anos.
- O Senhor dá, e a Estrada cie Rodagem tira — disse Hank, secamente. — É engraçado. Nunca pensei no quanto uma cidade é às pessoas. Fazendo as coisas, quero dizer. Debaixo daquela toalha quente, estive pensando: o que este lugar é para mim? Barbeado, veio a resposta. Russ Newell batendo em um carburador, na Garagem da Coruja? Pois é. Allie Mae Simpson...

Engoliu em seco, tomado de embaraço.
— Allie Mae Simpson... Charlie fazia a contagem mentalmente... Allie Mae fixando cachos úmidos nos cabelos das velhotas, na janela de seu Salão Vogue... Toe Knight empilhando frascos de pílulas, nas caixas do empório farmacêutico... O estoque das ferragens estendido sob o sol quente do meio-dia, Clint Simpson no meio daquilo, passando as mãos por cima, selecionando os milhões de brilhos de latão, prata e ouro, todos os pregos, dobradiças, maçanetas, serras, martelos, o fio de cobre enrolado em bobinas, e pilhas de folhas de alumínio, como se fosse os artigos tirados dos bolsos de um milhar de garotos, durante mil verões passados... e então...
... havia também a sua loja, escura e acolhedora, marrom, aconchegante, crepuscular como o covil de um urso que fumasse... e a atmosfera espessa com o cheiro de variedades completas de charutos de diversos tamanhos, cigarros importados, rapé que esperava ser explodido no ar...
Era tirar tudo aquilo, pensava Charlie, e nada restava. As construções, evidentemente. Qualquer pessoa pode levantar uma estrutura ou casa, pintar o letreiro dizendo o que se passa por dentro dela. Mas eram as pessoas que faziam aqueia maldita coisa tuncionai.
Hank trouxe à superfície seus pensamentos prolongados.
— Acho que, neste momento, estou triste. Queria mandar todos de volta, abrindo as lojas, para ver o que pretendem. Por que não olhei com mais cuidado, por todos esses anos? Que inferno! O que deu em você, Hank Summers? Existe outra Oak Lane linha abaixo ou linha acima, e as pessoas por lá se ocupam, do mesmo modo que aqui. Onde quer que eu pare, da próxima vez vou examinar direitinho, juro por Deus. Adeus, Charlie.

- Ao diabo com o adeus.
- Está certo, então boa-noite.

E Hank desaparecera, Charlie estava em casa e Clara o aguardava, na porta de tela, com um copo de água gelada.

- Vamos sentar aqui fora um pouquinho?
- Como todos os outros? Por que não?

Sentaram-se na escuridão da varanda, na cadeira de balanço pendente de

corrente e ficaram a olhar o movimento na estrada, as idas e vindas, com as chegadas de faróis dianteiros e partidas de fogo vermelho raivoso, como brasas em braseiro imenso, espalhado pelos campos.
Charlie sorveu a água devagar e, enquanto bebia, pensava: nos dias de antes, não dava para ver as estradas morrerem. Sentia-se que elas desapareceriam devagar, sim, deitado de noite, talvez a gente percebesse um sinal, um movimento ou qualquer coisa servindo de aviso de que ela acabava. Mas eram precisos anos e mais anos para que uma estrada abandonasse seu fantasma empoeirado e outra entrasse em funcionamento. As coisas eram assim, chegavam devagar e iam-se devagar. Assim é que sempre foram.
Mas acabou. Agora, é uma questão de horas.
Ele fez uma pausa.
Descobria, em si próprio, algo novo.

- Não estou mais com raiva.
- Ótimo — disse a esposa.

Eles se balançaram por algum tempo, duas metades de conteúdo igual.

- Meu Deus, fiquei um bocado chateado por lá, algum tempo.
- Eu me lembro — disse ela.
- Mas agora estou achando que... bem... — e ele prosseguiu, falando mais para si próprio. — Milhões de automóveis passam por aí todos os anos. A gente gostando ou não, a estrada não tem tamanho bastante, estávamos empatando o mundo, aquela estrada velha e essa cidade velha. O mundo diz que precisa se movimentar. E por isso, com aquela estrada nova, não será um milhão, mas dois milhões que vão passar a pouca distância, indo para onde têm de ir, para fazerem coisas que acham importantes, não importa se são ou não; as pessoas acham que são importantes, e esse pensamento é que faz a brincadeira. Se a gente tivesse percebido a coisa que vinha, pensando por todos os lados, tomava uma marreta e amassava a cidade, e depois dizia a eles: "Passem por aqui" ao invés de levá-los a pôr a maldita estrada naquela faixa de lá. Assim, a cidade morre com dificuldade, estrangulada por um cordão de açougueiro, em vez de ser jogada de cima de um penhasco. Pois é, pois é. — Ele acendeu o cachimbo e levantou grandes nuvens de fumaça, nas quais podia

procurar os erros passados e as revelações atuais. — Já que somos humanos, acho que só podíamos fazer o que fizemos...

Ouviram o relógio da mercearia dar onze horas e o relógio dos Salões dos Oddfellows bater onze c meia, e às doze estavam deitados na cama, na escuridão, cada qual com toda uma quantidade de pensamentos pairando no ar.

- Diplomação.
- O que?

— Frank, o barbeiro, foi quem disse, e tem razão. Toda esta semana dá a impressão de ser os últimos dias da escola, faz muitos anos. Eu me lembro como fiquei com medo, estava pronto a chorar, e prometi a mim mesmo viver cada instante até o momento em que o diploma estivesse na minha mão, pois só Deus sabia o que o amanhã podia trazer. Desemprego, depressão econômica, a guerra. E depois o dia chegou, o amanhã finalmente apareceu e eu descobri que ainda estava vivo, por Deus, e continuava inteiro, as coisas recomeçavam, e tudo dando certo. Pois é, estamos em outra diplomação. O Frank disse, e não sou eu quem vai duvidar.

— Escute — disse a esposa, muito tempo depois. — Escute.

Na noite, o rio passava pela cidade, o rio dc metal tranqüilo, agora, mas continuava vindo e indo, com seus cheiros antigos de marés e mares escuros. O reluzir, no teto acima daquele leito que era um túmulo, tinha o brilho de pequenas embarcações subindo o rio e descendo, enquanto as pálpebras, vagarosa, muito vagarosamente, se fechava e a respiração assumia o som regular do movimento dessas marés... e depois adormeceram.

Com a primeira luz da madrugada, metade da cama estava vazia.

Clara sentou-se, e quase sentiu medo.

Não era coisa de Charlie, levantar-se tão cedo.

E logo algo a assustou. Ela permaneceu sentada e ouvindo, sem ter certeza do que a levara a tremer, assim de repente, mas antes que tivesse a oportunidade de descobrir, ouviu passos.

Eram passos que vinham de longe, passou bastante tempo até que subissem o caminho de acesso e os degraus, entrando na casa. Reinou, então, o silêncio. Ela ouviu que Charlie estava lá em pé, na sala de entrada, por momentos

prolongados, de modo que chamou:
— Charlie? Onde esteve?
Ele entrou no quarto à luz fraca do amanhecer e sentou-se no leito ao lado da esposa, pensando em onde estivera e o que fizera.
— Caminhei dois quilômetros pela costa e voltei. Fui até aquelas barreiras de madeira, onde começa a nova estrada. Calculei que era o mínimo que podia fazer, ser parte de toda essa coisa dos diabos.

- A estrada nova está aberta...?
- Aberta, e funcionando. Não dá para ver?

— Sim — e ela se levantou devagar na cama, inclinando a cabeça, fechando os olhos por momentos e ouvindo. — É isso, então? Ê o que me incomodava. A estrada antiga. Está realmente morta.
Eles ouviram o silêncio fora da casa, a estrada antiga que se envaziara, secara, tornara-se oca, como o fundo do rio em uma estação estreita de verões que nunca cessariam, que continuariam para sempre. A torrente de fato se movimentara e mudara de rumo, suas margens, o leito, durante a noite. Agora, tudo que se podia ouvir eram as árvores no vento soprando, fora da casa, e os pássaros começando a entoar seus coros de despertar, logo antes que o sol surgisse sobre os morros.
— Está quieto mesmo.
Voltaram a ouvir.
E lá distante, a uns duzentos e tantos metros além do prado, mais perto do mar, ouviram o som antigo, conhecido, porém menor de seu rio, que tomara outro rumo, fluindo e movimentando-se — jamais cessaria — por extensões de terras imensas para o norte, depois o sul, em meio à semi-claridade. E além do rio, o ruído da água verdadeira, o mar que poderia, quase, ter chamado o rio para fluir ao longo da costa...
Charlie Moore e esposa permaneceram sentados e sem se mover por mais alguns momentos, enquanto o som fraco do rio, atravessando os campos, continuava em movimento.
— Fred Ferguson chegou lá, antes do amanhecer — disse Charlie, em voz que fazia lembrar o Passado. — Um bolo de gente. Funcionários da rodovia, e tudo o mais. Todo mundo ajudou. Fred, esse foi chegando e agarrando uma das pontas. Eu peguei a outra. Retiramos uma das barricadas de madeira, nós dois juntos. Depois recuamos... e deixamos os carros passar.

CHAMADA NOTURNA, A COBRAR

Ele não conseguia recordar o que fazia o antigo poema percorrer-lhe a memoria, mas ele vinha assim:

Suponha, suponha depois, suponha ainda
Que os fios nos postes negros de Telefone
Guardassem os bilhões de palavras que ouviram
Cada noite, todas as noites, e guardassem o sentido
E significado de todas elas.

E parou. O que vinha depois? Ah, sim...

Depois, quebra-cabeças na noite,
Pusesse tudo junto e
Em fase filosófica
Tentasse formar palavras, como uma criança retardada.

Ele voltou a fazer uma pausa. Como terminar aquilo? Espere...

Assim, animal destituído de mente
Entesourando vogais e consoantes
Guarda um milagre de conselho ruim
E solta seu murmúrio filtrado,
Um só deles de cada vez.
E assim, uma noite, alguém escuta
A campainha tocar, apunha o Ione
E ouve uma Voz como o Espírito Santo.
Muito distante nas nebulosas
Aquele animal que vem no fio,
E que vem sibilando e saboreando
Descendo loucuras continentais de tempo.
Dis Hell (inferno) e O
E depois Hell-o

Ele respirou, e completou:

A tal Criação
Tal fera Elétrica, estúpida,
Qual é a sua resposta?

Ele continuava sentado, calado.

Ali estava, homem com oitenta anos de idade. Sentado em peça vazia de casa vazia, em rua vazia de cidade esvaziada, no vazio planeta Marte.
Sentado, como estivera sentado por cinqüenta anos, esperando.
Na mesa à frente havia um telefone que não tocava, fazia muito, muito tempo.
O aparelho tremia agora, com alguma preparação secreta. Talvez esse tremor houvesse cansado a recordação do poema...
Suas narinas retorceram-se, os olhos arregalaram-se.
O telefone estremeceu, com imensa suavidade. Ele se inclinou, fitando o aparelho.
O telefone... tocou.
Ele deu um salto para trás, a cadeira caiu ao chão. E ele gritou, gritou:
— Não!
O telefone voltou a tocar.
— Não!
Ele queria estender a mão, estendeu-a, derrubou aquilo da mesa. O telefone saiu do gancho, no momento exato do terceiro toque.
— Não... oh, não, não — ele disse baixinho, as mãos cobrindo o peito, a cabeça balançando, o telefone aos pés. — Não pode ser... não pode ser...
Afinal de contas, estava sozinho em uma peça de casa vazia, em cidade vazia, no planeta Marte, onde ninguém vivia, apenas ele, ele, que era o Rei do Morro Desolado...
Mesmo assim...
— ... Barton ...
Alguém o chamava pelo nome.
Não. Alguma coisa zumbia, fazia ruído de grilos e cigarras, em terras desérticas e distantes.
Barton? Ele pensava. Ora... ora, sou eu!
Não ouvira alguém dizer-lhe o nome, fazia tanto tempo, que se esquecera por completo. Ele não era dado a andar por ali, chamando-se pelo nome. Nunca...

- Barton — dizia o telefone. — Barton. Barton. Barton.
- Cala a boca!! — gritou.

Desferiu um pontapé no telefone e inclinou-se suando, ofegando, para recolocá-lo no gancho.
Assim que o havia feito, aquela coisa amaldiçoada voltou a tocar.
Dessa feita ele cerrou o punho para o aparelho, apertou-o, como se quisesse estrangular aquele som, mas afinal, vendo que a mão se tornava branca, de tanta força, afrouxou-a e apanhou o aparelho.
— Barton — disse uma voz distante, a um bilhão de milhas. Ele esperou que o coração batesse mais três vezes e disse, então:
— Aqui é Barton.

- Ora, ora — disse a voz, que estava agora a apenas um milhão de milhas de distância. — Você sabe quem está chamando?
- Meu Deus — disse o velho. — É a primeira chamada que recebo em metade de minha vida, e começamos a, fazer adivinhações.
- Desculpe. Foi estupidez minha. Está claro que você não reconheceria sua própria voz ao telefone. Ninguém reconhece. Todos estamos acostumados a ouvir nossa voz, transmitida pelos ossos da cabeça. Barton, aqui fala Barton.

— O quê?
— Quem você pensou que fosse? — disse a voz. — Um comandante de foguete? Achou que alguém tinha vindo salvar você?

- Não.
- Qual é a data?
- 20 de julho de 2097.

— Santo Deus. Cinqüenta anos! Você andou sentado todo esse tempo, esperando que um foguete viesse da Terra?
O velho assentiu.

- Ora, meu velho, você sabe quem sou?
- Sim — e ele respondeu, trêmulo. — Lembro-me. Somos um só. Eu sou Emil Burton e você é Emil Burton.
- Com uma diferença. Você está com oitenta, eu com apenas vinte anos de idade. Tenho toda a vida diante de mim!

O velho começou a rir, e logo se punha a chorar. Sentou-se, segurando o telefone entre os dedos como se fosse uma criança tola e perdida. A conversa era impossível e não devia ser continuada, mas ainda assim ele

prosseguiu. Quando pôde controlar-se, segurou o telefone bem perto e disse;

- Você aí! Escute. Meu Deus, se eu pudesse adverti-lo! Como posso? Você é apenas uma voz. Se eu pudesse mostrar-lhe como os anos são solitários! Acabe com isso, mate-se! Não espere! Se você soubesse o que é mudar, da coisa que você é, para a coisa que sou eu hoje, no dia de hoje, aqui, agora, deste lado...
- Impossível! — e a voz do jovem Barton ria, muito distante. — Não tenho meios de saber se você receberá esta chamada. Tudo isto é arranjo mecânico. Você está faiando com uma transcrição, nada mais. Eu me encontro em 2037. Sessenta anos em seu passado. Hoje, a guerra atômica começou na Terra. Todos os colonos foram chamados de volta de Marte, por foguete. Deixaram-no para trás!
- Eu recordo — murmurou o ancião.
- Sozinho em Marte — dizia a voz jovem, com risada. — Um mês, um ano. auem se importa? Existem livros, comida. Em meu_ tempo de folga, fiz biblioteca de transcrição de dez mil palavras; respostas, minha voz, ligada a relés telefônicos. Nos meses que vêm vou chamar, ter alguém com quem conversar.
- Sim.
- A sessenta anos de agora, minhas próprias fitas vão tocar e me chamar. Não creio que vá ficar todo esse tempo aqui em Marte, é só uma idéia irônica que me ocorreu, uma coisa para passar o tempo. É você mesmo, Barton? É você, realmente, eu próprio?

Lágrimas caíam dos olhos do velho.

- Sim.
- Eu fiz mais de mil Bartons, fitas, sensíveis a todas as perguntas, em mil cidades marcianas. Um exército de Bartons em Marte, enquanto espero que os foguetes regressem.
- Imbecil — e o velho sacudiu a cabeça, cansado. — Você esperou sessenta anos. Envelheceu esperando, sempre sozinho.

E agora você se tornou um, comigo, e continua sozinho, nas cidades vazias.

- Não conte com minha compreensão. Você é como um desconhecido, em outro país. Não posso ficar triste. Estou vivo, quando faço estas fitas. E

você está vivo, quando ouve. Nós dois, incompreensíveis um para o outro. Nenhum dos dois pode advertir o outro, embora os dois possam responder, um de modo automático, o outro com calor e de modo humano. Eu sou humano. Eu sou humano, agora. Você é humano depois. Uma loucura. Não posso chorar, porque sem conhecer o futuro só dá para ser otimista. Estas fitas ocultas só podem reagir a certo número de estímulos vindos de você. Dá para pedir a um homem morto que chore?

- Pare com isso! — gritou o velho, sentindo os acessos conhecidos da dor. O enjôo que percorria o corpo, o negrume na visão. — Oh, meu Deus, mas você não teve coração. Vá embora!
- Não tive, velho? Não tenho. Enquanto as fitas correm, enquanto os carretéis e olhos eletrônicos lerem, escolherem e converterem as palavras para lhe mandar, serei jovem e cruel. Continuarei a ser jovem e cruel, muito depois de você morrer. Adeus.

— Espere! — gritou o velho.
Clic.
Barton permaneceu sentado, segurando o telefone silencioso, por muito tempo. O coração lhe proporcionava dor intensa.
Que loucura foi aquilo! A juventude, como tinham sido tolos, inspirados, aqueles primeiros anos de isolamento, ajustando os cérebros telefônicos, as fitas e circuitos, programando as chamadas em relés de tempo.
O telefone tocou.
— Bom dia, Barton. Aqui fala Barton. Sete horas. Levante-se e mexa-se, homem!
Outra vez!
— Barton? É Borton chamando. Você deve ir à cidade de Marte ao meio-dia. Instale um cérebro telefônico. Achei melhor avisar, para que não se esquecesse.
— Obrigado.
A campainha!
— Barton, aqui é Barton. Quer almoçar comigo? Na Estalagem do Foguete?

- Certo.
- Até logo.

Brrrrinnnng!
— É você, B.? Tive vontade de chamar para animá-lo. Manda brasa, rapaz, s tudo o mais. O foguete de salvamento pode chegar amanhã, para nos tirar daqui.
— Sim, amanhã, amanhã, amanhã, amanhã.
Clic.

Mas os anos haviam se tornado fumaça. Barton silenciara os telefones insidiosos e sua contrapartida esperta, espertíssima. Só deveriam chamá-lo após completar oitenta anos, caso estivesse vivo. E hoje, o telefone tocando, o passado murmurejando em seu ouvido, cochichando, lembrando-se.
O telefone!
Deixou que tocasse.
Não tenho de atender, pensava.
A campainha!
Não há ninguém chamando, pensou.
Continuava a tocar!
É como falar consigo mesmo, pensou. Mas, diferente. Oh, céus, tão diferente!
Ele sentiu que as mãos suspendiam o telefone.

- Alô, velho Barton, aqui é o jovem Barton. Faço vinte e um anos de idade hoje! No ano passado, pus cérebros e vozes em duzentas outras cidades. Povoei Marte com Bartons!
- Sim — e o velho se lembrava de aquelas noites, sessenta anos antes, correndo sobre morros azuis e indo a vales de ferro, com um caminhão cheio de máquinas, assoviando, feliz. Outro telefone, outro relé. Era alguma coisa para fazer. Uma coisa inteligente, maravilhosa e triste. Vozes escondidas. Naqueles dias de juventude, quando a morte não era a morte, o tempo não era o tempo, a idade avançada um eco fraco da caverna funda dos anos que vinham pela frente. Aquele jovem idiota, aquele imbecil sádico, sem pensar que um dia poderia ter em mãos a colheita do que fazia.
- Ontem à noite — disse Barton, com vinte e um anos de idade —, estive sentado sozinho, em um cinema, em cidade vazia. Projetei um filme antigo do Gordo e Magro. Meu Deus, como ri!

— Sim.
— Tive uma idéia. Gravei, minha voz mil vezes, em uma fita, Tocada da cidade, perece-se a mil pessoas. Um barulho reconfortante, o barulho de multidão. Preparei de modo que as portas batem, crianças cantam, caixas de música tocam, tudo por meio de mecanismos de relógio. Se eu não olhar pela janela, ficar apenas escutando, vai tudo bem. Mas se eu olhar, a ilusão desaparece. Acho que estou ficando solitário. O velho disse:

- Foi seu primeiro sinal.
- De que?
- A primeira vez que você reconheceu estar sozinho.

— Experimentei também com os cheiros. Quando ando nas ruas vazias, o cheiro de bacon, ovos, presunto, filé, tudo vem das casas. E é tudo feito por máquinas ocultas.

- Loucura.
- Autoproteção!

— Estou cansado — disse o velho, de modo abrupto, e desligou. Era demais. O passado vinha afogá-lo...
Incerto sobre os pés, caminhou para as escadas da torre, rumo às ruas da cidade.
A cidade estava às escuras. Os letreiros luminosos e vermelhos já não ardiam, nem a música tocava, nem se sentiam cheiros de comida. Muito antes ele abandonara a fantasia e a mentira mecânica. Escute! Não são passadas? O cheiro! É torta de morango! Ele dera fim a tudo aquilo.
Foi para o canal, onde as estrelas brilhavam nas águas tremelicantes.
POR baixo das águas, em fileira após fileira, como se fossem peixes enferrujando, estavam os habitantes de Marte, robôs que ele construíra no correr dos anos e, em compreensão de sua própria insuficiência aloucada, mandara marchar, um, dois, três, quatro! entrando nas profundidades do canal, mergulhando, borbulhando como garrai as que afundavam. Ele os matara e não sentira remorso algum.
De longe, o telefone tocou, em cabana sem luz.
Ele continuou a andar. O telefone parou.
Noutra cabana à frente tocou a campainha, como se soubesse de sua passagem. Barton começou a correr. O toque do telefone ficou para trás. E logo era substituído pelo toque que vinha agora desta casa — ora naquela, ora aqui, acolá! Ele seguiu em frente, apressado. Outro telefone!

- Está bem! — berrou, esgotado. — Já vou!
- Olá, Barton.
- O que você quer?
- Estou sozinho. Só vivo quando falo. Por tsso, preciso falar. Você não pode calar-me para sempre.
- Deixe-me em paz! — disse o velho, horrorizado. — Oh, o meu coração!

— Aqui fala Barton, com vinte e quatro anos de idade. Dois outros anos se foram. Esperando. Um pouco mais sozinho. Li Guerra e Paz, bebi xerez, operei restaurantes, eu mesmo servindo de garçom, cozinheiro, artista de entretenimento. Esta noite, apareço num filme no Tivoli... Emil Barton, em Love's Labor Lost, desempenhando todos os papéis, alguns com perucas!

- Pare de me chamar... ou eu o mato!
- Você não pode matar-me. Antes, teria de me achar!
- Eu o acharei!

— Mas esqueceu onde me escondeu. Por toda a parte, caixas, casas, fios, torres, debaixo do chão! Vamos, experimente! O que vai chamar, depois? De telecídio? Suicídio? Com inveja, não é? Inveja de mim, aqui, com apenas vinte e quatro anos de idade, olhos brilhantes, forte e jovem. Muito bem, velho, é a guerra! A guerra entre nós. Entre eu! Todo um regimento de nós, todas as idades contra você, o verdadeiro. Vá em frente, declare a guerra!
— Eu o matarei!
Clic.
Silêncio.
Ele jogou o telefone pela janela.
No frio da meia-noite, o automóvel seguia por vales profundos. Aos pés de Barton, não chão, havia revólveres, carabinas, dinamite. O rugido do carro estrugia em seus ossos finos e cansados.
Eu os encontrarei, estava pensando, e os destruirei a todos. Oh, meu Deus, como pode fazer isto comigo?
Fez o carro parar. Sob as luas atrasadas, apresentava-se uma cidade estranha. Não soprava vento algum.
Ele empunhou a carabina nas mãos frias, olhou os postes, as torres, as caixas. Onde estaria escondida a voz dessa cidade? Naquela torre? Ou naquela, ali? Fazia tantos anos. Voltava a cabeça para cá, para lá, transtornado.
Ergueu a carabina.
Uma torre caiu, à primeira bala.
Todas elas, estava pensando. Todas as torres nesta cidade terão de ser destruídas. Eu esqueci. Faz tempo demais. O carro seguiu pela rua silenciosa. Um telefone tocou.
Ele olhou para a farmácia abandonada.
Um telefone.
De pistola em punho, abriu a fechadura da porta com um tiro, e entrou.
Clic.
— Olá, Barton! Só um aviso. Não procure destruir todas as torres e fazer tudo explodir. Desse modo estará cortando o próprio pescoço. Pense no assunto...
Clic.
Ele saiu da cabine telefónica devagar, passou à rua, pondo-se a escutar as torres que zumbiam bem elevadas no ar, vivas ainda, intactas. Olhou para elas e compreendeu, então.

Não podia destruir as torres. E se um foguete viesse da Terra, o que era idéia impossível, mas se viesse aquela noite, amanhã, na semana seguinte? E pousasse no outro lado do planeta, usasse os telefones para tentar chamar Barton, descobrindo que os circuitos estavam liquidados? Ele baixou a arma.
— Não vem foguete algum — afirmou baixinho para si próprio. — Estou velho. É tarde demais.
Mas, se viesse, e você nunca soubesse disso? — perguntou a si mesmo. Não, é preciso manter as linhas funcionando. Mais uma vez o telefone tocou.
Ele se voltou, emperrado. Regressou à farmácia e procurou o receptor.

- Olá? — era uma voz desconhecida.
- Por favor — disse o velho —, não me aborreça.
- Quem é, quem está falando? Quem está falando? Onde está você? — perguntou a voz, cheia de surpresa.
- Espere um pouco — o velho cambaleava. — Aqui é Emil Barton, quem está falando?
- Aqui é o Capitão Rockwell, Foguete Apollo 48. Acabei de chegar da Terra.
- Não, não. não.
- Está me ouvindo, Sr. Barton?
- Não, não, não pode ser.
- Onde está você?
- Mentira sua! — e o velho teve de inclinar-se na cabine, para não cair. Os olhos estavam cegos. — É você. Barton, brincando comigo, mentindo outra vez!
- Aqui fala o capitão Rockwell. Acabei de pousar em Nova Chicago. Onde esta você?
- Na Villa Verde — respondeu ele, em arquejo. — A oitocentos quilômetros de você.

— Escute. Barton, você pode vir aqui?
- O quê?
— Temos de fazer consertos no nosso foguete. Esgotamos com o vôo. Você pode ajudar?

- Sim, sim.
- Estamos no campo ao lado da cidade. Você pode vir amanhã?
- Sim, mas...
- E então?

O velho acariciou o telefone.

- Como vai a Terra? Como vai Nova York? A guerra acabou? Quem é o Presidente, agora? O que aconteceu?
- Haverá muito tempo para conversarmos, quando você chegar.
- Corre tudo bem?
- Otimamente.
- Graças a Deus! — exclamou o velho, ouvindo a voz distante. — Tem certeza de que é o Capitão Rockwell?
- Com os diabos, homem!
- Desculpe.

Ele desligou, e saiu correndo.

Havia chegado, após muitos anos, por inacreditável que fosse, sua própria gente que o levaria de volta aos mares e céus e montanhas da Terra.

Ligou o motor do carro. Dirigiria por toda a noite, e valeria a pena, a fim de ver pessoas, apertar as mãos, ouvi-los outra vez.

O carro seguia com rapidez pelos morros.

Aquela voz. O Capitão Rockwell. Não podia ser ele mesmo, quarenta anos antes. Jamais fizera uma gravação assim. Ou fizera? Num dos momentos de depressão, levado por descrença embriagada, não fizera uma fita falsa, de um ponto em Marte, a existência de um comandante sintético, tripulação imaginária? Sacudiu a cabeça selvagemente. Não. Estava sendo um imbecil desconfiado. Não era momento para duvidar. Tinha de correr com as luas de Marte, por toda a noite. Que festa iam fazer!

O sol nasceu. Ele estava imensamente cansado, cheio de espinhos e arranhões, o coração disparado, os dedos cansados ao volante, mas o que mais lhe agradara fora o pensamento de um último chamado telefônico: Alô, jovem Barton, aqui é o velho Barton. Parto hoje para a Terra! Fui salvo! E sorria de leve.

Chegou aos limites sombrios de Nova Chicago ao pôr do sol. Desembarcando do carro, ficou fitando a pista de foguetes, esfregando os olhos injetados.

O campo de foguetes estava vazio. Ninguém veio correndo ao seu encontro, ninguém lhe apertou a mão, gritou ou riu.

Sentiu que o coração disparava. Veio o negrume, a sensação de cair pelo céu adentro. Cambaleou para um escritório. Lá dentro, seis telefones enfileirados. Ele esperou, arquejando. Finalmente, a campainha.

Ele ergueu o receptor, que tanto pesava na mão. Uma voz dizia:

— Estive imaginando se você conseguiria chegar vivo. O velho não falou, mas ficou com o telefone nas mãos. A voz prosseguiu:

— Capitão Rockwell, apresentando-se para receber ordens. Quais são elas, meu

senhor?

- Você — gemeu o velho.
- Como vai o coração, meu velho?
- Não!
- Tinha de eliminá-lo de algum modo, para que eu pudesse viver, se você chama uma transcrição de algo vivo.
- Vou sair, agora — respondeu o velho. — Não me importa. Vou destruir tudo, até que vocês estejam todos mortos!
- Faltam-lhe as forças. Por que acha que o fiz viajar por tanta distância, tão depressa? Essa é sua última viagem!

O velho sentiu que o coração fraquejava. Jamais conseguiria chegar às outras cidades. Perdera a guerra. Foi ter a uma cadeira e emitia ruídos baixos e pesarosos, com a boca. Olhou para os outros cinco telefones. Como se esperassem o sinal, eles entraram em ação, em coro! Era um ninho de aves horrorosas, a berrar!
Receptores automáticos surgiram!
O escritório rodopiava.
— Barton, Barton, Barton!
Ele abafou um telefone com as mãos, abafou-o e ainda assim o aparelho ria dele. Bateu-lhe, deu-lhe um pontapé, enrolou o fio quente como serpentina nos dedos, rompeu-o. O aparelho caiu em volta dos pés cansados.
Destruiu três outros telefones. Voltou a reinar silêncio.
Era como seu corpo descobrisse, agora, algo que desde muito permanecera em segredo, e parecia afundar sobre os ossos cansados. A carne das pálpebras caía, como se fossem pétalas. A boca murchava, os lobos das orelhas eram cera que se derretia. Ele empurrou o peito com as mãos, caiu de costas para baixo. Ficou imóvel, a respiração parou, o coração também.
Depois de muito tempo, os dois telefones restantes tocaram. Em algum lugar, um relê entrou em cena. As duas vozes telefônicas foram ligadas uma à outra.

- Alô, Barton?
- Sim, Barton.
- Estou com vinte e quatro anos.
- Eu tenho vinte e seis. Os dois, somos jovens. O que aconteceu?
- Não sei. Escute.

A sala em silêncio, o velho que não se mexia no chão. O vento soprava pela janela partida, o ar era frio.

- Dê-me parabéns, Barton, estou completando meu vigésimo sexto aniversário!
- Parabéns!

As vozes cantavam, juntas, falando de aniversário, e a cantoria saiu pela janela, muito de leve, levissimamente, para a cidade morta.

EU CANTO O CORPO ELÉTRICO!

A vovó! Lembro-me de seu nascimento.
Espere, você vai dizer, ninguém pode lembrar-se do nascimento da própria avó.
Mas nós, nós sim, lembramo-nos do dia em que ela nasceu.
Isso porque nós, seus netos, é que a trouxemos à vida. Timothy, Agatha e eu, Tom, erguemos as mãos e as baixamos, com um estalo enorme! Juntamos os pedaços e fragmentos, partes e amostras, tessituras e gostos, humores e destilações que moveriam sua agulha de bússola rumo ao norte para nos acalmar, ao sul para aquecer e reconfortar, ao leste o oeste para viajar pelo mundo infinito, deslizar os olhos para nos conhecer, a, boca para nos adormecer à noite, mãos que nos tocavam e despertavam de manhã.
A vovó, oh, que belo e maravilhoso sonho elétrico...
Quando as tempestades de relâmpagos percorrem o céu, fazendo circuitos em meio das nuvens, o nome dela eclode em minha pálpebra interna. Às vezes ainda a ouço estalando e zumbindo, acima de nossas camas, na semi-escuridão dos quartos. Ela passa como um fantasma-relógio, nas paredes compridas da memória, como um cortiço de abelhas intelectuais enxameando à procura do Espírito dos Verões Perdidos. Às vezes ainda sinto o sorriso que aprendi com ela, impresso em minha face às três horas, na madrugada. ..
Está bem, está bem! — você dirá, como foi, esse dia em que sua vovó infernal, maravilhosa-temível-amorosa nasceu? Foi no dia em que o mundo acabou...
Nossa mãe morrera.
Ao final de certa tarde, um carro negro nos deixou, a papai e a nós três, abandonados, diante de nossa própria casa, olhando para a grama e pensando:
— Essa grama não é a nossa. Aí estão as bolas, os apetrechos para jogar, mas exatamente como os deixamos três dias antes, quando papai saiu cambaleando do gramado, chorando e trazendo a notícia. Lá estão os patins que pertenceram a um menino, eu mesmo, que nunca mais voltará a ser tão jovem assim.
E também víamos o velho balanço feito de pneumático, no carvalho antigo, mas Agatha tinha medo de balançar-se lá. Ia partir-se, com certeza. Ia cair.
E a casa? Oh, meu Deus...
Espiamos pela porta da frente, com medo dos ecos que poderíamos encontrar presos às paredes; o tipo de clamor que ocorre quando toda a mobília é retirada, e nada existe para aliviar a torrente de conversa que flui em qualquer casa, a

qualquer hora. E agora aquela peça principal de mobília encantadora, macia, acolhedora, tinha-se ido para sempre.

A porta se escancarou.

O silêncio saiu. Em algum lugar uma porta de porão se escancarou e o vento trouxe o cheiro de terra úmida de baixo da casa.

Mas, pensei, nós não temos um porão!

— Pois é — disse papai.

Nós não nos mexemos.

Tia Clara vinha pelo caminho de acesso, em sua grande Limusine cor de canário.

Saltamos, entramos porta adentro, corremos para nossos quartos.

Ouvimos que eles gritavam, depois falavam, voltavam a gritar e a falar: Deixe as crianças viverem comigo! dizia tia Clara. Eles preferem matar-se, disse papai.

Uma porta foi batida com força, a tia Clara havia ido embora.

Quase dançamos, mas logo nos lembramos do que havia acontecido, e descemos.

Papai estava sentado, sozinho, falando para si próprio ou para um fantasma residual de mamãe, deixado dos dias antes que ela adoecesse, mas agora espantado pela batida da porta. Ele murmurava, falando com as mãos, as palmas vazias das mãos:

— As crianças precisam de alguém. Eu as adoro, mas vamos examinar os fatos, preciso trabalhar para nos sustentar. Você as adora, Ann, mas foi embora. E a Clara? Impossível. Ela ama, porém sufoca. E isso de empregadas, governantes?...

E papai suspirou, e suspiramos com ele, lembrando-nos de tudo.

A sorte que havíamos tido com empregadas, professoras ou tomadoras-de-conta, morando conosco, ultrapassara o intolerável. Não surgiu uma só que agradasse. Pareciam-se mais a furacões e cortadeiras. Ou, de modo oposto, eram, todas, uma massa demasidamente macia. Nós, as crianças, éramos móveis invisíveis em que alguém se sentava, ou éramos espanados, mandados reformar em algum estofador quando viessem a primavera e o outono, e uma lavagem anual na praia.

— Estamos precisando — disse papai — de uma... Todos nós nos inclinamos para ouvir-lhe as palavras murmuradas.

— ...Vovó.

— Mas — retorquiu Timothy, com a lógica de seus nove anos de idade — as nossas avós já morreram.

— Sim, de um modo, mas não de outro.

Era algo belíssimo, mas cheio de mistério, o que papai dizia.

— Vejam — disse, afinal.

Entregou-nos um panfleto colorido e de folhas dobradas. Nós o tínhamos visto em suas mãos, de vez em quando, por muitas semanas e com grande freqüência naqueles últimos dias. Agora, com um piscar de nossos olhos, ao passarmos o papel de uma a outra mão, sabíamos por que razão a tia Clara, insultada, afrontada, saíra furiosa da casa.
Timothy foi o primeiro a ler em voz alta o que havia na primeira página:

- Eu Canto o Corpo Elétrico!

Olhou, então, para papai, duvidoso:

- Que negócio é esse?
- Continue lendo.

Agatha e eu olhamos em volta do aposento, ar culposo, receando que mamãe pudesse surgir de repente, encontrandonos ali com aquela blasfêmia, mas assentimos para Timothy, que prosseguiu:

- "Fanto..."
- Fantoccini — esclareceu papai.
- "Fantoccini Ltda. Nós Produzimos... a resposta e solução para todos os mais sérios problemas. Um Modelo Único, no qual mil vezes mil variações podem ser aduzidas, subtraídas, subdivididas, individididas, com a Liberdade e Justiça para todos".
- Onde é que diz isso tudo? — indagamos, em grito.
- Não diz — Timothy sorriu, pela primeira vez em muitos dias. — Mas eu tinha de acrescentar. Esperem — e ele prosseguiu lendo: — "Para vocês, que se preocupam com amas-secas desatentas, babás com quem não se pode deixar garrafas de bebida, e tias e tios de boas intenções...?
- Boas intenções, uma ova! — exclamou Agatha, e eu a secundei.
- "... aperfeiçoamos a primeira Avó Elétrica do gênero humanóide, mini-circuitos, recarregáveis, CA-CC, Mark V..."
- Avó!?

O papel escorregou, caiu ao chão.

- Papai...?
- Não olhem para mim, assim — pediu ele. — Estou quase doido de pensar, e quase doido, pensando no amanhã e no dia depois de amanhã. Alguém aí, apanhe o papel. Termine a leitura.
- Deixe comigo — disse eu, e li: — "O Brinquedo mais do que um

Brinquedo, a Avó Elétrica Fantoccini é construída com precisão amorosa, para proporcionar a precisão inacreditável dê amor a seus filhos. A criança à vontade com as realidades do mundo e com as realidades ainda maiores da imaginação, eis o objetivo dessa avó".

Tive de fazer uma pausa, para prosseguir depois:

- "Ela foi computadorizada para ensinar em doze línguas simultaneamente, é capaz de passar de uma língua à outra em milésimo de segundo sem parar, e tem o conhecimento completo das histórias religiosas, artísticas e sócio-políticas do mundo, implantadas em sua colmeia principal..."
- Que beleza! — exclamou Timothy. — Até parece que a gente vai criar abelhas! Abelhas educadas!
- Cale a boca! — ordenou Agatha.
- "Acima de tudo" — eu prossegui lendo — "esse ser humano, pois ela parece humana, essa incorporação em fac-símile eletro-inteligente das humanidades, ouvirá, saberá, dirá reagirá e amará os seus filhos na medida em que Objetos tão formidáveis, Brinquedos tão fantásticos, podem ser levados ao Amor, ou se possa imaginar que Cuidem de crianças. Esta Companheira Milagrosa, animada pelo desafio do mundo grande e pequeno, do Mar interno e do Universo Externo, transmitirá pelo tato, e verbalmente, os referidos Milagres aos seus Necessitados".

— Nossos Necessitados — murmurou Agatha.
Ora, todos nós pensamos, com tristeza, somos nós, oh sim, somos nós. Terminei:
— "Não vendemos nossa Criação a famílias completas, onde os pais existem para criar, guiar, modelar, modificar e amar os próprios filhos. Nada pode substituir esse papel no lar. Existem, entretanto, famílias nas quais a morte ou a falta de saúde, ou ainda o incapacitamento solapa o bem-estar dos filhos. Os orfanatos não parecem ser a solução. As babás e enfermeiras inclinam-se a serem egoístas, negligentes ao sofrimento de padecimentos nervosos".
Fiz nova pausa, prossegui em seguida, tomando fôlego:

- "Com a maior humanidade, portanto, e reconhecendo a necessidade de reconstruir, repensar e recriar nossas conceitualizações, a cada mês, a cada ano, oferecemos o que mais se aproxima ao Parentesco Sangüíneo Ideal, de Mestra-Amiga-Companheira. Um período de experiência pode ser efetuado para. . ."
- Pare — ordenou o papai. — Não prossiga. Nem eu agüento.
- Por quê? — indagou Timothy. — Eu estava começando a me interessar.

Dobrei o panfleto.

- Eles têm mesmo essas coisas?
- Não vamos falar mais no assunto — propôs papai, cobrindo os olhos com a mão. — Foi um pensamento louco...
- Não foi tão louco assim — observei, olhando para Tim. — Quer dizer, ora bolas, mesmo que eles quisessem, qualquer que fosse o robô que construíssem, não poderia ser pior do que a tia Clara, não é mesmo?

E foi quando todos explodimos em gargalhadas. Fazia meses que não ríamos. E. agora, minhas palavras simples haviam levado todos a gargalhar, "gritar, explodir. Abri a boca e berrei, também, cheio de felicidade.
Quando paramos de rir, examinamos o panfleto e eu disse, em indagação:

- E então?
- Eu... — Agatha fechou a cara, não estava pronta ainda.
- Estamos precisando muito de alguma coisa, não tenha dúvidas — observou Timothy.
- Eu tenho a mente aberta — declarei, no meu melhor estilo pontifical.
- Só há uma coisa — interveio Agatha. — Podemos experimentar, com certeza... Mas... digam-me uma coisa... quando é que acabamos com toda essa conversa, e quando é que a nossa mãe verdadeira vem para ficar?

Houve um só arquejo de toda a família como se, mediante um só tiro, ela nos houvesse atingido a todos, em pleno coração.
Acho que nenhum de nós parou de chorar, por todo o resto da noite.

Era dia claro e límpido. O helicóptero fazia com que balançássemos de leve, descendo em meio aos arranha-céus, e nos deixou, quase aos pulos e carreira, em cima do edifício onde as letras grandes podiam ser lidas do céu:
FANTOCCINI

- O que são os Fantoccini? — perguntou Agatha.
- É a palavra italiana para fantoches de sombra, acho eu, ou gente que se vê no sonho — explicou papai.
- Mas o que quer dizer sombras à frente?
- TENTAMOS ADIVINHAR O SEU SONHO — propus.

— Muito bem — disse papai. — Nota dez.
Quase explodi de satisfação.
O helicóptero jogou uma porção de sombras ruidosas sobre nós, e se afastou.

Descemos em elevador onde os estômagos também desciam. Saímos para um tapete móvel, que se estendia em um rio azul de lã, na direção de u'a mesa, sobre a qual havia diversos letreiros:

A RELOJOARIA
FANTOCCINI, NOSSA ESPECIALIDADE Coelhos nas paredes, não são problema

— Coelhos nas paredes?
Arrumei os dedos da mão, fazendo um pefil, como se estivesse diante de uma vela acesa, e sacudi as "orelhas".

- Aqui está um coelho, um lobo, um crocodilo.
- Naturalmente — concordou Agatha.

E chegamos à mesa. Música suave bailava em volta de nós. Em algum lugar atrás das paredes, havia uma cachoeira de máquinas, cascateando mansinho. Quando chegamos à mesa, a iluminação se modificou, para fazer-nos parecer mais aquecidos e mais felizes, embora continuássemos frios.
Em toda a volta, ao nosso redor, em nichos e vitrines, também pendurados no teto com fios e cordões, viam-se fantoches e marionetes, bonecas translúcidas balinesas, feitas de bambu que, ao luar, poderiam fazer acrobacias e, assim, representar nossos pesadelos e sonhos mais secretos. Ao passarmos, a brisa formada por nossos corpos acionou as diversas almas penduradas, como um linchamento imenso, em dias de férias, em alguma encruzilhada inglesa, quatrocentos anos antes.
Estão vendo como conheço a história?
Agatha piscou, olhando em volta, incrédula, e depois surgiu em seu rosto uma sombra de espanto, e por fim de desagrado.

- Bem, se é isso que eles são, vamos embora.
- Bobagens — disse o Papai.

— Bem — protestou ela —, você me deu uma dessas coisas bobas, com cordões, faz dois anos, e os cordões já tinham não sei quantos nós, na hora do jantar. Joguei o negócio fora, pela janela.
— Paciência — pediu o Papai.
— Veremos o que se pode fazer para eliminar os cordões. Era o homem, sentado à escrivaninha, quem falava. Todos nós nos voltamos, dedicando-lhe atenção. Parecendo-se bastante a um agente funerário, ele teve a esperteza de não sorrir. As crianças ficam de sobreaviso diante de pessoas mais idosas que sorriem

demais. Percebem logo a armadilha.
Sem sorrir, mas sem parecer sombrio ou pontifical, o homem apresentou-se:
— Guido Fantoccini, às suas ordens. Eis como fazemos a coisa, Srta. Agatha Simmons, de onze anos de idade.
Aquilo foi, realmente, magistral.
Ele sabia que Agatha tinha apenas dez anos. Era aumentar um, e já conseguira muita coisa. Agatha pareceu crescer um pouco, o homem prosseguiu:
— Pronto.
E colocou uma chave dourada na mão de Agatha.
— Para dar corda neles, em vez de movimentar cordões?

- Para dar corda neles — assentiu o homem.
- Ora, bolas! — exclamou Agatha.

Era sua forma educada de dizer "quanta besteira".
— É a verdade. Essa é a chave de sua Vovó Elétrica, do tipo Faça-Você-Mesmo, Escolha-Somente-o-Melhor. Todas as manhãs você dá corda nela. Todas as noites, solta a corda. Você fica encarregada, é quem vai guardar a Chave.
Apertou o objeto na palma da mão de minha irmã, onde esta o fitava, cheia de desconfiança.
Eu o observava e ele me dedicou um piscar de olhos que dizia: bem, não é assim..., mas as chaves não são divertidas?
Pisquei para ele de volta, antes que Agatha erguesse a cabeça.
— Onde é que ponho a chave?
— Você verá, chegado o momento. Talvez no meio do estômago dela, ou na narina esquerda, ou na orelha direita.
Com isso eu ri, enquanto o homem se levantava.
— Por aqui, façam o favor. Pisem de leve. Vamos subir à corrente que se movimenta. Caminhem sobre a água, por favor. Sim, isso mesmo.
Ele nos ajudou a flutuar. Saímos do tapete que, estava parado, passando a outro que desfilava por ali, murmurando.
Era um rio dos mais agradáveis, levando-nos em flutuação por uma extensão verde de tapetes que rolava sempre, passando por corredores e chegando a cavernas secretas e pouco iluminadas, onde vozes ecoavam a nossa própria respiração, ou cantavam como Oráculos, em resposta às perguntas que fazíamos.
—- Escutem — disse o vendedor. — São as vozes de todos os tipos de mulheres. Escolham com cuidado a que serve...!
Nós nos pusemos à escuta, ouvindo todas as vozes altas, baixas, suaves, estridentes, intermediárias, com tom de repreensão ou de afeição, guardadas

desde épocas em que não havíamos nascido.
Atrás de nós, Agatha caminhava para trás, sempre lutando contra o rio, nunca junto conosco, resistindo.

- Falem — disse o vendedor. — Gritem!

E nós falamos e gritamos.

- Alô! Você, aí! Aqui é o Timothy, olá!
- O que vou dizer? — gritei. — Socorro! Agatha caminhava para trás, a boca bem fechada. Papai tomou-a pela mão, ela gritou:

— Solte-me! Não, não! Não quero que usem minha voz! Não quero!
— Excelente — comentou o vendedor, tocando três mostradores em pequena máquina que tinha à mão.
Ao lado da pequenina máquina vimos três formas de oscilógrafo misturando-se, combinando-se, repetindo nossos gritos.
O vendedor tocou em outro mostrador e ouvimos nossas vozes voando em meio às cavernas deificas, pondo-se de cabeça para baixo, juntando-se, as palavras sacudidas para todos os lados, gritando, o vendedor tocou outro botão para aduzir, talvez, uma pitada disto, um pouquinho daquilo, um elemento de voz maternal, tudo isso desconhecido nosso, ou uma fatia da raiva de papai, quando lia o jornal da manhã, ou sua voz pacífica, após um gole, ao entardecer. O que quer que o vendedor tenha feito, murmúrio e cochichos dançavam em volta de nós, como moscas de vinagre frenéticas, luziam à lua-de-relâmpago, colocando-se até que, afinal, uma chave fosse fechada e uma voz falasse, livre, de grande distância e profundidade eletrônicas:
— Nefertite — disse a voz.
Timothy ficou paralisado. Eu, também. Agatha parou de pisar na água.
— Nefertite? — perguntou Timothy.

- O que quer dizer? — interpelou Agatha.
- Eu sei.

O vendedor fez sinal para que eu contasse.
— Nefertite — cochichei — é a palavra egípcia para A Bela Está Aqui.

- A Bela Está Aqui — repetiu Timothy.
- Nefer — disse Agatha — tite.

E nós todos nos voltamos para fitar aquele crepúsculo suave, aquele lugar

distante e profundo, do qual vinha a voz boa, suave e cálida.
Ela realmente estava por lá. E, a julgar pela voz, era uma beleza...

A coisa foi essa.
Foi, pelo menos, a maior parte.
A voz parecia mais importante do que todo o resto.
Não que deixássemos de discutir sobre os pesos e medidas:
Ela não devia ser ossuda para nos magoar, nem tão gorda que nela afundássemos, quando nos apertasse.
A mão que segurasse a nossa, ou afagasse nossa testa em meio das noites com febre, não devia ser fria como o mármore, temível ou quente como um forno, opressora, mas ficar em algum ponto intermediário. A temperatura formidável de um pintinho, seguro na mão, após o sono de uma noite prolongada e recém-tirado de baixo de uma galinha; isso, exatamente.
Ah, éramos exigentes, em matéria de detalhes. Debatemos, discutimos e gritamos, Timothy venceu no que tocava à cor dos olhos dela, por motivos que seriam conhecidos mais tarde.
O cabelo da vovó? Agatha, com idéias de menina, embora dadas com relutância, encarregou-se do assunto. Nós deixamos que ela escolhesse em meio a mais de mil amostras, penduradas em tapeçaria filamentares, como se fossem variedades de chuva, pela qual corríamos. Agatha não corria com muita satisfação, mas vendo que nós, os meninos, acabaríamos emaranhando tudo, ordenou que deixássemos a questão em suas mãos.
E assim é que a compra, efetuada nos estoques de preços baixos da Companhia Ben Franklin de Máquina de Tempestade Elétrica e Pantomina Fantoccini, foi efetuada.
E aquele rio sempre em movimento chegou a um fim, depois de pôr-nos, a todos, em uma costa distante, ao final do dia...
O pessoal da Fantoccini soube trabalhar com muita inteligência, depois disso. Como?
Fizeram-nos esperar.
Sabiam que não estávamos conquistados. Não de todo, nem mesmo pela metade.
Principalmente Agatha, que voltava o rosto para a parede e via tristeza ali, e estendia a mão repetidas vezes para tocá-la. Descobríamos as marcas de suas unhas no papel de parede, todas as manhãs, em pequenas silhuetas estranhas, metade beleza, metade pesadelo. Algumas podiam ser apagadas com um sopro, como flores de gelo em vidraça de inverno. Outras não podiam ser eliminadas com trapos, por mais que se esfregasse.
Enquanto isso, faziam-nos esperar.

Assim é que nos agitamos, atravessando junho.
Assim é que permanecemos sentados, atravessando julho.
Assim ficamos à espera pelo mês de agosto, e no dia 29, Timothy disse:
— Estou com um pressentimento — o que nos levou a todos, após o desjejum, a sentar no gramado.
Talvez houvéssemos farejado alguma coisa, na conversa de papai, travada na noite anterior, ou percebêssemos algum olhar furtivo e especial ao céu ou à estrada, por momentos apenas, logo desaparecendo. Talvez fosse simplesmente o modo pelo qual o vento fazia balançar as cortinas em nossas camas, trazendo mensagens pálidas por toda a noite.
Isso porque, de repente, lá estávamos no meio da grama, Timothy e eu, enquanto Agatha, fingindo que não sentia curiosidade, se colocara na varanda, oculta entre os vasos com gerânios.
Não lhe demos atenção. Sabíamos que se reconhecêssemos sua presença ela fugiria, de modo que ficamos sentados, olhando o céu onde nada se mexia, senão aves e aviões a jato, muito altos, observando a estrada, onde mil veículos poderiam, de súbito, entregar nosso Presente Especial..., mas... nada.
Ao meio-dia, mastigávamos folhas de grama, deitados...
A uma da tarde, Timothy piscou os olhos.
E então, com precisão inacreditável, a coisa aconteceu.
Era como se o pessoal da Fantoccini conhecesse a nossa tensão superficial.
Todas as crianças sabem andar em cima da água. Deslizamos sobre a camada superior da lagoa todos os dias, sempre ameaçando cair por ela, afundar, desaparecer por completo, em nós mesmos.
Era como se soubessem que nossa espera prolongada tinha, de qualquer modo, de terminar naquele instante, naquele segundo, e nada mais que isso!
Nesse instante, quero repetir, as nuvens acima de nossa casa abriram-se de lado a lado e por ali passou um helicóptero que se parecia a Apolo, dirigindo sua carruagem pelos céus mitológicos.
E a máquina-Apolo desceu em sua própria brisa de verão, empurrando ventos quentes para que esfriassem, misturando nossos cabelos, fazendo os olhos piscarem, comprimindo as pernas das calças nas canelas, fazendo os cabelos de Agatha, na varanda, uma verdadeira bandeira, e assim descendo como um hibisco frenético de nosso gramado, o helicóptero abriu por completo uma gaveta do fundo e depositou na relva um volume de bom tamanho; assim que o fez, o veículo, sem mesmo uma despedida, subiu verticalmente, perturbou o ar calmo com mais de mil floreios e em seguida, parecendo-se a um dervixe aéreo, inclinou-se e partiu para suas loucuras em algum outro lugar.

Timothy e eu ficamos cravados onde nos achávamos por longos momentos, fitando o volume ali deixado, e depois vimos o pé-de-cabra preso por uma fita na parte superior da tampa de pinho; nós o tomamos e começamos a arrancar, despregar, tirar as tábuas, uma por uma. Enquanto o fazíamos, vi que Agatha se aproximara furtivamente para olhar e pensei: graças a Deus, graças a Deus que Agatha nunca viu um caixão, quando a Mamãe foi embora, nenhuma caixa, nenhum cemitério, terra nenhuma, apenas ouviu as palavras em uma igreja enorme, sem ver uma caixa, uma caixa como aquela...! Retiramos a última táboa de pinho.
Timothy e eu arquejamos. Agatha, que agora se achava entre nós dois, arquejou também.
Isso porque, dentro do imenso envoltório de pinho, estava a coisa mais bela com que alguém já sonhara ou que alguém fizera.
Lá dentro estava o presente perfeito para qualquer criança de sete a setenta e sete anos.
Deixamos de respirar. E logo prorrompíamos em gritos de deleite e adoração.
Dentro da caixa aberta estava...
Uma múmia.
Ou, antes disso, o envoltório de uma múmia, o sarcófago!
— Oh, não! — e Timothy tinha os olhos marejados de satisfação.

- Não pode ser! — disse Agatha.
- É, é sim!
- Nosso, nosso mesmo?
- Nosso!
- Deve ser engano!
- É claro, vão querer apanhar de volta!
- Pois não podem!

— Deus, Deus, isso é ouro de verdade!? Hieróglifos verdadeiros? Passe só os dedos por cima!

- Deixe eu passar!
- Como nos museus! Nos museus!

Falávamos e tagarelávamos, todos ao mesmo tempo. Acho que algumas lágrimas caíram dos meus olhos, em chuva, sobre aquele envoltório.
— Oh, vai fazer a cor desbotar! Agatha enxugou a chuva de lágrimas.
E a máscara dourada, cobrindo o rosto da mulher, entalhada no sarcófago, olhava para nós, com a mais leve sombra de sorriso que concordava com nossa alegria,

aceitando a irrupção avassaladora de amor, que tínhamos achado perdida para sempre, mas que vinha agora à superfície e à luz do sol.
Não só ela possuía um rosto de metal solar, batido e modelado no mais puro ouro, com narinas delicadas s boca ao mesmo tempo firme e gentil, como seus olhos, fixos nas órbitas, eram cerúleos ou ametísticos, ou lápis-lazuli, ou todos os três, misturados e combinados; seu corpo estava coberto por leões, olhos e corvos, as mãos achavam-se cruzadas sobre o peito esculpido e em uma das luvas douradas segurava o chicote para impor obediência e, na outra, um ranúnculo fantástico, que cria a obediência pelo amor, do modo que o chicote não é utilizado...
E quando nosso olhar percorreu os hieróglifos, ocorreu aos três, no mesmo instante:

- Oh, esses sinais!
- Sim, esses pés de galinha!
- As aves, as cobras?
- Aquilo não narrava relatos do Passado.

Eram hieróglifos do Futuro.
E era a primeira múmia de rainha entregue, em qualquer época, cujos escritos papíricos esboçavam a vida do mês seguinte, da estação seguinte, do ano próximo, da vida próxima!
Ela não declarava o tempo passado.
Não, comemorava a cunhagem brilhante que ainda viria, esperando, pronta a ser utilizada.
Caímos de joelhos, para adorar aquela época possível.
Uma das mãos, primeiro, e logo a outra, começavam a sondar, retorcer, tocar, coçando por cima dos sinais.

- Essa aí sou eu, sim, oh! Eu, na sexta série — disse Agatha, que estava na quinta. — Estão vendo a menina com o cabelo da cor do meu, usando minha roupa cor de gengibre?
- Esse aqui sou eu, na décima-segunda série do ginásio! — exclamou Timothy, que era tão jovem, mas construía andas cada vez mais altas a cada semana, pondo-se a caminhar sobre elas no quintal.
- Esse aí sou eu — proclamei, calmo, satisfeito — na faculdade. O camarada com óculos, um pouco gorducho. Sou eu mesmo, ora bolas — e resmunguei. — Sou eu, sim.

O sarcófago anunciava invernos à frente, primaveras para esbanjar, outonos a

serem passados com todas as folhas douradas, enfurrujadas e acobreadas, como se fossem moedas e, acima de tudo, o seu brilhante símbolo solar, Filha-de-Ra, o rosto eterno, sempre acima de nosso horizonte, sempre uma iluminação para levar nossas sombras a objetivos melhores.

— Ei! — dissemos todos ao mesmo tempo, tendo lido e relido os escritos que anunciavam a nossa Sorte, vendo nossas linhas da vida e linha do amor, inadmissíveis, em serpentinas, dando voltas para cima e para baixo. — Ei!

E como se fosse em uma reunião espírita onde se suspende a mesa, sem dizermos um ao outro o que fazer, limitando-nos a fazê-lo, abrimos a tampa do sarcófago, que não tinha dobradiças, mas que se levantava de uma ponta a outra, colocando-a de lado.

Dentro do sarcófago, naturalmente, estava a múmia verdadeira!

Ela era como a imagem esculpida na tampa, mas ainda mais bela, mais tocante e comovente, porque tinha forma humana, envolta em ataduras novas de linho, por todo o corpo, em vez de faixas antigas e empoeiradas de tecido.

Sobre o rosto oculto havia uma máscara de ouro idêntica, mais jovem do que a primeira porém, mesmo assim, estranhamente mais sábia do que a primeira.

E as tiras de linho que lhe amarravam os membros ostentavam símbolos de três tipos, um destinado a uma menina de dez anos, outro ao menino de nove, outro ao menino de treze.

Uma série de ataduras, para todos nós!

Entreolhamo-nos, sobressaltados, e explodimos em uma gargalhada.

Ninguém teve o mau gosto de dizer a piada em voz alta, mas todos pensamos:

Ela está toda enrolada conosco!

E não nos importávamos. Tínhamos adorado aquela brincadeira. Adorávamos quem planejara nos tornar parte da cerimônia que agora executávamos, quando cada um tomou uma das fitas com o seu símbolo e começou a desenrolá-la, desdobrando aquelas serpentinas de substâncias deliciosas!

Logo o gramado exibia uma pilha de fitas de linho.

A mulher, por baixo da cobertura, lá estava deitada, esperando.

— Oh, não! — gritou Agatha. — Ela também está morta! Saiu correndo, mas eu a fiz parar.

— Sua idiota, ela não está morta nem viva. Cadê a sua chave?

— Chave?

— Pateta — disse Tim. — A chave que o homem lhe deu para dar corda nela!

A mão de Agatha já se enfiara pela blusa, onde estava pendurado o símbolo de uma possível religião nova. Ela a pusera ali, contra seus próprios resmungos de descrença, e agora a exibia na palma da mão suada.

— Vamos — disse Timothy —, introduza a chave no lugar!

— Mas, onde?

— Oh, pelo amor de Deus! Como o homem disse, na axila direita ou na orelha esquerda. Dá aqui!

Ele agarrou a chave a começou impulsivamente a gemer de impaciência, incapaz de encontrar o lugar onde enfiá-la, rondou a volta da cabeça daquela figura, seu peito, e finalmente, levado por instinto puro, talvez por brincadeira, quem sabe desistindo de toda aquela dificuldade, enfiou a chave num pedaço final de atadura, no umbigo.

Instantâneo: spunnng!

Os olhos da Vovó Elétrica se abriram!

Alguma coisa começou a zumbir e zunir. Era como se o Tim houvesse mexido em um ninho de marimbondos, com um pedaço de pau atrevido.

— Oh — arquejou Agatha, vendo que ele lhe tirara a primazia —, dê cá!

Ela torceu a chave.

As narinas da Vovó se mexeram! Ela podia soltar vapor, soltar rogo!

- Eu! — gritei, agarrei a chave e a torci bastante. A boca daquela bela mulher abriu-se.
- Eu!
- Eu!
- Eu!

A Vovó, de repente, sentou-se.

Demos um pulo para trás.

Sabíamos que, de certo modo, nós a tínhamos trazido à vida.

Ela nasceu, ela havia nascido!

Sua cabeça rodou em volta. Abriu a boca, fez que ia falar, mas a primeira coisa que fez foi: Gargalhar!

Se, no momento anterior, havíamos recuado, agora o som das risadas e gargalhadas nos atraíam, para olhar, como se fosse um poço onde guardam as pessoas doidas, juntamente com cobras para que passem bem.

Foi uma boa risada, calorosa, completa, e não fazia zombarias, apenas aceitava. Dizia que o mundo era um lugar estranho, inacreditável, absurdo se assim o quiséssemos proclamar, mas dando-se um balanço geral, um lugar e tanto.

Ela não quereria encontrar outro. Não pediria que a mandassem de volta ao sono.

Estava desperta, agora. Nós a tínhamos despertado. Com um grito de satisfação, ela topava tudo aquilo.

E saiu, saiu do sarcófago, saiu do lençol que a envolvia, adiantou-se, arrumando o corpo, procurando em volta, como se estivesse à cata de um espelho. E o achou.
Os reflexos em nossos olhos.
Ficou mais satisfeita do que desconcertada com o que viu, em nossos olhos. Sua risada passou a sorriso de divertimento.
Isso porque Agatha, no instante do nascimento, dera um salto e fora se esconder na varanda.
A Pessoa Elétrica fingiu não ter notado.
Voltou-se devagar para o gramado verde, perto da rua ensombrecida, espiando tudo aquilo com olhos novos, as narinas a se moverem como sc estivessem respirando o ar, aquele primeiro odor do Jardim Encantador, e sem a menor intenção de estragar a coisa, mordendo a maçã. . .
Seu olhar fixou-sc em meu irmão.

- Você deve ser...?
- Timothy. Tim — disse ele.
- E você deve ser...?
- Tom — asseverei.

Outra coisa inteligente, feita pelo pessoal da Companhia Fantoccini. Eles sabiam. Ela sabia. Mas haviam-lhe ensinado a fingir que não sabia. Desse modo, nós nos sentíamos muito bem, éramos os professores, dizendo a ela o que já sabia! Quanta astúcia, quanta sabedoria...
— E não há um outro menino? — disse a mulher.
— Menina! — gritou uma voz na varanda, cheia de desagrado.
— Que se chama Alicia...?
— Agatha! — a voz distante começou com humilhação, terminou com raiva.
— Algernon, naturalmente.

- Agatha! — e nossa irmã mostrou o rosto, e logo tornava a escondê-lo, para que não lhe víssemos o rubor.
- Agatha — repetiu a mulher, tocando a palavra com a devida afeição. — Pois bem, Agatha, Timothy, Thomas, quero olhar bem para vocês.
- Não — disse eu, disse Tim. — Deixe que a gente olhe para você. E...

Nossas vozes sumiram nas gargantas. Aproximamo-nos dela.
Caminhamos em grandes círculos lentos, em volta dela, a beira de seu território. E o território estendia-se até onde podíamos ouvir o zumbido da colmeia aquecida pelo verão. Pois era exatamente esse o som. Seu som característico. Ela

emitia um som que parecia uma estação do ano, sozinha, uma manhã no início de junho, quando o mundo desperta para descobrir tudo inteiramente perfeito, ótimo, sintonizado com delicadeza, tudo em equilíbrio, nada fora de proporções. Mesmo antes de se abrir os olhos, já se sabe que vai ser um dia assim. Era só dizer ao céu em que cor devia apresentar-se, ele o fazia. Era dizer ao sol como abrir caminho, em meio às folhas, para fazer faixas de escuridão e claridade no gramado úmido, e ele atendia. As abelhas foram as primeiras a despertar, já foram e vieram, vieram e foram outra vez aos campos e prados, e regressaram douradas no ar, cheias de pólen, as ombreiras carregadas, protegendo néctar. Você não ouviu quando passavam? pairavam? dançavam em sua língua? cantavam onde estão todas as doçuras os xaropes e seivas que fazem os ursos dançar e dormir, que levam os meninos a fazer careta, provando sucos de todos os tipos, que levam as meninas a pular das camas para verem, com o canto dos olhos, seus eus agolfinhados, nus e reduzindo no ar quente, parados para sempre em uma onda vítrea e eterna?

Era o que parecíamos ter, Tim e eu, com nossa amiga elétrica, naquele gramado, em meio de um dia especial.

E ela era algo a que nos víamos atraídos, puxados, encantados, dançando em torno, lembrando o que não podia ser lembrado, necessitados, percebendo-lhe as atenções.

Agatha continuava na varanda.

Mas sua cabeça surgia acima do corrimão, os olhos acompanhavam tudo quanto era dito e feito.

E o que dissemos e fizemos foi Tim, finalmente, extasiado, quem comentou:

— Ei... os seus olhos...

Os olhos dela. Os esplêndidos olhos dela.

Ainda mais esplêndidos que o lápis-lazuli na tampa do sarcófago e na máscara que lhe encobrira o rosto de ataduras. Aqueles olhos, os mais belos do mundo, fitavam-nos com calma, brilhantes.

- Os seus olhos — arquejou Tim — são como...
- Como o que?
- As minhas bolinhas de gude preferidas. . .
- O que podia ser melhor do que isso? — perguntou ela. E a resposta foi — nada.

Os olhos dela percorreram o ar brilhante para acariciar minhas orelhas, meu nariz, meu queixo.

- E você, senhor Tom?

- Eu?
- Como vamos ser amigos? Precisamos ser, você sabe, já que a gente vai estar aí pela casa, entra dia, sai dia, no próximo ano...
- Eu... — comecei, e parei.
- Você — disse a vovó — você é um cachorro com muita vontade de latir, mas com puxa-puxa nos dentes. Você já deu puxa-puxa a um cachorro? É tão triste e engraçado, ao mesmo tempo... Você ri, mas fica com raiva por estar rindo. Você grita, e corre para ajudar, e ri outra vez, quando ele quer latir.

Emiti um pequeno latido, lembrando-me de um cachorro, certo dia passado, e algum puxa-puxa que utilizara.
A Vovó voltou-se, e lá estava o meu papagaio velho, estendido no gramado. Logo diagnosticou o ocorrido.
— O cordão arrebentou. Não. O carretel está perdido. Você não pode fazer voar um papagaio desse jeito. Veja aqui.
Inclinou-se, não sabíamos o que poderia acontecer. Como poderia uma Vovó-robô empinar um papagaio para nós? Ela se ergueu, de papagaio na mão.
— Voe — ordenou, como se falasse a um pássaro. E o papagaio voou.
Quer dizer, com um grande floreio, ela o soltou no vento. E ela e o papagaio eram um só.
Isso porque, da ponta de seu indicador, saía um fio brilhante e estreito de teia de aranha, cabelo-de-anjo semi-invisível e que servia, como linha presa ao papagaio, para elevá-lo cinqüenta, não, duzentos, não, trezentos metros de altura, nas correntes de ar quentes do verão.
Timothy gritou. Agatha, indecisa entre vir e ir, gritou da varanda. E eu, com toda a minha madureza de treze anos, embora procurasse não dar a impressão de estar impressionado, tornei-me mais alto, mais alto, senti que um grito semelhante irrompia em meus pulmões, e irrompeu mesmo. Tagarelei e berrei muitas coisas, dizendo como gostaria de ter um dedo do qual, como uma bobina, pudesse varejar o céu, as nuvens, empinando assim um papagaio.
— Se você pensa que aquilo é muito — disse a Criatura Elétrica —, olhe agora!
Com um zumbido, apito, a linha se estendeu. O papagaio alçou-se à mais trezentos metros. E mais trezentos, até que não fosse mais do que u'a pequenina mancha de confete vermelho, dançando nos ventos que passavam a jato pelo mundo, ou modificavam as coisas na existência seguinte...

- Não pode ser! — gritei.
- Pois é — confirmou ela, olhando calmamente enquanto o dedo desenrolava

aquela substância impressionante. — Eu faço conforme preciso. Lá dentro é líquido, como uma aranha. Endurece quando chega ao ar, torna-se fio no mesmo instante.

E quando o papagaio não passava de um fragmento minúsculo, um pontinho quase sumindo na visão periférica dos deuses, para citar pessoas mais idosas e mais sabidas, a Vovó, sem se voltar, sem olhar, sem deixar que os olhos o fendessem, pelo simples fitar, disse:

- E, Abigail...?
- Agatha! — foi a resposta áspera.

Oh, mulher sábia, que sabia lidar com pequenas raivas surdas.
— Agatha — disse a Vovó, sem muita ternura, mas não de leve, entre as duas coisas —, e como é que nós vamos nos dar?
Ela rompeu o fio e o passou em volta de meu pulso três vezes, de modo que fiquei preso ao céu pela linha mais comprida de toda a história do mundo, no que tange a papagaios! Espere só, até eu poder mostrar aos amigos! pensava. Verdes! Vão ficar cor de maçãs ácidas, de tanta inveja!

- Agatha?
- Não tem jeito! — disse Agatha.
- Não tem jeito — repetiu um eco.
- Deve haver algum...
- Nunca seremos amigas! — proclamou Agatha.
- Nunca seremos amigas — repetiu o eco.

Timothy e eu nos sobressaltamos. De onde vinha esse eco? A própria Agatha, surpresa, exibiu as sobrancelhas acima do corrimão da varanda.
Foi quando olhamos e vimos.
A Vovó juntara as mãos, como se fosse uma concha do mar, e dentro dessa concha o eco se fazia ouvir.
— Nunca... amigas...
E novamente, de leve, esmaecendo:
— Amigas...
Todos nós nos inclinamos para ouvir aquilo.
Isto é, nós dois, os meninos, fomos ouvir.
— Não! — gritou Agatha.
Entrou correndo na casa, bateu com as portas.
— Amigas — disse o eco, nas mãos que formavam a concha de mar. — Nunca...

Assim foi o primeiro dia.

E seguiu-se o segundo, naturalmente, o terceiro e o quarto, a Vovó girando em grande círculo, nós seus planetas, girando em torno da luz central, Agatha devagar, muito devagar achegando-se, para caminhar conosco, embora não para correr em nossa companhia, escutar, se não ouvir, olhar, se não ver, coçar, se não tocar.
Mas ao final dos dez primeiros dias, pelo menos, Agatha já não fugia, mantinha-se as portas próximas ou sentava-se em cadeiras distantes por baixo das árvores, ou, se íamos a passeios, nos acompanhava a dez passos para trás.
E a Vovó? Limitava-se a esperar. Nunca tentou incitar ou forçar. Tratava de preparar a comida, fazer tortas de abricó, deixava alimentos descuidadamente aqui e acolá pela casa, em pratos-armadilhas para que meninas de narizinhos sensíveis farejassem e provassem. Uma hora depois, os pratos estavam vazios, os bolos ou rocamboles sumiam, pois Agatha os comia, às escondidas.
No tocante a Tim e a mim mesmo, estávamos sempre sendo chamados pela Vovó Elétrica a subir elevações, e lá chegados ela nos chamava para baixo, do outro lado.
O mais singular, belo e estranho, encantador também, era que ela parecia dedicar atenção completa a todos nós.
Ouvia, ouvia de verdade tudo quanto dizíamos, conhecia e lembrava-se de cada sílaba, palavra, frase, pontuação, pensamento e idéia, por mais estapafúrdia que fosse. Sabíamos que todos os nossos dias eram guardados nela, e que a qualquer momento que quiséssemos podíamos saber o que havíamos dito na hora X, no segundo X, na tarde X, era só determinar esse X e, em amistosa prontidão, na forma de uma árida musical se o desejássemos, cantava com bom humor, narrava o incidente X.
Às vezes éramos levados a pô-la à prova. Em meio à tagarelice de certo dia, quando tinha febre alta por motivo nenhum, estaquei. Olhei fixamente e exigi:

- O que acabei de dizer?
- Oh, bem...
- Vamos, diga o que foi!

— Acho — disse ela, procurando na bolsa. — Acho que está aqui.
Do fundo da bolsa, tirou e me entregou:

- Olha só! Um biscoito chinês, que diz a sorte!
- Quentinho, recém-feito, pode abrir.

Estava quase quente demais. Quebrei a casca do biscoito e tirei dali o papelzinho quente e dobrado, lendo:

— ...Campeão de bicicleta de todo o Oeste! O que acabei de dizer? Vamos, diga o que foi.

Quedei-me boquiaberto.

— Como foi que você fez isso?

— Nós temos nossos segredinhos. O único biscoito chinês que lê a sorte e prediz o Passado Imediato. Você quer outro?

Quebrei a segunda casca e li:

— "Como foi que você fez isso?"

Joguei os bilhetes e as cascas quentes na boca, mastigando enquanto caminhávamos.

— E então?

— Você é uma grande cozinheira — proclamei. Rindo, começamos a correr.

E ali estava outra coisa notável.

Ela sabia agüentar

Não ganhava corrida alguma, não nos ultrapassava, mas vinha bem ao lado, em boa forma, coisa com a qual um garoto não se importa. Uma menina ou mulher à frente dele, ou ao lado, é demasiado. Mas um ou dois passos para trás é coisa respeitosa, permitida.

Agora, entretanto, devo contar-lhes o melhor da Vovó.

Eu poderia ficar sem saber, se o Timothy não houvesse tirado alguns retratos e eu também, comparando-os então.

Quando vi as fotografias reveladas em nossas Brownies instantâneas, mandei que Agatha, contra a vontade, fosse fotografar a Vovó pela terceira vez, sem que esta o percebesse.

Apanhei, então, os três conjuntos de retratos, fui examiná-los sozinho, para poder pensar. Jamais contei a Timothy e Agatha o que descobri. Não queria estragar a coisa.

Mas quando pus os retratos um ao lado do outro, em meu quarto, eis que pensei e disse:

- A Vovó, em cada retrato, parece diferente!
- Diferente? — perguntei a mim mesmo.
- Claro. Espere um pouco, só um pouquinho... Voltei a arrumar as fotografias em nova disposição.

— Aqui está uma da Vovó, perto de Agatha. Nela, a Vovó se parece com... Agatha!

- E nesta aqui, ao lado de Timothy, ela se parece a Timothy!
- E nesta última, com os canecos! Correndo comigo, ela se parece comigo, feia feito quê!

Sentei-me, aturdido. Os retratos caíram ao chão.
Inclinei-me, para apanhá-los, rearumando-os, pondo-os de qualquer maneira, de lado e de cabeça para baixo. Pois é, puxa vida, outra vez!
Oh, aquela Vovó esperta!
Oh, aquela gente da Fantoccini, que sabia fazer gente...
Espertos como ninguém, humanos além do humano, vivos além do vivo, amor além do amor...
Sem palavras, levantei-me e desci, para encontrar Agatha e a Vovó no mesmo aposento, estudando lições de álgebra em comunhão quase pacífica. Pelo menos, não se notava uma guerra declarada. A Vovó continuava aguardando que Agatha se achegasse, e ninguém sabia em que dia, de qual ano, isso aconteceria, ou como fazer com que sucedesse mais depressa. Entrementes...
Quando entrei na sala, a Vovó se voltou. Observei-lhe o rosto devagar, ao me reconhecer. E não teria ocorrido a mais leve modificação de tintas, na cor daqueles olhos? A película fina de sangue, por baixo da pele translúcida, o líquido que punham a pulsar e bater nas formas humanóides, não vinha de repente tornar-se mais claro nas faces e boca? Eu sou um tanto corado. Não teria a Vovó corado um pouco, parecendo-se mais à minha cor, quando cheguei? E seus olhos Observando Agatha-Abigail-Algermon na álgebra, não tinham adotado a cor dela, o azul, em vez da minha, que é mais forte?
Mais importante ainda, nos momentos em que conversava comigo, dizendo "Boa-noite", e "Como vão seus deveres de casa, rapaz?" e coisas assim, os ossos de seu rosto não mudavam sutilmente por baixo da carne, a fim de adotarem outra conformação facial?
Porque a verdade está em que nossa família é de três tipos. Agatha tem os ossos compridos da meninazinha inglesa que crescerá para caçar raposas. O olhar eqüino do Papai, seus passos e conjunto geral de esqueleto. O crânio e os dentes são ingleses puros, ou tão puros quanto o permita a história mista da Ilha.
Timothy é outra coisa, tendo um toque de italiano pelo lado materno. O sobrenome de solteira de nossa mãe era Mariano, de modo que Tim possui aquele traço moreno a movimentá-lo, estrutura óssea pequena, olhos que um dia farão as mulheres derreter-se ao vê-lo.
Quanto a mim, sou eslavo, e só podemos calcular esse resultado com base na mãe paterna de meu avô, que veio de Viena e trouxe um conjunto de ossos

malares que se abriam, têmporas das quais se podia derramar vinho, e um tipo de nariz de estepe que cheirava mais a tártaro que outra coisa, oculto por trás do sobrenome da família.
Assim é que se tornava fascinante, para mim, observar e procurar pegar a Vovó, enquanto ela executava suas transformações, falando com Agatha e reduzindo os malares para afiná-lo, falando com Timothy e, tornando-se tão delicada quanto um corvo florentino a mordiscar o ar, falando comigo e fundindo as substâncias plásticas ocultas, de modo que eu achasse que Catarina a Grande se encontrava à minha frente.
O modo pelo qual o pessoal da Fantoccini conseguiu aquela transformação rara e sutil, jamais saberei, nem indagarei a respeito, nem terei o desejo de descobrir. Bastava que em cada movimento tranqüilo, voltando-se para cá, inclinando-se ali, fitando alguém, seus segmentos, partes secretas, a estrutura do nariz, o queixo escultural, o metal ou plástico ou cera sempre se aquecesse e sempre fosse suscetível às transformações amorosas. Era uma máscara, mas apenas o rosto para uma pessoa de cada vez. E assim, era atravessar um aposento, tendo tocado uma criança a caminho, por baixo da pele a tranformação maravilhosa prosseguia; e à altura em que chegasse à criança seguinte, ora essa, era a mãe verdadeira desta criança! a fitá-lo ou fitá-la, com tanta parecença parcial.
E quanto todos os três estávamos presentes, tagarelando ao mesmo tempo? Bem, nessas ocasiões as transformações eram milagrosamente suaves, pequenas e misteriosas. Nada tão formidável que pudesse ser percebido e notado, a não ser por este menino mais velho, ou mesmo, que, observando, me punha animado, cheio de admiração, em verdadeiro transe.
Nunca desejei estar por trás do cenário dos mágicos. Basta que a ilusão funcione. Basta que o amor seja o resultado químico. Basta que as faces alcancem aquela cor da felicidade, os olhos se iluminem, os braços se abram e nos acolham e segurem com suavidade...
Todos nós, isto é, com exceção de Agatha, que se recusava até o amargo fim.
— Agamemnon...
Já se tornara uma brincadeira cordial. A própria Agatha não se importava, mas fazia de conta que sim. Isso lhe conferia um sentido agradável de superioridade sobre a máquina que era alegadamente superior.
— Agamemnon! — rosnava ela. — Você é mesmo uma b...
—- Burra? — dizia a Vovó.

- Eu não diria tanto.
- Pense, então, minha cara Agonistes Agatha... Estou cheia de falhas, e nos nomes elas se revelam. O Tom, aqui, é Tim boa parte do tempo. O Timothy

se torna Tobias ou Timulty, muitas vezes...

Agatha riu. E isso levou a Vovó a cometer um de seus raros enganos. Ela estendeu a mão, para afagar de leve minha irmã. Agatha-Abigail-Alice se pôs em pé com um salto.
Agahta-Agamemnon-Alcibiades-Allegra- Alexandra- Allison retirou-se com rapidez para seu quarto.
— Desconfio — disse Timothy, mais tarde — que é porque ela começou a gostar da Vovó.

- Cáspite — disse eu.
- Onde é que você aprende palavras assim?
- A Vovó leu um pouco de Dickens, ontem à noite. "Cáspite". "Parvoíce". "Honfessa". "Demônios o levem" Você é bastante esperto, para a idade que tem, Tim.
- Esperto, uma ova. A coisa é bem clara, quanto mais Agatha gostar da Vovó, mais odiará a si própria por gostar dela, e fica com medo da coisa toda, por isso odeia Vovó ainda mais, no fim.

— Alguém pode amar alguém, a tal ponto que venha a odiá-lo?

- Você é burro, mesmo. Está claro que sim.
- Eu sei que a pessoa se arrisca. Acho que odiamos as pessoas quando elas fazem a gente sentir-se nu, quer dizer, um tanto na berlinda. É o jeito de tocar a coisa, naturalmente. Quer dizer, não se amam as pessoas, apenas, é preciso AMÁ-LAS, com pontos de exclamação.
- Você, também, é bem espertinho, para alguém tão estúpido — comentou Tim.
- Muito obrigado.

E fui observar a Vovó, que regressava devagar à sua batalha de inteligência e estratagemas com qual-é-o-nome-dela...
Que jantares tínhamos em casa! Que almoços, que desjejuns!
Era sempre alguma coisa nova, mas ainda assim parecia antiga e conhecida. Nunca éramos consultados, pois se alguém consultar crianças para saber o que querem, elas não sabem, e se você disser o que vai ser servido, elas rejeitam. Todos os pais sabem disso. É a guerra silenciosa que precisa ser ganha todos os dias. E a Vovó sabia como vencer, sem parecer triunfal.
— Aqui esta o Desjejum - Mistério Número Nove — dizia, colocando-o à nossa frente. — Coisa pavorosa, que nem vale a pena olhar, deu vontade de vomitar,

enquanto eu preparava!
Embora imaginando como um robô poderia enjoar e vomitar, era difícil esperar o momento até devorarmos tudo.
— Aqui está o Abominável Almoço Número Setenta e Sete — anunciava. — Feito de bolsas de plástico, cevada, chicletes usados, que apanhei no chão. Escovem os dentes depois, ou vão ficar com gosto desse veneno na boca por todo o resto do dia.
Disputávamos, cada qual querendo mais.
A própria Abigail-Agatha-Agamemnon se aproximava da mesa nessas ocasiões, enquanto papai adquiria o peso maior de que precisava, punha-se mais rosado nas faces.
Quando A. A. Agatha não vinha às refeições, estas eram deixadas à porta do quarto, com um crânio e tíbias em pequena bandeira enfiada em cima de maçã cozida. Ali a bandeja ficava e, um minuto depois, havia desaparecido.
E outras vezes Abigail A. Agatha beliscava a comida durante o jantar, tirando migalhas do prato e partia em vôo.
— Agatha — papai chamava.
— Não, espere — dizia a Vovó, baixinho. — Ela virá, vai sentar-se. Ê questão de tempo.
— O que há com ela? — perguntava eu.
— Pois é, pode crer que a menina é biruta — afirmava Timothy.

- Não, ela tem medo — explicava a Vovó.
- Medo de você? — perguntei, piscando.

— Não é tanto de mim, mas do que eu posso fazer — disse ela.
— Você não faria nada para magoá-la.
— Não, mas ela acha que sim. Temos que esperar que ela descubra que seus medos não têm razão. Se eu fracassar, bem, enfio-me no chuveiro e enferrujo devagar.
Ouvimos uma risadinha, Agatha estava escondida, na sala de entrada.
A Vovó terminou de servir a todos, e depois sentou-se do outro lado da mesa, diante de papai, fingindo comer. Nunca descobri e nunca perguntei, nunca quis saber o que ela fazia com a comida. Era uma feiticeira. O alimento desaparecia, só isso.
E enquanto desaparecia, papai, comentava:

- Esta comida. Já comi antes. Em um pequeno restaurante francês, perto de Les Deu Magots, cm Paris, faz vinte... oh, vinte e cinco anos! — e seus olhos marejavam, de repente.

- Como é que você consegue? — perguntava depois, afinal, baixando os talheres e fitando aquela criatura notável, do outro lado da mesa, aquele dispositivo, aquele aparelho, aquele o quê? aquela mulher?

A Vovó recebia seu olhar, o nosso também, e os retinha com simplicidade nas mãos vazias, como se fossem presentes, respondia com a mesma suavidade:

- A mim são dadas coisas, que dou então a vocês. Não sei o que dou, mas a doação continua. Você perguntou o que sou? Ora, uma máquina. Mas mesmo nesta resposta nós sabemos, não é mesmo? Mais do que uma máquina. Eu sou todas as pessoas que pensaram em mim, me planejaram, construíram, puseram-me em funcionamento. Por isso, eu sou gente. Eu sou todas as coisas que eles quiseram ser e talvez não pudessem, de modo que fizeram uma grande criança, um brinquedo maravilhoso para representar essas coisas.
- É estranho — comentou papai. — Quando eu crescia, havia um grande grito contra as máquinas. As máquinas eram más, coisas ruins, podiam desumanizar...
- Algumas máquinas fazem isso, sim. Está tudo no modo como as constroem. Está tudo no modo como são usadas. Uma armadilha para urso é máquina simples que pega, segura e rasga. Uma carabina é máquina que fere e mata. Bem, eu não sou armadilha para ursos, não sou carabina. Sou uma máquina-vovó, o que significa mais do que uma máquina.
- Como você pode ser mais do que parece?
- Ninguém é tão grande quanto a idéia que faz de si mesmo. Segue-se, portanto, que qualquer máquina incorporando uma idéia é maior do que o homem que a fez. E o que há demais nisso?
- Eu fiquei perdido, lá atrás — disse Timothy. — Como é mesmo?
- Oh, céus — disse a Vovó. — Como detesto os debates filosóficos e as incursões em estética! Vou dizer do seguinte modo: os homens projetam sombras enormes no gramado, não é mesmo? Depois, por toda a vida, procuram correr para se ajustarem às sombras. Mas as sombras são sempre mais compridas.

Só ao meio-dia é que o homem se ajusta a seus próprios sapatos, seu melhor terno, por alguns minutos apenas. Mas agora estamos em idade nova, em que podemos imaginar uma Grande Idéia e colocá-la em máquina. Isso faz com que a máquina seja mais do que uma máquina, vocês não acham?

- Até aqui, entendi — disse Tim. — Acho que entendi.

- Pois bem, uma máquina de cinema e projetor não é mais do que uma máquina? É uma coisa que sonha, não? Às vezes belos sonhos felizes, de outras vezes pesadelos. Mas chamá-lo de máquina e deixá-lo de lado, é ridículo.
- Isso, eu entendo! — disse Tim, e riu ao entender.
- Você deve, então, ter sido inventada por alguém que amava as máquinas e odiava as pessoas que diziam que todas as máquinas eram ruins ou más — comentou papai.
- Exatamente — concordou a Vovó. — Guido Fantoccini, era o nome verdadeiro dele, cresceu entre as máquinas. E não agüentava mais aquelas afirmações batidas.
- Afirmações batidas?
- Aquelas mentiras que as pessoas contavam, fingindo que fossem verdades absolutas. O homem jamais poderá voar. Isso foi uma verdade batida por milhares e milhares de anos, que acabou sendo mentira, faz pouco tempo. A terra é chata, você cairá na beirada dela, os dragões comerão você; a grande mentira contada como se fosse verdade, e Cristóvão Colombo acabou com ela. Muito bem, quantas vezes vocês ouviram dizer que as máquinas são desumanas, em sua vida? Quantas pessoas boas e inteligentes vocês ouviram, repetindo as mesmas verdades cansativas que, na realidade, são mentiras? Todas as máquinas destroem, todas as máquinas são frias, sem sentimentos, terríveis.

Ela fez uma pausa, prosseguiu depois:
— Existe um fragmento de verdade nisso. Mas um fragmento, somente. Guido Fantoccini sabia. E sabendo, como os homens de seu tipo, ficou furioso. Podia ter ficado furioso e enlouquecido para sempre, mas, em vez disso, fez o. que tinha de fazer; começou a inventar máquinas para desmentir a antiga verdade mentirosa.
Ela prosseguiu:
— Ele sabia que a maior parte das máquinas é amoral, nem ruim, nem boa. Mas o modo pelo qual eram construídas e modeladas vinham, por sua vez, modelar os homens, mulheres e crianças, para que fossem bons ou maus. Um automóvel, por exemplo, é animal morto, sem pensamento, um conjunto sem programa, o maior destruidor de almas na história. Ele torna os meninos-homens sequiosos de poder, destruição, destruição cada vez maior. O automóvel nunca foi destinado a isso. Mas nisso se tornou.
Ela dava a volta à mesa, enchendo os copos com água mineral, fria e cristalina, da torneira no indicador esquerdo.

— Enquanto isso, vocês precisam usar outras máquinas para compensar. Máquinas que lançam sombras sobre a terra, pedindo que vocês corram para se ajustarem àquela sombra lançada à frente. Máquinas que modelam sua alma em silhueta, como um grande par de belas tesouras, cortando os galhos rudes, os espinhos e casca, para formar um perfil mais bonito. Para isso, precisam de exemplos.
— Exemplos? — perguntei.
— Outras pessoas que se comportam bem, e você as imita. E se agir bem o bastante, por tempo suficientemente longo, todos os pelos caem, e você deixa de ser um macaco perverso.
Ela voltava a sentar-se.

- Assim é que, por milhares de anos, vocês, seres humanos, precisaram de reis, sacerdotes, filósofos, belos exemplos a fitar e dizer: "Eles são bons, eu bem queria ser assim. Eles dão o exemplo do bom estilo". Mas, sendo humanos, os melhores sacerdotes, os mais gentis filósofos, cometem enganos, caem em desagrado, e a humanidade se decepciona, adota a descrença indiferente ou, o que é pior, a descrença enorme, e o mundo bom estaca, faz alto, enquanto o mal caminha, com botas de sete léguas.
- E você, ora essa, você nunca comete enganos, não erra, você é perfeita, você é melhor do que qualquer pessoa já foi!

Era uma voz vinda da sala de entrada, entre a cozinha e a sala de jantar, onde Agatha, como sabíamos, se encontrava na parede, ouvindo, e agora vinha com essa explosão.
A Vovó nem se voltou na direção da voz, mas prosseguiu com calma, dirigindo suas observações a nós, a família, sentada à mesa.
— Perfeita, não, pois o que é a perfeição? Mas sei de coisa: sendo mecânica, não posso pecar, não posso ser subornada, não posso cobiçar ou invejar, ser mesquinha ou pequenina. Não desejo o poder pelo sabor que ele tem. A velocidade não me leva à loucura. O sexo não me impele em carreiras pelo mundo. Eu tenho tempo, e mais do que tempo, para juntar as informações de que preciso em volta de um ideal e sobre ele, para mantê-lo limpo, inteiro e intacto. Basta dizerem o valor que desejam, dizerem a mim que Ideal almejam, e posso ver e juntar e lembrar todo o bem que trará benefícios a todos. Digam-me como gostariam de ser: bondosos, amorosos, dotados de consideração, equilibrados, humanos. . . e deixem-me ir à frente no caminho, para explorar esses caminhos, a fim de que sejam exatamente o desejado. Na escuridão à frente, usem-me como lâmpada em todas as direções. Eu posso guiar os seus passos.

— E então — disse papai, levando o guardanapo à boca — nos dias em que todos nós nos ocupamos, formando mentiras.

- Eu direi a verdade.
- Nos dias em que odiarmos...

— Eu continuarei a dar amor, o que significa atenção, significa saber de tudo a respeito de vocês, tudo, tudo, tudo a respeito de vocês, e vocês sabendo que eu sei, mas que a maior parte jamais terei de dizer a ninguém, s isso continuará sendo um segredo gostoso entre nós, de modo que nunca terão medo de meu conhecimento completo.
E a Vovó já se ocupava tirando a mesa, fazendo a volta, recolhendo os pratos, estudando cada rosto pelo qual passava, tocando na face de Timothy, em meu ombro com sua mão livre e que se movimentava, sua voz um rio tranqüilo de certeza, correndo no leito de nossa casa e nossas vidas necessitadas.
— Mas — disse papai, fazcndo-a parar, fitando-a bem no rosto, e juntando forças para faiar, o rosto ensombrecido. Finalmente, ele disse: — Toda essa conversa de amor, atenção, e o mais. Santo Deus, mulher, você, você não está aí!
Fez um gesto para a cabeça dela, seu rosto, olhos, células sensoriais ocultas por trás dos olhos, os depósitos de armazenamento miniaturizado *z* outros detalhes mínimos.
— Você não está aí!
A Vovó esperou uma, duas, três frações silenciosas de segundo.
— Não. Mas vocês estão. Você, Thomas, Timothy e Agatha.
Uma pausa, e ela dizia:
— Tudo que disserem, tudo que fizerem, eu guardarei, estará guardado em mim. Eu serei todas as coisas que uma família esquece que é, mas percebe, lembra-se de leve. Melhor do que os antigos álbuns fotográficos que vocês costumavam examinar, dizendo que aqui está aquele inverno, ali está a primavera eu relembrarei o que vocês esquecem. E embora o debate possa se estender por mais mil anos, para saber O que é o Amor, talvez possamos verificar que o amor é a capacidade de alguém em nos dar de volta a nós mesmos. Talvez o amor seja alguém vendo e lembrando-se de nos dar de volta a nós mesmos, só um pouquinho melhores do que havíamos tido a coragem de contar e sonhar...
Nova pausa, e ela prosseguia:
— Eu sou a memória da família e talvez, um dia, seja a memória racial também, mas aqui por perto, e vocês podem me chamar quando quiserem. Eu não conheço a mim própria. Não posso tocar, procar, ou sentir, em qualquer nível. Mesmo assim, existo. E minha existência representa o aumento da possibilidade

de vocês em tocar, sentir e provar. O amor não se acha em alguma parte de tal intercâmbio? Bem...
Ela dava a volta a mesa, retirando as coisas, recolhendo e empilhando objetos, sem se mostrar grosseiramente humilde, nem emperrada de orgulho.

- O que sei eu? Uma coisa, acima de tudo: o problema com a maioria das famílias com muitos filhos é que alguém se perde. Não há tempo, ao que parece, para todos. Muito bem, eu darei igualmente a todos vocês. Partilharei meu conhecimento e atenção com todos. Queria ser uma grande torta recém-saída do forno, com partes iguais, a serem tiradas por todos. Ninguém ficará com fome. Vejam! alguém grita, e eu vejo. Escutem alguém grita, e cu escuto. Corre comigo na beira do rio! alguém diz, e eu corro. E no entardecer não estou cansada, nem irritada, de modo que não repreendo alguém, por causa da minha irritação. E a visão continua clara, a voz forte, a mão firme, a atenção constante.
- Mas — disse papai, a voz fraquejando, pois já estava um "pouco vencido, ainda assim oferecendo um último argumento frágil — você não está aí. Quanto ao amor...
- Se prestar atenção é amor, eu sou o amor. Se saber é o amor, cu sou o amor. Se ajudar vocês a não errarem e a serem bons é o amor, sou amor.

Ela nos olhou, e em um relance global, prosseguiu:
— E mais uma vez, repetindo, existem quatro de vocês. Cada qual, de um modo que nunca foi possível antes na história, receberá minha atenção completa. Mesmo que todos falem ao mesmo tempo, posso separar as vozes e ouvir este, depois aquele e o outro, com clareza. Ninguém ficar com fome. Se vocês quiserem, e aceitarem essa palavra estranha, eu "amarei" a todos.
— Eu não aceito! — proclamou Agatha.
A própria Vovó voltou-se, para vê-la em pé à porta.
— Não lhe dou permissão, você não pode, não deve! — prosseguiu Agatha. — Não deixo você! São mentiras! Você está mentindo. Ninguém me ama. Ela disse que amava, mas mentia. Ela disse, mas estava mentindo!

- Agatha! — gritou papai, pondo-se de pé.
- Ela? — disse a Vovó. — Ela, quem?
- A Mamãe! — veio o grito. — Ela disse: amo você! Mentiras! E você é como ela! Você mente. Você é vazia, e isso faz com que seja uma mentira dupla! Eu a odiava. Agora, odeio você!

Agatha girou sobre os calcanhares e saiu correndo pela sala. A porta da frente

escancarou-se, quando a abriu. Papai se punha em movimento, mas a Vovó tocou-lhe o braço.
— Deixe comigo.
Ela saiu andando, e depois se moveu com rapidez, deslizando pela sala e então, de repente, estava correndo, correndo muito, porta afora.
Era uma carreira de campeão, à altura em que todos chegávamos ao gramado, à calçada, gritando.
Cega, Agatha alcançou a calçada e ali girou, vendo-nos perto, todos nós gritando, a Vovó bem à frente gritando também, e Agatha saiu da calçada e foi para rua, estava no meio da mesma, quando de repente um automóvel, que ninguém tinha visto, aplicando os freios, a buzina gritando e Agatha sacudindo os braços, querendo ver, a Vovó lá com ela, jogando-a para o lado enquanto o carro, com energia fantástica e boa pontaria a escolheu em meio de nós, bateu em nosso maravilhoso sonho elétrico produzido por Guido Fantoccini, mesmo enquanto ela andava no ar, as mãos à frente para evitar, quase em protesto suave, tentando ainda decidir o que dizer àquela máquina bestial; ela rodopiou muitas vezes, jogada à distância, enquanto o carro estacava e vi Agatha a salvo, mais além e a Vovó, que parecia estar ainda deslizando uns vinte metros, para bater em alguma coisa e ficar caída, estendida. Todos nós regelados, em fileira, no meio da rua, um grito saindo de todas as nossas gargantas naquele mesmo instante.
Veio depois o silêncio, só tínhamos Agatha deitada no asfalto, intacta, preparando-se para soluçar.
Ainda assim não nos mexemos, regelados no limiar da morte, receosos de seguir em qualquer direção, com medo de ver o que estava além do automóvel e Agatha, de modo que começamos a chorar e acredito que tenhamos começado a rezar por nós mesmos. Oh, não, não, chorávamos, oh, não, meu Deus, não, não...
Agatha ergueu o rosto transtornado pelo pesar; era o semblante de alguém que predissera as fatalidades e tivera vida para assisti-las, agora não queria mais ver ou viver. Enquanto observávamos, ela voltou o olhar para o corpo da mulher estendido além, as lágrimas caíram de seus olhos. Ela os fechou, encobriu-os, deitou-se ali para sempre, querendo chorar...
Dei um passo, depois mais outro, e logo cinco passos rápidos e à altura em que alcancei minha irmã, ela estava com a cabeça encoberta, soluços vinham tão fortes que receei jamais podê-la encontrar outra vez, ela jamais sairia daquilo, por mais que eu me esforçasse, suplicasse, prometesse ou ameaçasse. E o pouco que podíamos ouvir de Agatha, sepultada em seu próprio sofrimento, ela não parava de dizer, lamentando-se, atingida outra vez, certa de que a velha ameaça

conhecida e reconhecida estava ali para sempre. "... foi como eu disse... eu bem avisei... mentiras... mentiras... mentiras... tudo mentiras... como a outra... a outra... exatamente... como... como a outra... outra... outra...!"
Ajoelhei-me, segurando-a com ambas as mãos, tentando fazê-la voltar a si, embora não tivesse partida de algum modo que desse para ver, mas só sentir, porque eu sabia que não adiantava ir ter com a Vovó, não adiantava de nada, de modo que limitei-me a tocar Agatha, acariciando-a e chorando enquanto papai vinha, ajoelhava-se a meu lado, e era como rezar juntos, no meio da rua; por sorte, não vinham outros automóveis e eu disse, a voz faltando:
— Outra o que, Ag, outra o que?
Agatha explodiu em duas palavras.

- Outra morta!
- Você está falando da Mamãe?

— Oh, Mamãe — gemia ela, estremecendo, deitada, enrodilhando-se como uma criança. — Oh, Mamãe, morta, a Mamãe, e agora a Vovó morta, ela prometeu sempre, sempre, amar, amar, prometeu ser diferente, prometeu, prometeu e agora veja, veja. . . Eu a odeio, odeio a Mamãe, eu a odeio, eu odeio as duas!
— Naturalmente — disse uma voz. — É apenas natural. Tolice a minha, não ter percebido, não ter visto.
E a voz era tão conhecida que levamos um susto. Demos um salto.
Agatha apertou os olhos, abriu-os bastante, piscou e se pôs quase em pé, olhar fixo.
— Que bobagem minha — disse a Vovó, em pé ali, fazendo parte de nosso círculo, nossa reza, nosso velório.
— Vovó! — dissemos todos.
Lá estava ela, mais alta que qualquer um de nós naquele momento em que nos ajoelhávamos e chorávamos. Só podíamos fitá-la com incredulidade.
— Você está morta! — gritou Agatha. — O automóvel.
— Pegou-me — disse ela, sossegadamente. — Pois foi. E me jogou no ar, fez com que rodopiasse; por alguns momentos, houve uma concussão forte nos circuitos. Eu podia ter receado um desligamento, se receio cabe aqui. Mas pude me sentar, sacudir-me, e as poucas moléculas de tinta, soltas em um circuito impresso um no outro, foram levadas de volta à posição. Como sou criatura resistente, coisa inquebrável, aqui estou..
— Eu pensei que você estivesse... — disse Agatha.
— É muito natural — interveio a Vovó. — Quer dizer, qualquer outra pessoa que levasse um choque daqueles, jogada daquele modo... Mas, oh minha cara

Agatha, eu não. E agora vejo porque você tinha medo, nunca confiava em mim. Você não sabia. Eu ainda não demonstrara minha capacidade singular de sobrevivência. Como fui burra, por não ter pensado em lhe mostrar! Espere um pouco.
Em algum lugar de sua cabeça, no corpo, em seu ser, ela ajustou fitas invisíveis, alguma informação antiga e que ela tornava nova, pela mistura. Assentiu, então.

- Sim. Pronto. Um livro sobre criação de crianças, de que algumas pessoas riram anos atrás, quando a mulher que o escreveu afirmou, como conselho final aos pais: "Faça o que fizer, mas não morra. Seus filhos jamais o perdoarão" — perdoarão — murmuraram alguns de nós.
- Pois como podem as crianças compreender, quando você desaparece, nunca mais volta, sem dar desculpas, explicações, nenhum bilhete, coisa nenhuma?

— Não podem — afirmei.
— Desse modo — prosseguiu a Vovó, ajoelhando-se conosco, ao lado de Agatha... agora se sentava, novas lágrimas vindo-lhe aos olhos, mas um tipo diferente de lágrimas, que não afogavam, lágrimas que lavavam. — Sua mãe, então, correu para a morte. E depois disso, como é que você podia confiar em alguém? Se todos se fossem, desaparecessem finalmente, quem mereceria confiança? Por isso, quando vim, entre informada e ignorante, devia ter sabido, mas não sabia, o motivo pelo qual você não me aceitava. Isso porque, de modo muito simples e sincero, você receava que eu não pudesse ficar, que eu mentia, que também era vulnerável. E duas partidas, duas mortes, eram demasiado em um só ano. Mas agora você está vendo, Abigail?

- Agatha — disse Agatha, sem saber que estava corrigindo.
- Você compreende que eu sempre estarei aqui?
- Oh, sim! — gritou Agatha e prorrompeu em um choro firme no qual todos participamos, juntos ali, automóveis parando para ver quantas pessoas se haviam machucado e quantas pessoas estavam se recuperando naquele lugar.

Fim da estória.
Bem, não é o fim, exatamente.
Vivemos felizes para sempre, depois daquilo.
Ou melhor, vivemos juntos, a Vovó, Agatha-Agamennon-Abigail, Timothy e eu, Tom, o papai. Vovó nos chamando para brincar em grandes fontes de latim, espanhol e francês, em grandes jatos marítimos de poesia como Moby Dick a

borrifar as profundezas com suas nascentes de Versalhes, de algum modo perdidas nas calmarias e encontradas nas tempestades; Vovó, um elemento constante, relógio, pêndulo, rosto para olhar ao meio-dia, ou em meio das noites de doença quando, cheios de febre, nós a víamos sempre dizendo palavras bondosas, a mão fresca refrigerando as testas quentes, a torneira, em seu dedo erguido, aberta para que o filete de água cristalina e fresca, das montanhas, viesse dessedentar nossas línguas. Por dez mil madrugadas cia apurou nosso gramado, por dez mil noites vagou na casa, lembrando-se das moléculas de poeira que caíam nas honrs paradas antes do amanhecer, ou ficava sentada, murmurando alguma lição que achava dever ensinar-nos, enquanto dormíamos bem acomodados.
Ate que, finalmente, um por um, chegou o momento de irmos para a escola, e quando a mais jovem, Agatha, estava pronta para isso, a Vovó também fez as malas.
No último dia dc verão naquele último ano, descobrimos a Vovó na porta da frente, com diversas malas e embrulhos, tricotando, esperando, e embora houvesse falado repetidas vezes sobre a ocasião, chegara o momento de sentirmos choque e surpresa.

- Vovó! — dissemos todos. — O que está fazendo?
- Ora, vou para a faculdade, de certo modo, como vocês — respondeu. — Volto a Guido Fantoccini, à família.
- À família?
- De Pinóquios, como nos chamou de começo, por piada.

Dos Pinóquios, e a si próprio Gepetto. E mais tarde nos deu seu próprio nome: os Fantoccini. De qualquer modo, vocês foram a minha família, aqui. Agora, volto para minha família ainda maior, por lá, meus irmãos, tios, primos, todos robôs que...

- Que fazem o que? — perguntou Agatha.
- Depende — explicou a Vovó. — Alguns ficam, outros ficam por algum tempo. Outros vão ser divididos e esquartejados, vocês poderiam dizer, as partes distribuídas a outras máquinas que precisam de conserto. Eles pesarão, e verificarão se estou em falta ou não. Pode ser que eu seja exatamente de quem precisam amanhã, e partirei para criar outra turma de crianças, fazer nova carreira de cozinheira.
- Oh, eles não podem separar e esquartejar você! — gritou Agatha.
- Não! — gritei, Timothy também.
- Minha mesada — disse Agatha. — Eu pago qualquer coisa para...

A Vovó parou de balançar, olhou para as agulhas e o padrão de tecido brilhante.

- Bem, eu não teria dito, mas agora que vocês pedem, vou dizer. Por uma taxa muito pequena, existe uma sala, a sala Família, grande e de luz fraca, muito sossegada e bem decorada, onde umas trinta ou quarenta das mulheres elétricas ficam sentadas em cadeira de balanço, e falam, cada qual de uma vez. Não estive lá. Afinal de contas, sou de nascimento relativamente recente. Por uma taxa pequena, muito pequena, a cada mês e ano, é onde estarei, com as outras como eu, ouvindo o que aprenderam do mundo e, por minha vez, contando como foi a coisa com Tom, Tim e Agatha, e como fomos felizes, como vivemos bem. E contarei tudo que aprendi com vocês.
- Mas... vocês nos ensinou, a nós!
- Vocês pensam,' mesmo, assim? — perguntou ela. — Não, foi o contrário, ou de outro jeito, os dois lados aprendendo. E está tudo aqui, tudo que fez vocês chorarem ou rirem, ora, guardei tudo. E vou contar às outras, assim como elas falarão de seus meninos, meninas e de sua vida, para eu ouvir. Vamos estar sentadas lá, tornando-nos mais sábias, mais calmas e melhores a cada ano, a cada ano que passe, dez, vinte, trinta anos. O conhecimento da Família duplicará, quadruplicará, a sabedoria não se perderá. E estaremos esperando, naquela sala, caso vocês venham a precisar de nós para seus próprios filhos, em momentos de enfermidade ou, que Deus não o permita, privação ou morte. Lá estaremos, envelhecendo, mas sem sermos velhas, aproximando-nos do momento em que um dia, talvez, possamos corresponder ao nosso primeiro nome estranho e brincalhão.

— Os Pinóquios? — perguntou Tini.
Ela assentiu.
Eu sabia de que estava falando. Seria o dia no qual, como na estória antiga, Pinóquio se tornara tão digno, tão bom, que o dom da vida lhe fora conferido. Assim eu os via, nos anos futuros, toda a família dos Fantoccini, os Pinóquios, trocando entre si, em murmuro, o conhecimento que tinham, nas grandes salas de filosofia, esperando o dia. O dia que jamais poderia chegar.
A Vovó deve ter lido esse pensamento em nosso olhar.
— Veremos — disse. — É só esperar para ver.
— Oh, Vovó! — gritou Agatha, e estava chorando, como chorara muitos anos antes. — Você não precisa esperar. Você está viva. Sempre esteve

viva para nós!
Dito isso, abraçou-se à velha, e todos o fizemos, por momentos prolongados, e depois saímos correndo, pelo céu afora, rumando para escolas distantes; os anos se passaram, e suas ultimas palavras a nós, antes de deixarmos que o helicóptero nos levasse para o outono, foram as seguintes:

- Quando vocês estiverem muito velhos e houverem voltado a ser crianças, com modos de criança, desejos infantis e precisando ser alimentados, formulem o desejo de terem a velha professora e enfermeira, a companheira burra, mas ainda assim sábia, mandem chamar-me. Eu voltarei. Moraremos de novo na creche, não tenham medo.
- Oh, nunca seremos velhos! — gritamos. — Isso nunca acontecerá!

— Nunca! Nunca! E partimos.

Os anos decorreram.
E agora somos velhos, Tini, Agatha e eu.
Nossos filhos cresceram e se foram, nossas esposas e maridos desapareceram da terra e agora, por coincidência à Dickens, aceitem ou não, voltamos à casa antiga, nós três.
Estou deitado aqui no dormitório, que foi o meu lugar de criança, oh, setenta, ao que acredito, setenta anos antes. Por baixo desse papel de parede existe outra camada, e mais outras três, até o papel antigo que as cobria, quando eu contava nove anos. O papel de parede está soltando. Olhando por baixo, vejo elefantes antigos, e tigres conhecidos, zebras bonitas e amistosas, crocodilos irascíveis. Mandei chamar o pessoal para retirar cuidadosamente todas as camadas, menos a última. Os velhos animais vão voltar a viver nas paredes, novamente à vista.
E também mandamos chamar alguém mais.
Nós três chamamos:
Vovó! Você disse que voltaria, quando precisássemos.
A idade, o tempo, pegou-nos de surpresa. Estamos velhos. Nós precisamos.
E nos três quartos de uma casa de campo, bem adentradas no tempo, três crianças velhas se erguem, gritando: Nós amávamos, você! Nós amamos você!
Pronto! Pronto! No céu, ao que pensamos, despertando de manhã. É a máquina de entrega? Ela está pousando no gramado? Pronto! Lá, na grama diante da

varanda. Chegou o estojo da múmia?
Estão os nossos nomes escritos nas fitas, enrolando a forma encantadora, por baixo da máscara de ouro?!
Estão os nossos nomes escritos nas fitas, enrolando a forma encantadora, por baixo da máscara de ouro?!
E a chave de ouro guardada, pendurada para sempre no peito de Agatha, está cálida, esperando? Oh, Deus, será que depois de tantos anos ela vai dar corda, vai pô-la em movimento, será que vai servir?!

O DIA DOS TÚMULOS

Era o Dia dos Túmulos, e todos haviam caminhado por aquela estrada de verão, e entre eles a vovó Loblilly; achavam-se agora no dia verde e nas terras altas do Missouri, predominava o cheiro das estações em mudança e a relva irrompia em flores.

— Chegamos — disse vovó Loblilly, apoiada na bengala, e dedicou a todos um olhar brilhante, cuspindo na poeira.

O cemitério ficava na encosta de um morro tranqüilo. Era o lugar de elevações afundadas e letreiros de madeira; abelhas zumbiam por ali, em quietude de som, e borboletas voavam e pairavam no ar claro e azul. Os homens altos, tisnados de sol, as mulheres vestidas de riscado, ficaram por bastante tempo em silêncio, olhando as sepulturas.

— Bem, vamos trabalhar — ordenou vovó, e capengou pela relva úmida, marcando aqui c ali, rapidamente, usando para isso a bengala.

Os outros trouxeram as pás e caixotes especiais, com margaridas e lilases a enfeitá-los. O governo ia abrir uma estrada, passando por ali, em agosto, e como aquele cemitério tinha ficado sem utilização nos últimos cinqüenta anos, os parentes haviam-se reunido e concordado em retirar toda a ossada antiga, colocá-la com estima e consideração em algum outro lugar.

Vovó Loblilly se pôs de joelhos, fez tremer a pá na mão. Os outros se ocupavam, cavando onde deviam cavar.

— Vovó — disse Joseph Pikes, jogando uma sombra enorme no trabalho dela. — Vovó, você não devia estar trabalhando neste lugar. Aqui é a sepultura de William Simmons.

Ao som da voz dele, todos pararam de trabalhar e ficaram ouvindo, e só escutaram o som das borboletas no ar fresco da tarde.

Vovó olhou para Pikes.

— Você acha que eu não sei que é a cova dele? Faz sessenta anos que não vejo William Simmons, mas hoje resolvi fazer uma visitinha a ele.

Retirava pazada após outra de terra e prosseguiu:

— Sessenta anos atrás, ele era um homem e tanto, tinha só vinte e três. E eu tinha vinte, meu cabelo era dourado, meus braços e pescoço brancos feito leite, a cor do caqui nas face. Sessenta anos, a gente ia casar, depois uma doença e ele

morreu. E eu, sozinha, lembrando como o monte de terra em cima dele afundou com a chuva...
Todos olhavam para ela.
— Mesmo assim, vovó... — disse Joseph Pikes.
A cova era rasa. Ela logo chegava à comprida caixa de ferro.
— Ajude aqui! — gritou.
Nove homens ajudaram a suspender a caixa de ferro, tirando-a da terra, a Vovó cutucando-os com a bengala.
— Cuidado aí! — gritava. — Com calma! Pronto. Colocaram o caixão sobre o solo.

- Agora — disse ela — se tiverem a bondade, os cavalheiros podiam levar o Sr. Simmons até minha casa, por um tempinho.
- Nós vamos levá-lo para o cemitério novo — afirmou Joseph Pikes.

Vovó o transfixiou com seu olhar penetrante.
— Você vai levar esta caixa lá para minha casa. Muito obrigada.
Os homens ficaram a olhá-la, enquanto desaparecia pela estrada. Fitaram o caixão, entreolharam-se, depois cuspiram nas mãos.
Cinco minutos depois, espremiam o caixão de ferro pela porta da frente da pequenina casa branca da vovó, colocando-o ao lado do fogão de lenha.
Ela serviu bebida a todos.
— Agora, vamos tirar a tampa — propôs. — Não é todos os dias que a gente vê velhos amigos.
Os homens nem se mexeram.

- Bem, se vocês não tiram, tiro eu — declarou, e enfiou a bengala na tampa, repetidas vezes, retirando a crosta de terra. Aranhas caíram pelo chão. Surgiu um cheiro forte, como o de terra primaveril que fosse lavrada. Os homens, agora, levavam os dedos à tampa. Vovó recuou.
- Pra cima! — ordenou, fazendo gesto com a bengala, como se fosse uma deusa antiga. E a tampa subiu. Os homens a colocaram no chão e se voltaram.

De todas as suas bocas surgiram um som que se parecia ao vento suspirando em outubro.
Lá estava William Simmons, em meio à poeira que brilhava e parecia ouro, suspensa no ar. Ali dormia, um sorriso leve nos lábios, as mãos dobradas, todo vestido, e sem ter lugar nenhum do mundo para ir.
Vovó Loblilly emitiu um grito baixo e de lamentação.

— Ele está todo aí!
Lá estava, sem dúvida. Intacto como um escaravelho na casca, a pele branca e muito boa, as pálpebras pequenas sobre os olhos bonitos como pétalas de flores, os lábios ainda dotados de cor, o cabelo bem penteado, a gravata ajustada, as unhas cortadas rentes. Dando-se balanço geral, estava tão completo quanto no dia em que haviam jogado a terra sobre seu caixão silencioso.
Vovó apertava os olhos, erguera as mãos para deter *o* alento que vinha de sua boca. Não podia ver.
— Onde estão meus óculos? — gritou, e todos saíram procurando. — Vocês não o acham? — berrava, e fechava os olhos mais um pouco, tentando ver o corpo.
— Deixa pra lá — declarou, aproximando-se.
A sala se aquietou, ela suspirou, gorgeou e arrulhou por cima do caixão aberto.

- Está conservado — disse uma das mulheres. — Ele não desmanchou.
- Coisas assim — declarou Joseph Pikes — não acontecem.
- Mas aconteceu — fez ver a mulher.
- Sessenta anos debaixo do chão. Ninguém agüenta tanto tempo.

A luz do sol chegava atrasadamente a cada janela, as últimas borboletas se alinhavam em meio das flores, fazendo-se parecer outras flores, nada mais.
Vovó Loblilly estendeu a mão enrugada e trêmula.
— Foi a terra que o conservou. O jeito do ar, por aqui. Aquela terra era boa para conservar.
— Ele está morto — gemeu uma das mulheres, baixinho.
— Tão novo!
— Sim — confirmou vovó Loblilly, fitando o defunto.
— Ele, aí, com vinte e três anos de idade. E eu, aqui em pé, já na casa dos oitenta! — e fechou os olhos.
— Ora, vovó — Joseph Pikes veio, tocando-lhe o ombro.
— Pois é, ele deitado aí, só com vinte e três, bonito feito quê, e eu... — apertou os olhos, cerrou-os com força. Eu aqui, olhando para ele, nunca mais jovem, só, velha e cansada sem oportunidade de parecer jovem outra vez. Oh, Senhor! A morte faz as pessoas ficarem jovens. Olhe só, como a morte foi bondosa para ele.
Dito isso, passou as mãos pelo próprio rosto, devagar, voltando-se para os outros.
— A morte é mais bonita que a vida. Por que eu não morri também? Assim, nós dois ficaríamos juntos. Eu em meu caixão, com meu vestido branco de casamento, todo feito de fita e renda, os olhos fechados, tímida e vergonhosa

com a morte. E minhas mãos fazendo oração, em cima do peito.
— Vovó, pare com isso!
— Eu tenho o direito de continuar! Por que eu não morri também? E depois, quando ele voltasse, como voltou hoje, para me ver, eu não estaria desse jeito!
As mãos subiam para apalpar o rosto enrugado, retorcer a pele solta, sondar a boca vazia, arrancar os cabelos grisalhos e fitá-los com olhos cheios de pavor.

- Que bela recepção ele teve, quando voltou! — exclamou ela, mostrando os braços magricelos. — Olhe! Será que um homem de vinte e três anos vai querer uma velha, uma mulher com setenta e nove anos, cheia de rugas? Fui tapeada! A morte fez ele ficar moço para sempre. Olhe só para mim! A vida fez o mesmo comigo?
- São compensações — proclamou Joseph Pikes. — Ele não está jovem, vovó. Faz muito que passou dos oitenta.

—- Você é um idiota, Joseph Pikes. Ele está bonito feito uma pedra, não foi nem tocado por mais de mil chuvas. E ele voltou para me ver, e vai agora escolher uma das pequenas mais jovem. O que havia de querer com uma mulher velha?
— Ele não está em condições de tirar nada de ninguém — observou Joseph Pikes.
Vovó o empurrou para trás.
— Vão dando o fora, vocês todos! O caixão não é de vocês, nem a tampa, nem é o quase-marido de vocês! Deixem a caixa aqui, pelo menos essa noite, e amanhã cavem uma sepultura nova.
— Está certo, vovó, ele foi seu noivo. Amanhã cedo su venho. Não comece a chorar, ouviu?
— Vou fazer o que meus olhos precisam!
Permaneceu rígida, no meio da sala, até que o último deles se retirasse. Depois de algum tempo, apanhou uma vela e acendeu-a, notando, então, alguém que ficara em pé, no morro lá fora. Joseph Pikes. Ficaria ali o resto da noite, ao que calculou, e não gritou para que se fosse-embora. Não voltou a espiar pela janela, mas sabia que ele estava lá, de modo que ficou mais tranqüila nas horas seguintes.
Foi ao caixão e fitou William Simmons.
Fitou-o prolongadamente. Ver-lhe as mão era o mesmo que ver atos executados por elas. Via como haviam empunhado as rédeas de um cavalo, subindo e descendo. Lembrava-se de como os lábios dele estalavam, enquanto a carrugem deslizara, na marcha suave do cavalo, passando pelos prados, as sombras do luar em volta de tudo. E sabia como era, quando aquelas mãos seguravam alguém.

Tocou-lhe o terno.
— Não é a mesma roupa do enterro dele! — gritou, de repente, mas ainda assim sabia que era a mesma. Sessenta anos não haviam modificado o terno, mas tinham mudado os forros de sua mente.
Em assomo de medo súbito, procurou bastante, até encontrar os óculos, colocando-os nos olhos.
— Ora, esse não é William Simmons! — gritou.
Ao mesmo tempo em que o dizia, entretanto, sabia que não era verdade. Tratava-se, sem dúvida, de William Simmons.
— O queixo dele não foi tão pra trás, assim! — disse baixinho, cheia de lógica.
— Ou foi? — E notava os cabelos. — Era uma bonita cor de alazão, eu me lembro! Esse cabelo, aqui, não passa de castanho comum. E o nariz, não me lembro de ser tão sem jeito!
Espiava aquele homem desconhecido e, gradualmente, enquanto observava, sabia que aquele era realmente William Simmons. Percebeu uma coisa que deveria ter percebido por todo o tempo: que as pessoas mortas são como memórias gravadas em cera — nós as guardamos na mente, modelamos e apertamos, empurramos um pouco aqui, estendemos um pouco acolá, fazendo com que o corpo se torne alto, tornamos a modelar, manuseamos, manipulamos, e acabamos com uma memória ou recordação inteiramente fora de prumo.
Havia certa sensação de perda e perplexidade nela. Desejava jamais ter aberto o caixão. Ou, pelo menos, que tivesse o juízo de não pôr os óculos. Ela não o vira claramente, de início; só o bastante para preencher os pontos em falta com a recordação que guardava. Agora, de óculos. . .
Voltou repetidas vezes a fitar-lhe o semblante. Devagar, esse se tornava conhecido. A recordação, que ela dilacerara e voltara a unir, por sessenta anos, cedeu lugar ao homem que ela realmente conhecera. E ele era belo de olhar. A sensação de ter perdido alguma coisa logo desaparecia. Tratava-se do mesmo homem, sem mais, sem menos. Sempre acontecia assim, quando não se viam as pessoas por muitos anos e elas voltavam, para cumprimentar. Durante algum tempo, a gente se sentia pouco à vontade com elas, mas afinal se descansava.
— Sim, é você — riu, então. — Vejo você, espiando daí. Vejo você, todo brilhoso e engraçadinho, aqui, ali e mais além.
Recomeçou a chorar. Se, ao menos, pudesse mentir a si própria, se pudesse dizer: "Olhe para ele, não parece o mesmo, não é o mesmo que eu gostei!" e pode sentir-se melhor. Mas todas aquelas pessoas presentes em sua cabeça iam balançar-se de rir, e dizer: "Essa não, vovó, essa não!"
Sim, como era fácil negar que era ele! E assim haveria de sentir-se melhor. Mas

não o negou. Era tomada pela grande tristeza deprimente, porque ali estava ele, jovem como um regato de água cintilante, e ali estava ela, velha como o mar.
— William Simmons! — gritou. — Não olhe para mim! Eu sei que você ainda me ama, e por isso vou me enfeitar!
Caminhou até o fogão, pôs ferros no calor, e os aplicou nos cabelos, até que estivessem todos em cachos grisalhos. Usando fermento pulverizado, empoou as faces! Mordeu uma cereja para dar cor aos lábios, beliscou as faces para corar. Da mala tirou objetos antigos, até descobrir o vestido de veludo azul e desbotado, que envergou.
Diante do espelho, agora, fitava-se, com expressão transtornada.
— Não, não — gemeu, fechou os olhos. — Não há nada que eu possa fazer para ficar mais jovem que você, William Simmons! Mesmo se eu morrer agora, não remoçarei.
Sentiu o desejo violento de correr sem parar, pelo bosque afora, cair em um monte de folhas e ali apodrecer, transformar-se em destroços fumegantes, junto com as folhas. Correu pelo quarto, pretendendo não voltar, mas assim que escancarou a porta o vento frio explodiu sobre ela, vindo de fora, e ouviu algo que a fez hesitar.
O vento sacolejou pela sala, chegou ao caixão e entrou nele.
William Simmons pareceu mexer-se, naquela caixa.
Vovó bateu a porta, fechando-a com estrondo.
Devagar, voltou a fitá-lo.
E ele envelhecera dez anos.
Havia rugas e linhas, nas mãos e no rosto.
— William Simmons!
Na hora seguinte, o rosto de William Simmons foi adquirindo os anos sucessivos. As faces encovaram-se, como quem cerra o punho, como maçã que murcha no barril. A carne dele era feita de neve branca e pura, *z* o calor da cabana a derretera. Apresentava aspecto de queimada. O ar fazia os olhos e a boca franzir-se e depois, como por golpe de martelo, o rosto se estilhaçou em um milhão de rugas. O corpo contorceu-se, no sofrimento do tempo. Estava com quarenta, logo cinqüenta, e em seguida sessenta anos de idade! Passava a setenta, oitenta, cem anos! Queimava-se, queimava-se e sumia! De seu rosto ouviam-se pequenos estalidos, bem como das mãos que a idade fazia arder, cento e dez, cento e vinte anos, mostrando-se evidentes nos sulcos e rugas!
Vovó Loblilly ali ficou em pé por toda a noite, cheia de friagem, os olhos frágeis doendo, ao observar o homem que mudava. Foi a testemunha de todas as improbabilidades. Sentiu que finalmente algo se desprendia de seu coração. Já

não estava triste, o peso saíra de sobre os ombros.
Foi dormir sossegadamente, encostada numa cadeira.
A luz do sol entrou, em amarelo por meio da mata, as. aves, formigas e água do córrego se movimentavam, cada qual tão tranqüilo quanto o outro, indo a algum lugar.
Amanhecera.
Vovó despertou e olhou para William Simmons.
— Ah! — disse ela, olhando e vendo.
Seu próprio alento fez movimentar os ossos dele, até que estalassem, como se fossem uma crisálida, como uma espécie de açúcar em pedra que se desfazia, queimando por causa de fogo invisível. Os ossos rachavam e voavam, leves como os fragmentos de poeira à luz do sol. A cada vez que ela gritava, os ossos estalavam e partiam-se, do caixão vinha um murmúrio seco de coisas estalando.
Se soprasse um vento e abrisse a porta, ele seria levado como se fosse uma porção de folhas secas!
A vovó se inclinou por muito tempo, fitando o caixão. Depois de um grito de satisfação e descoberta recuou, levando as mãos ao rosto e depois aos seios caídos, e depois percorrendo os braços e pernas, indo ter à boca vazia.
Seu grito fez com que Joseph Pikes viesse correndo.
Ele estacou à porta apenas a tempo de ver a vovó Loblilly dançando e pulando, sobre os sapatos amarelos e de salto alto, em rodopios transbortantes.
Ela batia palmas, ria, rodava a saia, corria em círculos e dançava uma pequena valsa consigo mesma, lágrimas correndo no rosto. E à luz do sol, à imagem de si própria no espelho da parede, ela gritava:
— Eu sou jovem! Tenho oitenta anos e sou mais jovem que ele!
Fazia mesuras, dava saltos, dançava à vontade.
— Tem compensações, Joseph Pikes; você estava com a razão! — resmungou.
— Eu sou mais jovem que todos os mortos do mundo!
E valsava com tanta violência que o rodopio do vestido se prendeu no caixão, murmúrios de crisálida saltaram para o ar, alçando-se dourados e empoeirados em meio aos gritos.
— Puxa vida! — gritava ela. — Puxa vida!

PESADÃO

A mulher achegou-se à janela da cozinha e espiou para dentro.
Ali, no quintal à meia-luz, estava um homem cercado por halteres e pesos escuros de todos os tipos, cordas de pular, mecanismos de exercícios feitos de elásticos e molas. Envergava roupa de esporte, calçava tênis, não falava com pessoa alguma, simplesmente em pé naquele mundo que escurecia, sem saber que ela observava.
Era o filho, e todos o chamavam de Pesadão.
Pesadão apertou as pequenas molas enrodilhadas, nos punhos grandes. Perderam-se em seus dedos, como se fosse um truque de mágica; e depois reapareciam. Ele as esmagava, elas sumiam. Ele as soltava, elas voltavam.
Fez isso por dez minutos, e por todo o tempo nada mais em seu corpo se moveu.
Depois inclinou-se e ergueu um dos halteres de cinqüenta quilos, sem ruído, sem respirar. Ergueu-o uma série de vezes sobre a cabeça, e depois o abandonou e foi para a garagem aberta, entre as diversas pranchas de surfe que cortara e colara, lixara, pintara e encerara, e ali esmurrou uma piinching-ball com facilidade e rapidez, firmeza também, até que os cabelos dourados e encaracolados umidecessem de suor. Parou, então, e encheu os pulmões, até que o peito alcançasse cinqüenta polegadas, permanecendo de olhos fechados, vendo-se em espelho invisível, figura firme e tremenda, cento e dez quilos de peso e musculoso, tisnado pelo sol, salgado pelo vento marítimo e pelo próprio suor.
Relaxou e abriu os olhos.
Entrou na casa, foi à cozinha e não olhou para a mãe, aquela mulher, abriu a geladeira e deixou que o vapor gelado do Ártico o envolvesse, enquanto tomava meio litro de leite diretamente no pacote, sem baixá-lo um instante. Depois sentou-se à mesa da cozinha, para acariciar e examinar as abóboras.
Ele saíra cedo, comprando as abóboras, cortando-as, executando um belo trabalho: haviam-se tornado verdadeiras belezas, ele estava satisfeito. Agora, olhando infantilmente para a cozinha, começou a trabalhar na última. Jamais daria para desconfiar que tinha trinta anos de idade, pois continuava a se movimentar com rapidez e silêncio, tanto na ação em grande escala, como bater em uma onda com a prancha levantada e jogada à frente, ou ali, trabalhando com faca, abrindo o olho na abóbora vazia e retalhada, destinada a parecer-se a uma cabeça grotesca. A lâmpada elétrica brilhava no verão de seus cabelos, mas não

revelava qualquer emoção, só aquele intuito de esculpir, em seu semblante. Tudo era músculo nele, sem qualquer gordura, e esse músculo operava em cada movimento da faca.
A mãe veio e entregou-se a atividades pessoais pela casa pondo-se depois a fitar o filho e a abóbora, sorrindo. Estava acostumada a ele. Ouvia todas as noites enquanto ele esmurrava o saco de pancada lá fora, ou apertava pequenas molas nas mãos, ou resmungava enquanto erguia seu mundo de pesos, equilibrando-os sobre os ombros estranhamente parados. Acostumara-se a todos esses sons, assim como se acostumara ao oceano chegando à praia, além da cabana, estendendo-se e brilhando na areia. Tanto quanto se acostumara, à essa altura, a ouvir Pesadão todas as noites ao telefone, dizendo às pequenas que estava cansado, que não, tinha de encerar o automóvel, fazer os exercícios, e dizer o mesmo aos rapazes de dezoito anos que também chamavam.
Ela pigarreou.

- O jantar foi bom?
- Claro — disse ele.

— Tive de arranjar bife especial. Comprei os aspargos bem fresquinhos.
— Estava bom.
— Que bom você ter gostado, eu sempre acho bom quando você gosta.

- Claro — disse ele, trabalhando.
- A que horas é a festa?

— Sete e meia — disse ele, terminando o sorriso entalhado na abóbora e encostando-se na cadeira. — Se eles todos aparecerem, ou não aparecerem, comprei dois garrafões de cidra.
Levantou-se e foi para o quarto, uma figura imponente e tranqüila, os ombros preenchendo o vão da porta. No quarto em semiclaridade, fez a pantomina estranha de um homem séria e silenciosamente lutando com adversário invisível, enquanto envergava o terno. Veio à porta da sala de estar, um minuto depois, lambendo gigantesco pirolito de hortelã-pimenta. Usava calça preta e curta, camisa de garoto, a gola em rufo, e chapéu infantil. Lambia o pirolito, e dizia: "Eu sou o garotinho mau!" e a mulher que o estivera a observar começou a rir. Ele caminhava com os passos exagerados de uma criança, lambia o pirolito enorme, andando pela sala enquanto ela ria, e dizia coisas, fingia estar levando um cachorrão pela corda.
— Você vai ser a graça da festa! — gritou a mulher, o rosto vermelho e exausto de tanto rir. Também ele ria, agora.

O telefone tocou.
Ele seguiu com passos curtos, para atender no dormitório. Conversou por muito tempo e a mãe ouviu que dizia: "Oh, puxa vida" diversas vezes, e finalmente apareceu, grande e vagaroso, parecendo obstinado.
— O que se passa? — ela queria saber.
— Ora — disse ele —, metade dos caras não vai aparecer na festa. Eles têm outros encontros. Foi o Tommy quem chamou. Ele tem encontro com uma pequena em algum lugar. Puxa vida. Mas haverá outros, o bastante — disse a mãe.
— Não sei — retorquiu.

- Vai haver o bastante para uma festa — afiançou ela. — Você pode ir.
- Eu devia jogar as abóboras no lixo — disse ele, com careta.
- Nada disso, você vai e se diverte — insistiu ela. — Faz semanas que não sai.

Silêncio.
Ele ali ficou, retorcendo o pirolito imenso, tão grande quanto sua cabeça, retorcendo-o nos dedos grandes e musculosos. Olhava-o como se a qualquer momento fosse fazer o que fazia nas outras noites. Havia noites em que ele se apertava ao chão e subia erguendo-se nos braços e, de outras, jogava uma partida de basquete consigo mesmo, enfrentando a si próprio, uma equipe contra a outra, branco contra preto, no quintal. Em outras noites, ficava daquele jeito e desaparecia de repente, dava para vê-lo a caminho do oceano, depois nadando prolongadamente, com braçadas fortes, como uma foca ao luar, ou dava para vê-lo naquelas noites em que não existia lua e só as estrelas brilhavam sobre a água, mas era possível ouvi-lo, de vez em quando, um baque leve na água, quando mergulhava e ficava debaixo da superfície por bastante tempo, surgia depois; saía às vezes com a prancha de surfe, tão macia quanto as faces de uma pequena, lixada até o máximo, e vinha, enorme e sozinho, sobre uma onda branca e temível, cremosa, ao comprido da costa, tocando as areias com a prancha, desembarcando da mesma como se fosse um visitante de outro planeta e ficando ali por mais tempo, segurando a prancha lisa ao luar, homem quieto, aquela coisa enorme, parecida a uma lápide sepulcral, sem qualquer inscrição. Em todas as noites como aquela, nos anos anteriores, ele saíra com uma pequena três vezes em uma semana; a pequena comia muito e a cada vez que ela o via, propunha que fossem comer, de modo que certa feita a levou a um restaurante, abriu a porta do carro, ajudou-a a sair, embarcou novamente e disse: O restaurante está aí. Até logo. E partira. Voltara a nadar sozinho. Muito tempo depois, de outra

feita, uma pequena se retardara meia hora nos preparativos para sair e ele jamais voltara a lhe falar.
Pensando em tudo isso, recordando-se de tudo, a mãe o fitou agora.

- Não fique aí parado — disse. — Você me põe nervosa.
- Bem — disse ele, ressentido.

— Vá em frente! — gritou ela, mas não gritou com força suficiente. Para si mesma a voz era fraca. E não sabia se a voz era naturalmente fraca, ou se ela a fizera assim. Era o mesmo que falar sobre a chegada do inverno; tudo que dizia tinha tom solitário. E ouviu as palavras pronunciadas outra vez por sua boca, sem fazer força alguma: — Vá em frente!
Ele seguiu para a cozinha.

- Acho que vai haver número suficiente de camaradas por lá — concordou.
- Claro que vai haver — disse ela, voltando a sorrir. Sempre voltava a sorrir. À vezes, quando falava com o filho, noite após noite, parecia que também estava levantando peso. Quando ele caminhava pelos aposentos, ela parecia estar fazendo a caminhada por ele. E quando o filho se sentava, pensativo, o que era freqüente, ela procurava algo para fazer, o que podia ser deixar a torrada queimar ou passar demais o bife. Ela emitiu leve som de risada, que logo abafou:

— Saia, então, e divirta-se.
Mas os ecos das palavras seguiram pela casa, como se já estivessem vazios, frios, e ele já estivesse de volta à porta. Ela movimentou os lábios:
— Vá em frente.
Ele apanhou a cidra, as abóboras e as levou para o automóvel. Era carro novo, e estivera assim, novo e sem uso, por quase um ano. Ele lhe dera polimento, mexera no motor, ou se colocara por baixo do veículo por horas a fio, mexendo em tudo aquilo lá embaixo, ou se sentara no banco dianteiro, examinando as revistas que falavam em saúde e vigor, mas raramente o dirigia. Colocou a cidra e as abóboras cortadas, orgulhosamente, no banco da frente, e à essa altura pensava que talvez se divertisse naquela noite, de modo que fez uma pequena brincadeira infantil, como se fosse deixar tudo cair, a mãe riu. Voltou a lamber o pirolito, pulou para o carro, deu marcha à ré no caminho de saibro, virou-o para o oceano, sem olhar aquela mulher, e partiu pela estrada costeira. Ela ficou no quintal, observando o veículo que se afastava. Leonardo, meu filho, pensava.
Eram sete e quinze, já escurecera bastante, as crianças seguiam pelas calçadas, envoltas em lençóis brancos de fantasmas, marcaras alvíssimas de alvaiade,

tocando as campainhas e gritando, sacudindo grandes sacos de papel enquanto corriam. Tudo fazia parte da noite tradicional de Halloween.
Leonardo, pensava ela.
Não o chamavam de Leonardo, mas de Pesadão e Sammy, abreviação de Samson. Chamavam-no de Butch, e também o chamavam de Atlas e Hércules. Na praia, sempre se viam os ginasianos em torno dele, apalpando-lhe os bíceps, como se fosse um novo modelo de carro esportivo, pondo-o à prova, admirando-o. Caminhava, como um deus dourado, entre eles. Todos os anos era assim. E, depois, os de dezoito anos chegavam aos dezenove, já não apareciam com tanta freqüência, alcançavam vinte e o faziam raramente, e depois do vinte e um e nunca mais, desapareciam, de repente havia outros de dezoito anos para substituí-los, sim, sempre, para ocuparem o lugar onde outros haviam estado no sol, enquanto os mais velhos para algum lugar, alguma coisa e alguém.

Leonardo, meu bom filho, pensava ela. Nós vamos assistir espetáculos, nas noites de sábado. Ele trabalha todos os dias nas linhas de alta-tensão, lá em cima no céu, sozinho, dorme sozinho no quarto à noite, nunca lê um livro, jornal, nem escuta o rádio ou toca um disco, e este ano completará trinta e um anos de idade. Onde foi, em todos esses anos, que aconteceu aquilo que o colocou sozinho naquele bosque, trabalhando sozinho todas as noites? Tinham havido mulheres o bastante, com certeza, aqui e acolá, de vez em quando, em sua vida. Criaturinhas fra-cotas, naturalmente, imbecis, sim, bastava olhá-las, mas eram mulheres, ou pequenas, e nenhuma delas merecia um segundo olhar. Ainda assim, quando o rapaz passa de trinta...? Ela suspirou. Ora, ainda na noite anterior o telefone tocara. Pesadão atendera, e ela pudera ouvir a metade da conversa, porque ouvira milhares como aquela, em mais de dez anos:
— Sammy, aqui é Christine. O que está fazendo?

As pestanas douradas e pequenas dele haviam piscado, a testa franzido, alerta e cauteloso.
— Por quê?
— O Tom, a Lu e eu vamos ao cinema; você quer ir também?

- Precisa ser um filme bom! — gritara ele, indignado. Ela dera o nome.
- Isso? — e ele resmungara.
- É um bom filme.

— Esse, não — afirmou ele. — Aliás, ainda não fiz a barba, hoje.

- Você pode fazer a barba em cinco minutos.
- Preciso tomar banho, e isso leva tempo.

Levara tempo, pensou a mãe, quando ele estivera no banheiro por duas horas, aquele dia. Penteia o cabelo vinte vezes por dia, desarruma tudo, volta a pentear, falando sozinho.
— Está certo — disse a voz feminina ao telefone. — Você vai à praia esta semana?

- Sábado — disse ele, sem pensar.
- Nós nos encontramos lá, então — propôs a pequena.

— Eu queria dizer domingo — voltou ele, mais que depressa.
— Eu posso ir domingo, também — insistiu ela.
— Se eu puder — disse ele, ainda mais depressa. — O meu carro está dando defeito.
— Certo — disse ela. — Está bem, Samson. Até logo.
Ele ficou ali muito tempo, revirando nas mãos o telefone silencioso.
Bem, pensava a mãe, agora vai se divertir. Uma boa festa de Halloween, com todas as maçãs que levava, amarradas em cordões, desamarradas, para serem procuradas em uma banheira de água, as caixas de doces, os grãos doces que têm o gosto do outono. Está correndo por aí como um meninozinho mau, pensava ela, lambendo o pirolito, todos gritando, soprando buzinas, rindo e dançando.
Às oito horas, e novamente às oito e meia e nove horas, foi à porta, olhando para fora, e tinha a impressão de estar ouvindo os ruídos da festa, muito distante, na praia escura, os sons trazidos pelo vento, e teve vontade de estar por lá, na pequena cabana, acima das ondas no cais, todos rodopiando em trajes de fantasia e todas as abóboras cortadas, cada qual de um modo, sendo travado o concurso da melhor máscara, pipoca aos montes para comer...
Segurou a maçaneta da porta, o rosto corado, agitado, percebendo de repente que as crianças haviam deixado de aparecer com seus pedidos da noite tradicional. Halloween, pelo menos para os garotos da visinhança, havia terminado.
Foi olhar no quintal.
A casa e o quintal estavam demasiadamente silenciosos. Era estranho, não ouvir a bola de basquete no saibro ou o rumorejar firme da punching-ball sendo esbordoada. Ou o som fino das molas apertadas com as mãos.
E se ele encontrasse alguém, aquela noite, encontrasse alguém por lá, e nunca mais regressasse, nunca mais voltasse para casa? Sem qualquer telefonema, sem carta, seria desse jeito. Sem uma só palavra de aviso. Limitar-se-ia a ir embora, nunca voltaria. E se acontecesse? Se acontecesse?
Não! pensou, não há ninguém, ninguém por lá, ninguém em parte nenhuma. O lugar dele é aqui, só aqui.

O coração, entretanto, batia com força, e ela teve de sentar-se.
E vindo da praia, de manso, o vento soprava.
Ela ligou o rádio, mas não conseguia ouvir.
Agora, estava pensando, eles não fazem coisa nenhuma, senão aquela brincadeira de cabra-cega, sim, isso mesmo, cabra-cega, e depois vão...
Asquejou, deu um salto, pos-se em pé.
As janelas haviam explodido, atingidas pela luz.
O saibro pulava em rajada, enquanto o carro entrava, os freios eram aplicados e ele parava, o motor ligado. Os faróis se apagaram no quintal, mas o motor continuava a roncar, baixar o ruído, roncar outra vez, baixar de novo.
Entrevia a figura escura, no banco dianteiro do automóvel, sem se mexer, olhando fixamente à frente.
— Você... — ela começou a dizer e abriu a porta de trás, levando um sorriso à boca. Logo o retirou dali, o coração já batia com mais calma. Obrigou-se a fechar a cara.
Ele desligou o motor, ela esperou. Ele saiu do carro e jogou as abóboras na lata do lixo, bateu a tampa com força.

- O que houve? — perguntou ela. — Por que você voltou tão cedo. . .?
- Nada — respondeu ele, passando por ela em repelão, com os dois galões de cidra intactos, colocando-os na pia da cozinha.
- Mas ainda não são dez horas...
- Isso mesmo — confirmou ele, seguindo para o dormitório e sentando-se na escuridão.

Ela esperou cinco minutos. Sempre esperava cinco minutos. Ele queria que ela fosse perguntar, ficaria furioso se não perguntasse, de modo que, afinal, foi até lá, fitou o quarto às escuras.

- Conte o que houve — pediu.
- Oh, eles todos ficaram por lá — explicou o filho. — Ficaram por lá, em pé, parados, como um bando de idiotas, não fizeram nada.
- Que pena.
- Ficaram em pé, como idiotas.
- Ah, mas que pena!
- Eu quis que eles fizessem alguma coisa, mas não adiantou. Só oito apareceram, oito em vinte, oito só, e eu era o único com traje à fantasia. Veja só! O único! Que corja de idiotas!
- E depois de tanto trabalho que você teve...
- Eles trouxeram pequenas c ficaram com elas ali, não faziam nada, não

brincavam. Alguns saíram com as pequenas — disse ele, no escuro, sentado e sem fitá-la. — Foram para a praia e não voltaram. Puxa vida!

Punha-se em pé, enorme, encostando-se na parede e parecendo desproporcional, nas calças curtas. Tinha esquecido o chapéu infantil na cabeça. Lembrou-se dele, de repente, tirou-o, jogando-o ao chão.
— Eu quis brincar com eles. Brinquei com um cachorro, e fiz algumas coisas, mas ninguém fez nada. Eu me sentia como idio':., o único vestido desse jeito, eles todos diferentes, e só oito apareceram, dos vinte, a maior parte sumiu em meia hora. A Li estava também, quis que eu andasse pela praia. Mas eu já estava com raiva, com raiva de verdade. Disse que não, muito obrigado. E voltei pra cá. Você pode ficar com o pirolito. Onde foi que guardei? Jogue a cidra na pia, pode beber, a mim não importa.
Ela não se movera um só centímetro, durante lodo o tempo em que ele falara. Abriu, então, a boca. O telefone tocou.

- Se forem eles, não estou em casa.
- É melhor você atender — disse ela.

Ele agarrou o telefone, com fúria.
— Sammy? — disse uma voz alta e bem clara. Ele segurava o aparelho à distância do ouvido, olhando-o fixamente na escuridão. — É você? — ele resmungou. — Aqui é o Bob. Que bom, encontrar você em casa. Estou com muita pressa, mas. . . que me diz da partida amanhã?
— Que partida?
— Que partida? Ora essa, você está brincando. O Notre Dame e o S.C.!

- Ah, futebol.
- Ora, não fale desse jeito, você jogou, você disse que...
- Pra mim, não — disse ele, sem fitar o telefone, a mulher, a parede, coisa nenhuma.
- Quer dizer que você não vai? Pesadão, sem você não vai ser jogo nenhum!

— Tenho de molhar a grama, limpar o carro...

- Você pode fazer isso no domingo!
- E eu acho também que meu tio vem me visitar. Até logo.

Ele desligou e passou pela mãe, indo para o quintal. Ela ouvia os sons que Pesadão fazia por lá, enquanto se preparava para deitar-se.
Ele deve ter esmurrado a punching-ball até as três da madrugada. Três horas,

pensava ela, inteiramente desperta, ouvindo os socos. Ele sempre parara à meia-noite, antes.
Às três e meia ele entrou na casa.
Ela ouviu que ele se colocara à porta do quarto.
E nada fazia, senão estar ali em pé, respirando.
Ela teve a sensação de que ele continuava com a roupa de criança. Mas não queria saber se era verdade.
Depois de muito tempo, a porta se abriu devagar.
Ele entrou no quarto escuro e deitou-se na cama, ao lado dela, sem a tocar. Ela fingiu estar dormindo.
Ele se deitava, o rosto para cima, o corpo hirto.
Ela não o podia ver, mas sentia a cama estremecer, como se ele estivesse rindo. Não dava para ouvir som algum, de modo que não podia ter certeza.
E ouviu, então, os leves rangidos das molas de aço, sendo esmagadas e soltas, esmagadas e soltas pelos punhos fortes.
Teve vontade de sentar-se s gritar com ele para que jogasse fora aquela coisa ruidosa. Teve vontade de arrancá-las de seus dedos.
Mas, pensou, o que faria ele com as mãos? O que poderia pôr nelas? O que iria ele fazer com as mãos?
Assim sendo, limitou-se à coisa única que podia fazer. Respirar baixo, fechar os olhos, ouvir e orar, oh, meu Deus, que continue, que ele continue a apertar essas coisas, que continue apertando essas coisas, que continue, continue apertando...
Era como estar na cama, em companhia de um grande grilo escuro.
E faltava muito para o amanhecer.

O HOMEM DA CAMISA RORSCHACH

Brokaw. Que nome!
Um som que parecia latido, ronco, um berro, a afirmação audaciosa de:
Immanuel Brokaw!
Belo nome para o grande psiquiatra, o maior dos que já haviam trilhado as águas da existência, sem emborcar.
Era só jogar um texto de Freud ao ar, e todos os estudantes espirravam:
Brokaw!
O que aconteceu a ele?
Um dia, como se fosse em sessão de mágica, desapareceu.
Apagada a luz que destaca o artista, seus milagres pareciam correr o perigo de inversão. Coelhos psicóticos ameaçavam saltar de volta para as cartolas, fumaças eram puxadas de volta às bocas dos canhões de pólvora seca. Todos nós ficamos esperando.
Foi silêncio por dez anos seguidos, e depois mais silêncio.
Brokaw se perdeu, como se se houvesse jogado, com gtitos e gargalhadas, em meio do Atlântico. Para que? Era procurar Moby Dick? Era psicanalisar aquele inimigo incolor, e descobrir quais os verdadeiros motivos de sua raiva contra o Louco Ahab?
Quem sabe?
Eu o vi, pela última vez, correndo para um aeroplano que partia ao crepúsculo, tendo a esposa e seis cachorros de luxo latindo lá atrás, no canipo empoeirado.
— Adeus para sempre!
O grito que cie dera, cheio de felicidade, parecia piada. No dia seguinte, todavia, vi homens tirando seu nome em letras douradas na porta do consultório, enquanto os grandes sofás, que pareciam mulheres gordas, eram levados para o tempo inclemente, rumo a algum leilão na Terceira Avenida.
Assim o gigante que fora Gandhi-Moisés-Cristo-Buda-Freud, todos sobrepostos em camadas em sobremesa arménia inacreditável, havia fugido, por um furo no meio das nuvens. Para morrer? Para viver em segredo?
Dez anos depois, eu seguia em um ônibus, na Califórnia, percorrendo as costas encantadoras de Newport.
O ônibus parou, um homem com seus setenta anos de idade embarcou, jogando pratas na caixa coletora, como se fosse maná caindo do céu. Ergui o olhar, lá

atrás do ônibus e arquejei.
— Brokaw! Com todos os santos!
E ali, com ou sem santificação, estava ele. Desempenado como Deus manifesto, barbudo, benevolente, pontifical, erudito, alegre, aceitando, perdoando, messiânico, tutelar para sempre e eterno...
Immanuel Brokaw.
Mas não em terno escuro, em absoluto.
Em vez disso, como se envergasse as vestes de alguma igreja nova e cheia de si, ele usava: Bermuda, sandálias mexicanas, de couro preto, um quepe de beisebol, dos Dodgers de Los Angeles, óculos escuros, e...
A camisa! Ah, meu Deus! A camisa!
Uma coisa tresloucada, vegetação rasteira, luxuriante, com papa-moscas, uma dilatação e contração de Pop-Ópera, cheia de flores, cravejada em todos os interstícios com animais e símbolos mitológicos!
Pescoço aberto, essa camisa enorme pendia, açoitada pelo vento, como se fossem mil bandeiras em uma parada de nações unidas, porém neuróticas.
Agora, no entanto, o Dr. Brokaw punha de lado o quepe de beisebol, levantava os óculos escuros para examinar os lugares vazios no ônibus. Caminhando devagar pelo corredor central ele girou, fez pausa, parou aqui, depois ali, logo acolá. Murmurava, cochichava, falava baixo ora com este homem, ora com aquela mulher ou criança.
Eu estava a ponto de gritar, quando ouvi que ele dizia:
— Bem, o que acha dela?
Um garoto, aturdido pelo efeito de propaganda circense na roupa do velho, piscava, precisando de incentivo. O velho o incentivou:
— A minha camisa, rapaz! O que você está vendo!?

- Cavalos! — balbuciou o menino, afinal. — Cavalos dançando!
- Muito bem! — o doutor sorria satisfeitíssimo, afagando o menino, e passando em frente. — E o senhor?

Um rapaz, de todo espantado pelo caráter direto dessa invasão de alguém que viera de algum mundo onde o verão devia ser perpétuo, respondeu:

- Ora. . . nuvens, naturalmente.
- Cúmulos ou nimbos?

— Bem. . . não são nuvens de tempestade, não, não. Nuvens lanudas, nuvens que parecem carneiros.
— Muito bem!

O psiquiatra passava em frente.
— E a senhorita?
— Surfistas! — proclamou uma adolescente, fitando a camisa. — Lá estão as ondas, bem grandes. Pranchas de surfe. Lindo!
E assim a coisa foi, até o extremo do ônibus, e enquanto o grande homem seguia caminho, alguns fragmentos de risadas surgiam, e logo se tornavam contagiosas, transformavam-se em estrondos de hilaridade. A essa altura, mais de dez pasageiros haviam ouvido as primeiras respostas, e entraram na brincadeira. Aquela mulher via arranha-céus! O médico dedicou-lhe olhar desconfiado. O médico piscou o olho. Aquele homem via enigmas, palavras cruzadas. O doutor apertou-lhe a mão. Esta criança via zebras, em ilusão de ótica, na selva africana. O doutor deu uma palmada nos animais, fez com que eles pulassem! Esta senhora idosa via Adãos em forma vaga e Evas nebulosas, sendo expulsos de Paraísos um tanto difusos. O doutor acomodou-se no banco ao lado dela, por algum tempo; conversaram em jatos de cochichos, animados, e depois ele se pôs em pé, passou à frente. A velha vira um despejo? Pois esta jovem enxergava um casal a ser chamado de volta!
Cachorros, relâmpagos, gatos, automóveis, nuvens no formato de cogumelo, lírios que devoravam homens!
Cada pessoa, cada resposta, ocasionava exclamações mais altas de comentário. Descobrimos que estávamos, todos nós, rindo juntos. Aquele velho excelente era um acontecimento da natureza, um capricho, a Vontade de Deus, costurando as nossas vidas separadas, juntando-as em uma só.
Elefantes! Elevadores! Sinais de alarme! O Destino!
Quando ele embarcava no ônibus, nada queríamos saber uns dos outros. Agora, entretanto, como enorme bola de neve, sobre a qual tínhamos de falar, ou uma falha do suprimento elétrico que deixara às escuras dois milhões de residências, jogando-nos a todos na risada, bate-papo e comentários comunais sentíamos que as lágrimas limpavam nossas almas, enquanto escorriam por nossas faces.
Cada resposta parecia ainda mais engraçada do que a anterior, e ninguém gritava mais alto suas grandes torturas de gargalhada do que aquele grande e maravilhoso médico que pedia, obtinha e tratava de nossos males ali mesmo. Baleias. Algas. Prados cobertos de grama. Cidades perdidas. Mulheres belíssimas. Ele fez uma pausa, girou, sentou-se. Levantou-se, sacudiu a camisa de cores tresloucadas, até que estivesse finalmente à minha frente 2 perguntasse:

- Senhor, o que vê?
- Ora, o Dr. Brokaw, naturalmente!

A risada do velho parou, como se houvesse levado um tiro. Ele tirou os óculos escuros, depois os recolocou e me agarrou os ombros, como se quisesse colocar-me em foco.

- Simon Wincelaus, é você!
- Eu, eu! — e ria. — Santo Deus, doutor, achei que estava morto e sepultado, desde muito. Que negócio é esse que está fazendo agora?
- Fazendo, agora? — e ele apertou e sacudiu minhas mãos, sacudia meus braços, passava as mãos em minha face, com gentileza. Depois emitiu uma grande risada, na qual perdoava a si próprio, enquanto olhava toda aquela superfície de camisa ridícula. — Que estou fazendo? Aposentei-me. Desapareci, bem depressa. Da noite para o dia, cobri mais de três mil milhas, desde onde você me viu pela última vez...

Seu hálito de hortelã-pimenta aquecia meu rosto.

- E agora, sou mais conhecido por aqui como... escute!... o Homem da Camisa Rorschach.
- Da o que? — gritei.
- Camisa Rorschach.

Leve como um balão de gás, sentou-se a meu lado. Ali fiquei, aturdido e calado. Seguimos a viagem, ao lado do mar azul, sob o céu brilhante de verão.

O doutor olhava em frente, como se estivesse vendo meus pensamentos em letras garrafais, escritas no meio das nuvens.

- Por que, é o que você pergunta, por quê? Eu vi seu rosto, espantado, no aeroporto, faz tempo. O meu Dia de Ir Embora para Sempre. Meu avião devia ter o nome de Titanic Feliz. Nele, afundei para sempre, no céu sem vestígios. Aqui, estou em forma absoluta, não acha? Nem bêbado, nem doido, nem derrubado pela idade e pelo tédio da aposentadoria. Onde, o que, por quê, como é?
- Sim — corroborei. — Por que o senhor se aposentou, com tudo à sua espera? Capacidade, renome, dinheiro. Nem um sinal de...
- Escândalo? Nenhum! Por que, então? Porque este camelo velho não quebrou uma das gibas, mas as duas, com duas palhas. Duas palhas notáveis. A Giba Número Um...

Fez uma pausa, olhou-me de soslaio, com aqueles óculos escuros.

— Isto aqui é um confessionário — propus. — Boca de siri.

— Confessionário. Isso mesmo, obrigado.
O ônibus continuava em viagem suave.
A voz dele se ergueu, caiu, igualando-se ao zumbido do motor.
— Você conhece a minha memória fotográfica, não é? Abençoada, amaldiçoada, com a recordação total. Tudo quanto é dito, visto, feito, tocado, ouvido, pode ser trazido de volta por mim, quarenta, cinqüenta, sessenta anos depois. Tudo que aconteceu, preso aqui.
E afagava as têmporas de leve, usando os dedos das duas mãos.
— Centenas de casos psiquiátricos, que passaram por minha porta, dia após dia, anos após ano. E nem uma vez examinei as anotações que fazia em qualquer dessas sessões. Logo descobri que só precisava tocar de volta o que ouvira, dentro da cabeça. Fitas sonoras, naturalmente, eu fazia para garantia, mas nunca precisei ouvi-las. E assim você tem o palco pronto para o caso chocante que aconteceu.
Fez uma pausa, logo aduzia:
— Um dia, quando estava com sessenta anos de idade, uma mulher paciente disse uma só palavra. Eu pedi que ela repetisse. Por quê? De repente, sentira que meus canais semicirculares mudavam, como se algumas válvulas se houvessem aberto para o ar fresco, em nível subterrâneo.

- "Besta" — ela disse.
- "Eu pensei que tinha dito bosta" — disse eu.
- "Oh, não, doutor, eu disse besta".
- Uma só palavra — prosseguiu ele. — Uma pedrinha caiu pela beira. E então. . . veio a avalanche. Isso porque, do modo mais distinto, ouvi o que ela dizia: "Ele amava a bosta em mim", o que é um modo diferente de interpretar a coisa, não? Quando, na realidade, ela dissera: "Ele amava a besta em mim", coisa muito diferente, como deve compreender.

Ele prosseguia:
— Não consegui dormir naquela noite. Fumei, fiquei olhando pela janela, a cabeça, ouvidos, tudo parecia estranhamente claro, como se houvesse acabado de curar um resfriado com duração de trinta anos. Desconfiei de mim mesmo, de meu passado, dos meus sentidos, de modo que às três da madrugada seguinte, fui para meu gabinete e descobri o pior.
Ele se recordava, voltou a falar:

- As conversas relembradas de centenas de casos, em minha mente, não eram as mesmas gravadas nas fitas, nem datilografadas por minha secretária!
- Quer dizer que...?

- Quero dizer que quando eu ouvia "bosta", na verdade era "besta". Capricho era cabra, ou então bicho, ou mesmo carrapicho. Sabor era pavor. Imortal transformava-se em imoral. A sombra era bomba. O sonho limitava-se a simples banho. E sexo? Era nexo, ou, quem sabe, perplexo! Sim, fim. Não, bom. Porre virava corre-corre. Qualquer que fosse a palavra, eu ouvia errado. Dez milhões de palavras mal entendidas! Eu examinava os arquivos, ficava apavorado. Sensual tinha passado a pontual. Santo Deus! Que barbaridade!

Fez uma pausa, prosseguiu:
— Por todos aqueles anos, aquela gente toda! Papagaio, Brokaw, gritei eu, por todos esses anos, desde que a palavra de Deus desceu da Montanha, como uma pulga, dando pulos em sua orelha. E agora, no final do dia, velho sabichão, você tem a idéia de consultar suas pedrinhas, que escreveu com o fogo dos céus. E descobre que suas Tábuas cia Lei são diferentes!
Ele prosseguia:
— Moisés fugiu do consultório, pela noite. Saí correndo às escuras, desenredando o meu desespero. Fui de trem até a estação do Desalento, talvez por causa da atração exercida por esse nome.
Eu o olhava, ele prosseguia:
— Caminhei ao lado de um tumulto de ondas que só eram igualadas pelo tumulto em minha cabeça e peito. Como? — perguntava a mim mesmo — como pude ter sido semi-surdo por toda a vida, sem perceber? E perceber só agora, quando um simples acidente fez voltar o dom, como, como?!
Ele explicava:
— Minha única resposta foi uma grande onda que trovejou, caindo na areia. E assim, você tem a palha número um, que quebrou a giba número um deste camelo em forma humana.
Seguiu-se um instante de silêncio.
Continuávamos no ônibus, este em seu caminho pela estrada praiana dourada, em meio à brisa suave.
— É a palha número dois? — perguntei, finalmente, em voz baixa.
O Dr. Brokaw ergueu os óculos escuros, de modo que a luz y do sol pudesse ser entrevista em toda aquela caverna que era o ônibus. Observávamos os arco-íris nadando por ali, ele de modo desligado e parecendo apenas um pouco preocupado.

- A vista. A visão. Tessitura. O detalhe. Não são coisas milagrosas?
  Espantosas, no sentido de causarem verdadeiro espanto? O que é a vista, a

visão, a percepção? Nós realmente queremos ver o mundo?

- Oh, sim! — respondi prontamente.
- Aí temos a resposta impensada de um jovem. Não, meu caro rapaz, não queremos. Aos vinte, sim, pensamos que queremos ver, conhecer, ser tudo. Também pensei assim. Mas sempre tive" olhos fracos, por toda a vida, e passava metade dos dias recebendo receitas de óculos novos, dadas pelos oculistas, sabe? Bem, chegou o amanhecer da lente da córnea! Pelo menos, ao que resolvi, vou usar aqueles milagres pequeninos e brilhantes, o das lágrimas, aqueles discos invisíveis! Coincidência? Causa psicossomática e efeito correspondente? Isso porque, na mesma semana em que pus as lentes de contato, foi a semana em que minha audição se consertou! Deve haver alguma ligação fisio-mental, mas não quero chegar a algum palpite arriscado. Tudo que sei é que mandei preparar minhas pequenas lentes cristalinas de contato, instalei-as nos meus olhinhos azuis e fracos de criancinhas de colo e... voilà!

Ele declarou:

— Lá estava o mundo! Lá estavam as pessoas! E lá estavam, que Deus nos ajude, a sujeira, lá estavam os inúmeros poros na pele das pessoas.

— Simon — aduziu ele, deplorando-se com gentileza, os olhos fechados por momentos, atrás daqueles óculos escuros —, você já pensou, você sabia que as pessoas, na maior parte, são poros?

Deixou que essas palavras ficassem no ar por algum tempo, pensei sobre elas.

- Poros?'— disse eu, afinal.
- Poros, sim! Mas quem pensa nisso? Quem se dá ao trabalho de olhar? Com minha visão restaurada, entretanto, eu via! Ura milhar, um milhão, dez bilhões de... poros. Grandes, pequenos, pálidos, vermelhos. . . todos poros. Em todos, nas pessoas que passavam, nas pessoas dentro dos ônibus, cinema, cabines telefônicas, tudo poros e pouca substância. Pequeninos poros, em mulheres pequenas. Grandes poros, em homens enormes. Ou o contrário. Poros tão numerosos quanto aquela poeira dos infernos, que cai no raio de sol, dentro das igrejas, ao final da tarde. Poros. Eles se tornaram o objeto completo de minha atenção fixa. Eu fitava as belas senhoras, mas não lhe via as bocas, olhos ou lobos de orelhas. Um homem não devia observar o esqueleto feminino requebrando-se, com aquela carne macia e suave? Sim! Mas não, eu só via peles perfuradas como queijos, como peneiras de cozinha. Toda a Beleza transformou-se em Grotesco azedo. Desviar meu olhar era como desviar o telescópio de 200 polegadas do

Monte Palomar, dentro do meu cérebro. Para todos os lados em que olhasse, via aquelas luas bombardeadas por meteoros, em aproximação pavorosa!

Outra pausa, ele continuava:

- E a mim mesmo? Meu Deus. ao me barbear de manhã, passava por tortura requintada. Não conseguia arredar os olhos de meu rosto perfurado. Com os demônios, Immanuel Brokaw, dizia a mim mesmo, você é o Grande Canyon ao meio-dia, uma laranja com um bilhão de umbigos, uma toranja com a pele descascada.
- Em resumo, minhas lentes de contato haviam-me levado de volta aos quinze anos de idade, isto é, a uma situação de dúvida e horror crucificantes, de imperfeição absoluta. É a pior idade na vida de todos, que voltava para me perseguir, com seu fantasma esburacado e de covinhas.
- Fiquei como verdadeiro destroço humano, um frangalho. Ah, a segunda Adolescência, tenha piedade de mim, pedia. Como pude ser tão cego por tantos anos? Cego, e sabia que havia sido, e sempre dizia que não tinha importância. Assim, havia tateado pelo mundo, como um míope sôfrego, deixando de ver os buracos, rasgões, saliências dos outros, bem como em mim mesmo. A Realidade, agora, havia me jogado no olho da rua. E a Realidade eram — os Poros.

— Fechei os olhos e fui deitar-me, por dias seguidos. Depois sentei-me na cama e proclamei, de olhos arregalados: a Realidade não é tudo! Recuso esse conhecimento. Surjam leis contra os Poros! Aceito, em vea disso, as verdades que intuímos, ou que fazemos, para viver por elas.
Negociei os meus olhos, isto é, entreguei minhas lentes de contato com a córnea a um sobrinho sádico, que gosta de lixo, pessoas encaroçadas e coisas peludas.
Ele prosseguia:
— Pus de volta os meus antigos óculos, que não tinham sido corrigidos em grau. Passeava agora por um mundo de nevoeiros gentis, que regressavam a mim. Vi o bastante, mas não o demasiado. Descobri pessoas-fantasmas, apenas entrevistas, a quem podia voltar a amar. Vi o "eu" no vidro do espelho de manhã com o qual podia novamente ir dormir, admirar e aceitar como camarada. Comecei a rir todos os dias, com nova felicidade. De começo, baixinho, mas logo podia rir bem alto.
Ele fez uma pausa e observou:
— Que piada é a vida, Simon. Por vaidade, compramos lentes que vêem tudo, de modo que perdemos tudo!

E ele continuava:

- E devolvendo o que chamam de fragmentos de sabedoria, realidade, verdade, ganhamos de volta a inteireza da vida! Quem não sabe disso? Os escritores sabem! As novelas intuídas são muito mais "verdadeiras" do que toda a reportagem garatujada com fatos e dados, na história do mundo!
- Mas eu tive, afinal, de enfrentar a grande cisão que contrariava minha consciência. Meus olhos. Meus ouvidos. Santo Deus, dizia eu, baixinho. Os milhares de pessoas que passam por meu consultório, deitam em meus sofás, procuram ecos em minha Caverna Deifica, ora essa, tudo absurdo! Eu não vira uma só delas, não ouvira com clareza!
- Quem era essa tal Srta. Harbottle?
- Quem era o velho Dinsmuir?
- Qual era a cor, aspecto e tamanho verdadeiro da Srta. Grimes?

—- Teria a Sra. Scrapwight realmente se parecido e falado como uma múmia de papiros egípcios, tirada de um tapete? Não podia, sequer, adivinhar. Dois mil dias de neblina cercavam meus filhos perdidos, que eram simples vozes chamando, esmaecendo, sumindo.

- Meu Deus, eu havia caminhado pela praça do mercado com um sinal invisível de CEGO E SURDO, e as pessoas tinham acorrido a preencher minha mão de pedinte com moedas, saindo dali curadas. Caiadas! Não era milagroso, estranho? Curadas por um destroço velho, que tinha perdido o braço, ao qual faltava uma perna. O que? O que dizia a eles. e que era certo, depois de ter ouvido errado? Quem, na verdade, foram essas pessoas? Jamais saberei.
- E depois pensei: existem cem psiquiatras nesta cidade que vêem. escuiam mais claramente do que eu. Mas de quem são os pacientes que entram nus em mares bravios, ou pulam dos escorregas à meia-noite, nos jardins públicos, ou amassam as mulheres e fumam charutos em cima delas?
- Assim, tive de enfrentar o fato irredutível de que obtivera uma carreira vitoriosa.
- Os aleijados não conduzem os aleijados, gritava minha razão, os cetzos c paralíticos não curam os paralíticos e os cegos! Mas uma voz. eiH um canto na minha alma, respondia com ironia imensa: "Vejam só, você, Immanuel Brokaw, é um gênio de porcelana, o que qaer dizer rachado, porém brilhante! Seus olhos encobertos enxergam, suas orelhas arrolhadas escutam. Suas sensibilidades fraturadas curam em algum nível por baixo da consciência! Muito bem!"

- Mas não. não podia viver com minhas imperfeições perfeitas. Não podia compreender ou tolerar aquela coisa secreta e delambida que, por meio de telas c ofuscações fazia de doutor para o mundo e curava os males.
- Restavam-me diversas escolhas, nessa ocasião. Recolocar minhas lentes de contato? Comprar rádios de ouvido, para auxiliar meu sentido sonoro em ráfpida melhoria? E depois? Descobrir que perdera o contato com minha mente melhor e oculta, que se acostumara comodamente a trinta anos de má visão e audição horrível? Seria o caos, tanto para o curador quanto para os curados.
- Continuar cego e surdo e trabalhar? Parecia uma impostura temível, enibora meus assentamentos fossem limpíssimos, sem mácula.

Uma pausa então, e esclareceu:
— Por isso, aposentei-me. Fiz as malas e parti para o esquecimento áureo, para deixar que a cera inacreditável se juntasse em meus ouvidos estranhos mas terríveis...

Seguíamos no ônibus, ao longo da costa, naquela tarde acolhedora e quente. Algumas nuvens passavam sobre o sol. Sombras formavam neblinas nas areias e as pessoas por ali, sob os pára-sóis coloridos.
Pigarreei.
— O senhor vai voltar a medicar, doutor?
— Estou medicando, agora.
— Mas o senhor acabou de dizer...

- Oh, não de modo oficial, nem com consultório, honorários, nada disso, nunca mais — respondeu, rindo baixinho. — De qualquer modo, estou muito preocupado com o mistério. Isto é, como curei toda aquela gente, bastando impor as mãos, mesmo se os braços estavam cortados nos cotovelos. Ainda agora, continuo pondo a "mão".
- Como?
- Esta camisa que estou usando. Você viu. Você escutou.
- Quando o senhor vinha pelo corredor?
- Exatamente. As cores, as figuras, os padrões. Uma coisa para este, outra para aquela, uma terceira para o menino. Zebras, bodes, relâmpagos, amuletos egípcios. O que, o que. o que? pergunto e elas vêm. resposta, resposta, resposta. O Homem na Camisa Rorschach.

Esclareceu, então.
— Tenho uma dúzia dessas camisas, em casa. São de todas as cores, todas as combinações diferentes de padrões. Uma foi desenhada para mim por Jackson

Pollack, antes de morrer. Uso cada camisa um dia, ou uma semana, se as respostas forem rápidas, cheias de animação e recompensa. Tiro então a antiga, ponho a nova. Dez bilhões de olhares, dez bilhões de respostas espantadas!
Perguntava-me.
— Não podia eu vender estas camisas Rorschach ao seu psicanalista em férias? Para examinar os amigos? Chocar os vizinhos? Divertir sua esposa? Não, não. Este é meu divertimento particular mais especial e mais querido. Ninguém deve partilhar dele. Eu e minhas camisas, o sol, o ônibus, e mais de mil tardes pela frente. A praia espera e, nela, a minha gente!
Satisfeito, prosseguia:
— Assim é que caminho pelas praias deste mundo no verão. Não existe inverno aqui, é notável, eu sei, não existe inverno de descontentamento, quase parece, e a morte é um boato que fica para lá das dunas de areia. Eu caminho em meu próprio tempo, a meu jeito, encontro as pessoas e deixo o vento sacudir minha grande camisa, que parece vela de navio, ora para o norte, ora para o sul e vejo como os olhos se arregalam, espiam, zombam, apertam-se, pensam. E quando certas pessoas dizem certa palavra a respeito de minhas cores feitas a tinta eu paro, bato papo. Caminho com elas por algum tempo. Olhamos para o grande vidro do mar. De lado, dou também uma espiada na almas delas. Às vezes caminhamos por horas, em sessão prolongada. Em geral só é preciso um dia e, sem saberem com quem caminharam, livres de tudo, dou-lhes alta, eles sem saberem que foram meus pacientes. Passam a caminhar na praia do entardecer, rumo a um amanhecer ainda mais claro. Atrás delas, o homem surdo-cego faz sinal de boa viagem, e volta para casa, a fim de devorar um jantar feliz, satisfeito por ter realizado bom trabalho.

- Às vezes, encontro alguém que quase dorme na areia e cujos problemas não podem ser arrancados, para morrerem à luz do dia. E então, por acidente, colidimos uma semana depois, e caminhamos à beira da água agitada, fazendo o que sempre foi feito; temos o nosso confessionário peripatético. Isso porque muito antes de sacerdotes enclausurados, murmúrios e arrependimentos, os amigos já caminhavam, falavam, ouviam, e nisso de falar e ouvir, curavam os desesperos na alma um do outro. Os bons amigos trocam os problemas por todo o tempo, dão presentes de desalento mútuo e, assim, livram-se dele.
- O lixo se junta nos gramados e nas mentes humanas. De camisa berrante e bastão coletor de lixo, eu saio todos os dias para... limpar as praias. São tantos, tantos corpos deitados ali, sob a luz! Tantas mentes, perdidas na escuridão! Eu procun caminhar entre eles todos sem... tropeçar...

O vento soprava pela janela do ônibus, fresco, fazendo uma série de ondulaçães na camisa estampada do velho pensativo. O ônibus parou.
O Dr. Brokaw, de repente, viu onde estávamos e deu um salto.
— Espere!
Todos no ônibus se voltaram, como para assistir à saída do ator principal. Todos sorriam.
O Dr. Brokaw apertou minha mão, saiu correndo. Na parte dianteira do ônibus ele se voltou, espantado por seu próprio esquecimento, levantou os óculos escuros e olhou para mim, os olhos infantis e azuis.
— Você...
Para ele, eu já era um sonho nublado, situado em algum ponto além da orla da visão.
— Você... — ele disse, falando para aquela nuvem fabulosa de existência que o cercava de peito, aconchegante — você não disse o que vê em minha camisa!
Empertigou o corpo, a fim de pôr à mostra aquela inacreditável camisa Rorschach que esvoaçava e batia, todas as linhas e cores sempre em mudança.
Olhei, pisquei, respondi:
— Um nascer do sol! — gritei.
O doutor quase cambaleou, recebendo esse golpe de gentil amizade.
— Tem a certeza de que não é um pôr de sol? — gritou de lá, levando uma das mãos ao ouvido.
Voltei a olhar e sorri. Contava que ele notasse meu sorriso, à mil milhas de distância, dentro daquele ônibus.
— Não — insisti. — Um nascer do sol. Um belíssimo nascer do sol.
Ele fechou os olhos para digerir as palavras. Suas mãos enormes percorreram a costa de sua camisa agitada pelo vento. Assentiu, depois abriu os olhos pálidos, acenou uma vez e desembarcou para o mundo.
O ônibus continuou a viagem. Olhei uma vez para trás.
E lá o dr. Brokaw, andando diretamente para a praia onde se encontrava uma amostragem do mundo, mais de mil banhistas sob aquela luz quente.
Ele parecia estar pisando, de leve, em água feita de gente.
Na última vez que o vi, continuava gloriosamente flutuando.

HENRY, O NONO

— Lá está ele!
Os dois homens se inclinaram, o helicóptero inclinou-se também. A linha da costa marítima se estendia lá por baixo.
— Não, é só um bocado de rocha e um pouco de musgo...
O piloto endireitou a cabeça, o que serviu de sinal para o ascensor de helicóptero endireitar-se também e sair dali. Os penhascos brancos de Dover apareceram. Irromperam sobre prados verdejantes e assim foram de um para outro lado, de trás para a frente, como imensa libélula excursionando nas coisas do inverno que lhe atingiam as lâminas rotoras.
— Espere. Ali. Baixe!
A máquina desceu; a grama subiu. O segundo homem, resmungando, empurrou para o lado o olho-bolha e, como se precisasse de óleo, desceu cuidadosamente para o chão. Correu, então. Porque logo perdeu o fôlego, reduziu as passadas e gritou fracamente, contra o vento:
— Harry!
O berro fez com que uma forma, na elevação à frente, cambaleasse e corresse.

- Eu não fiz nada!
- Não é a lei, Sam, sou eu, Sam Welles!

O velho que fugia à frente diminuiu a carreira, depois parou, rígido, na orla do penhasco acima do mar, segurando a comprida barba com as mãos enluvadas.
Samuel Welles, ofegante, veio por trás mas não o tocou receando fazê-lo entrar em fuga.
— Herry, seu idiota dos infernos. Já passam semanas! Tive medo de não poder encontrá-lo.
— E eu, com medo de que você me encontrasse.
Harry, cujos olhos haviam estado cerrados, abria-os agora para olhar a barba, as luvas e o amigo Samuel. Ali estavam eles, dois homens idosos, muito grisalhos e com muito frio, numa elevação de pedra, em dia de dezembro. Haviam-se conhecido por tanto tempo, tantos anos, que tinham transmitido e passado um para o outro as expressões fisionômicas dos semblantes. Suas bocas e olhos, portanto, eram semelhantes. Pareciam irmãos. A única diferença aparecia no

homem que saltara do helicóptero. Por baixo das roupas escuras dava para entrever a camisa esportiva incongruente, cores à Hawaii. Harry procurou não vê-la.
Naquele instante, de qualquer modo, ambos estavam com os olhos cheios de lágrimas.
— Harry, eu vim para adverti-lo.
— Não precisa. Por que pensa que andei escondido? É hoje o dia final?
— Sim, o final.
Ali ficaram, pensando no caso.
O dia seguinte seria o de Natal. E agora, nessa Véspera de Natal, de tarde, os últimos barcos partiam. E a Inglaterra, uma pedra em mar de nevoeiro e água, seria monumento marmóreo a si- própria, deixado ali, inscrito pela chuva e sepultado pelo nevoeiro. Depois de hoje, apenas as gaivotas possuiriam a ilha. E um milhão de borboletas em junho, levantando vôo como comemorações atiradas sobre desfiles rumo ao mar.
Harry, os olhos fixos na costa, foi quem falou:
— Ao pôr do sol, o último dos malditos idiotas estará longe da ilha?

- Mais ou menos.
- E, que coisa terrível... Você, Samuel veio raptar-me?
- Persuadir, é como prefiro dizer.

— Persuadir? Meu Deus, Sam, depois de cinqüenta anos você ainda não me conhece? Não deu para adivinhar que eu queria ser o último homem em toda a Bretanha? Não, não é esse o nome certo, Grande Bretanha, quero dizer.
Último homem da Grã-Bretanha, pensava Harry. Meu Deus, escute. Ele está tocando. É o grande sino de Londres, ouvido em meio a todos os chuviscos, ao correr do tempo, até aquele dia e hora estranhos, quando o último, o último com exceção de um, deixa este berço racial, este toque sepulcral de verde, encravado no mar de luz fria. O último. O último.
— Samuel, escute. Minha sepultura está cavada. Eu detestaria deixá-la para trás.

- E quem vai botar você lá dentro?
- Eu, quando chegar o momento.
- E quem vai cobrir com terra?

— Ora, existe a poeira, Sam. O vento tratará disso. Ah, meu Deus!
Sem desejá-lo, as palavras explodiram em sua boca. Teve a surpresa de ver as lágrimas atiradas ao ar, saídas dos olhos que piscavam.

- O que estamos fazendo aqui? Por que todas essas despedidas? Por que os últimos barcos no Canal e os últimos jatos se foram? Para onde foram as pessoas, Sam? O que aconteceu, o que houve?
- Ora, é muito simples, Harry — disse Samuel Welles, com calma. — O tempo, aqui, é ruim. Sempre foi ruim. Ninguém se atrevia a falar dele, porque não se podia tomar providência alguma. Mas a Inglaterra, agora, está terminada. O futuro pertence...

O olhar de ambos voltou-se para o Sul.

- Às malditas Ilhas Canárias?
- Samoa.
- Às costas do Brasil?

— Não esqueça a Califórnia, Harry Ambos, riram baixinho.
— Califórnia... De todas as piadas! Aquele lugar é engraçado. Mesmo assim, não existe mais de um milhão de ingleses por lá, de Sacramento a Los Angeles, no meio-dia de hoje?
— E outro milhão na Flórida.
— Dois milhões lá embaixo, só nos últimos quatro anos. Anuíram ambos, concordando com os números apresentados.
— Bem, Samuel, o homem diz uma coisa, o sol determina outra. Por isso, o homem vai pelo que a pele diz e o sangue finalmente ordene: o Sul. Tem dito isso há dois mil anos. Nós fingíamos não ouvir. Um homem com a primeira queimadura de sol é o mesmo que o homem em seu primeiro caso amoroso, sabendo ou não. Afinal, ele se deita por baixo do grande céu estrangeiro e diz à grande luz cegante: ensina-me, oh Deus, ensina-me com suavidade.
Samuel Welles sacudiu a cabeça, espantado.
— Continue falando assim, e não precisarei raptá-lo.

- Não, o sol pode ter-lhe ensinado, Samuel, mas não consegue ensinar a mim. Bem queria que pudesse. A verdade é que não vai ser divertido, sozinho aqui. Não dá jeito de convencê-lo, Sam, a ficar também, a velha turma, você e eu, como nos tempos de meninos, hem? — e ele cutucou o cotovelo do outro, com brutalidade e carinho.
- Meu Deus, você me faz sentir como se estivesse desertando o Rei e a Pátria.
- Não, você não deserta coisa alguma, porque não existe ninguém por aqui. Quem teria sonhado, quando éramos garotos em 1980, com a chegada de um dia em que a promessa de verão eterno faria John Buli vazar para os quatro cantos do mundo?

- Senti frio por toda minha vida, Harry. Foram demasiados os anos em que vesti suéteres em demasia, sem carvão bastante na fornalha, anos em demasia em que o céu não mostrou uma só faixa azul, no primeiro dia de junho, nem um cheiro de feno em julho, nem um dia seco, e o inverno começava no primeiro dia de agosto, ano após ano. Não agüento mais, Harry, não agüento.
- Nem precisa agüentar. Nossa raça soube comportar-se bem. Vocês ganharam, todos, e mereceram essa aposentadoria prolongada na Jamaica, Port-au-Prince e Pasadena. Dê-me a mão. Aperte aqui outra vez. É um grande momento na história. Você e eu estamos vivendo esse momento!

— Estamos mesmo, por Deus!
— Agora, olhe uma coisa, Sam. Quando você já houver ido, instalando-se na Sicília, Sidney ou Laranja-Umbigo, na Califórnia, conte este momento à imprensa. Talvez o apresentem em uma coluna. E os livros de história? Não acha que devia haver meia página para você e eu, o último a sair e o último a ficar? Sam, Sam você está quebrando meus ossos, mas aperte com força, esta é nossa última luta.
Afastaram-se, ofegantes, os olhos marejados.
— Harry, você agora quer vir comigo até o helicóptero?
— Não. Tenho medo daquela engenhoca infernal. A lembrança do sol neste dia escuro podia me assaltar, e levar-me com você.
— E que mal tem isso?

- Mal?! Ora, Samuel, tenho de guardar nossas costas contra a invasão. Os normandos, os vikings, os saxões. Nos anos vindouros, caminharei por toda a ilha, montarei guarda em Dover, no Norte, por cima dos recifes e até Filkestone, até aqui outra vez.
- Hitler vai invadir, meu camarada?
- Ele e seus fantasmas talvez queiram.
- E como vai lutar contra eles, Harry?
- Acha que caminharei sozinho? Não. Durante o dia talvez descubra César, na costa. Ele gostava dessa costa que deixou uma ou duas estradas por ali. Vou tomar essas estradas, apanhar emprestado aqueles fantasmas dos invasores escolhidos, para repelir os indesejáveis. Cabe a mim aceitar ou rejeitar fantasmas, escolher ou não, em meio a toda aquela maldita história do país?
- Cabe, cabe sim.

O último homem voltou-se para o norte, depois oeste, em seguida para o sul.

- E quando eu tiver visto que tudo vai bem, desde o castelo aqui, até o farol acolá, e tiver ouvido a batalha de canhonaços em frente do penhasco de Firth, e tocado gaitas em volta da Escócia, com uma gaita bem azeda, em cada semana do Ano Novo, Sam, descerei o Tâmisa e a cada 31 de dezembro, até o final de minha vida, serei o vigia noturno de Londres, sim, eu, darei corda naquele relógio e tocarei os sinos das velhas igrejas de carrilhão. Laranjas e limões, dizem os sinos de St. Clemens. E o de Santa Margarida, o de São Paulo. Dançarei na ponta de corda por você, Sam, e ficarei contando que o vento frio soprando rumo ao sul, para o vento quente, onde quer que você esteja, consiga mover alguns cabelos brancos em suas orelhas tisnadas de sol.
- Estarei ouvindo, Harry.
- Escute mais! Vou sentar nas Câmaras dos Lordes e dos Comuns e debaterei, perdendo uma vez, mas vencendo na outra. Direi que nunca, na história, tantos deveram tanto a tão poucos, e escutarei novamente as sereias, de discos antigos e coisas irradiadas antes que nascêssemos.

Olhou o amigo, prosseguiu:
— E alguns segundos antes do primeiro dia de janeiro, subirei e ficarei com os camundongos no Big Ben, enquanto ele bater a entrada do ano.
Aduziu, então:
— E em alguma ocasião, sem dúvida alguma, sentarei em cima da Pedra de Scone.

- Você não seria capaz!
- Acha que não? Ou no lugar onde esteve, antes que a mandassem para o Sul, para a Baía do Verão. E vou segurar alguma espécie de cetro, talvez uma serpente congelada, aturdida pela neve e atirada em algum jardim de dezembro. Tratarei de pôr na cabeça uma coroa de algum tipo. E direi que sou amigo de Richard, Henry, parente proscrito das Elizabethes I e II. Sozinho, no deserto de Westminster, com Kipling calado e a história por baixo dos pés, muito antiga, talvez louco, não podia ser? Eu, governante e governado, poderia eleger a mim mesmo rei das ilhas nebulosas, não acha? E ninguém acharia ruim.

Samuel Welles voltou a abraçá-lo com força, depois o deixou e partiu em meia carreira para a máquina que o aguardava. No caminho voltou-se para gritar:

- Santo Deus, acabei de pensar! O seu nome é Harry. Um belo nome para rei!
- Não é mau.

- Você me desculpa por partir?
- O sol perdoa tudo, Samuel. Vá para onde ele quer você.
- Mas a Inglaterra perdoará?
- A Inglaterra se acha onde está a sua gente. Eu fico com os ossos antigos. Você vai com a carne fresca, Sam, e sua pele clara, tisnada de sol, o corpo bem dotado de sangue; vá embora!
- Adeus!
- Deus esteja com você também.

O vento se interpôs, e embora ambos gritassem nenhum dos dois ouvia, acenando; Samuel ergueu-se para a máquina que se suspendeu no ar e flutuava como se fosse grande flor de verão.
E o último homem que ficara para trás, ofegando e soluçando, gritou para si próprio:
— Harry! Você odeia a mudança? É contra o progresso? Você percebe, não é mesmo, o motivo para tudo isto? Que os navios, jatos, aviões e a promessa de bom tempo, levaram toda a gente embora? Vejo, percebo — disse ele. — Como poderíamos resistir quando, afinal, o verão permanente estava ao alcance da mão?
Sim, sim! Ele chorou, mordeu os lábios, inclinou-se na orla do penhasco, brandindo os punhos cerrados para a aeronave que desaparecia no céu.
— Traidores! Voltem!
Não podem deixar a velha Inglaterra, não podem deixar Pip e Humbug, o Duque de Ferro e Trafalgar, a Horse Guard na chuva, Londres ardendo, bombas voadoras e sereias, o novo bebê real exibido na sacada do palácio, o cortejo funéreo de Churchill ainda na rua, homem, ainda na rua, e César que não foi para seu Senado, estranhos acontecimentos esta noite em Stonehenge! Deixar tudo isto, isto, isto!? De joelhos, na beira do penhasco, último e derradeiro rei da Inglaterra, Harry Smith chorou sozinho.
O helicóptero desaparecera por completo, chamado na direção das Ilhas de Verão, onde o tempo cantava sua doçura na voz dos pássaros.
O velho voltou-se para ver o campo, e pensou. Ora, assim é que era, cem mil anos antes. Um grande silêncio, uma grande extensão e agora, bem tarde, as cidades-cascas vazias e o Rei Harry, o velho Harry, o Nono.
Procurou meio cegamente na grama em volta e encontrou a última bolsa de livros e pedaços de chocolate, colocou em um saco e ergueu sua Bíblia e Shakespeare, o muito-folheado Johnson e o muito-salivado Dickens, e Dryden e Pope, colocou--se na estrada que dava a volta pela Inglaterra.
Amanhã: Natal. Fazia bons votos para o mundo. Sua gente já se presenteara com

o sol, por todo o globo. A Suécia estava vazia, a Noruega voara. Ninguém mais vivia nos climas frios de Deus. Todos se refestelavam nos fornos continentais de Suas terras melhores, de ventos leves, céus amenos. Não haveria mais lutas, apenas para sobreviver. Os homens, renascidos como Cristo, renasceriam amanhã nos lugares setentrionais, haviam realmente regressado a uma manjedoura eterna e recém-feita.
Naquela noite, em alguma igreja, pediria perdão por tê-los chamado de traidores.

- Uma única coisa, Harry. Azul.
- Azul? — perguntou a si mesmo.

— Em algum lugar da estrada, descubra um pouco daquele giz azul. Os homens da Inglaterra, em tempos idos, não se coloriam com esse giz?
Homens azuis, sim, cobriam-se de azul da cabeça aos pés!
— Nossos fins estão em nossos começos, hem?
Ele acertou o boné na cabeça. O vento era frio, saboreou os primeiros cristais de neve que lhe caíam nos lábios.
— Oh, rapaz notável! — disse, inclinando de uma janela imaginária sobre o amanhecer dourado de Natal, um velho renascido e pedindo alegria. — Rapaz maravilhoso, pronto, ali ainda está aquela ave grande, o peru, pendurada na vitrina do caminho?
— Está pendurada ali, agora — disse o rapaz.
— Vá comprar! Volte com o homem, e eu lhe darei um xelim. Volte em menos de cinco minutos, e lhe darei uma coroa!
E o rapaz foi buscar.
Abotoando o sobretudo, levando os livros, o velho Harry Ebenézer Scrooge Julius Caesar Pickwick Pip e meio milhar de outros partiram em marcha, seguindo a estrada, em tempo hibernal. Era uma bela e longa estrada, as ondas disparavam canhonaços na costa e o vento soprava gaitas de fole, ao norte.
Dez minutos depois, quando já se tinha posto a caminho, cantando, achava-se além de um morro e pelo aspecto de tudo, todas as terras da Inglaterra pareciam prontas para um povo que poderia chegar, em dia próximo da história, talvez...

A CIDADE PERDIDA DE MARTE

Aquele grande olho flutuava no espaço, e por trás dele, oculto em alguma parte dentro do metal e maquinaria, havia um outro olho, pequeno, o de um homem que procurava e não podia deixar de procurar as multidões de estrelas, as diminuições e crescimentos de luz c um bilhão de bilhões de quilômetros de distância.
O olho pequeno se fechou, cansado. O capitão John Wilder continuou em pé, segurando os dispositivos telescópicos que sondavam o Universo, e finalmente perguntou:
— Qual delas?
Ao lado, o astrônomo respondeu:
— Pode escolher qualquer uma.

- Que ótimo, se não fosse tão fácil — Wilder afirmou, abrindo os olhos. — Quais são os dados sobre essa estrela?
- Alpha-Cygne II. Mesmo tamanho e características de nosso Sol. Sistema planetário possível.
- Possível. Mas não é certo. Se escolhermos a estrela errada, que Deus ajude as pessoas que mandamos em jornada de duzentos anos, a fim de descobrir um planeta que pode não existir. Não, que Deus me ajude a mim, pois a escolha final é minha e é possível que mande a mim mesmo, nessa jornada. Pois bem, como podemos ter certeza?
- Não podemos. Apenas fazemos a melhor avaliação, mandamos nossa nave, ficamos rezando.
- Você não se mostra muito animador. Será essa? Estou cansado.

Wilder ligou uma chave que fechou o olho maior, aquela lente espacial acionada a foguetes, que olhava friamente pelo abismo cósmico, via em demasia e sabia pouco, e agora nada sabia. O laboratório-foguete vagava, sem visão, pela noite infinita.
— Para casa — disse o Capitão. — Vamos para casa.
E o mendigo-de-estrelas cego deu a volta, em risco de fogo, saiu disparado.

As cidades fronteiriças em Marte pareciam muito belas, vistas de cima. Descendo para pousar, Wilder percebeu os letreiros luminosos em meio aos

morros azuis e ficou pensando: Vamos iluminar aqueles mundos a um milhão de quilômetros de distância, e os filhos das pessoas vivendo sob aquelas luzes nesse instante, nós os tornaremos imortais. Se conseguirmos, com muita simplicidade eles viverão para sempre.
O vento que soprava da cidade fronteiriça trazia de lá o cheiro de gordura. Uma caixa de música, com dentes de alumínio, estava tocando em algum lugar. Um depósito de lixo enferrujava ao lado do espaçoporto. Jornais antigos dançavam sozinhos, na pista do aeroporto, batida pelos ventos.
Wilder, imóvel na parte superior do elevador, desejou de repente não descer. De súbito, as luzes haviam-se transformado em pessoas, e não palavras que, enormes na mente, podiam ser utilizadas com estudada naturalidade.
Suspirou. A carga de pessoas era pesada demais. As estrelas achavam-se longe em demasia.
— Capitão! — chamou alguém, por trás.
Ele se adiantou, o elevador cedeu, eles desceram com um grito silencioso em direção à terra muito verdadeira, com pessoas muito reais nela, esperando que ele escolhesse.
À meia-noite o receptor de telegramas chiou e explodiu, enviando um projétil-mensagem. Wilder, sentado à mesa cercado por fitas e cartões de computador, não a tocou por muito tempo. Quando, finalmente, tomou a mensagem, examinou-a, amassou-a em bola de papel, e depois desam arrotou e voltou a ler.

ÚLTIMO CANAL SERÁ PREENCHIDO AMANHÃ. SOIS CONVIDADO À FESTA DE IATE NO CANAL. CONVIDADOS DISTINTOS. JORNADA DE QUATRO DIAS À PROCURA DA CIDADE PERDIDA. PEDIMOS RESPOSTA.
I. V. AARONSON

Wilder piscou, riu baixinho. Voltou a amarrotar o papel, levantou-se, tirou o telefone do gancho e disse:
— Telegrama a I. V. Aaronson, Cidade de Marte I. Resposta afirmativa. Não existe motivo lúcido, mas ainda assim... afirmativa.
Desligou o aparelho. Desligou, a fim de ficar sentado muito tempo, vigiando aquela noite que encobria de sombras todas as máquinas murmurantes, estralejantes e em movimento.

O canal seco aguardava. Estivera aguardando vinte mil anos para nada, senão poeira, que vinha em ondas fantásticas.
Agora, inteiramente de súbito, murmurou. E o murmúrio tornou-se ruído, um deslizar de águas.

Como se um punho imenso houvesse golpeado as rochas em algum lugar, estalando o ar e gritando "Milagre!", uma muralha de água surgia elevada e altiva nos canais, estendendo-se a todos os lugares secos e seguindo em frente, rumo a desertos antigos de ossos secos, surpreendendo antigos cais e suspendendo os esqueletos de barcos abandonados trinta séculos antes, quando a água se queimara, tornando-se nada.
A onda deu a volta e ergueu — uma embarcação tão nova quanto a própria manhã, ostentando parafusos e tubos de latão recém-feitos, exibindo bandeiras recém-costuradas, feitas na Terra. O barco, suspenso do lado do canal, tinha o nome Aaronson I.
Dentro da embarcação, sorria um homem com o mesmo nome. O Sr. Aaronson ouvia as águas, que estavam vivas, por baixo do barco.
E o som das águas foi cortado pelo som de um helicóptero e uma motocicleta que se aproximavam e, no ar, como chamadas por sincronia mágica, puxadas pelo brilho das ondas no velho canal, uma série de pessoas voava em máquinas voadoras individuais, suspensas lá em cima, como a duvidarem desse encontro de vidas, causado por um homem rico.
Fazendo careta e com sorriso, o homem rico chamava aquelas crianças, chamava para que saíssem do calor, com ofertas de comida e bebida.
— Capitão Wilder! Sr. Parkhill! Sr. Beaumont! Wilder pousou a nave.
Sam Parkhill abandonou a motocicleta, pois vira o iate e se aproximara no mesmo instante.

- Meu Deus! — gritou Beaumont, o ator, uma das pessoas no céu, penduradas como abelhas brilhantes, tocadas pelo vento. — Entrei na hora errada. Cheguei cedo, não existe platéia!
- Eu o aplaudirei, para que desça! — gritou o velho e o fez, aduzindo, então: — Sr. Aikens!
- Aikens? — perguntou Parkhill. — O caçador de animais grandes?
- Ele mesmo!

E Aikens mergulhou, como se quisesse pegá-los com as garras. Queria parecer-se ao falcão. Estava acerado e afiado como navalha, pela vida rálpida que levara, não que fosse um gume cortante, mas cortava o ar enquanto descia, uma vingança emplumada e estranha tombando sobre pessoas que nada lhe haviam feito. No momento anterior ao choque e destruição, acionou os jatos e, com grito suave, baixou de leve, tocando no cais de mármore. Na cintura esguia via-se uma correia de fuzil. Os bolsos estavam cheios, como os de um menino saído de loja de doces. Dava para adivinhar que ali se encontravam balas, doces e bombas

raras. Nas mãos, como criança má, empunhava arma que parecia um relâmpago caído diretamente das garras de Zeus, mas ainda assim marcado: Made in USA. O rosto era escuro, queimado de sol, os olhos constituíam surpresas frescas na carne enrugada pela luz solar, todos em cristal verde-azul. Exibia sorriso branco de porcelana, feito de ligas africanas. A terra não tremeu tanto, quando ele pousou.

- O leão ronda a terra de Judá! — exclamou uma voz vinda do céu. — Contemplai, agora, os carneiros que são levados à matança!
- Ora, Harry, pelo amor de Deus, cale a boca — ordenou uma voz feminina.

E duas outras máquinas voadoras se apresentavam, delas pendentes suas almas, sua humanidade assustada balançando ao vento.
O homem rico rejubilava-se.

- Harry Harpwell!
- Contemplai o Anjo do Senhor, que vem com as Anunciações! — disse o homem no céu, adejando. — E a anunciação é...
- Bêbado outra vez — explicou a mulher, voando à frente dele e sem olhar para trás.
- Megan Harpwell — disse o homem rico, como um empresário apresentando os auxiliares.
- O poeta — disse Wilder.
- E a esposa barracuda do poeta — resmungou Parkhill.
- Não estou bêbado! — berrava o poeta, no vento lá em cima. — Estou, apenas, alto!

E foi quando prorrompeu em tamanho dilúvio de gargalhadas que aqueles, por baixo, quase erguiam as mãos para se defenderem de tal avalanche.
Baixando, como um papagaio-dragão dos mais gordos, o poeta, cuja esposa tinha a boca inteiramente fechada agora, oscilou até o iate. Fazia os movimentos de quem abençoa a embarcação, piscou para Wilder e Parkhill.
-— Harpwell — declarou. — Não é nome que combine com um grande poeta, sofrendo nos dias de hoje, vidas no passado, chutando ossos de antigos dramaturgos e voando neste dispositivo sugador de vento e batedor de ovos para lançar sonetos sobre sua cabeça? Tenho pena dos antigos santos e anjos eufóricos, que não dispunham de asas invisíveis como estas, para poderem fazer convoluções de papafigos e convulsões extáticas no ar, enquanto jogavam seus versos sobre as almas condenadas que iam rumo ao inferno. Pobres pardais presos à terra, de asas cortadas! Apenas o gênio deles voava, somente sua Musa

conhecia o enjôo das viagens aéreas.

- Harry — disse a esposa, os pés firmes no chão, os olhos fechados.
- Caçador! — chamava o poeta. — Aikens! Aqui está a maior caça de todo o mundo, um poeta de asas. Exponho o peito. Mandai vosso ferrão de abelha adocicada! Trazei-me, Ícaros, para baixo, se vossa arma é de raios solares atirados por um tubo, e libertados em um só incêndio da floresta, que se eleva ao céu e transforma gordura, ossos, pavio e lira em simples cinza. Preparar, apontar, fogo!

Levado pelo bom humor, o caçador ergueu a arma. Diante disso, o poeta riu ainda mais alto e, de modo literal, expôs o peito, rasgando a camisa que vestia.
Nesse momento o silêncio veio pela orla do canal. Surgiu uma mulher, caminhando.
A empregada caminhava atrás, não se via qualquer veículo; parecia que tinham percorrido grande distância, vindas dos morros marcianos, estacando agora.
O próprio silêncio de sua entrada conferia dignidade e atenção a Cara Corelli.
O poeta encerrou o lirismo no céu, e pousou.
Todos olharam, juntos, para aquela atriz, que os fitava sem vê-los. Vestia traje pequeno e negro, negro como os cabelos. Caminhava como alguém que falara pouco, durante a vida, e agora os enfrentava com a mesma tranqüilidade, como a esperar que alguém se movimentasse, sem ser preciso dar ordens. O vento lhe espalhava os cabelos pelos ombros, a palidez chocante; essa palidez, mais do que o olhar, era o que os fitava.
E então, sem dizer palavra, desceu para o iate, sentou-se na parte dianteira da embarcação, como figura de proa que sabe onde é seu lugar e vai para o mesmo.
Terminara o momento de silêncio.
Aaronson percorreu a lista de convidados, com o dedo.
— Um ator, uma bela mulher que é atriz, um poeta, um caçador, a esposa do poeta, um capitão de foguete, um ex-técnico. Todos a bordo!
No tombadilho traseiro da enorme embarcação, Aaronson estendeu os mapas para que os convidados pudessem ver.
— Minhas senhoras e cavalheiros, isto é mais do que uma festa de bebidas por quatro dias, uma excursão. Isto é uma Procura!
Esperou que os semblantes se iluminassem adequadamente, examinassem os mapas depois de fitá-los, e disse em seguida:

- Estamos procurando a fabulosa Cidade Perdida de Marte, que já teve o nome de Dia-Sao. A Cidade do Destino, como a chamavam. Algo terrível, ligado a ela. Os habitantes fugiram, como tocados pela peste. A Cidade

ficou vazia. Continua vazia hoje" depois de séculos.

- Nós — disse o Capitão Wilder — mapeamos, cartografamos e levantamos todas as faixas de solo marciano, nos últimos quinze anos. Você não pode deixar de ver uma cidade do tamanho dessa, de que fala.
- É verdade — concordou Aaronson —, vocês cartografaram do céu, da Terra. Mas não fizeram os mapas por meio da água! Isso, porque os canais, até agora, estiveram vazios. Assim sendo, vamos tomar as águas novas que enchem este último canal, ir onde os barcos já foram, nos dias antigos, e ver as últimas coisas que existem a ser vistas em Marte.

Fez pausa, logo prosseguia:
— E em algum ponto de nossa viagem, tão certo quanto estamos respirando, encontraremos a cidade mais bela, mais fantástica e mais pavorosa da história deste mundo antigo. Entraremos nessa cidade? Quem sabe... talvez descubramos o motivo pelo qual os marcianos fugiram gritando, como diz a lenda, dez mil anos atrás.
Silêncio, e logo os aplausos.

- Bravos! Muito bem feito! — e o poeta sacudia e apertava a mão dó velho.
- Nessa cidade — disse Aikens, o caçador, pensativo — talvez houvesse armas como nunca vimos antes?

— Probabilíssimo, senhor.
— Bem — e o caçador acariciou o feixe de relâmpagos. — Eu estava cansado da Terra, atirei em todos os animais, já não encontrava outros, vim procurando novas feras, maiores e mais perigosas, de qualquer tamanho ou forma. Agora, vejo que existem armas novas! Que mais podemos pedir? Excelente!
Dito isso, jogou seu feixe de relâmpagos, azul-prateado, pela borda da embarcação. A arma, borbulhando, afundou na água clara.
— Vamos dar o fora daqui.
— Vamos, sem dúvida — concordou Aaronson — dar o fora daqui.
Apertou, então, o botão que lançava o iate.
E a água arrastou a embarcação. O iate foi na direção para a qual a palidez calada de Cara Corelli apontava: o além.
Enquanto o poeta abria a primeira garrafa de champanha, a rolha explodiu e somente o caçador não deu um salto.

O iate seguia com firmeza, passando do dia à noite. Descobriram uma ruína antiga, jantaram lá e tomaram bom vinho importado, a cem milhões de

quilômetros da Terra. Foi observado que a embarcação percorrera boa distância.
Com o vinho veio o poeta, e depois de boa dose deste, veio o som a bordo do iate, que se movimentava à procura de uma cidade que ainda não seria achada.
Às três da madrugada, inquieto e desacostumado com a gravidade de um planeta que puxava todo o corpo e não o libertava para sonhar, Wilder veio para o tombadilho posterior do iate, descobrindo ali a atriz.
Ela observava as águas, passando em revelações escuras, e o descarte de estrelas.
Sentou-se a seu lado, elaborou uma pergunta.
No mesmo silêncio, Cara Corelli enunciou a mesma pergunta e a respondeu.
— Estou aqui, em Marte, porque não faz muito tempo que, pela primeira vez em minha vida, um homem me disse a verdade.
Talvez contasse com surpresa. Wilder, entretanto, não fez comentário. O iate prosseguia em seu rumo, como corrente de óleo que não criava sons.
— Sou uma bela mulher. Fui bela por toda a vida. Isso significa que, desde o início, as pessoas mentiam para mim, porque simplesmente desejavam estar em minha companhia. Cresci cercada pelas inverdades de homens, mulheres e crianças que não queriam arriscar-se a incorrer em meu desagrado. Quando a beleza se aborrece, o mundo estremece.
Ela prosseguiu:
— Já viu uma bela mulher, cercada por homens, notou como assentiam, concordavam? Ouviu como riam? Os homens riem de tudo que uma bela mulher disser. Sentem ódio de si mesmos, por esse motivo, eu sei, mas riem, dizem não por sim, sim por não.
Ele a fitava em silêncio, ela continuou:

- Pois bem, foi assim por todos os dias, de todos os anos, em meu caso. Uma malta de mentirosos interpunha-se entre mim e qualquer coisa que fosse desagradável. As palavras deles vestiam-se em seda.
- Mas, de repente, não faz mais do que seis semanas, esse homem disse uma verdade. Era coisa pequena, não recordo o que, mas não ria, nem mesmo sorria.

— E assim que tinha dito, as palavras haviam sido pronunciadas, percebi que uma coisa terrível acontecera.
— Eu envelhecia.
O iate balançava-se com suavidade, levado pelas ondas.
—- Oh, haveria outros homens que, mentindo, voltariam a sorrir do que dissesse. Mas vi os anos à frente, quando minha beleza não mais poderia bater o pezinho e estremecer os terremotos, fazendo a covardia um costume entre os homens que,

de outra forma, eram bons.
— O homem? Retirou imediatamente sua verdade, quando viu que me havia causado choque. Era tarde, porém. Comprei uma passagem de ida para Marte. O convite de Aaronson, quando cheguei, veio trazer-me para esta jornada, que terminará... quem sabe onde?
Wilder verificou que durante aquelas últimas palavras havia estendido a mão e tomado a dela.
— Não — disse ela, recolhendo-se. — Palavra alguma, nenhum contato. Nenhuma piedade, nenhuma autocomiseração — e ela sorria, pela primeira vez. — Não é estranho? Sempre pensei que haveria de ser bom, um dia, ouvir a verdade, abandonar as máscaras. Como estava errada! Não foi divertido, em absoluto.
Permanecia sentada, olhando as águas negras que passavam pela embarcação. Quando pensou em olhar novamente, algumas horas mais tarde, o lugar a seu lado encontrava-se vazio, Wilder se fora.

No segundo dia, deixando que as águas novas os levassem onde bem quisessem, passaram por uma cordilheira e almoçaram, a caminho, em antigo templo, jantaram aquela noite em outra ruína. O Cidade Perdida não merecia muitos comentários. Tinham a certeza de que jamais seria encontrada.
No terceiro dia, entretanto, sem que pessoa alguma o dissesse, pressentiram a aproximação de uma Grande Presença.
Foi o poeta que, finalmente, o anunciou em palavras:

- Estará Deus cantando baixinho, em algum lugar?
- Que patife é você — contrapôs a esposa. — Não sabe falar em língua clara, mesmo quando tem de se referir aos outros?

— Com os demônios, escute! — gritou o poeta. Eles se puseram à escuta.
— Não estão sentindo como se estivessem no limiar d' uma cozinha gigantesca, e lá dentro, em algum lugar, cômoda mente aquecido, as mãos enluvadas, cheirando a tripas maravilhosas e vísceras milagrosas, ensangüentado e satisfeito com isso, em algum lugar Deus prepara o Jantar da Vida? Naquele sol de caldeirão, um cozido que causará o florescimento da vida em Vénus, naquela tina um caldo de ossos e coração nervoso, para correr em animais sobre planetas que desaparecerá há dez bilhões de anos-luz? E não está Deus contente com seus fabulosos trabalhos naquela grande cozinha, o Universo, onde Ele fez o cardápio de uma história de festas, fome, mortes e renascimentos, por um bilhão de bilhão de anos? E se Deus está contente, não cantaria baixinho? Dá para sentir nos

ossos. A medula não vibra com esse canto? A bem do fato, Deus não apenas canta baixinho, Ele canta nos elementos, dança nas moléculas, em comemoração eterna, que agora nos agita. Alguma coisa está Próxima. Psiu.

Ele levou o dedo gorducho aos lábios estendidos à frente.

E todos, agora, silenciaram, a palidez de Cara Corelli vasculhava as águas escuras à frente.

Todos o sentiam. Wilder, Parkwill. Fumavam, para encobri-lo. Apagaram os cigarros, aguardaram na escuridão.

E o murmúrio se aproximava. O caçador, percebendo-o, farejando-o, foi ter com a atriz silente, na proa do iate. E o poeta sentou-se para escrever as palavras que dissera.

— Sim — disse, quando as estrelas surgiram. — Está quase sobre nós. Sim, Ele — e respirou fundo — chegou:

O iate entrou em um túnel.

O túnel passava por baixo de uma montanha.

E a Cidade estava lá.

Era uma cidade dentro de montanha oca, com seus próprios prados a cercá-la e seu próprio céu colorido de modo estranho a iluminá-la. Estivera perdida e assim ficara pelo motivo simples de que as pessoas haviam tentado voar para descobri-la, ou seguir estradas a fim de encontrá-la, quando por todo o tempo os canais que davam para ela continuavam à espera de caminhantes simples, que seguissem a pé por onde haviam corrido as águas. O iate, agora, cheio de pessoas estranhas, vindas de outro planeta, tocava no antigo cais.

E a cidade se movimentou.

Nos dias antigos, as cidades eram vivas ou mortas, dependendo de haver ou não gente nelas. A coisa se reduzia a essa simplicidade. Mas nos dias posteriores, de vida sobre a Terra ou Marte, as cidades não morriam. Adormeciam. E em seus mecanismos de sonho, no sono de rodas, lembravam-se de como tinham sido uma vez, ou como poderiam voltar a ser.

E assim é que, um por um, os convidados seguiram para o cais e sentiram a presença de uma grande personagem, a alma oculta, oleada, metálica e reluzente da metrópole, entrando em um deslizamento de trabalhos emudecidos e escondidos, mas que despertavam por completo.

O peso das pessoas sobre o cais causou uma exalação maquinal. Sentiam-se de pé em cima de delicada balança, o cais afundou um milionésimo de centímetro.

E a Cidade, a Bela Adormecida espantosa de um dispositivo de pesadelo, percebeu esse toque, esse beijo, ja não dormia mais.

Trovão.
Em muralha com trinta metros de altura apresentava-se um portão de vinte metros de largura. Esse portão, em duas partes, trovejava agora, abrindo-se, escondendo-se na parede. Aaronson deu um passo à frente.
Wilder se adiantou para interceptá-lo. Aaronson suspirou.

- Capitão, nada de conselhos, por favor. Nada de avisos ou advertências. Nenhuma patrulha avançada para espantar os bandidos. A Cidade quer que entremos, ela nos acolhe, recebe bem. Você, por certo, não imagina que exista alguma coisa viva ali, pois não? É um lugar mecânico, robô. E não fique com o aspecto de alguém que julga haver por lá uma bomba de tempo. Ela não vê divertimentos e brincadeiras em... o que? Vinte séculos? Você sabe ler os hieróglifos marcianos? Aquela pedra fundamental. A Cidade foi construída há, pelo menos, mil e novecentos anos.
- E abandonada — observou Wilder.
- Você parece acreditar que alguma peste levou a população...
- A peste, não — retrucou Wilder, movimentando-se com inquietação, sentindo que o pesavam naquela grande balança por baixo dos pés. — Alguma coisa, alguma coisa...

— Vamos descobrir! Entremos, todos nós! Isoladamente, e aos pares, as pessoas vindas da Terra ultrapassaram o limiar.
Wilder, o último deles, entrou também.
E a cidade tornou-se mais viva.
Os tetos metálicos da Cidade abriram-se, como se fossem pétalas de uma flor. Janelas se escancaravam, como pálpebras de olhos imensos, a fim de fitá-los.
Um rio de calçadas se debruava e levava aos pés deles, córregos-máquinas, que brilhavam pela cidade afora.
Aaronson olhou as ondas metálicas com prazer.
— Bem, por Deus, o encargo foi tirado de mim! Eu ia fazer um piquenique para vocês todos, mas agora isso cabe à Cidade. Volto a encontrá-los aqui, em duas horas, para compararmos nossas observações! Lá vou eu.
Dizendo isso, saltou para o tapete prateado e que passava rápido, afastando-se dali.
Alarmado, Wilder fez um gesto para acompanhá-lo, mas Aaronson gritou, jovialmente, para ele:
— Podem entrar, a água está ótima!
E o rio de metal o levava, acenando, para longe. Um por um eles entraram, e a calçada móvel os afastou dali. Parkhill, o caçador, o poeta e esposa, o ator e a

bela mulher com a criada. Flutuavam como estátuas misteriosamente nascidas sobre fluidos vulcânicos, levados para algum lugar, ou lugar nenhum, e mal podiam calcular.
Wilder saltou. O rio apoderou-se, com gentileza, de suas botas. Acompanhando, ele seguiu para as avenidas, fez as voltas dos parques, passou por fjords de edifícios.
E atrás deles, o cais e o portão estavam sozinhos. Não ficara um só sinal a demonstrar que eles haviam chegado. Era, quase, como se nunca houvessem existido.
Beaumont, o ator, foi o primeiro a deixar a calçada-viajante. Certo edifício chamou-lhe a atenção e, mal o percebeu, havia saltado, aproximando-se, farejando.
Sorriu, então.
Sabia, agora, que tipo de edifício tinha pela frente, graças ao cheiro emanando do mesmo.
Polidor de latão. Por Deus, isso significava apenas uma coisa! Teatro.
Portas de latão, corrimões de latão, anéis de latão em cortinas dc veludo.
Abriu a porta do edifício e entrou. Farejou, e riu alto. Sim, sem qualquer sinal ou luz, bastavam o cheiro, a química especial de metais e poeira feita por um milhão de bilhetes de entrada, rasgados à porta.
E, acima de tudo, ele ouviu silêncio.
— O silêncio que espera. Nenhum outro silêncio, em todo o mundo, espera. Só no teatro é que se encontra. As próprias partículas do ar se acotovelam, preparadas. As sombras sentam-se, recuam, prendem a respiração... Bem... pronto ou não, aí vou eu...
O saguão era um mar de veludo verde.
O próprio teatro era um mar de veludo vermelho, apenas levemente percebido, quando abriu as portas duplas. Em algum lugar além via-se o palco.
Algo estremeceu, como se fosse um grande animal. O seu alento o sonhara, trazendo-o à vida. O ar de sua boca entreaberta fez com que as cortinas, a cinqüenta metros de distância, balançassem com suavidade na escuridão, como asas que tudo encobriam.
Hesitando, deu o passo à frente.
Uma luz começou a surgir em algum ponto, no teto muito alto, onde um cardume de miraculosos peixes-prismas nadava sobre si mesmo.
A luz do oceanário surgia por toda a parte, ele arquejou.
O teatro estava repleto, cheio de gente.
Mil pessoas ali se encontravam, sentadas e imóveis, na semi-escuridão.

Eram, na verdade, pessoas pequeninas, frágeis, bastante escuras, exibiam máscaras prateadas, mas — era sente. Sem perguntar, cie sabia que haviam estado sentados ali por dez mil anos.
Mesmo assim, não se achavam mortas. Estavam — ele estendeu a mão, bateu no punho do homem sentado na beira do corredor.
A mão tilintou, baixinho.
Ele tocou no ombro de u'a mulher.
Ouviu um toque, como se fosse de campainha.
Sim, haviam esperado alguns milhares de anos. Mas, na verdade, as máquinas têm essa capacidade de esperar. Deu outro passo à frente e estacou.
Isso porque um suspiro passara por aquela multidão. Era como um som, o primeiro som que o recém-nascido deve emitir, no momento anterior a começar a sugar o ar e espernear, na surpresa carpida de estar vivo.
Mil soluços assim desapareceram, nos reposteiros de veludo.
Por baixo das máscaras, não teria um milhar de bocas se entreaberto, ao suspirar?
Duas se moveram, ele parou.
Dois mil olhos piscaram e se abriram, naquele crepúsculo aveludado.
Ele voltou a caminhar.
Mil cabeças silenciosas giraram sobre as engrenagens antigas, mas bem lubrificadas.
Olhavam para ele.
Uma friagem invencível o assaltou.
Fez meia volta, para sair correndo.
Mas os olhos deles não o deixaram ir embora.
E lá no poço da orquestra, a música se fez ouvir.
Ele viu, erguendo-se devagar, uma aglomeração entomológica de instrumentos, todos eles estranhos, grotescamente acrobáticos em seus desenhos. Estavam sendo suavemente batidos, soprados, tocados e friccionados, em tom musical.
A um só movimento, a platéia voltou a olhar o palco.
Uma luz se acendeu, a orquestra começou com grande acorde.
As cortinas vermelhas se afastaram, abrindo-se. O holofote fixou-se na frente central, enchendo de luz o estrado vazio, onde se via a cadeira vazia.

Beaumont esperou.

Nenhum ator apareceu.
Houve algum movimento. Diversas mãos se ergueram para a direita e esquerda. As mãos se juntavam, batiam baixinho em aplauso.
Já o holofote deixava o palco, vinha pelo corredor.
As cabeças na platéia voltavam-se para acompanhar aquele fantasma vazio de luz. As máscaras brilhavam de leve, os olhos atrás das máscaras exibiam cor cálida e acolhedora.
Beaumont recuou.
Mas a luz veio com firmeza, pintou o chão em cone bem definido, de brancura completa.
E parou, mordiseando-lhe os pés.
A platéia voltou-se, aplaudia agora ainda mais alto. O teatro estrugia, ricocheteava em maré incessante de aplausos.
Tudo se desmanchou dentro dele, da frieza para o calor. Sentia-se como se houvesse sido enfiado por uma calha de chuva de verão, a água bem quente. A tempestade que desabara o enxaguava de gratidão. O coração disparou, os punhos descerraram-se. Seus nervos se afrouxaram, ele esperou mais um momento, a chuva encharcando-lhe o rosto agradecido e erguido, martelando-lhe as pálpebras famintas, de modo que voltaram a fechar-se, e foi quando se sentiu como um fantasma sobre parapeitos, levado por luz fantasmagórica, inelinando-se, andando e movendo-se, buscando o plano inclinado, deslizando para uma bela ruína, e não caminhava, mas dava passos largos, já não eram estes, mas uma carreira total, as máscaras brilhavam, os olhos aquecidos pelo prazer e acolhimento fantásticos, o vôo das mãos no ar agitado, em disparos de aplauso. Sentiu que os degraus colidiam com seus sapatos, o aplauso cessou de repente.
Engoliu em seco e, devagar, subiu os degraus, chegou ao pleno da luz, com mil máscaras a fitá-lo, dois mil olhos atentos; sentou-se na cadeira vazia e o teatro tornou-se mais escuro, aquele imenso fole da lareira arfando com mais suavidade nas gargantas metálicas das liras, havia apenas o som de uma colmeia mecânica, pulsando com animação maquinal na escuridão.
Ele se firmou nos joelhos, começou. Finalmente, falava:
— Ser ou não ser...
Silêncio total. Nenhuma tosse, um só movimento, farfalhar ou fricção. Nem um piscar de olhos. Todos aguardavam. Perfeição. A platéia perfeita. Perfeita para sempre e sempre. Perfeita, perfeita.
Ele enunciou as palavras, jogando-as naquele poço perfeito, sentiu que as ondulações sem som se dispersavam gentilmente, afastavam-se em círculos concêntricos. — . . . eis a questão.

Ele falou, eles ouviram. Sabia que jamais o deixariam ir embora, agora. Iami deixá-lo insensível com tanto aplauso. Adormeceria o sono de uma criança e se levantaria para falar outra vez. Tudo de Shakespeare, tudo de Shaw, tudo de Molière, todos os fragmentos, pedaços, peças. Ele próprio como repertório!
Ergueu-se para terminar.
Terminado, pensou: Sepultem-me! Cubram-me! Esmaguem-me!
Obedientemente, a avalanche desabou da montanha.

Cara Corelli descobriu um palácio de espelhos. A empregada ficou do lado de fora. Cara Corelli entrou.
Ao seguir por um labirinto, os espelhos tiravam um dia, depois semana, mês, logo um ano e depois dois anos de tempo de seu semblante.
Era um palácio de mentiras esplêndidas e reconfortantes. Era como voltar a ser jovem. Era estar cercada por todos aqueles espelhos-homens altos, brilhantes, que nunca mais lhe diriam a verdade.
Cara caminhou até o centro do palácio. À altura em que parou, viu-se com vinte e cinco anos de idade, em todos os espelhos, em todos aqueles rostos refletidos.
Sentou-se no meio do labirinto brilhante, irradiando felicidade.
A empregada aguardou lá fora, talvez por uma hora. Depois, retirou-se.

Era lugar escuro, com formas e dimensões ainda não vistas. Cheirava a óleo lubrificante, o sangue dos lagartos tiranos, com rodas dentadas em vez de dentes, que ali estavam silenciosos e espalhados na escuridão, aguardando.
A porta gigantesca emitiu, vagarosa, um rugido rastejante, como cauda couraçada lançada para trás, e Parkhill se encontrava no vento, com cheiro de óleo soprando em volta. Sentia-se como se alguém houvesse colado uma flor branca em seu rosto, mas era, apenas, a surpresa repentina de um sorriso.
As mãos vazias pendiam ao lado do corpo, faziam gestos impulsivos e completamente inconscientes, à frente. Mendigavam o ar. E assim, seguindo em silêncio, deixou-se levar para a Garagem, Oficina, Barraco de Consertos, o que quer que fosse.
E se encheu com o mais santo deleite, a satisfação santificada de uma criança, com o que viu, ao caminhar e voltar-se devagar.
Até onde os olhos enxergavam, via veículos.
Veículos que corriam sobre a terra, veículos que voavam no ar, veículos que estavam prontos, com rodas, para irem em qualquer direção. Veículos de duas rodas, três, quatro, seis, até mesmo oito rodas. Veículos que se pareciam a borboletas, que se assemelhavam a antigas motocicletas. Três mil ali se encontravam enfileirados, quatro mil brilhavam, prontos, mais além. Outros mil

estavam inclinados, as rodas retiradas e vísceras expostas, aguardando conserto. Outros mil achavam-se bem altos, suspensos em guindastes de conserto, ponto à mostra suas lindas partes inferiores, discos, canos e mecanismos intrincados, refinados, precisando de um toque, desaparafusar, novas válvulas, fios novos, lubrificação, tudo isso.. .

As palmas das mãos comichavam.

Ele caminhou em meio ao cheiro primevo de óleos pantanosos, em meio aos répteis mecânicos mortos e que esperavam voltar à vida, antigos mas novos, e quanto mais olhava, tanto mais o sorriso se acentuava.

A Cidade era uma cidade, sem dúvida, e, até certo ponto, capaz de sustentar a si mesma. Com o tempo, entretanto, as mais raras borboletas de fio de anjo metálico, óleo gasoso e sonho ígneo baixavam à terra, as máquinas que cnnsertavam as máquinas tornavam-se velhas, doentes, danificadas. Ali, portanto, era a Garagem das Feras, o sonolento Cemitério de Elefantes, onde os dragões de alumínio se arrastavam, almas enferrujadas, na esperança de uma pessoa viva, em meio de tanto metal ativo, porém morto, que essa pessoa consertasse as coisas. Um Deus das máquinas, para dizer, Lázaro, elevador, levanta! Tu, que adejas, renasce! E untá-los com óleos ciclópicos, ajustá-los com chaves mágicas, mandá-los em frente para vidas quase eternas, no ar e acima das trilhas prateadas.

Parkhill seguiu, passando por novecentos homens e mulheres robôs, abatidos por corrosão simples. Ele curaria aquela ferrugem.

Agora. Se começasse agora, pensou Parkhill, arregaçando as mangas e olhando por um corredor de máquinas que se punham à espera, por todo um quilômetro de garagem, telheiro, barraco, guindaste, depósito de peças, tanque de óleo, e as ferramentas espalhadas e brilhando, prontas para serem empunhadas; e se começasse agora poderia chegar até o fim dessa garagem gigantesca e constante, solucionando seus problemas de acidentes, colisões e consertos, em trinta anos!

Um bilhão de parafusos a apertar. Um bilhão de motores a afinar! Um bilhão de tripas mecânicas e examinar, um imenso órfão gotejando óleo, sozinho, sozinho, a sós com o que é sempre belo, dispositivos que nunca retrucavam, engenhos e máquinas maravilhosos.

Suas mãos o arrastavam na direção das ferramentas. Pegou a chave. Encontrou um trenó baixo, de quarenta rodas. Subiu nele, examinou a garagem em longa viagem, assobiando. O trenó afundou.

Parkhill desapareceu por baixo de um grande automóvel, de desenho antigo. Fora da vista, dava para; ouvi-lo trabalhando nas tripas da máquina. De costas falava com ela, e quando, finalmente, a fez voltar à vida, a máquina respondeu.

Aquelas trilhas e calçadas prateadas sempre davam a algum lugar.
Por milhares de anos haviam corrido vazias, levando apenas a poeira a destinos distantes, em meio aos edifícios altos e sonhadores.
Sobre uma das calçadas prateadas, agora, Aaronson se parecia a uma estátua que envelhecia.
E quanto mais a estrada o levava, mais depressa a Cidade se expunha à sua vista, maior o número de edifícios que passavam, os parques e jardins que surgim, e mais o seu sorriso desaparecia. Sua cor também mudava.
— Brinquedo — ouviu-se cochichar, a si próprio, um cochicho que era antigo.
— Apenas outro — e a voz era tão fraca que desapareceu — outro Brinquedo.
Um Super-Brinquedo, sim, mas sua vida estava cheia deles, sempre estivera. Se não fosse alguma máquina que funcionava por ficha inserida na abertura, era o servidor mecânico, ou um alto-falante estereofônico de dimensão gigantesca. Após toda uma vida de lidar com lixa metálica, sentiu que os braços eram friccionados, os dedos transformados em simples cotos. Não, ficava sem mãos, ficava sem punhos. Aaronson, o Garoto-Foca!!! Suas nadadeiras aplaudiam uma Cidade que, na realidade, não era mais do que uma caixa de música em tamanho econômico, enlouquecida sob seu alento imbecilizado. E ele conhecia a melodia, que Deus o ajudasse, ele conhecia aquela melodia.
Discou apenas uma vez.
Uma pálpebra inferna desceu, fechando-se, como se fosse aço frio.
Ele se voltou e pisou nas águas prateadas do caminho.
Descobriu um rio de aço, em movimento, que o levaria de volta ao Grande Portão.
A caminho encontrou-se com a criada de Cara Corelli, que parecia perdida em seu próprio curso prateado.

Quanto ao poeta e esposa, sua batalha constante levantava ecos por toda a parte. Gritaram por trinta avenidas, estalaram vitrinas em duzentas lojas, espancaram as folhas de setenta variedades de arbustos e árvores nos parques e jardins, só cessaram quando afogados por uma fonte trovejante pela qual passaram, como um espetáculo de pirotécnica no ar metropolitano.
— A coisa toda — disse a esposa, rebatendo uma de suas respostas mais sujas — é que você só veio para pôr as mãos na mulher mais próxima, e sujar os ouvidos dela com mau hálito e poesia ainda pior.
O poeta murmurou uma palavra obscena.

- Você é pior do que o ator — prosseguiu a esposa. — Não pára. Você nunca cala a boca?

- E você? — gritou ele. — Ah, meu Deus, tenho tido estômago, pode crer! Cale-se, mulher, ou eu me atiro nas fontes!
- Não, há anos que você não toma banho. É o maior porco do século! Seu retrato vai ganhar o primeiro prêmio no Anual dos Criadores de Suínos do mês que vem!
- Pois, então, chega!

As portas bateram num edifício.
À altura em que ela havia saído e corrido para trás, esmurrando as portas, encontrou-as fechadas.
— Seu covarde! — gritava. — Abra isso!
Um palavrão veio como resposta, já fraco e distante.

— Ah, escute a doçura deste silêncio — murmurou para si próprio, na grande escuridão fechada.
Harpwell encontrava-se em imensidão calmante, edifício vasto e parecido a um útero, sobre o qual pairava um dossel de serenidade pura, um vazio sem estrelas.
No centro desse aposento, que era aproximadamente um círculo de sessenta metros, via-se um dispositivo, u'a máquina. Nesta encontravam-se mostradores, reóstatos e chaves, banco e volante.
— Que tipo de veículo será? — murmurou o poeta, mas aproximou-se mais, iriclinou-se para tocá-lo. — Meu Cristo dos céus! Cheira a que? Tripa e sangue? Não, pois está limpo como a roupa de uma virgem. Mesmo assim, enche as narinas. Violência. Destruição, a destruição completa. Dá para sentir esta maldita carcaça tremer como um cavalo nervoso e de puro-sangue. Está cheia de coisas. Vamos tentar um pouco. Sentou-se à máquina.
— Em que mexo primeiro? Isto?
Ligou uma chave.
A máquina parecida a um cavalo puro-sangue choramingou, tirada do sono.
— Bom animal — comentou ele, ligando outra chave. — Como é que você funciona, criatura? Quando o maldito dispositivo estiver ligado, para onde vai? Você não tem rodas. Bem, onde está a surpresa? Quero saber.
A máquina estremeceu.
A máquina refugou.
Corria, dava saltos.
Ele se agarrou com força ao volante.
— Santo Deus!
Isso porque estava em uma estrada, correndo muito.
O ar passava zunindo, aos borbotões. O céu deslizava por cima, as cores

desbotadas.
O velocímetro marcava cem, cento e dez quilômetros.
E a estrada se estendia à frente como uma fita, vindo a seu encontro. Rodas invisíveis batiam em terreno cada vez mais acidentado.
Bem longe, à frente, surgiu um automóvel.
Também ele corria depressa. E…
— Ele vem no lado errado da estrada. Está vendo aquilo, mulher? No lado errado!
Compreendeu, então, que a esposa não se achava presente.
Ele seguia sozinho em automóvel que corria — a cento e vinte quilômetros horários agora, em direção a outro veículo que vinha na mesma velocidade.
Acionou o volante.
Seu veículo tomou a esquerda.
Quase no mesmo instante, o outro automóvel fez movimento igual, regressou para a direita.
— Aquele imbecil infernal, o que está pensando? Onde fica o maldito freio?
Bateu com o pé no chão. Não havia freio. Aquela era uma máquina singular, sem dúvida. Corria tão depressa quanto se desejava, mas nunca parava, até acontecer o que.. até que batesse? Não havia freio. Nada, senão outros aceleradores. Toda uma série de botões redondos no chão que, quando acionados, imprimiam mais força ao motor.
Cento e vinte, cento e trinta, cento e cinqüenta quilômetros horários.
— Deus no céu! — gritou. — Nós vamos bater! Que tal essa, mulher?
E, naquele último instante antes da colisão, imaginou que a mulher haveria de gostar muito.
Os carros bateram, explodiram em chamas gasosas. Desfizeram-se em destroços, rodopiaram, ele sentiu que era atirado nesta e naquela direção. Era uma tocha acesa, jogada rumo ao céu: Braços e pernas faziam uma dança aloucada em meio ao ar, enquanto sentia que os ossos se partiam, em êxtases quebradiços e cheios de sofrimento. Depois, agarrando a morte por companheira, gesticulando, caiu em surpresa escura, em direção a outros nadas.
Estava tombado, morto.
Ficou tombado e morto por muito tempo.
Depois, abriu um dos olhos.
Sentiu o aquecedor por baixo da alma, sentiu a água de borbolhas que se erguiam à tona da mente, como chá fervendo.
— Estou morto — proclamou. —. Mas vivo. Você viu tudo isso, mulher? Morto, mas vivo.

Descobriu que estava sentado no veículo outra vez, e ereto. Ali ficou por dez minutos, pensando em tudo que acontecera.
— Muito bem, então — comentou. — Não foi interessante? Para não dizer fascinante. Para não dizer, quase, formidável? Quer dizer, levei um susto dos demônios, a alma saiu por uma orelha e entrou pela outra, perdi o fôlego e arrebentei as tripas, parti os ossos e esmigalhei o espírito, mas, mas, mas, minha mulher, mas, mas, mas, minha querida Meg, Meggy, Megan, eu bem queria que estivesse aqui, isto haveria de arrancar as manchas de fumo de seus pulmões, tirar a mesquinhez sepulcral e musgosa de seu tutano. Vejamos agora, mulher, vamos dar uma espiada, Harpwell-meu-marido-o-poeta.
Voltou a mexer nos mostradores.
Acionou o grande motor.
— Vamos arriscar-nos a outra diversão? Tentar outra excursão esportiva e furiosa? Vamos.
Pôs o carro em movimento. Quase de imediato, o veículo viajava a cento e oitenta e, logo, duzentos quilômetros horários. Quase de imediato, o carro à frente apareceu outra vez.
— A morte — disse o poeta. — Estás sempre aqui, então? Ficas por perto? É este o teu lugar de procura? Ponhamos, pois, à prova, a tua força!
O carro voava, o outro carro vinha voando.
Ele passou para a outra pista.
O outro carro o acompanhou, rumo à Destruição.
— Sim, compreendo. . . bem, a coisa é essa — disse o poeta, e ligou outra chave, apertou mais um acelerador.
No instante anterior ao impacto, os dois carros se transformaram. Atravessando véus ilusórios, tornaram-se aviões a jato, na decolagem. Gritando e gemendo, os dois jatos bateram nas chamas, rasgaram o ar, atravessaram as explosões da barreira do som, antes da explosão mais forte de todas — quando as duas balas impactaram, fundiram-se, entrelaçaram-se, misturaram sangue, mente e escuridão eterna, tombando em uma rede de meia-noite estranha e pacífica.
— Estou morto — pensou ele outra vez. — E me sinto muito bem, obrigado.
Despertou, com sorriso nos lábios. Estava sentado no veículo.
Duas vezes morto, pensou, e sentindo-se melhor a cada instante. Por quê? Não era singular? Cada vez mais curioso. Singular, muito além da singularidade.
Voltou a ligar o motor.
O que seria, desta feita? Ele se locomove? pensava. Que tal um grande trem negro, vindo dos tempos semiprimordiais?
E lá estava ele em viagem, como maquinista. O céu passava trêmulo por cima e

as telas de cinema, ou o que quer que fossem, contendo ilusões tênues de fumaça derramada e fumegantes, assobiavam, roda imensa dentro de roda imensa nos trilhos e o trilho à frente passava por morro e lá longe, dando a volta pela • montanha, vinha outro trem, negro como manada de búfalos, derramando exageros de fumaça, nos mesmos dois trilhos, na mesma pista, rumando para o acidente pavoroso.

— Entendo — disse o poeta. — Começo a compreender. Começo a ver o que é isto e do que se utiliza, para aqueles como eu, os pobres idiotas vagando pelo mundo, confusos e sobrecarregados por mães, assim que expulsos dos úteros, insultados com a culpa cristã, enlouquecidos pela necessidade de destruição, colecionando um pouquinho de dor aqui e tecido de cicatrizes ali; com certeza, nós queremos morrer, queremos ser mortos, e aqui está o que é adequado, em pagamento rápido e conveniente! Assim sendo, pague, máquina, vá pagando, doce dispositivo louco! Avança, morte! Sou todo teu!

E as duas locomotivas chocaram-se, subiram ufna na outra. Por uma escada negra de explosão, rodopiaram, entrelaçaram os eixos motores, colaram as barrigas negras e luzidias, esfregaram caldeiras, estrondearam belamente na noite em um rodopio só, de fragmentos e chamas. Depois as locomotivas, em dança pesadona de rapina, apanhadas e derretidas juntas em sua violência e paixão, fizeram um gesto monstruoso de mútua cortesia, reverência uma para a outra, e desabaram juntas da montanha, levaram mais de mil anos para caírem ao chão rochoso.

O poeta despertou e, de imediato, empunhou os controles. Ia cantarolando baixinho, aturdido. Entoava melodias loucas, mas os olhos brilhavam, o coração batia depressa.

— Mais, mais, estou vendo agora, sei o que fazer. Mais, mais, por favor, oh, meu Deus, mais, pois a verdade me libertará!

Pisou em três, quatro, cinco pedais. Ligou seis chaves. O veículo era um automóvel-jato-locomotiva-planador-míssil-foguete.

Ele corria, fumegava, estrugia, voava, erguia-se. Automóveis vinham em sua direção, locomotivas também, jatos entrechocavam-se, foguetes berravam.

E por três horas selvagens, ele bateu em duzentos automóveis, colidiu com vinte trens, explodiu dez planadores, arrebentou quarenta mísseis e, lá longe no espaço, entregou a alma gloriosa em comemoração final de Morte Celebrada, como foguete interplanetário que seguia a trezentos mil quilômetros por hora, batendo em meteoro de ferro e indo magnificamente para o inferno.

Ao todo calculou que tinha sido desfeito, dilacerado e refeito poucas vezes menos que quinhentas.

Terminado aquilo, sentou-se sem tocar no volante, os pés afastados dos pedais.

Após meia hora sentado ali, começou a rir. Jogou a cabeça para trás, prorrompeu em gargalhadas homéricas. Depois levantou-se, sacudindo a cabeça, mais bêbado do que em qualquer outro momento da vida, realmente embriagado agora, e sabia que ficaria sempre assim, nunca mais precisaria beber.
Estou castigado, pensava, verdadeiramente castigado, afinal. Realmente magoado e ferido, o bastante, tantas vezes que nunca mais precisarei magoar-me, nunca precisarei ser destruído, nem atrair outro insulto, ou receber outro ferimento, ou pedir, em queixa simples. Que Deus abençoe o gênio do homem e os inventeres de máquinas assim, que capacitavam os culpados e pagar e, afinal, livrar-se do albatroz negro e do encargo temível. Obrigado, Cidade, obrigado velha médica de almas necessitadas. Muito obrigado. E por onde posso sair daqui?
Uma porta se abriu.
Lá estava a esposa à espera.
— Bem, encontrei-o, afinal. — observou ela. — E continua bêbado.

- Não — disse ele. — Morto.
- Bêbado.

— Morto — disse ele —, belamente morto, afinal. O que quer dizer que estou livre. Não preciso mais de você, falecida Meg, Meggie, Megan. Você também está livre, como uma consciência horrível. Vá atormentar outro, menina. Vá destruir. Perdôo os seus pecados em mim, pois finalmente pude perdoar a mim próprio. Estou fora do gancho cristão. Eu sou o querido morto vagante que, morto, pode finalmente viver. Vá e faça o mesmo senhora. Entre aí. Seja castigada e posta em liberdade. Até logo, Mag. Adeus. Ciaozinho.
Ele se afastou.
— Aonde pensa que vai? — perguntou ela?.
— Ora, para a vida, o sangue da vida, e finalmente estou cheio de felicidade.
— Volte aqui! — gritou ela. — Você não pode.
— Você não pode deter os mortos, porque eles percorrem o universo, felizes como crianças nos campos escuros.
— Harpwell! — ela ornejava. — Harpwell!
Mas ele pisou em um rio de metal prateado. E deixou que aquele rio querido o levasse, rindo até que lágrimas escorressem nas faces, afastando-se do grito, dos urros e berros daquela mulher, como se chamava ela? Não importa, lá atrás e desaparecida.
Quando chegou ao Portão saiu, continuou andando ao lado do canal naquele belo dia, rumando para a cidade longínqua.

A essa altura, cantava todas as melodias que aprendera quando estava com seis anos de idade.
Era uma igreja.
Não. Igreja, não.
Wilder deixou que a porta se fechasse. Ali ficou na escuridão da catedral, esperando. O teto, se era um teto, arquejava em grande suspensç, deslizava além do alcance ou visão.
O chão, se era chão, não passava de simples firmeza por baixo dos pés. Também era negro.
E, então, as estrelas apareceram. Era como aquela primeira noite da infância, quando o pai o levara além da cidade, a um morro onde as luzes não podiam diminuir o Universo. E havia mil, não, dez mil, não, dez milhões de bilhões de estrelas preenchendo a escuridão. As estrelas eram múltiplas e brilhantes, e não se importavam. Já então percebera, elas não se importam. Se respiro ou não; se vivo ou morro, os olhos que espiam de todos os lados não se importam. E ele tomara a mão do pai, apertando-a com força, como se pudesse cair naquele abismo.
Agora, no edifício, estava cheio do antigo pavor, do antigo sentimento de beleza, e do antigo choro silencioso pela humanidade. As estrelas o preenchiam de piedade pelos homens pequeninos, perdidos em tanto tamanho.
Foi quando aconteceu outra coisa.
Por baixo dos pés o espaço se abriu de fora a fora e deixou passar outro bilhão de centelhas de luz.
Achava-se suspenso no ar, como uma mosca fica sobre ampla lente de telescópio. Caminhava sobre uma água de espaço. Estava em pé sobre a parede transparente de um grande olho e, ao redor, como em noite de inverno por baixo dos pés e acima da cabeça, em todas as direções, nada existia, senão estrelas.
Assim é que, afinal, tratava-se de uma igreja, era uma catedral, uma multidão de santuários universais distantes, aqui uma adoração da nebulosa Cabeça de Cavalo, ali a Galáxia de Orion, mais além Andrômeda, como a Cabeça de Deus, enfiada com ferocidade em meio às coisas escuras e cruas da noite para apunhalar-lhe a alma e enfiá-la, contorcendo-se, dentro de sua pele.
Deus, por toda a parte, o fitava com olhos que não piscavam.
E ele, fragmento bacteriano daquela mesma Carne, fitava também e piscava, mas pouco.
Esperou. Um planeta apresentou-se no vazio. Passou girando uma vez, com grande e suave rosto outonal. Circulou, veio por baixo dele. E lá estava, em cima de um mundo distante, de grama verde e grandes árvores exuberantes, onde o ar

era fresco, um rio passava, como os rios da infância, refletindo o sol e com peixes saltando nas águas.
Sabia que viajava muito para alcançar aquele mundo. Atrás de si ficava o foguete. Atrás, ficavam o foguete de viagens, dormir, esperar e, agora, lá estava a recompensa.
— Meu? — perguntou ao ar simples, à grama simples, à prolongada simplicidade da água que se estendia nas areias rasas.
E o mundo respondeu, sem palavras: seu.
Seu, sem a prolongada viagem e o tédio, sem os noventa e nove anos de vôo partindo da Terra, de dormir em tubos, de alimentação intravenosa, de pesadelos sonhados de que a Terra se perdera e sumira, seu sem tortura, sem dor, seu sem tentativas e erros, fracassos e destruições. Seu, sem suor e pavor. Seu, sem derramamento de lágrimas. Seu. Seu.
Mas Wilder não estendeu as mãos para aceitar. E o sol enfraqueceu, naquele céu alienígena.
E o mundo saiu de sob seus pés.
Outro mundo passou, em desfile imenso de glórias e maravilhas ainda maiores.
E também aquele mundo veio girar e tomar-lhe o peso. Nele, os campos eram ainda mais verdes, as montalhas encimadas por neves que se derretiam, os campos distantes cheios de colheitas estranhas, segadeiras esperando na orla dos campos para que ele as empunhasse, recolhesse os cereais e levasse a vida como bem entendesse.
Seu. O mais leve toque do tempo, nos pelos do ouvido, proclamava isso: seu.
E Wilder, sem sacudir a cabeça, recuou. Não disse que não. Pensou, apenas, a rejeição.
E a grama morreu nos campos.
As montanhas desmoronaram.
Os rios se transformaram em poeira.
E o mundo girou, afastando-se.
Wilder mais uma vez estava no espaço, onde Deus se encontrara, antes de criar um mundo, tirando-o do Caos. Finalmente ele falou, dizendo a si próprio:
— Seria fácil. Oh, Senhor, sim, eu gostaria. Sem trabalho, nada, só aceitar. Mas.. você não pode me dar o que eu quero.
Olhou para as estrelas.
— Nada pode ser dado, nunca.
As estrelas tornavam-se mais fracas.
— É muito simples, na verdade. Preciso apanhar emprestado, preciso ganhar. Preciso tomar.

As estrelas estremeciam e se apagavam.
— Muito obrigado, obrigado mesmo, mas não. As estrelas desapareciam por completo.
Ele se voltou e, sem olhar para trás, caminhou sobre a escuridão. Bateu na porta com a palma da mão, saiu para a Cidade.
Recusou-se a ouvir o que o universo maquinal, atrás dele, gritava em grande coro, com todos os brados e dores, como mulher rejeitada. O vasilhame, em imensa cozinha-robô, desabava. À altura em que alcançava o chão, com estrondo, ele já se fora.

Era um Museu de Armas.
O caçador seguia entre as estantes.
Abriu uma vitrine e sopesou a arma construída como antena de aranha.
Ela zumbiu e um enxame de abelhas metálicas saiu pelo cano, afastou-se, acertou em manequim-alvo a trinta metros de distância, depois tombaram sem vida, estralejando no chão.
O caçador assentiu com admiração, recolocou o fuzil no estojo.
Seguiu em frente, curioso como uma criança, testando outras armas aqui e ali, que dissolviam o gás ou levavam o metal a derreter-se, formando peças amarelas e brilhantes de lava fundida.
— Excelente! Ótimo! Magnífico!
Seus gritos de satisfação ecoaram muitas vezes, enquanto examinava as armas e, finalmente, fez sua escolha.
Era arma que, sem qualquer fúria ou amolação, acabava com a matéria. Bastava apertar o botão, seguia-se uma descarga curta de luz azulada e o alvo simplesmente desaparecia. Nada de sangue, nada de lava derretida, vestígio algum.
• — Está certo — anunciou, deixando o Palácio das Armas —, temos a arma. Agora, que tal a Caça, a Maior Fera de toda a Grande Caçada?
Passou, então, para a calçada que se movimentava.
Uma hora mais tarde, atravessara mil edifícios, examinara mil jardins e parques abertos, sem que o dedo comichasse.
Seguia, inquieto, de uma calçada para outra, mudando de velocidade ora nesta direção, ora naquela.
Até que, finalmente, viu um rio de metal que passava com rapidez, sob o chão.
Levado pelo instinto, saltou em sua direção.
A torrente de metal o levou, descendo, para as entranhas secretas da Cidade.
Ali era tudo escuridão, quente como sangue. Ali, bombas estranhas faziam

pulsar a Cidade. Ali se encontravam destilados os humores que lubrificavam as estradas, erguiam os elevadores e enchiam escritórios e lojas de movimento.

O caçador acocorou-se sobre a estrada, os olhos se apertaram. O suor brotava nas palmas das mãos, o dedo no gatilho acariciava o mesmo.

— Sim — murmurou. — Por Deus, agora. É isto. A própria Cidade. A Grande Fera. Como não adivinhei antes? A Cidade Animal, a Presa Terrível. Ela come os homens por desjejum, no almoço e jantar. Mata-os com máquinas, quebra-lhes os ossos, mastiga-os como se fossem palitos. E os cospe, depois. Vive, muito depois de terem morrido. A Cidade, por Deus, a Cidade. Bem, vamos ver.

Deslizou por grutas escuras de olhos-televisores, que lhe mostravam jardins distantes e torres altas.

Mais para baixo, no ventre do mundo subterrâneo afundou-se quando o rio também baixou. Passou por um cardume de computadores que batia papo, em coro alucinado. Estremeceu, quando uma nuvem de confete de papel, jogada por uma das máquinas, buracos perfurados talvez registrando sua passagem, caiu sobre ele em neve murmurante.

Ergueu a arma, disparou.

A máquina desapareceu. Voltou a disparar. Uma estrutura parecida a esqueleto, por baixo de outra máquina, sumiu também. A Cidade berrou.

De começo muito baixo, e depois muito alto, erguia-se e caía, como uma sereia. Luzes acendiam e apagavam, campainhas começaram a ricochetear alarmes. O rio de metal estremeceu sob seus pés, reduziu a marcha. Ele disparou contra as telas de televisão que se apresentavam inteiramente brancas a seus olhos. Elas piscavam, deixavam de existir.

A Cidade gritava alto, até que ele se atirasse contra ela, ele próprio, e o tutano dos ossos sacudisse em loucura de poeira negra.

Não viu, senão tarde demais, que a estrada sobre a qual seguia com velocidade caía na bocarra esmagadora de uma máquina que era utilizada para algum fito desde muito esquecido, séculos antes.

Achou que, apertando o gatilho, faria aquela bocarra terrível desaparecer. Desapareceu, sim, mas quando a estrada prosseguiu, com velocidade, ele rodopiou e caiu, a velocidade aumentava, percebeu finalmente que a arma não destruía, na verdade. Limitava-se a tornar invisível o que existia, e o que ainda continuava, embora sem ser visto.

Soltou grito terrível, quase equivalente ao grito da Cidade. Jogou fora a arma, em último golpe. A arma entrou em rodas dentadas, engrenagens, foi retorcida.

A última coisa que viu foi um profundo poço de elevador, que caía, talvez, por dois quilômetros, terra adentro.

Sabia que levaria dois minutos para chegar ao fundo. Berrou, desesperado.
O pior era que estaria consciente... por todo o tempo da queda.

Os rios estremeciam. Os rios de prata tremiam. Os caminhos, chocados, convulsionavam as costas de metal pelas quais passavam com rapidez.
Wilder, viajando, foi quase jogado ao chão pela concussão.
Não dava para ver o que causara a concussão. Talvez, muito ao longe, ouvisse um grito, um murmúrio temível de som que logo desapareceu.
Wilder prosseguia. A pista prateada seguia em frente, mas a Cidade parecia de boca aberta, comportada. A Cidade parecia cheia de tensão, seus músculos imensos e variados estavam em alerta, prontos a agir.
Sentindo isso. Wilder começou a caminhar, mesmo enquanto a trilha rápida o levava.
— Graças a Deus existe o Portão. Quanto mais cedo sair daqui, tanto melhor...
O Portão estava realmente lá, não a oitenta metros, mas naquele instante, como se ouvisse tal declaração, o rio estacou. Estremeceu, depois começou a seguir para trás, levando-o para onde não desejava ir.
Sem acreditar, Wilder fez meia volta e, ao fazê-lo, caiu. Agarrou-se, então, às coisas da calçada que corria. O rosto, encostado naquele chão vibrante do pavimento em movimento, ouviu os maquinismos funcionando por baixo, gemendo e zumbindo, sempre cortando, sempre febricitantes por jornadas e excursões descuidadas. Por baixo do metal calmo, redutos de marimbondos mordiam e zumbiam, abelhas perdidas murmurejavam e saíam. Tombado, viu o Portão perder-se, lá para trás. Foi quando se recordou, afinal, do peso que trazia às costas, o equipamento de vôo a jato que poderia dar-lhe asas.
Enfiou a mão na chave que tinha à cintura, e no instante anterior àquele em que a calçada poderia tê-lo levado às cobertas e paredes de museu, levantou vôo.
Voando, pairou e depois nadou contra o ar, adejando por cima de um Parkhill descuidado que olhava para cima, coberto de graxa, sorridente, o rosto sujo. Além de Parkhill, no Portão, achava-se a criada assustada. Mais além, perto do iate e no desembarcadouro, encontrava-se Aaronson, de costas voltadas para a Cidade, aflito por partir,

- Onde estão os outros? — gritou Wilder.
- Oh, eles não voltarão — disse Parkhill, satisfeito. A coisa faz sentido, não acha? Quero dizer, é um lugar e tanto.
- Lugar?! — disse Wilder, que se erguia e baixava no ar, voltando-se, apreensivo. -— Temos de tirá-los daqui! O lugar não é seguro.
- É seguro, para quem gosta — declarou Parkhill. — Eu gosto.

E por todo o tempo havia uma acumulação de terremoto no chão e no ar, que Parkhill preferia ignorar.
— Você vai embora, naturalmente — observou, como se nada se passasse de errado. — Eu sabia que iria. Por quê?
— Por quê?

- Por quê? — e Wilder rodopiou, voltando-se como libélula diante de violenta tempestade de ventos. Aos solavancos para cima e para baixo, atirou palavras a Perkhill, que não se deu ao trabalho de abaixar-se, mas sorriu e aceitou.
- Santo Deus, Sam, este lugar é o Inferno. Os marcianos tiveram juízo suficiente para darem o fora daqui. Elas viram que haviam construído demais. A maldita Cidade faz tudo, o que é demasiado. Sam!

Nesse instante, porém, ambos ergueram o olhar, voltando-se, porque o céu estava se fechando. Tampas enormes surgiam no teto. Como flor imensa, as partes superiores dos edifícios estavam-se petalando, a fim de se encobrirem. Janelas se fechavam, portas batiam, cerrando-se. Nas ruas ecoava o som de canhoneio.
O Portão começava a fechar-se, trovejando. As mandíbulas de Portão, tremendo, estavam em movimento.
Wilder gritou, fez a volta e mergulhou.
Ouvira a criada lá embaixo, via que ela estendia os braços. E então, baixando, apanhou-a. Ela esperneou no ar, o jato os ergueu, aos dois.
Como uma bala ao alvo, partiu rumo ao Portão. Mas no instante anterior a que o alcançasse, sobrecarregado, os Portões se fecharam, estrondeando. Ele mal teve tempo de desviar o curso e subir, ao longo do metal bruto, enquanto toda! a Cidade estremecia, no rugir do aço.
Parkhill gritava, lá embaixo, e Wilder subia no vôo, subia pela parede, olhando para ambos os lados. Por toda a parte, o céu se fechava. As pétadas desciam, desciam sempre. Havia apenas uma pequena e última faixa de céu pétreo à direita. Partiu para lá e, esperneando, conseguiu, em vôo, quando a última flange de aço encobriu o lugar, a Cidade estava fechada em si própria.
Ficou parado por instantes, suspenso no ar, e depois desceu, acompanhando a parede externa até o cais, onde Aaronson se pusera ao lado do iate, fitando os imensos Portões fechados.

- Parkhill — murmurou Wilder, olhando para a Cidade, paredes e muralhas, e os Portões. — Seu doido. Seu maldito doido!
- Doidos, todos eles — declarou Aaronson, e voltou as costas. — Doidos.

Doidos.

Esperaram mais um pouco, ouvindo a Cidade que zumbia, viva, fechada em si própria, e boca enorme cheia de alguns fragmentos de calor, algumas poucas pessoas perdidas ocultas lá dentro. Os portões ficariam fechados para sempre. A Cidade tinha aquilo de que necesitava, por muito tempo.

Wilder voltou e fitar o lugar, enquanto o iate os tirava da montanha e seguia pelo canal.

Passaram pelo poeta dois quilômetros abaixo, caminhando pela beira do canal. Ele fez adeus, quando o encontraram.

— Não, não, obrigado. Estou com vontade de andar. É um belo dia. Adeus. Continuem.

As cidades surgiram à frente. Cidades pequenas, o bastante para serem dirigidas por homens, em vez de dirigi-los. Ouviu a música metálica, viu os letreiros luminosos ao entardecer. Deu para distinguir os depósitos de lixo, naquela noite fresca, sob o brilho das estrelas.

Além das cidades apresentavam-se os foguetes altos, prateados, esperando disparo, quando tomariam o rumo dos espaços imensos entre as estrelas.

— Verdadeiro — cochichavam os foguetes. — Coisa verdadeira. Viagem de verdade. Tempo de verdade. Espaço real. Nada de graça, nada como dádiva. Apenas uma boa quantidade de trabalho duro a efetuar.

O iate encostou no cais do qual partira, no início da jornada.

— Foguetes, por Deus — murmurou ele. — Esperem só, até que ponha as mãos em vocês.

Saiu correndo pela noite afora, a fim de cuidar do caso.